

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

A ESCOLHA PROFISSIONAL NA ÁREA DA SAÚDE: A OPÇÃO PELA ENFERMAGEM

ANITA ZIMMERMANN

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como exigência para obtenção do título de Mestre em Educação na Área de Psicologia Educacional, sob orientação do Prof. Dr. Valério José Arantes.

UNICAMP, 2007

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Z65e	Zimmermann, Anita A escolha profissional na área da saúde : a opção pela enfermagem / Anita Zimmermann. -- Campinas, SP: [s.n.], 2007. Orientador : Valério José Arantes Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. 1. Enfermagem. 2. Enfermeiros – Formação. 4. Escolha (Psicologia). 5. Educação profissional. I. Arantes, Valério José. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
	06-788-BFE

Título em inglês: The professional choice in the area of the health: the option for the nursing

Keywords: Nursing ; Nurses – Formation; Choice (Psychology) ; Professional education.

Área de concentração: Psicologia, Desenvolvimento Humano e Educação.

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora: Prof. Dr. Valério José Arantes (orientador)
Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro
Prof. Dr. Sérgio Goldenberg
Profa. Dra. Eliane Giachetto Saravali
Prof. Dr. Carlos Alberto Vidal França
Prof. Dr. James Patrick Maher

Data da defesa: 25/01/2007

Programa de pós-graduação : Educação

e-mail : anita.z@terra.com.br

Aos meus queridos pais, Enilda e Zalmino, grandes apoiadores e companheiros dessa jornada, minha gratidão eterna pela minha vida na Terra.

Aos meus muito amados filhos Sara e Daniel, que são os meus grandes amores e meus maiores mestres.

Aos meus irmãos queridos que formam a minha equipe organizada de torcida: Allan, Sheila, Lúcia, André Luís, Júlio e Paulo Roberto; o meu carinho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a atenção e sempre disponibilidade do meu querido orientador Prof. Dr. Valério José Arantes.

Às Equipes de Enfermagem dos Hospitais que tive e tenho tido oportunidade de trabalhar durante meu percurso profissional: Centro Infantil Dr. Domingos A. Boldrini, Centro de Investigações Oncohematológicas da Infância – CIPOI, Sociedade Brasileira de Pesquisa para Reabilitação Craniofacial - SOBRAPAR, Hospital Municipal de Paulínia, e Hospital de Clínicas da UNICAMP - Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica, Enfermaria de Pediatria, Hemodiálise Infantil, Psiquiatria Infantil, Neurologia Infantil e Oftalmologia.

Equipe da Secretaria da Faculdade de Educação, na pessoa da querida Nadir, sempre atenciosa e preocupada com as datas a serem cumpridas, Gislene, Lúcia, Rita, Cleonice, Abia e Dorival.

Um especial agradecimento às equipes médicas que proporcionaram minha inserção nos hospitais e me oportunizaram condições de participar e contribuir com minha atuação como Pedagoga Hospitalar em seus serviços, especialmente Dra. Silvia Regina Brandalise (pediatra), Dr. Hélio Fernando Heitmann de Abreu (oftalmologista), Dr. Marcos Tadeu Nolasco da Silva (pediatra), Dra. Maria Valeriana L. de Moura-Ribeiro (neuropediatra), Dra. Kátia Maria Ribeiro Silva Schmützer (neuropediatra), Dr. Newton Kara José (oftalmologista) e Dr. Carlos Eduardo Leite Arieta (oftalmologista), Dra. Keila Miriam Monteiro de Carvalho (oftalmologista).

À querida pedagoga Marinalva Cuzin, sempre disponível em todos os momentos que precisei, contribuindo com suas observações didáticas e profissionais.

Às minhas queridas estagiárias do Ambulatório de Estimulação Visual Infantil, da Disciplina de Oftalmologia – FCM – UNICAMP, pedagogas Rosemeire do Nascimento e Arlete Ribeiro Bonifácio, meu agradecimento pelo apoio e estímulo.

À amiga e médica homeopata antroposófica Eloísa Cavassani Pimentel.

À Anne Mary Lima, enfermeira antroposófica da Escola Rudolf Steiner de São Paulo, por sua prestimosa atenção.

A Rudolf Steiner, fundador da Antroposofia.

A Gerardo Antonorsi Blanco, médico antroposófico e pesquisador botânico, já falecido, que mesmo sem saber nessa vida, foi um dos meus inspiradores antroposóficos.

Ao Enfermeiro José Luíz Tatagiba Lamas, Prof. Dr., atual Coordenador do Curso de Graduação em Enfermagem da UNICAMP, por sua disponibilidade e atenção.

Aos Professores Doutores Sérgio Goldenberg, Carlos Alberto Vidal França e Paulo Rennes Marçal Ribeiro, por suas observações construtivas no Exame de Qualificação e Defesa, possibilitando o aprimoramento dessa Dissertação.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização dessa pesquisa.

DANÇA DA PAZ

Germinam os desejos da alma
Crescem as ações do querer
Maturam os frutos da vida

Eu sinto o meu destino
Meu destino me acha, a mim
Eu sinto minha estrela
Minha estrela me acha, a mim
Eu sinto meus objetivos
Meus objetivos me acham, a mim

Minha alma e o mundo são um só

A vida, ela se torna mais clara ao redor de mim
A vida, ela se torna mais árdua para mim
A vida, ela se torna mais rica em mim

Busca a paz
Vive em paz
Ama a paz

Rudolf Steiner

RESUMO

Essa pesquisa de natureza descritiva com orientação qualitativa e apoiada na Antroposofia, contou com a participação de trinta e cinco sujeitos, enfermeiros e enfermeiras formados pela Faculdade de Enfermagem da Universidade Estadual de Campinas, atualmente contratados e atuantes no Hospital de Clínicas dessa Universidade. O objetivo dessa foi conhecer a realização profissional atual, verificando se houve ou não, Orientação Profissional, e qual foi sua importância antes da escolha da profissão. Foi aplicado um questionário semi-estruturado com nove questões abertas. Posteriormente, foi realizada a análise qualitativa dos dados obtidos, com base na metodologia desenvolvida por BARDIN (1977) em sua Análise do Conteúdo, utilizando-se a técnica da análise do discurso. Este estudo buscou conhecer os indicativos e apontar para a reflexão sobre a necessidade ou não de um trabalho de Orientação Profissional para a escolha da profissão Enfermagem, que, por se tratar da área de saúde, pode mobilizar aspectos pessoais, sociais, emocionais e espirituais, com repercussões diretas no atendimento ao paciente no ambiente hospitalar.

Palavras-Chave: Enfermagem, Escolha Profissional, Área da Saúde.

ABSTRACT

This research of descriptive nature with qualitative orientation and supported by Anthroposophy, has been done with the participation of thirty five people, nurses – men and women – graduated by the Nursing Faculty from Universidade Estadual de Campinas, nowadays hired and working at the Hospital de Clínicas, on this university. The goal of this research is to know the current professional accomplishment fulfillment, checking if there was or not Professional Orientation, and which was the importance of this before the option for this career. It has been given a semi-structured questionnaire with nine opened questions. Later, it has been done a qualitative analysis of the obtained information, based on the methodology created by BARDIN (1977), on his Contents Analysis, using the speech analysis technique. This study looked forward to know the indicatives and to show the reflection about the necessity or not of a Professional Orientation work for the option for the Nursing Profession, which dealing in the health area, can mobilize personal, social, emotional and spiritual aspects, with straight response on the attendance of the patient in the hospital environment.

Keywords: Nursing, Professional Choice, Health Area.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	iii
AGRADECIMENTOS	v
DANÇA DA PAZ	vii
RESUMO	ix
PALAVRAS-CHAVE	ix
ABSTRACT	xi
KEYWORDS	xi
SUMÁRIO	xiii
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA ASSISTÊNCIA À SAÚDE	9
1.1 A ENFERMAGEM NO MUNDO.....	13
1.2. O INÍCIO DE TUDO: FLORENCE NIGHTINGALE - A DAMA DA LÂMPADA.....	17
1.3. A ENFERMAGEM NO BRASIL.....	18
1.4. A PROFISSÃO ENFERMAGEM	23
1.5. A FACULDADE DE MEDICINA DA UNICAMP – FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS – FCM.....	26
1.6. O DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM DA FCM	28
1.7. O ENFERMEIRO FORMADO NA UNICAMP.....	29
CAPÍTULO II – ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL	31
2.1. ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL NA ENFERMAGEM.....	39
CAPÍTULO III – METODOLOGIA	43
3.1. PROBLEMA.....	43
3.2. OBJETIVOS.....	44

3.2.1. OBJETIVO GERAL.....	44
3.2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	44
3.3. JUSTIFICATIVA.....	44
3.4. SUJEITOS.....	45
3.5. PROCEDIMENTOS.....	45
3.6. COLETA DE DADOS.....	46
3.7. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	47
3.7.1. PRÉ ANÁLISE	47
3.7.2. EXPLORAÇÃO DO MATERIAL.....	48
CAPÍTULO IV – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS CONTEÚDOS DAS ENTREVISTAS	51
4.1. AS UNIDADES SIGNIFICATIVAS	51
4.2. TABELA DAS CATEGORIAS IDENTIFICADAS NOS DISCURSOS DOS SUJEITOS ENTREVISTADOS	53
4.3. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS UNIDADES DE DISCURSOS IDENTIFICADAS NAS ENTREVISTAS	54
4.4. RESUMO DAS CATEGORIAS	95
4.4.1. SÍNTESE GERAL DAS CATEGORIAS	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	105
BIBLIOGRAFIA	111
ANEXO 1: ENTREVISTAS 1 A 35.....	117
ANEXO 2: CURRÍCULO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM	207
ANEXO 3: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM – ABEn NACIONAL ..	213
ANEXO 4: OFÍCIO DA COMISSÃO DE ÉTICA EM PESQUISA – FCM – UNICAMP	219
ANEXO 5: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	221

ANEXO 6: ANTROPOSOFIA 223

INTRODUÇÃO

Olhando para o paciente com carinho, considerando legítimo seu sofrimento e não se importando se a dor vem do físico, do psíquico ou das profundezas da alma, o enfermeiro e a enfermeira, seguindo orientações médicas, rotinas e técnicas específicas, atendem ininterruptamente seus clientes, confirmando a grandeza humanizante dessa profissão.

Além dos procedimentos específicos hospitalares, procuram transmitir calma, aceitação e confiança, fazendo o mesmo com os familiares de seus assistidos, e, acrescidos da coragem de estarem lado-a-lado de seus pacientes, algumas vezes, com sofrimentos atroz, sempre sorrindo e apertando suas mãos com um leve sorriso em seus lábios, falando-lhes para que “fiquem calmos... Vai passar... Tudo vai dar certo...” Nesses mesmos instantes; podem estar ocultando suas próprias dores no acompanhamento da dor do outro aos seus cuidados.

Fazendo-se um pequeno recorte nessa reflexão, pensa-se sobre o que mobiliza uma pessoa comum, um jovem ou uma jovem a fazer a escolha profissional da Enfermagem, a cuidar do outro fragilizado por uma doença, dentro de sua história de vida. O que faz com que uma pessoa queira cuidar de uma outra pessoa? Além disso, deseje organizar e trabalhar em serviços de saúde, onde os sentimentos de ansiedade e angústia estão sempre presentes?

Essas considerações podem parecer românticas, mas é assim o trabalho de enfermeiros e enfermeiras, dedicados e corajosos profissionais, sempre acreditando nas capacidades emocionais e autoadministrativas de seus pacientes.

Talvez alguns enfermeiros(as) possam apresentar comportamentos agressivos no falar e até no agir junto aos seus assistidos, mas comportamentos dessa natureza, servem às vezes, para camuflar inseguranças, angústias, medos, projeções psicoemocionais, indicando a manifestação de mecanismos de defesa frente ao vasto campo emocional interno, que precisa ser identificado e reconhecido por todos os profissionais da saúde, a fim de melhorarem a administração de suas emoções.

Em certa ocasião, foi observado o abandono de carreira por uma enfermeira que deixou a profissão devido a não conseguir suportar tantas dores de seus assistidos. O último, talvez a famosa gota d'água, foi um adolescente com 13 anos de idade, na Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica, na qual ela trabalhava, que teve por um longo período suas vísceras expostas devido a um acidente enquanto brincava de jogar bola com amigos.

Percebe-se dessa maneira, ao desenvolver essa pesquisa, o reconhecimento legítimo de todo o amplo e vasto mundo a ser conhecido e reconhecido a respeito da profissão e dos profissionais de Enfermagem.

Assim, em algum momento das histórias dos indivíduos, nasce o tempo de se experimentar decisões que podem direcionar caminhos a nível profissional e pessoal, já que a opção por uma profissão pode refletir integralmente e diretamente em suas vidas pessoais, emocionais, sociais e espirituais.

Fazer a escolha de uma profissão é promover um encontro com o tempo futuro no momento presente, e essa tomada de decisão em direção ao destino, quando consciente, pode facilitar o rumo da plenitude profissional e encontrar a realização no que se faz, na profissão escolhida.

Isso é motivo de boas perspectivas profissionais e, considerando-se a escolha na área de saúde, onde as relações humanas são intensas no que se refere ao aspecto sócio-cultural e emocional, essa opção pode vir a garantir a qualidade da convivência social, além de favorecer o crescimento pessoal e profissional.

Embora inserida num momento histórico e social contínuo, a opção profissional é uma decisão pessoal, solitária e intransferível. Cada qual sabe os motivos que o direcionam por um ou outro caminho, portanto, uma reflexão, procurando entender o que provoca esse movimento interno individual que lhe tomará muitos dias, horas, minutos e instantes de sua vida, numa mistura constante de histórias pessoais e o sonho do futuro de realização profissional, é imprescindível nessa tomada de consciência.

Essa escolha, mesmo que frustrada em algum lugar no futuro poderá levar à reflexão positiva e proporcionar compreensões amadurecidas do que significou em sua história todo esse processo.

As respostas e as dúvidas quanto à escolha de uma profissão exigem certa atitude pacienzosa, porém não passiva. E talvez as buscas por respostas rápidas acabem por atormentar e confundir a expectativa quanto ao horizonte profissional. Por outro lado, paciência, informação, maturidade e vivências sociais, podem possibilitar crédito, confiança.

Chegar a uma consciência positiva de si, abrir-se a múltiplas atividades, tolerar a complexidade das escolhas, despertar para suas próprias capacidades introspectivas, explicitar as auto-imagens, conceitualizar suas experiências, procurar a informação em função de sua

identidade pessoal, ajustar suas aspirações, são alguns exemplos das exigências inerentes à escolha da profissão.

Na consideração de que todas as profissões têm sua importância social e que se conta com pessoas qualificadas para suas práticas, a profissão escolhida e a realização profissional contribuem para o desenvolvimento positivo da sociedade.

Dentro da área da saúde e, especificamente, no caso dessa Pesquisa, a Enfermagem no ambiente hospitalar, onde a relação entre o(a) profissional enfermeiro(a) e o paciente é intensa e contínua, repleta de emoções e expectativas, a escolha dessa profissão repercute de maneira direta sobre a pessoa atendida. Nesse sentido, pode ser observada a importância da interação entre o indivíduo e seu ambiente de trabalho revelando a complexidade dessa opção.

Senso de observação, criatividade, sensibilidade e responsabilidade, fazem parte do trabalho do(a) profissional enfermeiro(a), atuante, em diversas atividades, como por exemplo, centros hospitalares públicos ou privados, unidades médico-sanitárias, Escolas de Enfermagem, empresas, organizações internacionais, redes de Ensino de Educação Fundamental, Ensino Médio e Cursos Superiores.

Fica a cargo também desse(a) profissional, elaborar planos de assistências e planos de cuidados em serviços de proteção, recuperação e reabilitação da saúde, organizar e administrar serviços e unidades de Enfermagem, organizar e administrar instituições de Ensino Superior na área, realizar pesquisas, prestar assessorias em assuntos de sua especialidade, tornar-se professor universitário, além de outras opções num mercado de trabalho em constantes transformações.

O(a) enfermeiro(a) promove e mantém a saúde do paciente, buscando a sua recuperação e acompanhando sua evolução clínica até a alta hospitalar, pois sabe que cuidar de alguém é muito mais do que tratar e cuidar de um corpo físico; é entrar em contato com as histórias de seus pacientes, onde, provavelmente, diferentes tipos de medos e expectativas se misturam, algumas vezes sobrecarregando seu trabalho.

Portanto, através de suas funções, além de prestar assistência aos pacientes, promovendo sua saúde e independência na prática do autocuidado, esse(a) profissional atua junto à história pessoal do indivíduo assistido e de seus familiares, procurando levar em conta que sua intervenção terapêutica, muitas vezes, poderá repercutir até o final das vidas dessa clientela, ou seja, na amplitude do aspecto físico, mental, emocional, social e espiritual. Isso porque, os processos de doença e os caminhos da cura podem se estender por períodos longos, sendo

necessário, algumas vezes, uma reorganização e uma readaptação na vida psicológica, social e emocional dos pacientes.

Acresce-se ainda, que o trabalho em saúde exige o exercício constante do burilamento das relações humanas, repercutindo junto aos pacientes atendidos.

Assim, é interessante para esse(a) profissional que o mesmo(a) exerça seu trabalho num ambiente onde possa desenvolver junto ao paciente, uma assistência que abranja os aspectos bio – psico – sócio – espiritual, pois como referem Lima (1992) e Bühler (1982), da cabeça aos pés, o corpo humano é o instrumento e reflexo da alma, comentando ainda que diversas doenças desenvolvidas pelo ser humano advêm da maneira como o mesmo se comporta no pensar, no sentir e no querer, mesmo estando este em situações de vida complexas, e algumas vezes difíceis de serem aceitas, compreendidas, assimiladas e elaboradas.

Algumas vezes, na relação enfermeiro(a) versus paciente não há como fugir das emoções. Afinal, este(a) profissional é alguém que muitas vezes acalenta com palavras e outras vezes é a pessoa que realiza os procedimentos dolorosos no corpo de alguém – um toque no corpo pode refletir um toque nas emoções.

Jovem, o(a) enfermeiro(a) já estará cuidando de seus pacientes, pois esse processo começa no estágio obrigatório no Curso de Graduação. Ainda no processo de desenvolvimento de sua própria identidade profissional, poderá sofrer dificuldades emocionais ao atender e cuidar de pacientes com sua equivalente faixa etária, ou se o paciente for mais velho, lembrando a figura do pai, da mãe ou de outras pessoas queridas, que podem trazer à memória psico emocional, dores ou conflitos do passado. Por isso, em algumas situações poderá apresentar dificuldades em tocar seu paciente, até nos procedimentos técnicos mais simples.

No convívio diário com outros profissionais da saúde, além da preocupação com sua atualização profissional, é necessário que o(a) enfermeiro(a) conheça a realidade de sua prática, que tenha bons relacionamentos profissionais, que pratique a paciência, que considere seus próprios valores pessoais, éticos, morais e culturais e que, acima de tudo, goste do que faz, para que as ansiedades relacionadas ao trabalho, como por exemplo: a morte de pacientes atendidos, possam significar mais uma experiência e não uma angústia ou sensação de incompetência profissional.

Isso porque em suas rotinas de serviço, em algumas oportunidades, esse(a) profissional pode encontrar-se diante da morte, vivenciada por seus assistidos e seus familiares e, mesmo

sentindo-se emocionalmente abalado, tem como dever, respeito e ética profissional, continuar seu trabalho, algumas vezes com procedimentos invasivos e dolorosos para seu paciente, que não raro lhe direciona olhares, implorando-lhe socorro...Um milagre... Algumas vezes ainda, é convidado(a) ou solicitado(a) a conversar com os familiares, às vezes um pai, uma mãe, tios, avós, crianças e até mesmo o paciente, sobre a verdade do acontecimento iminente: a morte.

Assim, vê-se pronto(a) para estar até o momento derradeiro e, em algumas ocasiões, preparar o cadáver para o necrotério. Nessa situação pode sentir-se repleto de dúvidas, sofrimentos e ansiedades. Enfim, vivendo turbilhões de emoções, conflitos emocionais e espirituais, tendo apenas que se concentrar em seu trabalho. E, podendo perceber-se em condição frágil, talvez reflita sobre a morte, o sentido da vida, o porquê de tudo isso e até o por que de ter escolhido a profissão Enfermagem.

Observa-se a inegável constatação de que, o que foi escolhido como profissão para suas vidas também pode apresentar aspectos dolorosos a corações sensíveis. Isso porque o(a) enfermeiro(a) é, alguém que antes do trabalho tem sua própria história, suas alegrias e tristezas, sua família e quem sabe, até netos.

A maneira como atua profissionalmente também é reflexo de sua vida pessoal e profissional, e como na vida com seres humanos sempre existe a troca psico – sócio – emocional e espiritual, o fato de seu paciente estar em situação de dependência e fragilidade o expõe diante de angústias, algumas vezes conflitantes no que se refere à sua própria vida pessoal. Pode acontecer que em algumas oportunidades esse(a) profissional se sinta esgotado(a), triste e questionador(a) de sua profissão e de sua escolha profissional.

Nesse aspecto, a ansiedade do(a) enfermeiro(a) confunde-se com a ansiedade do paciente diante do sofrimento, da doença e do medo da morte. O desempenho do papel deste(a) profissional com tantas responsabilidades, pode estar acompanhado de emoções e questionamentos pessoais. Ocorre assim, que este(a) profissional necessita estar consciente de sua escolha para tal empreendimento de vida. Isso porque, durante o desenvolvimento da profissão, o(a) enfermeiro(a) atende uma clientela onde o ser humano é cuidado desde o seu nascimento, no desenrolar de sua vida e até a sua morte.

Faz parte da rotina de trabalho desse(a) profissional o cuidado com o paciente, tratando-o da melhor maneira possível com o objetivo de incluí-lo novamente na sociedade, mesmo depois de, em alguns casos, ter sofrido seqüelas físicas, mentais, emocionais ou espirituais. Isso porque,

durante a hospitalização, o paciente pode expressar a sensação e o sentimento de não ser mais dono de seu próprio corpo, e que orientações e condutas vêm de maneira absolutamente externas a despeito de qualquer desejo ou não de sua parte. O paciente pode sentir-se invadido em sua privacidade, sentir-se preso às limitações impostas pela condição de enfermo e da sua submissão ao tratamento recebido, como descreveu poeticamente esta enferma:

Estou aprendendo a ser pacífica, deitada sozinha tão quieta quanto a luz nestas brancas paredes, nesta cama, nestas mãos. Não sou ninguém: nada tenho a ver com explosões. Dei meu nome e minhas roupas diárias às enfermeiras, minha história ao anestesista e meu corpo aos cirurgiões. Sylvia Plath (SCLIAR, 1996, p.214).

O(a) enfermeiro(a) pode, através de suas atitudes técnicas e individuais, possibilitar ao doente, condições de sentir confiança na equipe de saúde que o atende, e assim acalmar-se, tornando-se compreensivo quanto à necessidade de procedimentos que algumas vezes não o agradam. É aí que, além do trabalho técnico e o do apoio emocional transmitido ao paciente, reforçando a segurança e a confiança na equipe que o assiste, o(a) enfermeiro(a) é alvo de expectativas e confiança por parte da equipe médica que entende a necessidade desse profissional para que suas orientações e prescrições clínicas sejam realizadas.

Dentro do hospital, o(a) enfermeiro(a) destaca-se ao desempenhar um papel social relevante, sempre procurando oferecer a melhor qualidade de atendimento ao paciente que está sob seus cuidados, considerando-o como um ser bio – psico – social e espiritual, além de conservar-se em sintonia com as solicitações do paciente, dos familiares e da equipe de saúde.

O hospital é um espaço que inevitavelmente provoca a separação social. Fica o enfermo afastado de seu convívio familiar, de seus estudos, de seu trabalho, de suas amizades, tornando suas emoções angustiosas, pensando no que estará acontecendo no outro mundo do qual está afastado. Essa sua ausência, mesmo que temporária, de uma forma ou de outra, evidencia dois mundos: o de dentro do hospital e o de fora. Isso pode causar sentimentos de tristeza, de perda, de saudade e talvez, repercuta até no sucesso ou insucesso do tratamento de sua doença.

Como refere Foucault (1998), em “*O Nascimento da Clínica*”, coloca-se o doente no hospital e criam-se outras doenças, como: a ausência do ente querido, a dificuldade de subsistência e o afastamento da sociedade, restando ao(a) enfermeiro(a) lidar com sentimentos de angústias e tristezas de seus pacientes afastados de suas estimas.

Nesse contexto, a compreensão da importância da escolha consciente da profissão Enfermagem passa pela variável de como esse(a) profissional irá desenvolver-se em suas funções e como sua atuação repercutirá em seu posicionamento social e até em sua saúde bio psíquica, emocional e espiritual. Faz-se interessante que aconteçam contínuas reflexões sobre a busca pela satisfação profissional, considerando-se os valores pessoais de cada um.

Observa-se assim, a relevância da escolha profissional consciente no sentido de buscar um caminho onde se possa desenvolver a melhor qualidade técnica e emocional possível, pois o dia-a-dia do trabalho da Enfermagem, seja em hospitais gerais, ou em outras unidades de saúde, exige atenção e responsabilidade contínuas e diversas, tais como, por exemplo, conferir administração medicamentosa, verificar se o paciente tomou corretamente o remédio, realizar alguns procedimentos fisicamente e/ou emocionalmente dolorosos e, mesmo assim, muitas vezes, estando tão tenso(a) quanto o paciente, procurar manter o equilíbrio e a calma – mesmo que somente na aparência.

Assim, o assunto “realização profissional”, requer reflexão sobre o que pode significar a escolha da profissão e como isso repercute em sua vida pessoal e social, pois o que está em pauta é o cuidado de seres humanos e, procurar conhecer se o que se deseja trabalhar profissionalmente é coerente com a escolha da profissão em sua prática, pode apontar para a necessidade de uma Orientação Profissional consciente e responsável.

Essa pesquisa expõe alguns aspectos da Orientação Profissional, sendo que no primeiro capítulo, foram realizados breves mergulhos na História da Saúde procurando resgatar nas diferentes culturas, a busca pela sobrevivência, os relacionamentos sociais e ambientais, a História da Enfermagem no mundo e depois no Brasil, especificamente na cidade de Campinas - SP, na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

O segundo capítulo aborda a Orientação Profissional e sua repercussão na Escolha da Profissão Enfermagem. Trata-se de uma abordagem científica apoiada na Antroposofia, Ciência Espiritual, fundada e desenvolvida pelo filósofo austríaco Rudolf Steiner no século XIX, no sentido de auxiliar o olhar sobre o processo da escolha da profissão Enfermagem onde, o tempo todo, a tomada de decisão, com a mente e o coração, ocupa o espaço técnico e profissional dentro dos aspectos do pensar, do sentir e do querer, ou seja, envolvendo o tempo passado, considerando a história do(a) profissional envolvido(a), o tempo presente que refere à escolha da profissão e o tempo futuro, na busca incessante da satisfação e realização profissional.

O terceiro capítulo descreve a metodologia utilizada, seus passos, sujeitos e procedimentos. Trata-se de uma Pesquisa Qualitativa onde, utilizando-se de um estudo exploratório, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, e na vigência da organização dos dados foi feita a análise dos conteúdos, observando-se as orientações de Bardin (1977) na utilização da técnica da análise do discurso, pertencente ao contexto metodológico da Análise de Conteúdo proposta pela mesma autora.

No capítulo quarto, foram realizadas a análise e interpretação dos discursos dos sujeitos entrevistados, onde puderam ser identificadas as unidades significativas, organizadas em 13 Categorias, posteriormente analisadas e comentadas.

As considerações finais proporcionaram o término dessa pesquisa.

CAPÍTULO I - A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA ASSISTÊNCIA À SAÚDE

O indivíduo doente esperava, aguardava pacientemente pela sua recuperação. O enfermo era paciente com o seu mal ou doença, enquanto o curandeiro, o pajé, o mágico da tribo, o sacerdote ou o religioso e posteriormente o profissional de saúde, lhe recomendavam paciência. Gauderer (1988, p.13).

Até onde se sabe não existe qualquer registro exato sobre o início da História da Medicina, portanto, nada se conhece a respeito das experiências vividas por aqueles primeiros humanos que enfrentaram os sofrimentos das enfermidades físicas, psíquicas ou espirituais. Tanto menos se sabe de quem as trataram ou de como as trataram. E assim, como é impossível quantificar-se com precisão o tempo de existência da humanidade, também se observa que as práticas de saúde são tão antigas quanto à civilização, pois é inato no ser humano o cuidar-se e sensibilizar-se em cuidar do outro.

Em todas as épocas dos povos sobre a Terra, cada um buscou suas próprias condições de manutenção da sobrevivência pessoal e social. Consta da história da saúde que, por muito tempo, desde os primórdios da humanidade, as civilizações foram atendidas em suas necessidades de saúde por feiticeiros, feiticeiras, sacerdotes e sacerdotisas tribais. Esses se colocavam em funções de salvar ou curar as vidas de seus habitantes, utilizando-se de recursos naturais como plantas e raízes medicinais, alguns minerais, animais e ocasiões sazonais. Uniam magia e religião ao conhecimento empírico ancestral.

Além de conhecimentos culturais e sociais herdados de geração para geração, Silva (1989) acrescenta que essas práticas de saúde mágico-sacerdotais nessas sociedades, como arte de curar, pressupunham também certo preparo: a aprendizagem de ritos e fórmulas complexas, restritas a um círculo estrito de iniciados.

Scliar (1996) refere que já na antiguidade os povos cultivavam e compartilhavam da crença de que as doenças e as enfermidades eram resultados de castigos dos deuses aos pecadores de diversas ordens e, portanto, pode ter nascido daí a visão religiosa da enfermidade como provação ou pecado a ser suportado e aceito. A doença então, seria o resultado do castigo dos deuses e de Deus, como represália a ser aceita pelos pecados cometidos.

Em alguns poucos relatos registrados em documentos datados do período pré-cristão, sabe-se que os hindus tornaram-se conhecidos pelas construções de hospitais e que os mesmos

eram famosos por sua organização. Nesses locais, os pacientes, além de cuidados com a saúde do corpo, eram atendidos em seus problemas e dificuldades psíquicas e espirituais, proporcionando-lhes conforto, recreação e segurança, além de recursos financeiros para se manterem nos primeiros dias após a alta hospitalar, como refere Geovanini (1995) em “*História da Enfermagem*”. E, até onde se têm notícias, foram os primeiros a citar enfermeiros em suas equipes de trabalho e exigiam deles qualidades morais e conhecimentos científicos.

Como acrescenta Bernardes de Oliveira (1981), percebe-se que desde o início das civilizações, em diversos momentos históricos da humanidade, que vão desde milhares de anos antes de Cristo, até o registro das primeiras civilizações conhecidas como o berço do mundo ocidental, o pensamento místico religioso era referencial normatizador de toda a produção intelectual e organizacional da vida em comunidade.

Portanto, como já foram citados anteriormente, os fenômenos de saúde e doença eram também interpretados como resultado da intervenção Divina: ira, castigo e benevolência dos deuses causavam doenças ou permitiam a cura, como aponta Pires (1989, p.21):

Para tratar as doenças, eram utilizados rituais mágicos, práticas de feitiçaria, poções mágicas, oferendas, sacrifícios e amuletos. Coube aos feiticeiros, aos pajés¹ e aos sacerdotes, a incumbência de identificar as doenças, fazer as poções e desenvolver os rituais curadores, redentores e afugentadores de maus espíritos.

Por muito tempo, os conceitos de saúde e doença permaneceram na crença do pensamento mágico-místico, predominante na época da História da Medicina Antiga. Acreditava-se que os deuses regulavam os fenômenos da natureza, o processo vital dos homens e lhes causavam doenças e males, se o comportamento inadequado desses provocasse a ira daqueles.

No ocidente, desde o início do cristianismo, os pobres e os enfermos foram objetos de cuidados especiais por parte da Igreja, que com seu clero, dedicava os trabalhos religiosos em prol da saúde de populações próximas a seus locais de devotamento cristão como bem refere Waldow (2001, p.56):

Após Cristo, o cuidado caracterizou-se por seu sentido religioso de prestar ajuda, caridade e de oferecer apoio espiritual. Era prestado aos pobres e aos doentes. Também era oferecido pelas pessoas que se dispunham a cuidar no sentido de fortalecer a fé e de obter a salvação da alma.

¹ Pajé: chefe espiritual dos indígenas mescla de sacerdote, profeta e médico feiticeiro (Ferreira, 1999).

Segundo Ribeiro (1993) pode-se observar também que, quanto à localização histórica dos hospitais, é difícil ter-se precisão exata, pois diversas instituições foram surgindo ao mesmo tempo em outros continentes, não podendo ser identificada uma origem única do hospital. O mesmo já existia na Grécia e na Roma antiga, onde vários templos serviam de abrigo aos pobres, velhos e enfermos. Na China e no Egito, antes e depois de Cristo, há registros de hospedarias, hospitais e hospícios, palavras que têm a mesma raiz latina, locais onde eram cuidados peregrinos, crianças, velhos, vagabundos e doentes.

Com o passar do tempo, o crescente prestígio dessa instituição social, o hospital, passa aos poucos a descaracterizar-se como missão de penitência e misericórdia da Idade Média e tornar-se definitivamente um lugar de tratamento e recuperação, com a incorporação do cientificismo da Medicina a partir do século XVIII. Mas é com o advento do crescimento industrial dos quimioterápicos e de equipamentos médicos e hospitalares que adquire características próprias do hospital contemporâneo, onde as suas atividades são contínuas e ininterruptas.

Na colonização brasileira, as doenças se manifestavam tanto entre a população indígena como entre os colonizadores e havia a preocupação desses últimos em afastar o curandeirismo dos pajés, destinando aos jesuítas, os quais vários tinham estudado Medicina, os méritos, prestígios e resultados positivos da assistência médica aos enfermos, incrementando a confiança nos colonizadores e seus sacerdotes.

E como relata Scliar (1996), os jesuítas organizaram pequenos hospitais improvisados como Enfermarias, onde acomodavam e tratavam os doentes. Enfermarias essas que se ampliaram, resultando na criação de Santas Casas de Misericórdia, discutindo-se ainda historicamente qual foi a primeira, se a de Santos, no estado de São Paulo, Salvador, na Bahia ou Olinda em Pernambuco. Todas foram criadas em meados do século XVI.

Nessa mesma época, várias ações de saúde vinham acontecendo, com medidas de saneamento básico sendo adotadas, organizando-se esquemas de separações de enfermos de acordo com suas doenças, além de medidas de higiene coletiva. Com o passar do tempo, o cuidado com a saúde foi deixando de ser privilégio de poucos e passou a ser proveito de muitos.

Esse foi um dos benefícios advindos do desenvolvimento social onde a preocupação com a saúde pública foi se definindo como estratégia política beneficiando populações e repercutindo no aumento do poder de homens públicos e das equipes médicas, para as quais, aumentavam as

preocupações em tornar salubres locais públicos e, portanto, as condições sociais de seus habitantes. Dessa filosofia participaram também os hospitais e Santas Casas, pois era necessário a higienização para a manutenção da saúde dos enfermos hospitalizados.

Foi nesse contexto histórico que de acordo com Geovanini (1995), se deu o aparecimento e a caracterização da Enfermagem como prática leiga, desenvolvida e exercida por religiosos não médicos, com auxílio de voluntários e escravos, abrangendo o período medieval e tornando-se crescente sua história na saúde.

Inicialmente os hospitais eram administrados por ordens religiosas, as quais assumiam a tarefa de cuidar dos enfermos. Os hospitais surgiram como instituições cristãs, sendo que de acordo com relatórios históricos remotos, o primeiro deles foi fundado em Roma por volta do ano 400.

Na França, o nome genérico para tais instituições era Hôtel-Dieu. O primeiro foi o de Lyon, que data de 542 e, o mais famoso, o de Paris, fundado no século VII, de acordo com Foucault (1993), recebia pobres, vagabundos, “cabeças alienadas”, presidiários doentes, portadores de doenças venéreas, leprosos, e outros, todos alojados no mesmo espaço físico. Chegou a ter mil e duzentos leitos dos quais, seiscentos individuais – nos outros, ficavam de três a cinco pacientes por leito.

Procurava-se separar os adultos das crianças, que também ocupavam os leitos em pequenos grupos de quatro ou cinco por leito, além disso, algumas vezes os cadáveres de adultos ou de crianças permaneciam horas dividindo os espaços nas camas com outros pacientes, esperando até serem retirados.

Era assim que se reconhecia a assistência hospitalar, e a prática de saúde, antes mística e sacerdotal, passou a ser um produto de uma nova fase, baseando-se essencialmente na experiência, no conhecimento da natureza humana, no crescente raciocínio lógico-científico.

Tanto a Medicina como os curandeiros e curandeiras, barbeiros ou médicos, passaram ao longo dos tempos por várias transformações, descobertas, crenças e descrenças. Compartilharam experiências curativas com outras pessoas que lhe transmitiam sentimentos de amor, de ódio, de inveja, de estímulos positivos, de gratidão, mas, todos os sentimentos demonstravam a grande ansiedade em curar alguém doente, simplesmente pelo resultado da própria cura de outro ser humano ou, algumas vezes, alcançar o poder social com o resultado positivo sobre a saúde de outro alguém. Isso reforça a idéia de que as organizações hospitalares tenham acontecido com um

movimento de fora para dentro, ou seja, da sociedade para o hospital, onde congregou pessoas pertencentes a ambientes sociais diversos, sendo atendidos e assistidos por outras pessoas também de origens heterogêneas.

Além disso, cada vez mais caracterizado como ambiente promovedor e restaurador da saúde, cita Nakamae (1987, p.32):

O hospital torna-se lugar privilegiado de atenção à saúde, impulsionado, por certo, pelas transformações dos procedimentos médicos, decorrentes dos avanços técnicos e científicos, mas também obviamente pela expansão das indústrias ligadas às estruturas hospitalares (especialmente a farmacêutica), a de equipamentos e a de materiais de consumo.

Com isso, os hospitais foram sendo construídos, estruturados e organizados, não só em seus aspectos físicos como também profissionais, e a população foi pouco a pouco se acostumando a um espaço destinado aos enfermos e seus cuidadores, sem o cunho unicamente religioso.

Historicamente nasce a necessidade social de um profissional centralizador dos serviços de saúde, e o médico passa então, a ser habilitado socialmente e formalmente para lidar com a saúde dos pacientes hospitalizados, já que, desde os primórdios da profissão médica se caracterizava como o mediador entre o espírito e a matéria, entre o mundo terreno e o divino. O médico, como refere Wolff (1992), era considerado o administrador das forças de cura, forças que sempre foram sentidas como de origem divina.

1.1. A ENFERMAGEM NO MUNDO

Por necessidade de sobrevivência, as práticas de saúde são tão antigas como a própria história da humanidade, pois diz respeito à preservação e continuidade da espécie humana. E a profissão Enfermagem, como refere Pires (1989), surgiu da evolução dessas práticas no decorrer dos períodos históricos, de acordo com as diferentes estruturas sócio-culturais. Inicialmente, organizou-se como serviço reconhecido socialmente pela característica de ser um trabalho caritativo e de assistência às pessoas, tendo como objetivo, o cuidado do corpo e da alma.

Como acrescenta Geovanini (1995), na sociedade primitiva, as práticas de saúde intuitivas foram as primeiras formas de prestação de assistência, sendo que a Enfermagem era caracterizada como uma ocupação doméstica e religiosa e suas práticas estavam voltadas para o atendimento

dos enfermos, excluídos, velhos e crianças.

Os cuidadores, homens ou mulheres, limpavam os ferimentos, procuravam proporcionar o melhor conforto e, ao mesmo tempo, as expectativas dos pacientes e das pessoas que os contratavam, era de que os mesmos fossem passivos, obedientes e dóceis.

As ações de saúde eram também exercidas por boticários, barbeiros, cirurgiões-barbeiros e seus aprendizes, curandeiros de toda espécie, os entendidos e até os curiosos. Na Antiguidade, a Enfermagem era uma ocupação desorganizada, traduzida em ações caritativas nos templos erguidos a serviço dos deuses da cura. Era praticada por religiosos ou leigos de posição social inferior, que cuidavam dos enfermos e os ajudavam a morrer. A formação dos enfermeiros e enfermeiras era feita através da prática do cuidar e da assistência psicológica e espiritual junto aos doentes.

Assim, pode-se constatar que a Enfermagem é mais antiga que a Medicina e nas referências de Kirchhof, “poder-se-ia dizer que, na realidade, o mais velho é o cuidar. O cuidar foi, por um longo período, uma característica da Enfermagem e, hoje, tenta-se resgatá-lo, tanto no seu conhecimento como em sua arte” (2000, p.181).

Porém, a Enfermagem, como profissão, se constituiu muito tempo depois, pois segundo Waldow (2001), o físico (como alguém credenciado para cuidar do corpo humano), o boticário e o barbeiro eram considerados profissionais de ofícios operacionais que também se envolviam com o cuidado dos doentes.

A característica do trabalho caritativo e religioso teve sua importância no cultivo da hegemonia e ideologia da Enfermagem, pois, com a crença de que a doença era um castigo de Deus ou até, domínio de maus espíritos e, o oferecimento de cuidados como obra de caridade, fizeram do(a) enfermeiro(a) um(a) profissional escravo(a) dessas idéias. Essa influência histórica se reflete até hoje na apresentação dos trabalhos em Enfermagem, onde os mesmos ainda são vistos na maioria das vezes, como assistências caritativas e os(as) profissionais, como seres exemplares de abnegação, de vida ascética e de dedicação aos necessitados de ajuda em saúde, como acrescenta Geovanini (1995, p.176):

Enquanto os hospitais da Europa eram dirigidos por ordens religiosas, além de caracterizados por morredouros e amontoados de pobres doentes, os cuidados dispensados aos enfermos tinham um ar de serviço de caridade. Passavam como uma dádiva concedida aos enfermos, em nome da graça de Deus e do espírito de sacrifício de quem os executava. Não havia vínculo que caracterizasse como profissional a atividade; os enfermeiros eram pessoas que, procedentes de camadas pobres da população,

trabalhavam em troca de proteção, alojamento e alimentação.

As expectativas eram de que as equipes que prestavam o trabalho de Enfermagem se comportassem fazendo parte de grupos religiosos e não como profissionais habilitados no cuidado aos enfermos. De acordo com Geovanini (Idem), essa ideologia da Igreja da época tornava o(a) enfermeiro(a) um(a) executor(a) dos cuidados em Enfermagem subordinados(as) às rígidas disciplinas religiosas. E algumas vezes, sob pena de morte, esses preceitos eram inquestionáveis, revelando o autoritarismo clerical.

O hospital, uma instituição que inicialmente era dirigida por religiosos, conservava o aspecto social como característica forte de trabalho, mas, por suas condições precárias de higiene, era também fonte de propagação de doenças. Só mais tarde, com a necessidade de assistir a estrangeiros e feridos de guerra, a própria defesa de saúde sanitária, preocupada com epidemias e doenças diversas, institucionalizou a Enfermagem como prática de saúde no atendimento a enfermos.

As práticas de saúde monástico-medievais focalizavam a influência dos fatores sócio-econômicos e políticos, do medievo e da sociedade feudal, nas práticas de saúde e as relações dessas com o cristianismo. Essa época corresponde ao aparecimento da Enfermagem como prática leiga, caracterizada e desenvolvida por religiosos e abrange o período medieval compreendido entre os séculos V e XIII. Foi um período que deixou como legado uma série de valores que, com o passar dos tempos, eram legitimados e aceitos pela sociedade, como características inerentes à Enfermagem.

Anteriormente, como já observado, acreditava-se que essa profissão, era sinônimo de abnegação, espírito de serviço, obediência e outros atributos referentes à Enfermagem, não uma conotação de prática profissional, mas de sacerdócio, deixando de caracterizá-la como uma profissão técnica científica.

Assim, como escreve Germano (2003, p.15):

Os hospitais das primeiras décadas do século passado, em sua grande maioria, contavam com uma Enfermagem muito precária, não profissionalizada, que, gradativamente, foi sendo substituída por profissionais da área, à medida que se expandiam as Escolas de Enfermagem.

Vale ainda salientar que, nas décadas de 40 e 50, os hospitais começaram a se reorganizar em seus serviços e práticas, procurando acompanhar o desenvolvimento científico e tecnológico

modernos, repercutindo assim, na necessidade de profissionais habilitados, com competência técnica para os exercícios de suas funções, reforçando a necessidade de oportunidade de capacitação e identificação da profissão Enfermagem.

Nesse processo de reorganização da instituição hospitalar, o profissional médico, que já no início do século XIX aparecia como gerenciador das ações de saúde, destaca-se como principal responsável, principalmente nas questões de disciplinarização do atendimento em saúde, monopolizando a soberania e responsabilidade pelos enfermos, confirmando a concepção hegemônica na Medicina sobre o processo saúde e doença, repercutindo diretamente sobre os serviços prestados pela equipe de Enfermagem, como refere Pires (1989, p.97):

A institucionalização do trabalho médico no espaço hospitalar é um lócus privilegiado para analisar a transformação das relações de trabalho e o processo de imposição da Medicina como verdadeira ciência da saúde e dos médicos como seus legítimos representantes que buscam exercer o poder institucional e o controle do processo de trabalho na saúde, no qual o produto final é uma ação de saúde, e que vai assumindo gradativamente o papel de gerenciadores do trabalho em saúde nas instituições hospitalares e ambulatoriais.

Segundo essa autora, a hegemonia médica no setor saúde, verificada na sociedade brasileira e mundial, é fenômeno resultante do processo de apropriação do saber de saúde dos povos, transformando-o em saber unicamente médico e assim, a ação de curar, que deveria ser global, tanto no sentido da equipe que atende o paciente, como do próprio envolvimento desse no seu processo de cura, fica restrita ao ato médico, enfatizando sua hegemonia na história contemporânea.

No âmbito hospitalar, na assistência aos enfermos, cabe ao médico o diagnóstico e medicalização do paciente e ao(à) enfermeiro(a), o cuidado, a viabilização dos medicamentos, o cumprimento das orientações médicas e os procedimentos técnicos específicos da Enfermagem.

Dessa maneira observa-se que o serviço de saúde hospitalar, não é exercido unicamente por um único profissional e sim, por uma equipe e principalmente por equipes de Enfermagem que viabilizam o fluir das prescrições médicas e dos atendimentos hospitalares.

Compreende-se assim, que o nascimento da Enfermagem como profissão, certifica a necessidade do cuidado qualificado direcionado ao enfermo e legitima o enfermeiro e a enfermeira como profissionais autônomos na equipe de saúde, capazes de também promover o movimento de cura dos pacientes sob seus cuidados.

1.2. O INÍCIO DE TUDO: FLORENCE NIGHTINGALE - A DAMA DA LÂMPADA

Florence Nightingale² (1820-1910) era chamada carinhosamente pelos soldados da Guerra da Criméia (1854-1856) de a Dama da Lâmpada, pois chegava a trabalhar até vinte horas seguidas, fazendo rondas noturnas solitárias, pelas Enfermarias levando uma lâmpada na mão. Os soldados a consideravam seu anjo da guarda e seu esforço e dedicação fez baixar a mortalidade hospitalar na guerra.

Com o fim da guerra, tendo contraído tifo durante a mesma, o que lhe ocasionou algumas limitações de saúde, retornou a Londres onde recebeu as honrarias pela sua dedicação aos feridos, e apoio financeiro para organizar a Primeira Escola de Enfermagem do Hospital Saint Thomas. Colocando suas idéias em prática, fez com que esta Escola passasse a servir de modelo para as demais que foram sendo fundadas posteriormente, principalmente no ocidente.

Geovanini (1995, p.18), descreve as normas da Escola abaixo:

A disciplina rigorosa, do tipo militar, era uma das características da escola nightingaleana, bem como a exigência de qualidades morais das candidatas. O Curso, de um ano, consistia em aulas diárias ministradas por médicos e o padrão moral e intelectual das mulheres que partiram com Florence para este tipo de atividade era submetido a exame criterioso. Elas deveriam ter abnegação absoluta, altruísmo, espírito de sacrifício, integridade, humildade e, acima de tudo, disciplina.

Pode-se compreender que com essas exigências, não eram todas as moças que tinham condições de iniciar ou concluir o Curso de Enfermagem proposto por Florence. A adaptação a esse sistema exigia submissão à disciplina imposta e aceitação total das condições determinadas.

Nozawa (1997) confirma que a Enfermagem nightingaleana nasceu com um ensino teórico organizado e sistematizado e os critérios de seleção das candidatas pautava-se na avaliação de sua conduta moral, capacidade intelectual e aptidão física.

Na convicção de Florence a arte da Enfermagem não se limitava somente aos doentes,

² Filha de família rica da sociedade inglesa nasceu a 12 de maio de 1820, em Florença, Itália (seu nome homenageia esta cidade), teve uma formação ampla e foi educada pelo pai em casa. Moça de inteligência incomum, tenacidade de propósitos, determinação e perseverança – o que lhe permitia dialogar com políticos e oficiais do Exército, fazendo prevalecer suas idéias. Dominava com facilidade o inglês, o francês, o alemão, o italiano, grego e latim, além de bons conhecimentos de matemática. Florence morre em 13 de agosto de 1910, deixando em desenvolvimento o ensino de Enfermagem (Almeida, 1986).

mas também às pessoas sadias, pois afirmava que todos são seres humanos e a arte da Enfermagem consiste no triângulo cuidar-educar-pesquisar. Entendia também, que a cura não era mérito somente da atuação médica ou de Enfermagem. Portanto, o caráter curativo também existia no processo natural de vida do ser humano e suas condições sócio culturais.

Scliar (1996) acrescenta que, a postura rígida acrescida de vontade férrea, fez com que Florence abrisse os caminhos para a Enfermagem, tornando-a uma profissão cientificamente estruturada e não apenas atos de caridade ou filantropia, conferindo à Enfermagem, a condição de não mais ser considerada como atividade empírica, desvinculada do saber especializado, mas como uma ocupação assalariada que vem atender às necessidades de mão-de-obra nos hospitais, constituindo-se como uma prática social institucionalizada e específica.

Ao executar e desenvolver procedimentos previamente definidos e estabelecidos, a Enfermagem, nascida como profissão complementar à prática médica, ocupa hoje lugar de destaque no que diz respeito à sua autenticação como profissão, participadora da ciência da saúde, caracterizando-se principalmente como o cuidar aprimorado de conhecimentos e técnicas científicas.

Nesse contexto, Silva acrescenta que “a preocupação com o ensino teórico sistematizado, por sua vez, objetivava evitar que as estudantes de Enfermagem fossem maciçamente utilizadas indiscriminadamente como mão-de-obra nos hospitais” (1989, p.54).

Assim, o sonho idealizado por Florence Nightingale torna-se realidade, certificando à profissão de Enfermagem, sua autonomia técnica e científica.

1.3. A ENFERMAGEM NO BRASIL

Dando continuidade à assistência aos doentes, já oferecida pelos pajés e sacerdotes, após a colonização, os jesuítas assumiram como fazendo parte das tarefas de doutrinação cristã, os plenos cuidados de saúde da população. Padres-enfermeiros ou irmãos enfermeiros exerciam os cuidados em saúde, podendo ser caracterizados como atividades de Enfermagem.

Além dos jesuítas, Pires (1989, p.32-33) acrescenta:

Durante os primeiros trezentos anos após o descobrimento, até o início do século XIX, a assistência à saúde era prestada por homens de ofício, licenciados em Portugal. Vieram

para cá com as expedições exploradoras e colonizadoras; eram constituídas predominantemente de físicos (médico licenciado da época – que cuida do físico) e cirurgiões-barbeiros.

Verifica-se assim, que a organização da Enfermagem na sociedade brasileira, começa no período colonial e vai até o final do século XIX, onde as políticas de saúde começaram a ser mais bem estruturadas e clarificadas.

A Enfermagem surge no Brasil como uma simples prestação de cuidados aos doentes, realizada por um grupo formado em sua maioria por escravos, que nessa época trabalhavam em domicílios.

Em 1738, Romão de Matos Duarte, um abastado senhor da sociedade carioca, funda no Rio de Janeiro a Casa dos Expostos. Em 1822, acontecem no mesmo local as primeiras iniciativas de proteção à maternidade, graças à atuação de José Bonifácio Andrada e Silva. No ano de 1832 organizou-se o Ensino Médico e foi criada a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. A Escola de Parteiras da Faculdade de Medicina diplomou no ano seguinte, a célebre Madame Durocher, francesa naturalizada brasileira, a primeira parteira formada no Brasil.

Pode-se observar o quanto que, por longo período, o cuidar em Enfermagem era prática doméstica ou religiosa, mais intuitiva do que técnica, modificada pelos colonizadores que vieram ao Brasil e com eles, a idéia da criação de Santas Casas, que representam historicamente, as primeiras instituições que prestaram assistência em saúde no Brasil.

Até o início do século XX a Enfermagem no Brasil era atividade de religiosos e leigos nos hospitais Santas Casas de Misericórdia. A ação da Enfermagem, além da conotação caritativa, acolhendo e atendendo aos miseráveis para que eles não ficassem expostos às intempéries do tempo nas ruas das cidades, procurava também evitar a propagação e contágio de doenças infecciosas. Seus trabalhos consistiam, além do cuidado físico e espiritual dos doentes, a limpeza do ambiente hospitalar, a organização e disciplina dos trabalhadores da área da saúde.

Parafrazeando Pires (1989), as Irmandades de Misericórdia eram associações caritativas formadas por pessoas de posses, católicos e religiosos em geral, que desenvolviam obras assistenciais com compromissos espirituais e de prestação de cuidados corporais.

A primeira iniciativa de se criar uma Escola de Enfermagem no Brasil, partiu do Estado, em 1890, ao assumir o controle da atenção psiquiátrica no Rio de Janeiro, sendo instalada a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto no próprio Hospício Pedro II, também chamado Hospital Nacional de Alienados.

Fundada a primeira Escola de Enfermagem do Brasil, foi-lhe dado o nome da primeira enfermeira voluntária de guerra em nossa Pátria, Ana Néri³, como descreve Pires (1989, p.128):

A Escola Ana Néri surge como marco de estruturação da nova profissão de Enfermagem, num momento em que o Estado brasileiro emergente institui suas primeiras políticas no campo da saúde baseadas em diretrizes definidas e coordenadas por órgãos da saúde especificamente constituídos para o fim de instituir, coordenar e executar ações de saúde de cunho coletivo.

A implantação da Enfermagem moderna no Brasil deu-se como prática profissional, através de um novo modelo de exercício da profissão pautado nos princípios nightingaleanos, pelo Decreto Federal nº. 791, de 27 de setembro de 1890, a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, junto ao Hospício Nacional de Alienados, pertencendo à Universidade do Rio de Janeiro – UNIRIO. A formação profissional constituía na duração de dois anos, e o currículo abordava aspectos básicos da assistência hospitalar, predominantemente curativa.

A criação dessa Escola segundo Pires (1989), foi determinada pela saída abrupta das irmãs de caridade do Hospício Geral de Alienados, fato que provocou uma crise institucional e a necessidade imediata de reposição de pessoal de Enfermagem minimamente qualificado.

Germano (2003) acrescenta que, foi somente no ano de 1923 que foi criada oficialmente, na cidade do Rio de Janeiro, a primeira Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), anexa ao Hospital Geral de Assistência daquele Departamento, hoje, Escola Ana Néri. Naquela ocasião, o médico Carlos Ribeiro Justiniano Chagas, como diretor do DNSP, deu sua contribuição decisiva, pois a saúde pública enfrentava mais uma crise decorrente das epidemias e endemias que representavam uma ameaça à população.

Na tentativa de minimizar o problema, Carlos Chagas recorreu e contou com a colaboração da Fundação Rockefeller, que enviou nove enfermeiras da América do Norte com o propósito de estruturar o serviço de Enfermagem em Saúde Pública no Rio de Janeiro, e fundar uma Escola de Enfermagem. Foram essas enfermeiras, com os moldes considerados modernos,

³ Ana Justina Ferreira Néri (1814-1880), até seus cinquenta e um anos de idade, viveu dentro dos padrões típicos das mulheres brasileiras de sua época, dedicando-se somente às atividades domésticas e cuidados dos filhos. Com a eclosão da Guerra do Paraguai (1864-1870) e o destacamento de seus filhos para frente de batalha, escreve uma carta ao presidente da província colocando seus préstimos à disposição do governo para auxiliar nos cuidados aos doentes nos campos de batalha e solicitando autorização para acompanhar seus filhos e ao mesmo tempo servir à Pátria. A solicitação foi feita no dia 6 de agosto de 1865 e a autorização foi imediata, embarcando para o Rio Grande do Sul, de onde seus feitos, no campo do cuidado aos soldados feridos e da organização das instalações necessárias a esse atendimento, passaram para a história (Lima, 1977).

propostos por Florence Nightingale, as organizadoras da Escola e suas primeiras professoras, evidenciando a adaptação metodológica americana ao modelo nightingaleano. A direção, como seria natural, também ficou sob responsabilidade das mesmas, sendo somente no ano de 1931, assumida por uma brasileira, a enfermeira Rachel Haddock Lobo.

Anos antes, ao ser deflagrada a I Grande Guerra Mundial (1914), a Cruz Vermelha Brasileira, em consonância com o movimento internacional de auxílio aos feridos de guerra, preparou voluntárias para o trabalho de Enfermagem e logo após este evento, houve o impulso na área da educação profissional, onde nos Cursos para a formação do(a) enfermeiro(a), inicialmente todas as aulas eram ministradas por médicos.

Lembra Geovanini (1995, p.65):

Por outro lado, o processo de desvinculação da atenção médica das associações religiosas e o processo de medicalização que se encontrava incipiente nos países latino-americanos, reforçavam a iniciativa dos Estados Unidos quanto à expansão dos programas de Educação em Enfermagem e a Escola de Enfermagem Ana Néri redimensionou todo o modelo da Enfermagem profissional no Brasil.

Os critérios dessa Escola estavam fundamentados no modelo nightingaleano, trazido pelas enfermeiras americanas, ou seja, o serviço de Enfermagem seguia a obediência, a submissão e a disciplina. Em 1926, foi fundada a Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras, atual Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) (Anexo 3), pelas primeiras enfermeiras formadas pela Escola Anna Nery. O órgão foi juridicamente registrado em 1928 e filiado ao Conselho Internacional de Enfermagem em julho de 1929.

Com o advento da II Grande Guerra Mundial (1938) a Enfermagem no Brasil, inicia seus processos organizativos, focalizando a profissionalização da Enfermagem no processo social brasileiro e, segundo Melo, “O novo hospital, agora incorporado de tecnologia desenvolvida, exigia pessoal capacitado e as enfermeiras diplomadas passam a integrar o corpo de pessoal do hospital, organizando em novos padrões o serviço de Enfermagem” (1986, p. 67).

No ano de 1973, foi criado o Conselho Federal de Enfermagem (COREN) (Anexo 3), Órgão disciplinador do exercício profissional e dos Sindicatos, defensores dos direitos econômicos e das condições de trabalho dos profissionais de Enfermagem.

Em seguida, outras Escolas de Enfermagem foram sendo fundadas nos diferentes estados brasileiros, sendo que muitas delas, por iniciativas de congregações religiosas que consideraram sua necessidade, pois em muitos hospitais ainda havia pessoal atuando na área sem qualquer

preparação técnica profissional, como refere Geovanini (1995, p.25):

Na década de 40, a Escola Ana Néri foi incorporada à Universidade do Brasil e, em 1940, o Projeto de Lei nº 775 controlou a expansão das Escolas exigindo que a educação em Enfermagem fosse centralizada em Centros Universitários. Em 1961, a partir da Lei nº 2.995/56, todas as Escolas passaram a exigir Curso Secundário completo ou equivalente dos candidatos, mas só no ano seguinte que a Enfermagem passou a Ensino de nível Superior.

Para atender às especializações da área de saúde, os Cursos Médicos foram se especializando e a Enfermagem não ficou fora deste contexto, respondendo a essas exigências, com o aprimoramento dos currículos de seus Cursos. Não só os da Graduação, mas também os da Pós-Graduação foram centrados na assistência curativa, caracterizando-se pela grande concentração de carga horária nas disciplinas ligadas a este tipo de assistência e estágios realizados nos hospitais.

No acompanhamento das reformulações do Sistema de Saúde, a Enfermagem busca redefinição da prática de seus serviços e a qualificação na formação de seu pessoal em todos os níveis. Para tanto, desde o ano de 1985, a Associação Brasileira de Enfermagem, em conjunto com a Comissão de Especialistas em Enfermagem da Secretaria de Ensino Superior do Ministério da Educação, vêm desenvolvendo um estudo de amplitude nacional, buscando definir os parâmetros e diretrizes básicas que devem orientar a formação dos(a) enfermeiros(a) no Brasil.

Assim, a profissão Enfermagem, criada oficialmente para atender às necessidades de saneamento do meio ambiente complementando o trabalho médico, começa a estruturar-se sob bases próprias e este(a) profissional passa a ser reconhecido(a) como um trabalhador(a) assalariado(a), confirmando a autonomia da Enfermagem.

O Ensino da Enfermagem conforme descrito por Nakamae (1987), foi regulamentado pela Lei nº. 775/49 e integrado ao Sistema Educacional do país. O reconhecimento de suas Escolas é atribuído ao Ministério de Educação e Saúde, substituindo a equiparação à Escola de Enfermagem Ana Néri, considerada Escola oficial padrão desde 1931, conquanto essa Lei passasse a exigir o secundário completo para ingresso. Dada à escassa procura pelo Curso, tal exigência foi adiada por sete anos e depois por mais cinco, aceitando-se como requisito de admissão apenas o certificado de conclusão do antigo Ginásio.

Em 1962, assumiu definitivamente sua condição de Curso Superior, com o Parecer nº. 271/62 de 19 de outubro de 1962. Os primeiros Cursos de Pós-Graduação Stricto-Sensu surgiram

a partir de 1972, considerando a abrangência de forma integrada envolvendo o ensino, a pesquisa e a assistência em Enfermagem.

As Escolas de Enfermagem tradicionalmente têm prescrito alguns comportamentos e posturas consideradas adequadas para suas épocas. Algumas ainda enfatizam comportamentos caracterizados como posturas profissionais e o envolvimento do(a) aluno(a) é importante para sua formação e compreensão desses aspectos, não só no que se refere ao cuidar, como também na política e na educação continuada.

1.4. A PROFISSÃO ENFERMAGEM

No decorrer dos períodos da história, a Enfermagem surgiu do desenvolvimento e evolução das variadas práticas de saúde. Práticas essas, que no início da civilização, eram instintivas e intuitivas e garantiam a sobrevivência dos seres humanos.

Fundamental em uma equipe que tem a responsabilidade de salvar vidas, a Enfermagem ainda é entendida por vezes, como profissão social, visto que seu objetivo principal consiste em servir à humanidade, Campedelli acrescenta (1989, p.36):

A Enfermagem é uma ciência humanística dedicada a manter e promover a saúde, prevenir doenças e cuidar ou reabilitar o doente e o incapacitado. O enfermeiro é capaz de compreender as mudanças do processo vital do homem como inseparável das mudanças ambientais e assistir o ser humano no atendimento de suas necessidades básicas, torná-lo independente dessa assistência, quando possível, pelo ensino de autocuidado, e promover a saúde em colaboração com outros profissionais.

Lidando o tempo todo com expectativas e frustrações, assiste ao paciente, estimulando-o a viver, procurando manter a chama da esperança e muitas vezes fazendo o mesmo com seus familiares, ainda que em algumas situações esse(a) profissional seja alvo de distorções emocionais dos pacientes, ponderado por Gauderer: "É importante que tanto nós profissionais como familiares tenhamos noção dessa ambivalência, desses sentimentos contraditórios, para que possamos tomar decisões centradas, ponderadas e, acima de tudo, construtivas, deixando de lado tabus e preconceitos" (1988, p.50).

Por vezes, os enfermeiros e as enfermeiras lidam diretamente com a morte e o morto, muitas vezes preparando-o para o necrotério. Quando seu paciente morre, se vê numa outra condição: o cuidado não vai mais para alguém com vida, mas para a preparação de um corpo sem

vida, um cadáver. E sua postura passa a ser necessariamente técnica e fria, mesmo que tenha seu psico emocional confuso e sofrido.

São situações na rotina da Enfermagem que expõem sua amplitude de responsabilidades. Muito mais do que auxiliar de médicos, o(a) profissional enfermeiro(a) faz diagnósticos em sua área, organiza e gerencia serviços de Enfermagem, elabora programas assistenciais e realiza consultoria. Além do trabalho de ensino e pesquisa, é necessário o preparo técnico, habilidade para se relacionar com o paciente e seus familiares e capacidade para trabalhar em equipe.

Segundo a Lei do Exercício Profissional nº. 7.498 de 25/06/86, do COREN – SP, p. 36 – 41:

Cabe ao enfermeiro, uma gama de atividades, são elas: a direção de órgão de Enfermagem que integre a estrutura básica de instituição de saúde, pública ou privada, e chefia de serviço e unidade de Enfermagem; a organização e direção dos serviços de Enfermagem em empresas prestadoras desses serviços; o planejamento, organização, coordenação, execução e avaliação dos serviços de assistência de Enfermagem; a realização de consultoria, auditoria e emissão de parecer sobre a matéria de Enfermagem; realização de consulta de Enfermagem; prestação de cuidados diretos de Enfermagem a pacientes graves com risco de vida e de cuidados de Enfermagem de maior complexidade técnica que exijam conhecimentos de base científica e capacidade de tomada de decisões imediatas.

Além de planejamento, organização, coordenação, execução e avaliação dos serviços de assistência em Enfermagem, prescrição dessa assistência, consulta de Enfermagem, prescrição de medicamentos estabelecidos em programas de Saúde Pública, assistência à gestantes, parturientes e puérperas, prevenção e controle sistemático de infecções hospitalares e doenças transmissíveis em geral, bem como de danos que possam ser causados à clientela durante a assistência de Enfermagem.

O envolvimento com sua profissão, faz com que o(a) enfermeiro(a) seja comprometido e, conseqüentemente, responsável por suas ações.

Segundo Pires (1989), as necessidades de avanço do conhecimento em saúde, e as exigências dessa área, fizeram com que as atividades de saúde fossem assumidas por profissionais que sistematizaram os conhecimentos, organizaram-se em instituições de Ensino e associativas, estabelecendo regras para o seu exercício profissional.

Existem dilemas na prática dessa profissão, por exemplo, o prolongamento da vida através de meios artificiais, a instituição de alimentação por sonda, e outros, que sugerem constantes reflexões e debates a respeito de questões éticas, na prestação de cuidados em Enfermagem.

Segundo Nozawa (1997, p.38):

Os enfermeiros, sujeitos sociais inseridos no processo de promoção, proteção e recuperação da saúde, compõem uma categoria profissional cuja participação nos serviços de saúde em geral é bastante significativa, mais pelo papel que neles desempenha do que por sua expressão numérica. Ou seja, esses profissionais apresentam-se como importantes veículos de difusão de concepções e práticas de saúde/doença junto aos usuários dos serviços de saúde e, especificamente, junto ao numeroso contingente de Técnicos de Enfermagem, que são por eles formados, treinados, dirigidos e orientados.

Mesmo com a Enfermagem se caracterizando como profissão autônoma, os enfermeiros e enfermeiras, na execução de seus trabalhos, algumas vezes esbarram no Sistema de Saúde atual que ainda contempla aspectos de submissão, com constrangimento profissional por não poderem, em determinadas situações, tomar decisões terapêuticas quanto aos cuidados de seus pacientes, precisando por vezes, do consentimento da equipe médica, algumas vezes, menos experiente.

Acrescenta-se ainda que, o progresso científico no campo da saúde exige da categoria constantes aprimoramentos técnicos, científicos e humanos para manter-se atualizada junto aos serviços de saúde.

Atendimentos diferentes com demandas diferentes acarretam diferentes tipos de esforços físicos e psico emocionais dos profissionais em seus serviços, algumas vezes com dinâmicas diárias que sobrecarregam seu trabalho que, de acordo com Bagnato, “As qualidades requeridas desses profissionais parecem apontar para um novo modo de entender e desenvolver esta formação, o que está a exigir mudanças nas Escolas e Universidades, responsáveis em grande parte por essa tarefa” (1999, p.90).

Trabalhando com e pela vida, com o objetivo da promoção da saúde dos pacientes, o processo do cuidar acompanha a história da humanidade e caracteriza-se fortemente como um dos principais atributos da Enfermagem e é justamente a Enfermagem que tenta resgatá-lo como uma arte dentro do desenvolvimento da profissão.

O cuidado, na prática da Enfermagem como acrescenta Meyer (1998, p.49),

É resultado de um saber acumulado de disciplinas que desvendam as relações humanas e o contato com o outro, mas também de experiências construídas nas práticas efetivas, aprendidas e transmitidas em serviços e que ajudam a curar ou a viver melhor os limites orgânicos e psíquicos impostos pelas enfermidades.

Sabe esse(a) profissional que o paciente, diante de sua doença e a necessidade de um tratamento, fica exposto por dentro e por fora e aí se dá a expectativa sobre o enfermeiro ou a enfermeira – alguém que o tocará e cuidará de seu corpo, internalizado por sentimentos e emoções. E dessas expectativas podem nascer tanto a gratidão como o ressentimento. Nesse sentido, a observação quanto ao preparo deste profissional inspira consideração.

O cuidar do outro, essência do trabalho em Enfermagem, o toque no outro – não há como negar seu significado emocional em nossa cultura, requer técnica e profissionalismo que, na maioria das vezes, o paciente, resignado ao tratamento, aguarda ansioso a sua presença e oportunidade de estar em companhia de alguém que esteja lhe dedicando cuidado, não se rebelando ou reclamando, mesmo diante de alguns procedimentos invasivos e/ou dolorosos.

Outros aspectos estão inseridos nesse cuidar, por exemplo, aspectos religiosos, que Gelain, em seu livro “*Deontologia e Enfermagem*”, esclarece: “O enfermeiro deve agir e cumprir seu trabalho independente de suas convicções religiosas, pois todo cidadão tem direito de ter crenças e convicções, mas não tem o direito de impô-las aos outros” (1987, p. 60).

Em contato direto com o paciente, o(a) enfermeiro(a), colaborando para o bem estar e autonomia do paciente, também pode prescrever condutas a serem tomadas como, por exemplo, controles de medicamentos, alimentação, hidratação, higiene, tratamentos específicos, orientações, assistência psicossocial, assistência psico espiritual e encaminhamentos a outros serviços.

O trabalho do(a) enfermeiro(a) é essencialmente o fazer e o atuar direta ou indiretamente junto ao paciente, o que os(as) torna expostos(as) às suas falhas diante de si e dos outros, com reflexos na confiança e entrega, ou até de conflitos, questionamentos e angústias que o paciente tem quanto aos cuidados da Enfermagem que, algumas vezes, ficam no silêncio do vácuo, por exemplo, confiar o corpo, desprovido de possibilidades de vaidade a alguém desconhecido, que imbuído de técnicas específicas, medica, injeta medicamentos, faz curativos e outros procedimentos, podendo mobilizar relações de confiança ou não nesse(a) profissional.

1.5. A FACULDADE DE MEDICINA DA UNICAMP - FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS - FCM

A Faculdade de Medicina de Campinas foi criada oficialmente em 25 de novembro de

1958 pela Lei Estadual nº. 4996, promulgada pelo Governador do Estado de São Paulo, Jânio da Silva Quadros, como um Instituto isolado de Ensino Superior. Foi nomeado como seu primeiro Diretor o Professor Cantídio de Moura Campos, da Faculdade de Medicina de São Paulo e, para coordenar os trabalhos para sua instalação, o Dr. Antônio Augusto de Almeida, médico do Instituto Burnier. Vários locais foram cogitados para ser sede da Faculdade, mas, durante quatro anos, ela só existiu no papel.

Em 28 de dezembro de 1962, a Lei Estadual nº. 7655, assinada pelo Governador Carlos Alberto de Carvalho Pinto criou a Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, e em seu Artigo nº. 29, incorporou a ela a Faculdade de Medicina. Para a direção da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) foi nomeando o Professor Antônio de Augusto Almeida, também por ato do Professor Cantídio de Moura Campos, Reitor da Universidade, publicado em março de 1963.

Em 20 de maio de 1963 foi proferida a aula inaugural do 1º ano Médico, numa sala improvisada no inacabado Edifício da Maternidade de Campinas que, após negociações e, por um curto espaço de tempo, cedeu à Faculdade seus três primeiros andares.

O treinamento clínico e cirúrgico dos alunos era realizado nas Enfermarias e instalações da Santa Casa de Campinas onde, por meio de um convênio com a Irmandade de Misericórdia, passaram a funcionar os recém-criados Departamentos e Disciplinas da Faculdade.

No período compreendido entre 1963 a 1966, a Universidade enfrentou graves problemas de verba, porém, o Curso de Medicina continuava em franco desenvolvimento, o que levou o Conselho Estadual de Educação do Estado de São Paulo a ter seu interesse voltado para a Universidade e a vislumbrar a possibilidade de expandir o número de Cursos oferecidos. Para isso nomeou uma Comissão, coordenada pelo Professor Zeferino Vaz, que também foi nomeado Reitor da Universidade, incumbida de elaborar um estudo aprofundado sobre sua situação administrativa e prosseguir à instalação e organização da Universidade. Iniciou-se, então, uma nova etapa da Universidade Estadual de Campinas que culminou com sua inauguração oficial em 1967, reunindo vários Institutos, Básicos e outras Faculdades, entre elas a Faculdade de Ciências Médicas.

A Faculdade de Ciências Médicas funcionou na Santa Casa de Campinas até fevereiro de 1986. Em 01 de março de 1986, transferiu-se para instalações próprias, ainda que um pouco diferente do que havia sido previsto. Contou inicialmente com apenas um bloco de três andares, num total de 1.200 m², onde foram instaladas a Diretoria e as áreas Administrativas, incluindo as

Comissões de Graduação, Pós-Graduação, Residência Médica, Pesquisa, Informática e de Contratos Docentes. As outras áreas ocupavam salas espalhadas no Hospital de Clínicas. No final de 1988, a FCM já possuía uma área física de 5.000 m².

1.6. O DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM DA FCM

A criação da Faculdade de Enfermagem foi prevista desde os primórdios da organização da Universidade Estadual de Campinas, através da Resolução nº. 44/66, do Conselho Estadual de Educação, que autorizou sua instalação e funcionamento, juntamente com os primeiros Institutos e Faculdades, onde estava prevista a Faculdade de Medicina.

Posteriormente, os Estatutos e Regimentos desta Universidade instituíram a Faculdade de Ciências Médicas, que ficou com a incumbência de ministrar não apenas o Curso de Medicina, como também o de Enfermagem. Com o argumento da necessidade urgente de formação de mão-de-obra para o Hospital de Clínicas, o Curso de Graduação em Enfermagem, em suas modalidades de Bacharelado e Licenciatura Plena, foi autorizado a funcionar em 1978, coordenado pelo enfermeiro Dr. Luiz Cietto, que passou a assumir a função oficial de coordenador do Curso Superior de Enfermagem.

Com o início, em 1979, das disciplinas do ciclo profissionalizante que requeriam estágios supervisionados, houve necessidade de solicitar a colaboração de enfermeiros e enfermeiras do Hospital de Clínicas, local colocado à disposição do Curso de Enfermagem.

Por se tratar de um Curso novo, o corpo docente titulado foi sendo constituído gradativamente, tanto por enfermeiros e enfermeiras do Hospital de Clínicas, como por contratação de professores de outras Instituições de Enfermagem, além dos professores do Curso de Medicina da Faculdade de Ciências Médicas. Mantendo-se até hoje subordinada à FCM, seu Ensino é composto atualmente unicamente por docentes não-médicos.

Em 1981, forma-se a primeira turma ao mesmo tempo em que são reconhecidos os Cursos de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem, pelo Conselho Estadual de Educação, conforme Parecer CEE nº 2038/81, de 21 de dezembro e Portaria nº. 322 do Ministério da Educação e Cultura, publicada no Documento Oficial da União em 20 de agosto de 1982, sendo que as Disciplinas iniciais do currículo do Curso de Graduação em Enfermagem foram e são em sua maioria, ministradas pelos professores do Instituto de Biologia da UNICAMP.

Nesse mesmo ano, é criado oficialmente o Departamento de Enfermagem da FCM, aprovado pelo então Conselho da UNICAMP e os dez primeiros docentes do Curso foram lotados nesse Departamento, por ato do Magnífico Reitor, em 30 de abril de 1981.

A condição de Departamento em desenvolvimento atendia aos interesses e possibilidades da época e, aos poucos, foram sendo superadas as dificuldades iniciais, em especial de formação acadêmica do corpo docente e ampliação do seu quadro. Assim, desde então, a estrutura do Departamento atende a duas situações de fato: a de ser um Departamento e a de realizar um Curso de Graduação em Enfermagem.

Portanto, além da Chefia e Conselho do Departamento, possui Coordenador e Coordenador Associado do Curso de Graduação, uma Comissão de Graduação em Enfermagem, que abrange também representação das áreas de ensino dos Cursos de Licenciatura e de Enfermagem dos Hospitais de Ensino. Também já foi criada a Sub-Comissão do Curso de Pós-Graduação, nível Mestrado, em 1999, aprovado pela Comissão de Pós-Graduação da FCM e pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Ministério da Educação e Cultura (MEC).

O Currículo do Curso de Graduação inicialmente obedecia ao currículo mínimo estabelecido para os Cursos de Graduação em Enfermagem, instituído pelo Parecer nº. 163, de 1972, do Conselho Federal de Educação, mas, no ano de 1993, teve início o movimento para as avaliações curriculares, que finalizou com a proposta de um novo currículo para a Graduação, sendo o mesmo implantado em 1997 (Anexo 02).

1.7. O ENFERMEIRO FORMADO NA UNICAMP

A Enfermagem faz parte do conjunto de profissões da área da saúde cuja essência é o cuidado do ser humano. Cabe ao enfermeiro e à enfermeira a responsabilidade pelo conforto, acolhimento e bem estar dos pacientes, prestando atendimento, coordenando outros setores para a prestação da assistência e promovendo a autonomia dos clientes através da educação em saúde.

São diversas as atividades possíveis de serem realizadas por esse(a) profissional, extrapolando as Instituições Hospitalares, ou seja: Unidades Básicas de Saúde (UBS), ambulatórios, clínicas públicas e/ou privadas, serviços comunitários, escolas, indústrias, creches e empresas. Também, desenvolver suas ações nos serviços de proteção, recuperação e reabilitação

da saúde, tendo como base a sistematização da assistência, levantamento de dados, diagnóstico, planejamento, intervenção e avaliação das ações pertinentes à Enfermagem. Ainda, atuar como educador em questões relativas à saúde, organizar e gerenciar serviços de Enfermagem, organizar e administrar Instituições de Ensino Superior de Enfermagem, realizar pesquisas, prestar assessoria e consultorias em assuntos de sua especialidade, realizar auditoria e emitir pareceres em questões de Enfermagem.

Poderá atuar como professor no Ensino Superior, além de professor e coordenador nos Cursos Profissionalizantes de Enfermagem, na Disciplina de Saúde Pública no Ensino Fundamental e Médio, bem como Educador em Saúde em diferentes campos de atuações.

De acordo com a proposta do Curso de Graduação de Enfermagem da UNICAMP, espera-se que o(a) aluno(a) tenha formação profissional generalista, que o habilite, como enfermeiro(a), a desenvolver ações de Enfermagem nos diferentes níveis de atenção à saúde, levando-se em consideração os determinantes biológicos e sociais do processo saúde-doença, que esteja em condições de atuar nas diferentes fases do ciclo vital, entendendo-o como os diversos aspectos do desenvolvimento do ser humano, contemplado desde a concepção até a morte.

Também é esperado desse(a) profissional que desenvolva a sistematização das ações de Enfermagem, isto é, que seja capaz de utilizar o método científico como base para sua atuação, considerando como fases deste método o levantamento de dados, o planejamento, a intervenção e a avaliação das ações pertinentes a cada situação, que atue como educador em questões relativas à saúde, ou seja, desenvolva ações educativas em todos os contextos da sua prática profissional. Que atue no mercado de trabalho vigente, sem perder de vista as possibilidades de um mercado de trabalho em transformação e que participe das transformações sociais, científicas e tecnológicas, adaptando-as ao seu campo de atuação.

Ainda, que tenha uma visão crítica do processo político-social do país e atue como agente de transformação nesse processo, no qual está incluído seu contexto profissional e que possa tomar decisões em todos os setores da sua atuação profissional, correlacionando seus conhecimentos com a sua prática.

CAPÍTULO II - ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

O diploma a gente tem que tirar é de dentro do coração da gente.
Mário Prata – Escritor

Esse capítulo expõe alguns fundamentos teóricos da Orientação Profissional (OP), com o reconhecimento sócio educativo de que a escolha da profissão é um fenômeno individual.

Abordagens teóricas e filosóficas de Orientação Profissional são apresentadas com a contribuição da Antroposofia em considerações referentes ao ser humano frente à escolha da profissão, seu posicionamento pessoal e histórico, expondo a necessidade dessa escolha ser consciente e eficaz.

Antroposofia (Anexo 6) – do grego *Anthropós*, homem e *Sophia*, sabedoria – ou seja, a “Sabedoria a respeito do Homem”, nasceu de um movimento teosófico elaborado e fundado pelo filósofo e pedagogo austríaco Rudolf Steiner em 1901, tendo por centro e ponto de apoio, o Homem, buscador de conhecimentos a respeito de si e de seu relacionamento com o Universo.

Steiner (1861-1925) teve como objetivo descrever a imagem do Homem cósmico, dinâmico, em constante movimento evolutivo, encarnado na Terra, considerando-o integrado, espírito e matéria, onde a crença da evolução para a espiritualidade faz parte do ciclo evolutivo do planeta. Dentro desse contexto, a Antroposofia afirma a existência de um mundo espiritual, em cujo âmbito está incluído o Homem e, que estudar sua evolução é considerá-lo acima de tudo como um ente espiritual.

Considera-se que o ser humano é holístico e que seu físico está ligado ao seu espiritual e assim sucessivamente, propondo uma imagem deste ser, completa e integrada, como uma dimensão bio – sócio – psíquico – físico – emocional e espiritual. O ser humano é compreendido como ente global e dinâmico, valorizando o momento da vida dentro e fora dele, ou seja, a imagem do homem integral em todas as complexidades de sua vida no contexto da humanidade.

A Orientação Profissional ou Orientação Vocacional surgiu no início do século passado, nos Estados Unidos, num momento em que se começava a dar maior importância às diferenças de capacidade e personalidade entre alunos dos diferentes níveis escolares. Além disso, com o desenvolvimento da indústria e a necessidade de mão-de-obra especializada, cresceram os interesses pelos estudos das capacidades individuais e pela possibilidade de direcionamento de cada indivíduo para a atividade profissional mais adequada ao seu perfil.

Esse conceito tem recebido significativos incrementos desde o início de sua história, compreendendo desde a informação e assistência quanto às decisões em determinado momento da vida, a conscientização do auto-conceito e do autoconhecimento, que conforme acrescenta Lievegoed (1984), a escolha de uma profissão demanda considerável autoconhecimento e conhecimento do mundo, porque a realidade das profissões se tornou complexa visto a amplitude de escolhas profissionais possíveis.

O conceito "Vocação", como explana Carvalho (1995, p.44-45) pode ser compreendido:

Originalmente a expressão em inglês *vocational guidance*, definia uma área ampla incluindo desde os primeiros momentos da escolha de uma profissão, por meio da escolha de Cursos adequados, até a programação de carreiras, o ajustamento e a realização profissional. Na tradução para o português das obras americanas, começaram a surgir diferenças de significado, uma vez que a palavra vocação em inglês não corresponde exatamente à palavra vocação em nosso idioma. Em dicionários da língua portuguesa, encontramos a palavra vocação com o sentido de "chamamento interior, apelo irresistível para uma atividade"; nos dicionários da língua inglesa a mesma palavra significa "emprego regular, ocupação, profissão".

Dessa maneira, nas considerações feitas nessa pesquisa, optou-se pela expressão Orientação Profissional, considerando-se a busca pela adequação profissional referente ao indivíduo que procura a ocupação correspondente às suas aptidões, seus interesses e suas possibilidades.

De acordo com a mesma autora (1995, p.26):

O histórico da Orientação Profissional apresenta diferentes fases, em que diferentes enfoques foram dados à matéria. Há estudos situando a OP na Psicologia do Trabalho, outros na Psicologia Educacional, outros na área da Orientação ou do Aconselhamento e, mais recentemente, apresentando a OP como uma área em si. As ampliações ou modificações introduzidas por diferentes estudiosos constituem uma seqüência histórica decorrente do próprio desenvolvimento da OP, o qual, por sua vez, está inserido num contexto histórico global.

Algumas vezes é desconhecido o motivo que leva alguém a escolher esta ou aquela área de atuação. A Orientação Profissional que resulta na escolha de uma profissão, não está desvinculada da vida e a necessidade do autoconhecimento, que é complexo, que nasce do querer, que direciona o movimento da busca e é a chave, o cerne da questão da realização profissional, necessita de especial atenção, como reflete Steiner (1988, p.7):

O que significa, porém o querer, senão ter um motivo para fazer ou almejar uma coisa de preferência a outras? Querer algo sem razão ou sem motivo equivaleria a querer algo

sem querê-lo. O conceito do motivo e o conceito do querer estão indissolivelmente unidos.

As diferenças individuais em inteligência, aptidão (como capacidade de aprender), personalidade e interesses, de alguma maneira mobilizam cada um para determinado tipo de trabalho. E, ao realizar a escolha profissional dentro do contexto dinâmico e instável que é o ser humano, faz-se necessário considerar a profissão escolhida dentro de uma dimensão ampla da história individual de cada um, com suas vontades, seus desejos e suas aptidões.

Nesse sentido, Santos (1997, p.3) chama a atenção:

A escolha da profissão deixa de ser simplesmente uma escolha de futuro para ser, também, a delimitação de um projeto. Um projeto pessoal de vida futura que deve considerar toda a problemática do processo produtivo e também contemplar todo o conjunto de variáveis internas ao indivíduo.

Assim, no processo de Orientação Profissional, além das dimensões bio – psico – sócio – emocionais e espirituais devem ser igualmente consideradas as dimensões antropológica e filosófica, que são fundamentais para o entendimento da aptidão humana e escolha da carreira ou ocupação profissional, que podem ter suas raízes em épocas da infância e adolescência, em diferentes oportunidades educacionais, concordando que essa escolha é o resultado de um processo contínuo ao longo da vida de cada indivíduo.

Super (1975, p. 20), acrescenta que:

Os estágios de desenvolvimento de uma pessoa, os problemas de escolha e adaptação que ela enfrenta, nos diversos períodos da sua vida, e os métodos que usa para enfrentá-los são hoje, considerados importantes e não podem deixar de ser levados em conta.

A preocupação com a realização profissional está diretamente relacionada com a escolha profissional e esta é uma percepção crescente numa sociedade onde a busca pela qualidade profissional tem exigido dedicação e competência do trabalhador, mantendo o foco do trabalho como essencial ao bem-estar e a vida de todos.

Essa situação resulta em uma procura de maiores opções de carreiras que sejam coerentes com os verdadeiros interesses pessoais e profissionais, podendo-se pensar que, uma boa escolha profissional reflete boas perspectivas ocupacionais, trabalhadores qualificados e comprometidos com suas atividades profissionais.

Todos aspiram à felicidade, por natureza e por necessidade. O desejo de felicidade é então, um querer natural, próprio da natureza humana, que a constituiu segundo essa direção e forma. Portanto, ela está vinculada à autenticidade da vida humana, à possibilidade de relacionar e integrar cada aspecto parcial com um ponto unitário, na busca da realização total, nos recursos de sobrevivência, mas também, na realização de um projeto existencial.

Ser feliz no trabalho é o esperado. E realizar algo que dê satisfação, executar com perfeição, apesar de adversidades que eventualmente possam ocorrer, como lembra Kline, “satisfação, estabilidade e realização no trabalho dependem da congruência entre a personalidade do indivíduo e o meio composto predominantemente de outras pessoas com que ele trabalha” (1977, p.229).

Escolher uma profissão pode significar momentos de ansiedades, dúvidas e inseguranças e, além de questionamentos pessoais, podem ocorrer também cobranças sociais, econômicas, culturais e familiares, além do que, o caminho para essa decisão leva à reflexão do que se espera estar realizando com satisfação interior daqui a alguns anos na vida profissional. Há de ser considerado também, que a escolha de uma profissão nunca é um caminho sem volta, pois a própria vida é movimento e algumas vezes somente com o amadurecimento pessoal é que se encontra o caminho das realizações profissionais.

Nesse aspecto, reflete Blanco (1999), que as respostas certas vêm de perguntas certas, que sempre abrirão caminhos para respostas com conteúdos de felicidade, gratidão, beleza e verdade pessoal.

Ou seja, a responsabilidade pessoal pela esfera do destino de cada indivíduo pode marcar a vida nos momentos diários do trabalho e em sua repercussão pessoal, social, psicológica, emocional e espiritual, procurando as adaptações que se fizerem necessárias para o objetivo final que é o da identidade profissional, eficiência e satisfação profissional.

Portanto, fazendo-se uma reflexão a respeito de como o sonho profissional é viabilizado, com o enfrentamento da rotina de trabalho, pode-se pensar que, estar feliz naquilo que se faz é, além de produtor, ponto de equilíbrio entre as relações sociais, pois, não há como negar que como seres participantes de uma sociedade, tudo o que se faz, repercute de alguma maneira na vida de outras pessoas.

O trabalho é um aspecto fundamental da vida por atender às necessidades humanas, tanto do ponto de vista material como espiritual, já que através de tarefas realizadas o homem se

equilibra e, ao mesmo tempo, expressa seu modo original de realizar valores e de interrelacionar-se em um determinado tempo e lugar como refere Kirchoff, “deveríamos considerar com maior cuidado os fenômenos do trabalho, enquanto estruturadores das relações sociais” (2000, p.175).

O trabalho constitui uma atividade ordenada do humano, conduzida por um projeto, como considera Johnson (2000) e assim, uma possibilidade de colocar-se a serviço de si e do progresso de todos, é a tradução da significação do ser produtor, social.

A descoberta do valor da contribuição pessoal para a vida em sociedade é fundamental para o homem e a satisfação no trabalho pode constituir-se em uma oportunidade privilegiada para redescobrir a possibilidade de autêntica relação eu – mundo, onde o pessoal não seja negado, esquecido ou dissolvido, pois as escolhas que fazemos não são totalmente isentas de interferências que, de alguma forma, direcionam em graus variados a nossa liberdade de escolha.

Ferreti (1988) enfatiza a influência dos fatores sócio-econômicos na escolha da profissão e a necessidade, por parte dos candidatos, de reflexão sobre o contexto social onde suas atuações estarão repercutindo sobre si, sobre os outros que lhe estarão próximos e sobre o ambiente de trabalho. O autor considera que em teorias a respeito desse tema, a escolha profissional é um processo o qual interferem fatores pessoais e sociais, podendo os mesmos ser transformados e modificados na medida em que os indivíduos amadurecem.

Escolher uma profissão pode traduzir momentos de ansiedades, dúvidas e inseguranças e, além de questionamentos pessoais, podem ocorrer cobranças sociais, econômicas, culturais e até de familiares ou de amigos, como considera Kinpara (2000, p.16):

A expectativa é a probabilidade percebida de satisfazer uma determinada necessidade, por uma pessoa, com base na sua experiência do passado. Tal experiência pode ser direta ou indireta. A experiência indireta provém de fontes que as pessoas consideram legítimas, como os pais, os companheiros de grupos, livros e revistas.

Rossi contribui acrescentando que “a escolha profissional é considerada um processo que se inicia na infância e se estende por período longo da vida” (2001, p.32).

A Orientação Profissional cuida da escolha e do esclarecimento para determinado trabalho. Concordando com Johnson (2000), conhecer um pouco o conceito de trabalho, procurando esclarecer os significados a ele atribuídos, sua organização na sociedade, a importância de que se revestem as dificuldades que as pessoas enfrentam para tomar decisões ocupacionais e o grau de liberdade que têm para fazê-lo, em vista de sua realização enquanto ser

humano mantém relações com processos educacionais e os modelos de OP.

Percebe-se a necessidade dessa Orientação direcionada ao candidato, para o momento histórico onde o mesmo está situado e o contexto social no qual vive. Isso viria a contemplar os fatores pessoais, sociais, culturais e econômicos nos critérios da escolha profissional, reunindo os projetos individuais, profissionais e sociais. Em um mundo de grande competição onde, "não se tem tempo a perder", "onde não se pode errar" nas escolhas, sob pena de se "ficar para trás", sabendo que para "vencer", é necessário ser bom no que se propõe a fazer profissionalmente, a difícil decisão em escolher uma entre tantas profissões pode se tornar mais tranqüila com a ajuda da Orientação Profissional.

Silva (1996) considera que a escolha profissional também é o resultado de um movimento individual e social. Resulta então, que o processo dessa escolha implica num compromisso entre interesses, capacidades, valores e oportunidades oferecidas pelo meio e pela história pessoal de cada um, influenciando na prática e no enfrentamento das dificuldades encontradas na rotina do dia-a-dia do trabalho. Ao buscar a realização profissional, o homem promove o progresso e o bem-estar geral do meio social em que vive.

Durante o percurso de uma vida, muitas mudanças e transformações podem ocorrer nesse processo, conforme refere Kinpara (2000, p.23):

O indivíduo na sua busca de integração social assume papéis, procura um ideal, adota um quadro de valores, numa atitude ambivalente de liberdade e autonomia. Além do mais, sua adaptação, função que é do meio social, está fortemente condicionada pelas normas do grupo social em que o indivíduo está inserido. Podemos, então, concluir que a convivência humana exige uma dinâmica contínua de adaptações e esforços, no sentido de manter o equilíbrio entre adaptações diferentes e contraditórias, ou uma atitude de lutar para mudar tais normas.

As hesitações entre escolhas profissionais que ofereçam satisfação pessoal e atividades que tragam retorno financeiro, são preocupações constantes entre jovens e adultos que pretendem ingressar numa profissão. E a compreensão de que o comportamento humano gira em torno de concepções, crenças e valores pessoais, a orientação para que haja a conciliação entre o que se faz com satisfação e o retorno financeiro capaz de proporcionar o bem-estar material, é fator de equilíbrio bio – psico – social – emocional e espiritual.

A escolha profissional algumas vezes, está acompanhada da angústia da futura colocação no mercado de trabalho e a condição sócia econômica do candidato pode pesar em sua decisão. É

interessante que o mesmo receba o apoio e as orientações necessárias para que possa superar estes obstáculos, pois gostar do que se faz, pode auxiliar e qualificar o seu desempenho e satisfação profissional.

Todas as pessoas têm necessidades e todas essas competem pelo seu comportamento em direção à ação e à decisão.

Porém essa decisão necessita estar acompanhada de informações a respeito de carreiras, formação acadêmica, mercado de trabalho e quais exatamente as funções possíveis de serem seguidas com chances de caminhos felizes, pois o trabalho é a essência do homem, que sabendo escolher uma profissão, estará com a posse do passaporte para o futuro de realizações profissionais.

O interessado precisa identificar quais são suas expectativas em relação à profissão na qual atuará e seus reflexos no seu futuro como pessoa, pois a escolha de uma carreira não é feita somente em função do que o profissional da área faz, mas também em razão do modo de vida que a ele está ligado.

De acordo com Silva (1996), vive-se em sociedade e as articulações entre o sistema social e os indivíduos revelam que ninguém vive isolado e sim, interagindo constantemente com o meio e a realidade social, resultando num movimento contínuo de ações e resultados entre os homens.

A interação com o social é a franca argumentação da necessidade de evolução e progresso individual e social. E a liberdade de escolha não pode ser considerada como algo isolado, pois somos conscientes do que escolhemos ou escolhemos porque obedecemos a uma causa interior a um desejo percebido que, de acordo com Steiner (1988), o homem é livre à medida que é capaz de obedecer a si mesmo em cada momento de sua vida.

Entendendo a necessidade de as pessoas viverem em sociedade e que seu meio de comunicação é o trabalho como atividade social, a escolha da profissão não é algo isolado e sim, um processo complexo e contínuo, no qual interferem fatores individuais, além da reflexão que os interesses pessoais e sociais podem ser modificados na medida em que as pessoas amadurecem, diferindo em suas habilidades, e traços de personalidades, como acrescenta Blanco: “A maturidade não pode pular etapas. Por outro lado, o que vem da alma só pode chegar a florescer ou frutificar se a nossa luz interior é acionada ativamente por uma ação voluntária e dirigida” (1999, p.28).

Compreendendo que a escolha profissional é o resultado de um movimento essencialmente dinâmico, histórico, individual e social, Rossi (2001) reflete que o processo dessa escolha implica em compromisso, capacidades, valores e oportunidades oferecidas pelo meio.

Ao buscar a realização profissional, o homem promove o progresso e o bem-estar geral do meio social no qual vive, como assinala Kline: “Satisfação, estabilidade e realização profissional, dependem da congruência entre a personalidade do indivíduo e o meio em que ele trabalha” (1977, p.269).

A satisfação encontrada no trabalho e na vida é o reconhecimento da canalização plena de suas capacidades, interesses, valores pessoais e personalidade e, portanto, fazer o que se gosta e gostar do que se faz é um desafio que pode ser mais bem enfrentado com a Orientação Profissional.

Com o olhar para a satisfação, Steiner acrescenta: "Os anseios do homem estão determinados pela medida da satisfação que se pode alcançar. Uma vez superadas todas as dificuldades, a esperança desta satisfação é a causa da atividade humana. O trabalho de cada indivíduo em particular, tem sua origem em tal esperança" (1988, p.128).

O mundo é repleto de verdades próprias, mas somente as verdades interiorizadas do indivíduo é que o torna pleno de si em suas realizações no trabalho, levando-o à felicidade e à satisfação profissional.

É através da profissão que o indivíduo se auto-realiza, aplica suas capacidades, potencialidades e expressa sua personalidade, como afirma Giacaglia: “Quando ele realiza uma atividade compatível com suas habilidades e demais características num ambiente favorável, o trabalho exercido se constitui um fator de ajustamento e de satisfação pessoal” (1997, p.111).

Pode-se pensar que, estar feliz naquilo que se faz e sentir-se recompensado por seus esforços é, além de produtor, ponto de equilíbrio entre as relações sociais, pois não há como negar que, como seres participantes de uma sociedade, tudo o que fazemos, repercute de alguma maneira em outras pessoas. Isso porque não se vive sozinho e a realidade social é produto das inter-relações humanas.

2.1. ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL NA ENFERMAGEM

Ser feliz no trabalho é o ideal de todos. Ser feliz no trabalho significa realizar alguma coisa que nos dê orgulho, prazer, satisfação de executar com perfeição, apesar de todas as pressões e tensões.

Vânia Maria Ferro - Professora Universitária.

A Faculdade provavelmente não oferecerá formação que contemple todas as expectativas do recém-formado. Breve o enfermeiro e a enfermeira compreenderão que suas realizações profissionais virão como resultado da busca constante de atualização de conhecimentos técnicos, científicos e humanistas.

Nesse sentido, existe uma importância relevante quanto à preparação acadêmica oferecida pelas Universidades, esclarecendo e orientando seus alunos sobre suas opções profissionais. As informações e preparo técnico favorecem a compreensão e certeza da escolha profissional, como refere Geovanini, “o básico é que, ao entrar no mercado de trabalho, o enfermeiro esteja preparado e equipado para atuar adequadamente nos diferentes níveis de assistência e graus de complexidade” (1995, p.32).

Para Rodrigues in Germano (2003), o projeto de Educação em Enfermagem não significa apenas a montagem de novo currículo ou novas metodologias, significa também, conhecer as finalidades educacionais e as estruturas sociais, além de compreender a divisão técnica e social do trabalho e suas especialidades.

O processo de formação muitas vezes envolve interesses contraditórios. Por um lado, os requisitos exigidos pelo mercado de trabalho são muitos, de outro, a responsabilidade e o compromisso ético em assumir uma formação que compartilhe de uma política honesta de saúde, deverá deixar o futuro profissional em condições de desempenhar atividades na abrangência de sua área de atuação, cada vez mais exigente em atualizações técnico-científicas especializadas.

Na Enfermagem, a categoria se organiza em torno de um movimento de participação, em forma de Associação, que favorece o fortalecimento de sua identidade. Germano (2003), refere que a Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), exerce papel decisivo nos novos rumos do Ensino, através de sua Comissão de Educação e, esse objetivo envolve toda a área da saúde, abrindo um amplo debate em torno de sua prática e formação profissional.

Concordando com Bagnato (1999), as Universidades e Faculdades assumem papel relevante na formação de profissionais, pois a preocupação com a satisfação e realização

profissional está diretamente relacionada à escolha de uma carreira, sendo essa, uma percepção crescente em uma sociedade onde a busca pela qualidade de mão-de-obra tem exigido dedicação e competência do trabalhador.

Dessa maneira, a boa escolha profissional resulta em perspectivas ocupacionais positivas, com trabalhadores interessados e comprometidos com suas atividades profissionais.

Pires (1989, p.15) acrescenta:

O processo de trabalho dos profissionais de saúde tem como finalidade a ação terapêutica de saúde; como objeto, o indivíduo doente ou indivíduo/grupos sadios e expostos a riscos, necessitando preservar a saúde ou prevenir doenças; como instrumental de trabalho, os instrumentos e as condutas que representam o técnico do conhecimento, que é o saber de saúde; e o produto do trabalho é um serviço.

Fazendo-se uma reflexão a respeito de como o sonho profissional é viabilizado, com o enfrentamento da rotina de um hospital geral onde, em diversas ocasiões as ocupações são ininterruptas, Linhares (2003) assinala que os integrantes dessa profissão podem permanecer 24 horas à cabeceira do cliente, e este, e os que o cercam, sabem que podem contar com o enfermeiro(a) em diversas intercorrências passíveis de acontecer durante a estada num hospital.

Pensando um pouco mais além, Pinto reflete: “A força espiritual geradora do ato terapêutico é a compaixão frente ao sofrimento do enfermo. Esta será tanto maior quanto mais completa for a capacidade do terapeuta para mergulhar na vivência do paciente” (1990, p.7).

Essa consideração refere-se ao profissional que encontrou a ocupação correspondente às suas aptidões, seus interesses, suas possibilidades e desejos. Esse é um trabalhador que tem prazer no que faz e cada momento de sua vida é repleto de dedicação, satisfação, realização e felicidade.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), Lei nº. 9.394/96, a escolha de uma profissão e sua realização na atividade profissional é um movimento de constantes trocas e interações sociais em torno da prática e, a Educação Profissional, integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia, conduz ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva.

Na consideração de Silva (1996, p. 27):

A escassez de estudos sobre a satisfação no trabalho do enfermeiro, segundo alguns estudiosos, deve-se em parte à visão histórica da Enfermagem, vista como uma profissão

de natureza vocacional, razão pela qual poderiam influenciar o tipo de expectativa que este profissional tem em relação ao seu trabalho.

As ações terapêuticas, objetivando o indivíduo doente ou indivíduo/grupos sadios ou expostos a risco é a caracterização do processo de trabalho dos profissionais de saúde preocupados em preservar a saúde ou prevenir doenças, sem a preocupação de que o paciente lhe seja simpático ou não, ou que o paciente corresponda ou não às expectativas da Enfermagem.

Pires (1989) considera que o saber e o amadurecimento de cada profissão serão apreendidos pela característica dos conhecimentos que subsidiam as atividades especializadas e, parece que na trajetória da história da Enfermagem, sempre se optou por fazer o que tradicionalmente se preconiza para ela, ou seja, executar ações de cuidados rotineiros nem sempre compreendidos pelo profissional da Enfermagem.

Assim, Bagnato (1999, p.11), acrescenta:

Fazemos escolhas por determinados caminhos, deixando à margem outros; e entendemos que é imprescindível ter clareza das conseqüências das nossas opções; elas serão reveladoras dos nossos projetos sociais, da nossa visão de mundo, homem, sociedade, educação, saúde; elas explicitam se compactuamos com a lógica do modelo sócio-político e econômico vigente, que incentiva a competitividade, o individualismo, a exclusão da grande maioria dos direitos sociais ou se compartilhamos de um projeto de sociedade justa, igualitária e solidária.

A adequação das escolhas ocupacionais dos indivíduos, considerando seu desempenho profissional futuro em benefício próprio e em benefício da sociedade, confere bom caminho de realizações profissionais de qualidade e, portanto, resultado positivo de relações e progressos sociais.

Na Enfermagem, onde o ser humano está envolvido completamente, a exigência do preparo profissional reflete-se na prática do cotidiano, onde os trabalhadores da saúde e seus usuários se envolvem numa relação de dominação sobre o usuário (cliente, paciente), onde os primeiros têm a capacidade formal, oficial e legal de decidir sobre o melhor para o paciente, que deverá aceitar, compreender e cooperar com as decisões da Enfermagem.

Algumas vezes, a própria equipe de Enfermagem entra em rotinas exaustivas, e é preciso haver ponderação, como reflete Geovanini (1995, p.166):

Nossa formação profissional, com forte ênfase no modelo curativo de assistência

hospitalar, conduziu-nos à tamanha sobrecarga de atividades que não percebemos que a ciência médica e a farmacologia estão pondo em risco as nossas vidas e a de nossos pacientes. No contexto hospitalar, nossas atividades superam a esfera do atendimento direto ao paciente e ganha dimensões de caráter administrativo e gerencial doméstico, o que nos faz perder o sentido crítico do que produzimos.

Mesmo assim o(a) enfermeiro(a) parece relevar alguns aspectos intrínsecos de seu trabalho tais como, reconhecimento, responsabilidade e a falta de autonomia junto ao paciente, expondo algumas insatisfações profissionais.

Segundo Cura (1999, p.21):

Não é difícil compreender que, em virtude das exigências próprias do tipo de trabalho desenvolvido pelo enfermeiro, atuando na função de assistir o paciente, ele possivelmente terá maiores condições e técnicas para melhorar a qualidade dessa assistência, se estiver satisfeito com seu trabalho.

Assim, traduzidos como valores, necessidades e expectativas do(a) enfermeiro(a) em sua rotina diária de trabalho, a adequação da escolha ocupacional dos indivíduos, considerando seu desempenho profissional em benefício próprio e em benefício da sociedade, resulta em um caminho de realizações pessoais e profissionais.

CAPÍTULO III – METODOLOGIA

Técnica é o conjunto dos processos de uma Arte. Mas não toda a Arte.
E. D. F. Souza (1959, p.7) apud Almeida & Rocha (1986, p.32).

Esse capítulo descreve a metodologia utilizada durante a Pesquisa, os sujeitos, os procedimentos e os instrumentos utilizados na obtenção dos dados e, finalmente, os critérios adotados para a análise e interpretação dos mesmos.

Trata-se de uma Pesquisa Qualitativa, onde, utilizando-se de um estudo exploratório, foram feitas entrevistas semi-estruturadas e, para a organização dos dados, realizada a análise do conteúdo, desenvolvida no Capítulo IV, onde foram observadas as orientações de Bardin (1977) para a técnica da análise do discurso.

3.1. PROBLEMA

Considerando a Enfermagem onde o que está em evidência é o cuidar da vida de outra pessoa, surge o problema a respeito da satisfação e realização profissional do(a) enfermeiro(a).

O trabalho da Enfermagem pode apresentar diferentes solicitações, acarretando diferentes tipos de atuações, algumas vezes, sobrecarregando rotinas diárias. E, sendo a relação com o paciente intensa e contínua, suas ações repercutem diretamente ou indiretamente sobre o assistido, expondo a responsabilidade profissional.

Algumas vezes, lidando diretamente com a morte e com o morto, esse(a) profissional pode enfrentar situações conflituosas pessoais, tendo que se manter equilibrado e em condições de dar continuidade ao seu trabalho.

Questões sobre a realização profissional e as expectativas anteriores ao Curso de Enfermagem evidenciam a necessidade de reflexões, esperando-se identificar a relevância ou não, da Orientação Profissional na opção por essa profissão e, ainda, se a escolha e a rotina da atividade profissional, são compatíveis com o sonhado e o esperado antes do Curso de Graduação.

3.2. OBJETIVOS

3.2.1. OBJETIVO GERAL

O objetivo dessa pesquisa foi o de identificar se houve ou não, Orientação Profissional na escolha da profissão Enfermagem, com profissionais atuantes na área, e qual sua importância para que essa escolha fosse consciente de suas atribuições e responsabilidades pessoais e sociais.

3.2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Verificar se a profissão desejada é compatível com a realidade diária do trabalho que está sendo realizado;

Verificar a relevância ou não da Orientação Profissional na escolha da profissão Enfermagem;

Verificar se as rotinas das atividades profissionais dos(as) enfermeiros(as) são compatíveis com as expectativas anteriores ao Curso de Enfermagem.

3.3. JUSTIFICATIVA

Sendo a rotina diária de o ambiente hospitalar, onde o trato com os pacientes é direto e contínuo, o enfermeiro e a enfermeira lidam o tempo todo com expectativas e frustrações de seus assistidos.

Como peça fundamental da equipe de saúde, que tem a responsabilidade de salvar vidas, esse(a) profissional, muito mais do que um auxiliar do médico, faz diagnósticos em sua área, gerencia serviços de Enfermagem, elabora programas assistenciais, trabalha com ensino e pesquisa e presta consultoria.

Além da diversidade de atuações desse(a) profissional, se faz necessário o preparo técnico, habilidade para se relacionar com o paciente e seus familiares e capacidade de trabalhar em equipe.

A diversidade de atendimentos acarretam diferentes tipos de esforços físicos e psicoemocionais nos(as) profissionais que, por vezes, sentem-se sobrecarregados em seus

serviços.

O trabalho do(a) enfermeiro(a) é essencialmente o fazer, o atuar direta ou indiretamente junto ao paciente, podendo sentir-se em situação de dúvidas e conflitos pessoais sobre suas atitudes e posturas diante da opção profissional.

Com essa consideração, pode-se refletir sobre a necessidade de uma decisão consciente da profissão, onde o objetivo principal é a promoção da saúde e atenção ao paciente e suas necessidades.

3.4. SUJEITOS

Os sujeitos participantes desse estudo compõem um universo de profissionais de ambos os sexos, graduados em Enfermagem pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, nas décadas de 80, 90 e 2000, contratados Hospital de Clínicas desta Universidade e ocupando, na vigência desse, variados cargos e responsabilidades.

A escolha dos sujeitos participantes dessa Pesquisa se deu de maneira aleatória, após a busca de uma listagem junto ao Departamento de Enfermagem dentro do Hospital de Clínicas (HC), de enfermeiros Graduados pela Universidade e que estavam contratados no hospital. Foram convidados a participar dessa Pesquisa, trinta e cinco enfermeiros(as). Desses trinta e cinco, cinco participaram do Estudo Piloto e trinta, do Projeto em questão. Todos os sujeitos desempenham suas funções no ambiente do HC, sendo todos brasileiros, residentes na região de Campinas – SP, com idades variando entre 24 e 46 anos e, com tempo de exercício profissional de um ano e dois meses a dezoito anos.

Desde o início do Projeto, incluindo o Estudo Piloto, os sujeitos entrevistados foram informados acerca da natureza da Pesquisa, e encontraram-se em posição de tomar decisões abalizadas quanto à sua participação ou não, assinando, se concordando, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 5), solicitado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP.

3.5. PROCEDIMENTOS

Para a viabilização desse Projeto, o primeiro passo foi enviar a proposta do mesmo ao

Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, órgão agregador, da Universidade, de projetos passíveis ou não de aprovação de pesquisas que envolvem seres humanos. Após orientações sobre algumas modificações necessárias, foi aprovado para o seu desenvolvimento (Anexo 4).

A metodologia foi desenvolvida inicialmente utilizando-se um Estudo Piloto, com o objetivo de se obter informações para o aperfeiçoamento do Projeto e avaliar sua aplicabilidade. Através das observações realizadas com esse Estudo, não foram observadas modificações significativas na estrutura do Projeto.

A operacionalização dessa Pesquisa, com data e horário pré-acertados entre a pesquisadora e o(a) entrevistado(a) se deu com a realização das entrevistas para a aplicação do questionário, no próprio ambiente de trabalho de cada sujeito, em seus respectivos turnos de trabalhos, ou seja: manhã, tarde ou noite. Os locais foram: Unidade Referenciada de Emergência de Adultos (antigo Pronto Socorro – PS), Unidade Referenciada de Emergência Pediátrica (antigo Pronto Socorro Infantil – PS Infantil), Retaguarda, Unidade de Tratamento Intensivo de Adultos (UTI), Unidade de Tratamento Intensivo Pediátrica (UTIP), Enfermaria de Cirurgia do Trauma, Enfermaria de Pediatria, Enfermaria de Hematologia, Enfermaria de Nefrologia, Centro de Controle de Intoxicação, Centro de Controle de Infecção Hospitalar, Centro Cirúrgico Geral, Ressonância Magnética, Gastroclínica, Enfermaria de Cardiologia, Ambulatório de Cirurgia Geral e Departamento de Enfermagem – Educação Continuada.

3. 6. COLETA DE DADOS

Para a coleta dos dados, o instrumento utilizado foi entrevista com questionário semi-estruturado (Anexo 1), composto de nove questões abertas, elaboradas e organizadas da seguinte forma:

1. Qual a sua idade?
2. Quanto tempo você tem de profissão?
3. Você recebeu Orientação Profissional antes do Vestibular?
4. O que mais influenciou para que você optasse pela Enfermagem?

5. O Curso de Enfermagem atendeu às suas expectativas?
6. Como é a vida profissional de um(a) enfermeiro(a)?
7. A profissão Enfermagem é compatível com sua realização profissional?
8. Você já pensou em mudar de profissão? Se já pensou, qual você faria?
9. Você gostaria de acrescentar alguma informação ou fazer alguma pergunta?

Na abordagem com os(as) entrevistados(as) não foram percebidas resistências, dúvidas ou dificuldades em responder às perguntas, ao contrário, houve boa receptividade e interesse no tema.

As entrevistas foram viabilizadas fazendo-se uso de um mini gravador, com duração média de quinze minutos cada uma. Entrevistas essas que foram transcritas integralmente, de maneira a possibilitar a organização dos dados obtidos.

3.7. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Para a análise e interpretação dos dados obtidos através das respostas discursadas pelos sujeitos entrevistados, essa Pesquisa teve como orientação as fases propostas por BARDIN (1977) em sua Análise do Conteúdo, utilizando-se a técnica de análise do discurso. As fases constituíram-se de: pré-análise, exploração do material e o tratamento dos resultados.

3.7.1. PRÉ-ANÁLISE

A pré-análise constituiu a fase organizacional do material a ser analisado. Nesse Estudo os documentos submetidos à análise foram as entrevistas gravadas em mini gravador e posteriormente transcritas integralmente. Foi a fase da operacionalização e sistematização para a exploração do material.

Depois de realizada, como refere BARDIN (1977), a leitura flutuante, onde puderam ser percebidas as unidades e os conceitos-chave a serem analisados, passou-se à escolha de documentos e constituição do corpus (conjunto de documentos tidos em conta para serem

submetidos aos procedimentos analíticos).

As leituras e releituras mostraram que os discursos são ricos em seus conteúdos, que embora identificados alguns erros gramaticais e sintáticos, de maneira alguma representaram prejuízo à compreensão textual.

Os objetivos iniciais estabelecidos para a análise dos depoimentos incluíram a identificação dos temas emergentes nos discursos e sua posterior relação com os mesmos enfatizados pelas abordagens teóricas da Orientação Profissional. Como índice e indicadores, foram adotados, para análise, os temas em destaque nos discursos e, como indicadores, sua presença ou ausência nos depoimentos discursados.

3.7.2. EXPLORAÇÃO DO MATERIAL

Essa etapa correspondeu à transformação do conteúdo dos textos analisados, organizados em unidades que possibilitaram as expressões de seus conteúdos. O tratamento dos textos incluiu a especificação de unidades de registro e de contexto, as especificações de categorias de classificação e agrupamento, além da enumeração dos mesmos.

Continuando a exploração do material, houve a divisão dos depoimentos em unidades de contexto, visando possibilitar a análise dos mesmos. Assim, os temas abordados em cada unidade de contexto, constituíram as unidades de registro e, portanto, a base da análise.

Procurou-se identificar nos textos as unidades de registro, em termos de categorias percebidas como significativas no fenômeno, adotando-se a perspectiva de realização profissional como referencial para a análise dos depoimentos dos sujeitos.

As unidades significativas identificadas nos Sujeitos Entrevistados (SE) expressadas em linguagem espontânea, foram traduzidas em discurso indireto sintético quanto a seus significados inferidos, denominados Unidades Transformadoras (UT).

Durante as leituras, nessa etapa de análise, procurou-se compreender o que os sujeitos quiseram dizer nas respostas dadas, buscando tematizar suas percepções e intenções para, em seguida relacioná-los aos temas incluídos nas categorias estabelecidas.

Dentro das Categorias de classificação e agregação, as unidades percebidas nas entrevistas, possibilitaram seu agrupamento, de acordo com os temas abordados.

As Categorias identificadas nas entrevistas foram:

01. A Orientação Profissional para a Escolha da Profissão Enfermagem.
02. A Influência Familiar na Escolha pela Graduação em Enfermagem.
03. O Interesse Profissional pela Área da Saúde.
04. As Opções Profissionais: Enfermagem x Medicina.
05. A Correspondência do Curso de Enfermagem quanto às Expectativas Profissionais.
06. Status Oferecido pela Instituição UNICAMP.
07. O Retorno Financeiro.
08. A Busca pelo Cuidar do Outro.
09. A Tristeza e a Morte Presentes na Rotina Profissional.
10. A Sobrecarga de Responsabilidades.
11. A Autonomia Profissional.
12. A Realização Profissional.
13. A Valorização Profissional.

Categorias esclarecidas:

01. Verificou-se se houve a Orientação Profissional e, se isso foi fator desencadeante na Opção Profissional pela Enfermagem.
02. Verificou-se a influência da família na opção pela Graduação em Enfermagem.
03. Essa categoria apontou o interesse pela Área da Saúde como fator decisivo na escolha da profissão Enfermagem.
04. Nessa categoria verificou-se a opção pela Enfermagem em detrimento da Medicina.
05. Essa categoria verificou se o Curso de Enfermagem correspondeu às expectativas profissionais atuais.
06. Nessa categoria verificou-se a busca pelo Curso de Enfermagem na UNICAMP pelo status que essa Instituição pode oferecer no meio acadêmico e profissional.
07. Verificou-se a expectativa que a profissão Enfermagem oferece quanto ao retorno financeiro.
08. Essa categoria expôs a escolha da profissão Enfermagem como resposta ao anseio por

cuidar e dar assistência de Enfermagem a outra pessoa.

09. Essa categoria verificou a tristeza e a morte como fator estressante na profissão Enfermagem.
10. Verificou-se nessa categoria, a sobrecarga de responsabilidade na rotina de trabalho do(a) enfermeiro(a).
11. Essa categoria expôs as conquistas e as frustrações na busca pela autonomia profissional na Enfermagem.
12. Verificou-se se os enfermeiros e enfermeiras estão realizados com a profissão escolhida.
13. Nessa categoria verificou-se como e se os(as) enfermeiros(as) se autovalorizam, se sentem valorizados e desejam ser valorizados em suas atuações profissionais.

Para a análise foi contemplada a totalidade dos textos, com a identificação e classificação das unidades dos discursos apontados nas Categorias.

CAPÍTULO IV – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS CONTEÚDOS DAS ENTREVISTAS

Este capítulo refere-se à análise das unidades de discursos encontradas nas entrevistas, onde se objetivou identificar se houve ou não Orientação Profissional, e se a escolha profissional foi compatível com o esperado antes do Curso de Graduação em Enfermagem.

Com a análise e interpretação dos discursos dos sujeitos entrevistados, preocupou-se nesse estudo, compreender, o mais precisamente possível, as percepções quanto às escolhas e realizações profissionais, mais especificamente, quanto à opção pela profissão Enfermagem e identificar indicadores que apontaram para as respostas aos objetivos propostos nessa pesquisa.

Essa análise não contempla todas as categorias possíveis de serem analisadas, pois a análise do discurso é algo complexo e depende do ponto de vista e da história pessoal e profissional do pesquisador.

4.1. AS UNIDADES SIGNIFICATIVAS

As unidades significativas foram identificadas e organizadas em 13 Categorias:

01. A Orientação Profissional para a Escolha da Profissão Enfermagem.
02. A Influência Familiar na Escolha pela Graduação em Enfermagem.
03. O Interesse Profissional pela Área da Saúde.
04. As Opções Profissionais: Enfermagem x Medicina.
05. A Correspondência do Curso de Enfermagem quanto às Expectativas Profissionais.
06. Status Oferecido pela Instituição UNICAMP.
07. O Retorno Financeiro.
08. A Busca pelo Cuidar do Outro.
09. A Tristeza e a Morte Presentes na Rotina Profissional.
10. A Sobrecarga de Responsabilidades.
11. A Autonomia Profissional.
12. A Realização Profissional.
13. A Valorização Profissional.

Essas unidades foram organizadas em uma tabela, onde as 13 Categorias identificadas, denominadas de **Cat**, foram sinalizadas no universo dos trinta e cinco sujeitos entrevistados.

**4.2. TABELA DAS CATEGORIAS IDENTIFICADAS NOS DISCURSOS
DOS SUJEITOS ENTREVISTADOS**

Sujeitos Entrevistados	Cat 01	Cat 02	Cat 03	Cat 04	Cat 05	Cat 06	Cat 07	Cat 08	Cat 09	Cat 10	Cat 11	Cat 12	Cat 13
01	X	X	X		X	X				X	X	X	X
02	X		X	X	X		X	X	X	X		X	X
03	X		X		X	X		X		X	X	X	X
04	X		X	X	X	X	X	X		X	X	X	X
05			X		X	X			X	X		X	
06			X		X			X		X		X	X
07			X		X		X	X	X	X		X	
08			X	X	X					X		X	X
09	X		X	X	X				X			X	
10	X		X	X	X		X	X				X	
11	X		X		X		X	X		X		X	X
12			X	X	X			X		X	X	X	
13	X		X		X	X		X	X	X		X	
14	X		X	X	X			X				X	X
15	X	X		X	X		X	X		X		X	X
16			X	X	X		X			X	X	X	X
17	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
18	X				X	X	X				X	X	X
19			X		X		X	X		X	X	X	X
20	X		X		X			X			X	X	
21	X	X	X		X			X		X		X	X
22	X		X		X			X		X		X	
23	X		X		X			X	X	X		X	X
24					X					X		X	X
25	X		X		X			X	X	X	X	X	
26	X		X	X	X			X				X	X
27	X	X			X		X			X		X	
28	X	X	X	X	X		X				X	X	
29	X		X		X			X	X		X	X	X
30	X	X	X		X	X	X	X		X	X	X	X
31	X				X			X	X	X	X	X	X
32	X		X		X	X		X	X			X	X
33			X	X	X		X	X			X	X	X
34	X	X			X						X	X	X
35	X		X		X	X		X		X		X	

4.3. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS UNIDADES DE DISCURSOS IDENTIFICADAS NAS ENTREVISTAS

As unidades significativas identificadas foram representadas por:

SE: Sujeito Entrevistado.

UT: Unidade Transformadora.

Sujeito 01

SE: Eu tinha um professor de Biologia que era médico, no Cursinho, e ele fez apologia da profissão de enfermeira.

UT: Categoria 01: O professor expôs a beleza da profissão Enfermagem.

SE: Sempre quis fazer UNICAMP, eu nunca me encantei por outra Faculdade... Resolvi fazer Enfermagem e só prestei aqui.

UT: Categoria 06: A Instituição UNICAMP preponderando na escolha do Curso de Graduação.

SE: Meu pai trabalhou na área de saúde durante trinta e cinco anos.

UT: Categoria 02: A influência do trabalho paterno na escolha profissional.

SE: Então acho que eu tinha uma queda sim, de estar dentro da área de saúde.

UT: Categoria 03: Enfatizando o interesse pela área da saúde.

SE: Quando a gente tá(sic) na Graduação, a gente não tem muita noção do que é a profissão de fato.

UT: Categoria 10: Demonstra que faltaram conhecimentos sobre fatores importantes da profissão Enfermagem durante o Curso de Graduação.

SE: Posso dizer que eu fiz um Curso muito bom, que me dá(sic) subsídios para trabalhar até hoje.

UT: Categoria 05: Considera ter tido um bom Curso, que ainda lhe oferece subsídios para seus trabalhos atuais.

SE: Posso dizer que aqui no meu ambiente de trabalho eu acho que a gente tem bastante autonomia. Mas essa autonomia a gente consegue com conhecimento.

UT: Categoria 11: A busca pela atualização na profissão como fator de garantia da autonomia profissional.

SE: Adoro aquilo que eu faço.

UT: Categoria 12: Demonstra realização profissional.

SE: Trabalho oito horas, porque agora ocupo cargo de responsabilidade no serviço de Enfermagem ... Dou aula à noite.

UT: Categoria 13: A autovalorização profissional e a necessidade de sentir-se valorizada profissionalmente.

SE: Se qualificar, fazer Cursos que te dêem uma visão mais ampliada do que é a profissão... Porque a Faculdade não te dá isso.

UT: Categoria 05: A complementação curricular aprimorando a formação oferecida pela Graduação.

Sujeito 02

SE: Eu recebi no Colégio. Eu fiz Colégio preparatório. Tinha consulta com psicólogo...

UT: Categoria 01: Recebeu Orientação Profissional como parte do currículo do Curso Preparatório para o Vestibular.

SE: Eu gosto muito de lidar com pessoas, de cuidar também, né?(sic)

UT: Categoria 08: O gosto pelo cuidar de pessoas.

SE: Eu tinha interesse até pra área médica, né?(sic) Fazer Medicina. Mas aí eu vi que a coisa não

era tão fácil.

UT: Categoria 04: Interesse pela Medicina, mas desistência dessa escolha por considerar um caminho difícil para a sua vida.

SE: Então eu procurei outras, outras maneiras de tar(sic) trabalhando assim, na área da saúde, né?(sic) Pensei em várias profissões, mas aí,(sic) eu gostei mais da Enfermagem.

UT: Categoria 03: A escolha pela Enfermagem para estar atuando na área da saúde.

SE: Pelo menos aqui na UNICAMP, você tem mais teoria do que prática.

UT: Categoria 05: O Curso deixou a desejar pela questão da prática do trabalho da Enfermagem.

SE: A prática, a gente vê muito crua aqui dentro, né?(sic)

UT: Categoria 10: A dura realidade da rotina do trabalho.

SE: É bastante gratificante, todo dia você sai assim... Você viu que fez um monte(sic) de coisas assim... Que foi importante na vida de alguém, já é bastante compensador.

UT: Categoria 12: Sente-se útil e realizada profissionalmente.

SE: Que foi importante na vida de alguém.

UT: Categoria 13: Sente a autovalorização profissional por sua atuação junto ao paciente.

SE: Que foi importante na vida de alguém, já é bastante compensador, mas por outro lado, a gente acaba ficando bastante triste também, de ver a realidade, assim... Bem diferente que a da sua vida.

UT: Categoria 09: Sofre com a realidade do trabalho e do sofrimento das pessoas e isso é motivo de tristeza, já que se considera uma pessoa feliz em sua vida pessoal.

SE: Eu acho que tem, tem(sic) a realização profissional assim(sic), acho que mais do lado pessoal, né?(sic)... Que eu gosto do que eu faço...

UT: Categoria 12: Realização pessoal e profissional.

SE: Eu gosto do que eu faço e acho que também até na parte financeira. Não que se ganhe muito, mas acho que... Em comparação com outras profissões, (sic)eu acho que a gente não ganha mal não...

UT: Categoria 07: Satisfeita pelo retorno financeiro que a profissão oferece.

Sujeito 03

SE: Fiz um teste Vocacional quando eu tava(sic) no Cursinho... Mas deu na área de biológicas...

UT: Categoria 01: Demonstra incerteza quanto à escolha pela área da saúde.

SE: Uma semana antes de sair o resultado do Vestibular, apareceu uma reportagem sobre a UNICAMP... E eu fiquei encantada com a Faculdade, né?(sic) Aí,(sic) na hora de escolher entre Biologia e Enfermagem, eu escolhi UNICAMP.

UT: Categoria 06: A escolha pela Instituição UNICAMP prevalecendo sobre a escolha pelo Curso de Graduação.

SE: Eu gostei bastante do Curso.

UT: Categoria 05: O Curso de Graduação em Enfermagem correspondeu às suas expectativas.

SE: Eu gosto bastante, só que é um pouco limitado, né?(sic) Em questão de... Decisões... você sempre tem que tá(sic) ligado a um hospital, ligado aos médicos... Não te dá(sic) tanta liberdade de ação, né?(sic)

UT: Categoria 11: Sentindo falta da autonomia profissional do(a) enfermeiro(a).

SE: O hospital não pára fim de semana... Não pára feriado, Natal, Ano Novo, né?(sic)

UT: Categoria 10: Apontando para a responsabilidade de um trabalho ininterrupto, sem pausas.

SE: É bem complicado, mas a parte com o paciente, é muito gostoso, muito gratificante.

UT: Categoria 08: Sente-se gratificado por cuidar do paciente.

SE: Mas a parte com o paciente, é muito gostoso, muito gratificante.

UT: Categoria 12: Sente a realização profissional no quesito estar com o paciente.

SE: Eu sentia muita falta dessa coisa de poder tomar minhas próprias decisões e tudo o mais... Achava que eu precisava de outra coisa, tanto é que eu fui fazer outra Faculdade... então eu fiz Odonto... Na Odonto eu tô(sic) encontrando aquela liberdade que eu não encontro na Enfermagem... De tomar decisões... Ser responsável totalmente pelo paciente...

UT: Categoria II: Resolvendo o sentimento de falta de autonomia profissional na Enfermagem com outra profissão em paralelo, ou seja, a Odontologia.

SE: Eu achava que eu precisava de outra coisa... Então fiz Odonto...

UT: Categoria 03: Optou por fazer outra Faculdade também na área da saúde.

SE: Eu me encontrei na Odonto nessa parte de liberdade... De retorno dos pacientes...

UT: Categoria 13: Sente-se valorizada pelos pacientes da Odontologia como complemento de sua valorização profissional.

Sujeito 04

SE: Eu fiz Cursinho... Eu recebi algumas orientações, mas não específicas pro(sic) Curso de Enfermagem.

UT: Categoria 01: Recebeu Orientação Profissional no Cursinho Pré-Vestibular, sem especificações para Enfermagem.

SE: Eu sempre me percebi com afinidade pela área da saúde... E optei pela Enfermagem.

UT: Categoria 03: Identificando-se com a área da saúde na escolha da profissão Enfermagem.

SE: Mas sempre há problemas, embora a gente esteja numa Universidade de renome.

UT: Categoria 06: A referência ao status da Instituição UNICAMP.

SE: De modo geral, atendeu às expectativas, mas em alguns momentos, tiveram(sic) algumas situações que deixaram a desejar.

UT: Categoria 05: Pensa que o Curso de Graduação em Enfermagem poderia estar oferecendo mais conteúdos pertinentes à realidade profissional atual.

SE: É uma profissão desgastante.

UT: Categoria 10: Expressa o sentimento de excesso de trabalho e responsabilidade na rotina diária.

SE: É uma profissão desgastante, mas ao mesmo tempo apaixonante.

UT: Categoria 12: Expressa a satisfação e realização profissional.

SE: Eu cheguei a prestar Vestibular para Medicina, mas eu me considerava pouco preparado... Eu identifico que, dentro de vários profissionais (sic) que atuam na área da saúde, o médico e o enfermeiro, eles(sic) trabalham muito próximos.

UT: Categoria 04: Considerou que a exigência da profissão médica já começa no Vestibular e como enfermeiro, pode estar até cumprindo atividades bem semelhantes as dos médicos, e não necessariamente, ser médico.

SE: ... O enfermeiro, ele consegue identificar muito mais claramente quem é o paciente... Por nome,... Estado emocional...

UT: Categoria 08: O estar próximo do paciente expressando uma das características do cuidar.

SE: Pela carga horária que o enfermeiro exerce, a... De acordo com as suas atividades... Ele acaba absorvendo outros empregos, então... Pra(sic) complementação da remuneração.

UT: Categoria 07: Acha o retorno financeiro da profissão de Enfermagem aquém do desejado.

SE: Além do cuidado técnico, você leva conforto, solidariedade ao próximo... Além dessa parte assistencial técnica que os doentes precisam de modo geral.

UT: Categoria 13: Sente-se necessário no trato com os doentes, reforçando a valorização profissional da Enfermagem.

SE: Sou muito realizado por estar trabalhando na área da saúde. Não me vejo trabalhando em

outra área.

UT: Categoria 12: Demonstra realização profissional por atuar na área da saúde.

SE: Eu tenho uma outra atividade... e no meu outro trabalho também avalio o serviço médico, o serviço de saúde mental, serviço de limpeza,... Então e isso é uma coisa que me satisfaz muito.

UT: Categoria 11: A representação da autonomia profissional conquistada.

SE: ... Enfermeiro... Ainda acho que é muito discriminado, eu acho que ainda é pouco valorizado. Eu acho que a hegemonia médica é muito forte na área da saúde.

UT: Categoria 13: Aponta para a desvalorização do trabalho da Enfermagem, considerando a hegemonia médica como importante favorecedor dessa situação.

SE: Você consegue trabalhar com cinco enfermeiros e um médico, mas você não consegue trabalhar com cinco médicos e um enfermeiro. O enfermeiro é um facilitador de toda a rotina do trabalho.

UT: Categoria 13: Demonstra a autovalorização profissional.

Sujeito 05

SE: Pensei em Odonto, pensei em Medicina, pensei em Enfermagem... Assim... Profissões voltadas para a área da saúde.

UT: Categoria 03: A escolha profissional na área da saúde, independente do Curso escolhido.

SE: Eu aprendi a gostar da Enfermagem, gosto do que eu faço, mas o Curso... Eu esperava mais por parte dos docentes.

UT: Categoria 05: O Curso deixou a desejar no que se refere aos professores.

SE: Você vem aqui pra UNICAMP, achando que tem o do bom e do melhor na área de docência e... Não é bem assim, né?(sic)

UT: Categoria 06: Supervalorização do status da Instituição UNICAMP, criando expectativas

maiores do que o esperado.

SE: O próprio ambiente é um ambiente(sic) muito estressante. Você tem que ter comprometimento, muita responsabilidade.

UT: Categoria 10: A expressão de um trabalho estressante e a sobrecarga de responsabilidades.

SE: Tem paciente que fica muito tempo e você cria muito vínculo, então você sofre, né?(sic)

UT: Categoria 09: Expressa tristeza pelo vínculo com alguém em sofrimento.

SE: Gosto do que faço... Mas sinto falta de fazer algo mais. Ou na profissão ou até em outra área.

UT: Categoria 12: A satisfação profissional com a ansiedade da busca pela realização profissional.

SE: Mas sou realizada. Gosto muito do que faço, por isso que sofro.

UT: Categoria 09: Demonstra tristeza no envolvimento emocional com o sofrimento do paciente.

Sujeito 06

SE: Eu resolvi porque eu achei que era isso que era a minha praia... Eu acho que a responsabilidade... O compromisso de cuidar...

UT: Categoria 08: Expressão do desejo de estar cuidando profissionalmente de outra pessoa.

SE: Eu resolvi porque... O compromisso de cuidar...

UT: Categoria 03: A escolha profissional na área Enfermagem, área da saúde, como resposta à ansiedade de estar cuidando de pessoas com responsabilidade e compromisso.

SE: Achei que era isso a minha praia... Eu acho que a responsabilidade... O compromisso de cuidar...

UT: Categoria 13: Demonstra a valorização profissional da profissão Enfermagem.

SE: Acho que muita coisa a gente aprende na prática, mas coisas importantes que eu acho que a gente deveria sair da Faculdade sabendo.

UT: Categoria 05: Acredita que o Curso de Graduação poderia ter oferecido conteúdos mais esclarecedores sobre determinadas práticas da rotina.

SE: Eu acho que é muito estressante. É bastante estressante. A gente tem a responsabilidade... Eu sinto falta às vezes assim,(sic) da gente não ter um acompanhamento psicológico, ter o momento da gente, da gente(sic) desabafar.

UT: Categoria 10: Fala sobre o trabalho desgastante e estressante, e pede ajuda através da solicitação de um suporte psicológico.

SE: Eu sou realizado naquilo que faço... Eu não saberia fazer outra coisa.

UT: Categoria 12: Demonstra realização profissional.

Sujeito 07

SE: Eu gostava também de ajudar... De auxiliar... Então eu me vi na profissão, tá?(sic)

UT: Categoria 08: Demonstra o gosto de cuidar, de auxiliar pessoas.

SE: Eu gostava também de ajudar... De auxiliar... Então eu me vi na profissão, tá?(sic)

UT: Categoria 03: A escolha da profissão Enfermagem, área da saúde, pelo gosto de cuidar, de auxiliar pessoas.

SE: Eu realmente gosto do que eu faço.

UT: Categoria 12: Demonstra realização profissional.

SE: A teoria é muito diferente da prática, né?(sic) Principalmente assim, quando você lida assim, (sic) com a morte, com as ansiedades do paciente, isso acho que ficou um pouco a desejar...

UT: Categoria 05: Acredita que o Curso de Graduação deixou um pouco a desejar quanto a conteúdos curriculares, envolvendo a difícil realidade psico emocional enfrentada na rotina

do trabalho diário da profissão.

SE: A teoria é muito diferente da prática, né?(sic) Principalmente assim, quando você lida assim, com a morte, com as ansiedades do paciente...

UT: Categoria 09: Expõe a dificuldade de lidar com a ansiedade da morte no que se refere às angústias vivenciadas pelos pacientes atendidos.

SE: A vida de uma enfermeira é bem estressante porque você tem que tar atento(sic) a tudo a teu redor... Você tem que tar(sic) atenta ao que for necessário.

UT: Categoria 10: Expressa o estresse da rotina de trabalho e a responsabilidade da profissão.

SE: Financeiramente acho que fica muito a desejar.

UT: Categoria 07: A expectativa do retorno financeiro da profissão é aquém do esperado.

SE: Às vezes o paciente ta(sic) bem, às vezes ele falece... E, sabe... Às vezes fica a sensação, assim... É... Você lutou, lutou, lutou e no fim você não conseguiu... Que é a vida, né?(sic) Cada um tem o seu dia, né?(sic) O dia D. Um dia você tem que partir...

UT: Categoria 09: Fala da tristeza do sentimento da perda de uma pessoa que esteve sob seus cuidados. Fala também da impotência pessoal e profissional diante da morte como algo que faz parte do destino de todos nós e a sensação de frustração por essa impotência.

Sujeito 08

SE: Não tinha idéia pra(sic) que lado ir. Eu fiz Vestibular pra Medicina, fiz Vestibular pra(sic) Enfermagem.

UT: Categoria 04: Prestou Vestibular para Medicina e Enfermagem.

SE: Entrei em Enfermagem e resolvi seguir o Curso e eu gostei muito dele.

UT: Categoria 05: Gostou do Curso de Graduação em Enfermagem.

SE: Eu fiz Vestibular pra Medicina, fiz Vestibular pra Enfermagem.

UT: Categoria 03: Ambas opções na área da saúde.

SE: Ali eu descobri que minha vocação era atuar com Ensino... Isso contemplaria tudo o que eu queria.

UT: Categoria 12: A certeza da busca pela realização profissional.

SE: As falhas que identifiquei eram principalmente a falta de integração entre o Ciclo Básico e o Profissionalizante.

UT: Categoria 05: Percebeu a falta de integração curricular no Curso de Graduação.

SE: Ela é bem desgastante. A tensão é um componente que está sempre presente para quem trabalha em hospitais. A tensão e a responsabilidade.

UT: Categoria 10: A tensão e a responsabilidade do trabalho da Enfermagem e o conseqüente desgaste físico e emocional.

SE: Gosto muito do que eu faço, sempre gostei.

UT: Categoria 12: Demonstra satisfação e realização profissional.

SE: Sempre me dei bem com isso, recebo avaliações positivas do meu trabalho...

UT: Categoria 13: Expressa a autovalorização profissional e o sentimento de ser valorizado profissionalmente.

Sujeito 09

SE: Antes do Vestibular não. Só amigos que comentavam que achavam legal... Eu nem pensava em Enfermagem, mas me sugeriram e eu acabei prestando.

UT: Categoria 01: Recebeu informações positivas de amigos, sobre a profissão Enfermagem.

SE: Eu sempre gostei de hospital.

UT: Categoria 03: O gosto pelo ambiente hospitalar traduzindo o interesse pela área da saúde.

SE: Aí eu fiquei entre Medicina e Enfermagem. Só que aí eu acabei desistindo da Medicina mesmo. Nem prestei porque aí (sic) amigos começaram a falar... A Medicina é uma profissão muito... Pra mulher principalmente, assim,(sic) muito desgastante... Pra família depois... Plantões... Aí decidi fazer Enfermagem.

UT: Categoria 04: Escolheu a Enfermagem por ponderar sobre as informações negativas, que recebeu de amigos, a respeito de a Medicina não ser uma boa profissão para mulheres, pela sobrecarga de atividades que a mesma oferece.

SE: Você sai crua, né?(sic)... A parte prática e tudo o mais... Mas eu gostei bastante do Curso.

UT: Categoria 05: Gostou bastante do Curso de Graduação, embora tenha sentindo a falta de uma pouco mais de prática.

SE: Claro que têm suas fases... As suas fazer tristes... Principalmente pediatria...

UT: Categoria 09: Refere que existem momentos da profissão que não há como fugir da tristeza, principalmente no trabalho com crianças doentes.

SE: Adoro o meu trabalho e adoro UTI... Não consigo pensar em alguma outra coisa pra fazer... É a minha vida mesmo... Não quero fazer outra coisa.

UT: Categoria 12: Demonstra satisfação e realização profissional no que faz.

Sujeito 10

SE: Não recebi Orientação formal... O que eu tinha, foram assim... Conversar com colegas de escola... De Cursinho... Com professores...

UT: Categoria 01: Refere que recebeu Orientação Profissional não formal através de conversas com colegas e professores do Cursinho Pré-Vestibular.

SE: Eu sempre gostei de cuidar das pessoas, cuidar do outro.

UT: Categoria 08: Demonstra ter tido sempre o interesse por cuidar de pessoas.

SE: Escolhi uma profissão na área da saúde.

UT: Categoria 03: Escolheu Enfermagem por ser uma profissão da área da saúde.

SE: Atendeu. No início eu achava que não era aquilo que eu queria fazer.

UT: Categoria 05: O Curso de Graduação atendeu às expectativas, embora no início do mesmo, ainda conservasse algumas incertezas sobre sua opção pela Enfermagem.

SE: ... Eu tinha pensado em fazer Medicina... Só que daí eu fui descobrindo que o que eu procurava pra mim não era a parte fisiológica... O que eu queria era cuidar do corpo do ser humano.

UT: Categoria 04: Descobriu que não era Medicina a sua verdadeira opção e sim, a Enfermagem, que lhe possibilitaria estar mais próxima d

SE: O que eu queria era cuidar do corpo do ser humano.

UT: Categoria 08: A busca pelo cuidar do ser humano, do ser humano.

SE: Eu gosto muito do que eu faço, eu sou muito realizada.

UT: Categoria 12: Demonstra ser realizada profissionalmente.

SE: É compensador você ser enfermeira, do ponto de vista econômico... É uma profissão que compensa. Eu considero uma profissão muito boa.

UT: Categoria 07: Acredita haver bom retorno financeiro na profissão Enfermagem.

Sujeito 11

SE: Orientação Profissional específica pra escolher carreira foi bem pouco... Fiz Cursinho... Tinha esse tipo de trabalho, mas foi... Pouco na verdade.

UT: Categoria 01: Considerou que a Orientação Profissional que recebeu no Curso Pré-Vestibular deixou a desejar.

SE: Eu escolhi a Enfermagem porque eu pensei que isso iria me propiciar uma proximidade com as pessoas.

UT: Categoria 08: A escolha da profissão Enfermagem como possibilidade de estar próximo,

cuidando das pessoas.

SE: Eu escolhi a Enfermagem porque eu pensei que isso iria me propiciar uma proximidade com as pessoas.

UT: Categoria 03: A escolha da Enfermagem traduzindo estar perto de alguém no ambiente da Saúde.

SE: De uma maneira geral ele atendeu.

UT: Categoria 05: O Curso de Graduação em Enfermagem correspondeu às expectativas do profissional.

SE: A enfermeira traz consigo uma grande responsabilidade. É uma vida até que eu acho que às vezes ela é(sic) um pouco pesada.

UT: Categoria 10: Expressa a sobrecarga de responsabilidades na rotina de trabalho.

SE: Ele não ta(sic) alí somente no cuidado físico... Ele tá(sic) também cuidando do espírito, da alma... Do físico... E por isso eu acho que o enfermeiro é alguém especial.

UT: Categoria 13: A autovalorização profissional.

SE: Quando eu comecei a trabalhar, eu já me sentia extremamente valorizada.

UT: Categoria 13: Sente-se valorizada profissionalmente.

SE: Não me importavam muitos cargos... Remunerações altíssimas porque eu já sabia que isso não acontecia.

UT: Categoria 07: Apresenta conformismo no fato de na profissão de Enfermagem não dispor do retorno financeiro desejado.

SE: Eu já me realizei plenamente enquanto enfermeira.

UT: Categoria 12: Expressa estar, há muito, realizada profissionalmente.

Sujeito 12

SE: A proximidade com o paciente.

UT: Categoria 08: A proximidade com o paciente nas expressões do cuidar.

SE: Via que o enfermeiro ficava muito mais próximo do que o médico.

UT: Categoria 03: A escolha profissional foi dentro da área da saúde.

SE: Via que o enfermeiro ficava muito mais próximo do que o médico.

UT: Categoria 04: A opção pela Enfermagem por considerar que o médico é um profissional distante do paciente.

SE: Sim, bastante.

UT: Categoria 05: Referindo que o Curso de Graduação em Enfermagem correspondeu bastante às expectativas.

SE: É bastante corrido... Turbulenta...

UT: Categoria 10: Aponta para as sobrecargas e responsabilidades da rotina diária de trabalho.

SE: Você tem que estar sempre atualizado, as informações evoluem muito rápido.

UT: Categoria 11: Busca pela atualização na profissão para melhor atender seus pacientes com autonomia profissional.

SE: Eu adoro o que eu faço.

UT: Categoria 12: Encontra realização profissional na profissão escolhida.

SE: Ser enfermeiro é você entender os problemas... É você ter discernimento sobre as prioridades.

UT: Categoria 11: Conhecimento sobre as prioridades que surgem na rotina de trabalho, indicando a autonomia profissional.

Sujeito 13

SE: Não. Mas eu já tinha feito Técnico de Enfermagem no COTUCA, então eu conhecia um pouco da profissão.

UT: Categoria 01: Refere que não recebeu Orientação Profissional, mas que já conhecia um pouco da profissão Enfermagem.

SE: Eu já tinha feito Técnico de Enfermagem no COTUCA.

UT: Categoria 06: Cita ter feito o Curso Técnico no COTUCA, chamando a atenção para o status que isso oferece, já que o mesmo pertence à UNICAMP.

SE: Eu sempre gostei da área hospitalar.

UT: Categoria 03: Gosto pela área hospitalar traduzido pela simpatia pelo ambiente da Saúde.

SE: ... De cuidar, de estar no hospital, de tar(sic) ajudando as pessoas.

UT: Categoria 08: Ajudando as pessoas, cuidando das pessoas.

SE: Sim... Não achava que ia ser tão complexo, que eu aprenderia tanta coisa. Deu pra aprender bastante com o Curso.

UT: Categoria 05: O Curso de Graduação em Enfermagem superou as expectativas.

SE: Comecei direto numa UTI pediátrica... Ela é bem pesada...

UT: Categoria 10: Demonstra a sobrecarga de trabalho.

SE: Comecei direto numa UTI pediátrica... Ela é bem pesada... Me desgastou bastante.

UT: Categoria 09: Revela sofrimento e tristeza pelas vivências do trabalho numa UTI pediátrica.

SE: Sim, é compatível.

UT: Categoria 12: Afirma que a profissão de Enfermagem é compatível com sua realização profissional.

Sujeito 14

SE: Um dia, na Escola que eu fazia Cursinho, foi uma orientadora e aplicou o teste em todos os alunos... E ela me chamou falando que eu não dava pra área de biológicas... Aí eu sofri um acidente de carro e eu conheci uma enfermeira (sic)... Eu gostei muito daquela enfermeira.

UT: Categoria 01: Recebeu Orientação Profissional confusa e depois aconteceu a admiração e influência de uma enfermeira que conheceu.

SE: Eu queria fazer Medicina... Eu tava(sic) me preparando realmente pra Medicina... Mas eu conheci essa enfermeira e a profissão que ela fez(sic)...

UT: Categoria 04: Pensou em fazer Medicina, mas se encantou com o que viu na profissão Enfermagem com o exemplo da enfermeira que conheceu.

SE: Eu gostei muito daquela enfermeira... E a profissão que ela fez(sic)... Lidar com o paciente... Conversar com o paciente... Ajudar...

UT: Categoria 08: Expôs o exemplo da enfermeira com relação aos cuidados com os pacientes.

SE: Eu gostei muito daquela enfermeira... E a profissão que ela fez(sic)...

UT: Categoria 03: O cuidado realizado na área de saúde.

SE: Atendeu... O Curso atendeu às minhas expectativas.

UT: Categoria 05: Refere que o Curso de Graduação atendeu às suas expectativas.

SE: É. É compatível.

UT: Categoria 12: A profissão Enfermagem é compatível com sua realização profissional.

SE: Na assistência, eu tenho certeza... Eu recebo a gratificação. Tenho um retorno bom.

UT: Categoria 13: A satisfação profissional reflete-se na autovalorização profissional e o

sentir-se valorizada por seus pacientes.

Sujeito 15

SE: Na verdade, eu que fui atrás de tá(sic) conhecendo um pouco mais da profissão.

UT: Categoria 01: Busca individual por informações sobre a profissão Enfermagem.

SE: Eu tenho um primo que é médico e ele é casado com uma enfermeira. E até então eu tava(sic) interessada em Medicina e fui conversar com ele tudo... E aí é que eu fiquei conhecendo e Enfermagem como Faculdade mesmo... E aí eu me apaixonei.

UT: Categoria 04: Interessou-se por fazer Medicina, mas ao conhecer mais sobre a profissão Enfermagem preferiu essa última.

SE: E aí eu me apaixonei. Sou realizada hoje em dia.

UT: Categoria 12: É realizada profissionalmente.

SE: Eu tenho um primo que é médico... Fui conversar com ele tudo...

UT: Categoria 02: Houve o esclarecimento de um familiar médico sobre a profissão Enfermagem.

SE: Acho que esse contato direto com o paciente... Conhecê-lo e estar o tempo todo do seu lado do seu plantão... Do lado dele...

UT: Categoria 08: Gostar de estar ao lado do paciente, cuidando-o.

SE: Atendeu minhas expectativas, porém... Em termos de prática acho que fica um pouco pendente.

UT: Categoria 05: O Curso de Graduação em Enfermagem atendeu às expectativas, mas sentiu falta de mais prática.

SE: A responsabilidade é muito grande, muitíssimo grande mesmo. Antes de entrar não imaginava que fosse tão grande a responsabilidade do enfermeiro.

UT: Categoria 10: Sente o peso da responsabilidade da profissão, não identificada durante o Curso de Graduação.

SE: Os enfermeiros... São poucos os que ficam apenas num emprego. Normalmente acabam tendo mais de um, né?(sic)

UT: Categoria 07: Alguns enfermeiros têm mais de um emprego para aumentar sua renda.

SE: Sou muito realizada profissionalmente.

UT: Categoria 12: Mostra-se realizada profissionalmente.

SE: Acho que o que falta um pouco é assim... Pra população tá(sic) conhecendo um pouco mais do trabalho da enfermeira... Eu acho que poderia tar(sic) divulgando um pouco mais..

UT: Categoria 13: Gostaria de ser mais bem valorizada profissionalmente.

Sujeito 16

SE: Eu sempre gostei da área da saúde.

UT: Categoria 03: Interesse profissional pela área da saúde.

SE: Prestei Vestibular pra Enfermagem e eu passei na Medicina da PUC... Mas não tinha dinheiro então vim fazer Enfermagem aqui...

UT: Categoria 04: Não cursou Medicina por não ter condições financeiras para pagar o Curso.

SE: Os professores já disseram pra(sic) gente que as coisas não eram só como a gente aprendia na Faculdade.

UT: Categoria 05: O Curso de Graduação em Enfermagem correspondeu às expectativas e refere que o mesmo foi esclarecedor quanto à realidade da rotina de trabalho, ser além do oferecido no mesmo.

SE: Nós temos autonomia de certa parte, mas por outra parte não temos... A gente tá(sic) sempre na linha de batalha, entre a equipe e a chefia, entre os médicos e entre os pacientes... É

gratificante, apesar de você não ter autonomia.

UT: Categoria 11: Refere que apesar de poder resolver algumas coisas da rotina do trabalho, não se sente com autonomia profissional suficiente.

SE: O que dá pra(sic) gente resolver, com certeza a gente fica, assim, bem gratificada, fica satisfeita.

UT: Categoria 13: Apresenta sentimento de autovalorização.

SE: Acho que eu quero fazer outra Faculdade.

UT: Categoria 12: Gostaria de buscar outra profissão. Não confirmou sentir realização profissional.

SE: Acho que eu quero fazer outra Faculdade. Tô(sic) pensando em Nutrição. Aí eu posso abrir meu consultório...

UT: Categoria 11: Interesse em buscar autonomia profissional em outra profissão.

SE: Aí eu posso abrir meu consultório... Orientar, dar mais atenção pra pessoa(sic)...

UT: Categoria 10: Demonstra sentir a sobrecarga do trabalho interferindo no seu desejo de dar mais atenção aos pacientes atendidos no dia-a-dia.

SE: Às vezes você quer *chutar o balde*, né?(sic) Mas o pé no chão não deixa.

UT: Categoria 07: Às vezes sente vontade de abandonar a profissão, mas não o faz por questões financeiras.

Sujeito 17

SE: Eu fiz Técnico de Enfermagem antes então, talvez a Orientação tenha sido prática.

UT: Categoria 01: Refere que a sua prática profissional como Técnica de Enfermagem foi esclarecedora, talvez servindo como Orientação Profissional.

SE: Acabei optando porque eu passei em Enfermagem. Não passei em Medicina que eu queria na

época... Prestei Medicina durante dois anos e aí não consegui, aí eu passei aqui, entrei direto e aí eu achei que era a minha missão mesmo.

UT: Categoria 04: Resolveu fazer Enfermagem porque não passou em Medicina, apesar de ter prestado Vestibular por dois anos. Achou melhor conformar-se por não ter passado e aceitar a Enfermagem como destino profissional.

SE: Acabei optando porque eu passei em Enfermagem. Não passei em Medicina que eu queria na época...

UT: Categoria 03: Ambas as profissões, Medicina ou Enfermagem, correspondem à área da saúde.

SE: Pela experiência de Técnico eu não queria fazer Enfermagem, não me era agradável...

UT: Categoria 12: Desde a época em que era Técnico de Enfermagem não se sente feliz na profissão.

SE: Como enfermeira tenho muito mais autonomia... Acho que eu tenho um campo muito mais vasto, realmente, do que eu tinha, do que eu imaginava.

UT: Categoria 11: Sente-se com autonomia profissional e reflete que esse fato supera suas expectativas e ansiedades profissionais.

SE: Acho que até superou.

UT: Categoria 05: Referindo-se às expectativas quanto ao Curso de Graduação, acredita que foram superadas.

SE: O da UNICAMP... O da UNICAMP, ele é muito bom.

UT: Categoria 06: Valorização da Instituição UNICAMP através do Curso de Graduação em Enfermagem.

SE: Eu me vejo financeiramente satisfeita.

UT: Categoria 07: Acredita que tem bom retorno financeiro atuando como enfermeira.

SE: Trabalho em torno de 10 a 11 horas por dia e tô(sic) fazendo Mestrado... Tô(sic) estressadíssima. Acho que a gente trabalha muito.

UT: Categoria 10: Sente que a rotina e os encargos da profissão estão lhe sobrecarregando.

SE: Mas é gratificante com relação aos pacientes.

UT: Categoria 08: Gosta de estar com o paciente, cuidando-o.

SE: ... É muito sofrido em relação aos relacionamentos...

UT: Categoria 09: Sente sofrimento e tristeza pela dificuldade de relacionamento com a equipe de trabalho.

SE: Ainda não. Do jeito que ela tá(sic) colocada, mas tô(sic) trabalhando e sei que ela vai me atender em breve. Por isso eu tô(sic) fazendo Mestrado.

UT: Categoria 11: Busca pela autonomia profissional.

SE: Tô(sic) pleiteando uma vaga de Supervisão... É uma coisa que eu quero trabalhar que é liderança, que eu tenho jeito...

UT: Categoria 12: Buscando a realização profissional através de uma posição de liderança.

SE: Tô(sic) pleiteando uma vaga de supervisão... É uma coisa que eu quero trabalhar que é liderança.

UT: Categoria 13: Apresenta busca contínua por valorização profissional.

Sujeito 18

SE: Recebi. Fiz um teste Vocacional no Cursinho e no Colégio que eu estudei... Deu tudo o que eu quisesse... Como todo teste Vocacional.

UT: Categoria 01: Recebeu Orientação Profissional e generalizou os testes dizendo que são todos iguais e sem muita importância.

SE: Para optar mesmo pra esse Curso, foi a UNICAMP, foi o deslumbramento com a UNICAMP.

UT: Categoria 06: A Instituição UNICAMP prevalecendo na escolha profissional.

SE: Todas. Eu tive muita sorte. Era o que eu tinha que fazer mesmo.

UT: Categoria 05: O Curso de Graduação em Enfermagem atendeu a todas as expectativas.

SE: Eu faço exatamente o que eu gostaria de fazer...

UT: Categoria 12: Demonstra satisfação e realização profissional.

SE: Eu oriento. Eu que treino para que meus alunos façam assistência.

UT: Categoria 11: Demonstra autonomia em sua prática profissional.

SE: Eu que treino para que meus alunos façam assistência, até a parte administrativa.

UT: Categoria 13: Sente-se autovalorizada e valorizada profissionalmente.

SE: Não ganho o suficiente para fazer isso.

UT: Categoria 07: Demonstra desejar maior retorno financeiro para suas atividades de Enfermagem.

Sujeito 19

SE: Eu fiz Enfermagem porque eu queria alguma coisa na área da saúde.

UT: Categoria 03: Optou por fazer Enfermagem por ser uma das áreas da saúde.

SE: Atendeu sim.

UT: Categoria 05: O Curso de Graduação atendeu às expectativas.

SE: ... O cotidiano, ele é meio corrido, muito carregado.

UT: Categoria 10: Demonstra sentir sobrecarga de trabalho e responsabilidade em sua rotina de trabalho.

SE: Você tem sempre um embate com a equipe médica...

UT: Categoria 11: Tem sempre alguma discussão com a equipe médica sobre determinados procedimentos possíveis de serem tomados.

SE: Você tem sempre um embate com a equipe médica...

UT: Categoria 13: Demonstra sentir desvalorização profissional.

SE: No momento sim. É compatível e eu me sinto muito feliz hoje.

UT: Categoria 12: Demonstra realização profissional em seu momento de vida atual.

SE: Hoje eu acho que eu tenho um bom emprego... Não acho que a gente tenha um salário baixo.

UT: Categoria 07: Está satisfeita com o retorno financeiro que o emprego lhe oferece.

SE: Por mais que eu olhe lá e veja que o paciente precisa de tal medicamento, eu não posso prescrever porque isso é conduta médica.

UT: Categoria 11: Demonstra sentir falta de autonomia profissional e dificuldade em conversar com a equipe médica sobre possíveis condutas a serem tomadas na rotina de trabalho.

SE: Não adianta eu me estressar, ter um *chilique* no corredor porque isso não é da minha competência.

UT: Categoria 08: Demonstra preocupação quanto ao cuidado e bem estar do paciente atendido.

Sujeito 20

SE: Eu resolvi fazer Enfermagem porque eu já conhecia a profissão e queria mais.

UT: Categoria 01: Já tinha informações sobre a profissão e decidiu fazer o Curso de Graduação em Enfermagem.

SE: A partir do momento que eu fui conhecer a área hospitalar...

UT: Categoria 03: Conheceu a área hospitalar e se interessou em trabalhar no ambiente da Saúde.

SE: Sim... O currículo era perfeito, tinha todas as abordagens. A gente sentiu super satisfeito(sic).

UT: Categoria 05: Conforme seu discurso, o Curso de Graduação formou profissionais satisfeitos com o mesmo.

SE:... Cuidar do paciente...

UT: Categoria 08: Gosto pelo cuidar do paciente.

SE: Hoje o enfermeiro tem que ser especialista mesmo... Fazer Doutorado...

UT: Categoria 11: Busca pela autonomia profissional através dos estudos de Pós-Graduação.

SE: Gosto do meu trabalho. Gosto do que eu faço.

UT: Categoria 12: Gosta do que faz. Sente realização profissional.

Sujeito 21

SE: Algo que fosse na área da saúde.

UT: Categoria 03: Interesse na área da saúde.

SE: ... Minha mãe é Auxiliar de Enfermagem.

UT: Categoria 01: Conhecimento da Enfermagem através do trabalho da mãe.

SE: ... Minha mãe é Auxiliar de Enfermagem... Eu gostava do trabalho dela.

UT: Categoria 02: Sempre gostou do trabalho da mãe, demonstrando a influência familiar na sua opção profissional.

SE: A fundamentação teórica é boa, mas a gente sai com pouca vivência prática.

UT: Categoria 05: Refere que a fundamentação teórica do Curso de Graduação em Enfermagem foi boa, mas sentiu falta de mais prática.

SE: É um dia-a-dia muito corrido... A gente lida com uma série de responsabilidades.

UT: Categoria 10: Demonstra ter uma rotina de trabalho sobrecarregada e repleta de

responsabilidades.

SE: Eu esperava que a gente tivesse a chance de fazer mais assistência.

UT: Categoria 08: Expressa sentir falta de prestar mais assistência, de cuidar mais de pacientes.

SE: Eu acho que no dia-a-dia, nas pequenas coisas, eu me realizo.

UT: Categoria 12: Demonstra realização profissional na sua rotina de trabalho.

SE: ... A gente tem muita dificuldade de se sentir valorizado, de ter reconhecimento do seu trabalho... Então isso é uma coisa que tem me incomodado, né?(sic)... Pra mim, o reconhecimento do meu trabalho, o que eu faço, é importante.

UT: Categoria 13: Demonstra sentir falta do reconhecimento e valorização profissional por parte das pessoas no seu ambiente de trabalho.

Sujeito 22

SE: Eu fiz um teste Vocacional no Terceiro Colegial... Eu fiz Técnico de Enfermagem.

UT: Categoria 01: Fez um teste Vocacional no final do Ensino Médio e fez o Curso de Técnico de Enfermagem.

SE: Atendeu... Ficou acima das minhas expectativas.

UT: Categoria 05: O Curso de Graduação em Enfermagem ficou acima de suas expectativas.

SE: É bem puxado, é bem corrido, é estressante...

UT: Categoria 10: Expressa a sobrecarga de trabalho e responsabilidade em sua rotina profissional.

SE: O que eu quero é isso; trabalhar no Pronto Socorro, então, gosto do que eu faço. Eu adoro o Pronto Socorro.

UT: Categoria 12: Demonstra ser realizado profissionalmente.

SE: Trabalhar no Pronto Socorro.

UT: Categoria 03: Trabalhar no Pronto Socorro que faz parte da área da saúde.

SE: Trabalhar no Pronto Socorro.

UT: Categoria 08: Trabalhar no Pronto Socorro onde se cuida de pessoas em situações críticas e emergenciais de saúde.

Sujeito 23

SE: Recebi... No meu colégio. Não sei se me ajudou de alguma forma, mas recebi.

UT: Categoria 01: Recebeu Orientação Profissional, mas não reconhece como fator decisivo para sua escolha profissional.

SE: Eu prestei Vestibular para Medicina Veterinária na USP e aqui na UNICAMP, acabei na Enfermagem. Foi a única que eu passei...

UT: Categoria 03: Vestibular para Veterinária e Enfermagem. Ambas as profissões da área da saúde.

SE: Eu prestei Vestibular para Medicina Veterinária na USP e aqui na UNICAMP, acabei na Enfermagem. Foi a única que eu passei... Eu me apaixonei.

UT: Categoria 12: Expressa satisfação e realização profissional.

SE: Sim... Eu não me imagino fazendo outra coisa.

UT: Categoria 05: Sim, o Curso de Graduação correspondeu às expectativas.

SE: Eu não me imagino fazendo outra coisa.

UT: Categoria 12: Demonstra realização profissional.

SE: Eu gosto muito de poder tá(sic)... De alguma forma fazendo diferença para esse paciente, para essa pessoa...

UT: Categoria 08: Expressa satisfação em cuidar de pacientes na sua rotina de trabalho.

SE: De alguma forma fazendo diferença para esse paciente, para essa pessoa...

UT: Categoria 13: Demonstra autovalorização profissional e expectativa de ser valorizada por parte dos pacientes atendidos.

SE: ... Tem uma parte difícil, de sacrifício, de vivenciar a dor... A morte.

UT: Categoria 09: Refere que existem momentos difíceis na rotina de trabalho, como por exemplo, o momento da dor da morte e da perda de seus pacientes.

SE: ... Tem uma parte difícil, de sacrifício, de vivenciar a dor... A morte. Mas por outro lado, é muito gostoso, porque nesse momento você pode fazer algo mais por essa pessoa, nem que seja trazer o conforto, pega(sic) na mão... Tar(sic) do lado, né?(sic)

UT: Categoria 13: Expressa autovalorização por poder oferecer algo ao paciente em seu momento derradeiro.

SE: Tar(sic) do lado, né?(sic)... Estar dando conforto...

UT: Categoria 08: Demonstra se sentir bem em poder cuidar do paciente mesmo que o mesmo esteja vivendo seus últimos momentos de vida.

SE: Estar dando conforto... É muito gratificante.

UT: Categoria 12: Expressa realização profissional em sua atuação como enfermeira.

SE: ... Essa rotina diária do plantão... É muito desgastante.

UT: Categoria 10: Rotina de trabalho desgastante.

SE: A minha profissão... De boca cheia: sou enfermeira.

UT: Categoria 12: Demonstra autovalorização profissional.

Sujeito 24

SE: Atendeu... Gostei muito do Curso daqui.

UT: Categoria 05: O Curso de Graduação em Enfermagem correspondeu às expectativas.

SE: ... É uma coisa que exige muito da gente, uma responsabilidade muito grande.

UT: Categoria 10: Expõe a sobrecarga de trabalho e responsabilidade na rotina de trabalho da Enfermagem.

SE: A profissão é.

UT: Categoria 12: Refere estar realizada profissionalmente.

SE: Nem sempre todo mundo estimula a gente a continuar progredindo...

UT: Categoria 13: Expressa desejo de ser valorizada pessoal e profissionalmente.

Sujeito 25

SE: Eu era vizinha de uma enfermeira... Antes de prestar Enfermagem, optar pela Enfermagem, eu fui alguns dias com ela trabalhar lá no serviço dela.

UT: Categoria 01: Acredita que recebeu Orientação Profissional de maneira indireta através da observação do trabalho de uma enfermeira – sua vizinha.

SE: Eu gostava muito da área da saúde.

UT: Categoria 03: Opção profissional por gostar da área da saúde.

SE: Não. Deixou muito a desejar... Eu fiquei muito decepcionada quando entrei na Faculdade.

UT: Categoria 05: Refere que o Curso de Graduação em Enfermagem não atendeu às suas expectativas.

SE: Um final de semana onde você se mata de trabalhar porque não tem escolha.

UT: Categoria 10: Refere a sobrecarga de trabalho como inevitável em sua vida como

enfermeira.

SE: Eu gosto muito de ser enfermeira, de cuidar, de orientar, zelar pelo paciente.

UT: Categoria 08: Gosto pelo cuidar de pacientes.

SE: ... Hospital... Sempre quis trabalhar aqui...

UT: Categoria 03: O hospital representando o desejo realizado de trabalhar na área da saúde.

SE: A profissão de Enfermagem é.

UT: Categoria 12: Refere realização Profissional.

SE: A Enfermagem traz junto com ela um desgaste emocional grande... Você lida com muita tristeza... Dor... Muita agonia... É você entrar aqui e ver gente morrendo... Família chorando...

UT: Categoria 09: O desgaste emocional na rotina do trabalho da Enfermagem, vivenciado pela morte de pacientes, pelo sofrimento do outro.

SE: Acho que devia(sic) existir, dentro do hospital, um suporte psicológico... A gente lida com a morte... Muito difícil...

UT: Categoria 09: Expressa a dor da vivência profissional com a morte.

SE: Acho que deveria ter um espaço para que os funcionários colocassem suas angústias.

UT: Categoria 10: Refere a sobrecarga de responsabilidades da profissão.

Sujeito 26

SE: Recebi... Eu fiz no Cursinho o teste Vocacional. Fiz Técnico de Enfermagem...

UT: Categoria 01: Recebeu Orientação Vocacional no Curso Pré-Vestibular e fez Técnico de Enfermagem.

SE: Na verdade eu queria fazer Medicina...

UT: Categoria 04: Refere que queria fazer Medicina.

SE: Eu já vou fazer porque tá(sic) na área da saúde.

UT: Categoria 03: Pensou na profissão Enfermagem porque está incluída na área da saúde.

SE: Essa questão do cuidar... Eu sempre achei muito legal.

UT: Categoria 08: Sempre gostou da questão do cuidar do outro.

SE: Sim... Eu acho que quatro anos não consegue abordar, sabe... Tudo o que seria interessante.

UT: Categoria 05: O Curso de Graduação em Enfermagem atendeu às expectativas, mas acredita que o mesmo poderia ser mais extenso para poder contemplar mais assuntos pertinentes à área.

SE: Você tem a satisfação de... Cuidar.

UT: Categoria 08: A satisfação do cuidar do paciente.

SE: O que é chato... É que essa profissão... Sei lá... Acho que até desvalorizada(sic)... Desrespeitada em alguns aspectos.

UT: Categoria 13: Considera que a profissão é desvalorizada e desrespeitada em alguns aspectos, mas também se sente feliz em ser enfermeira, se autovalorizando.

SE: Gosto do que eu faço, mas, dizer, estou realizada, ainda não.

UT: Categoria 12: Gosta do que faz, mas ainda busca a realização profissional.

Sujeito 27

SE: Eu estudava num Colégio... Tinha uma professora que era freira espanhola... Ela era Técnica de Enfermagem... Ela contava as histórias dos pacientes... Eu tenho uma tia que é enfermeira...

UT: Categoria 01: Recebeu influência quanto à opção profissional por parte uma professora que era Técnica de Enfermagem.

SE: Eu tenho uma tia que é enfermeira...

UT: Categoria 02: Tem uma tia que é enfermeira.

SE: Sim. A carga teórica era muito grande. A gente não tinha contato com a realidade do hospital.

UT: Categoria 05: O Curso atendeu às expectativas embora tenha percebido falta de mais prática.

SE: Você vai... Vai na coisa assim(sic)... Que você não percebe que tá(sic) numa situação de estresse...

UT: Categoria 10: Expressa a sobrecarga e responsabilidades da rotina de trabalho, vivenciados em situação de estresse.

SE: Por questão salarial, eu andei prestando alguns concursos, aí(sic), em cidades que pagavam mais.

UT: Categoria 07: A busca por melhores salários, por maior retorno financeiro em sua área de atuação.

SE: Hoje eu acho que é.

UT: Categoria 12: Considerado que atualmente é realizado profissionalmente.

Sujeito 28

SE: Meu irmão fazia Medicina na época e eu queria fazer Medicina...

UT: Categoria 04: Pensou em fazer Medicina como o irmão.

SE: Mas aí(sic), quando ele começou o internato, eu vi que era uma coisa muito puxado, pelo menos pra mulher(sic), então eu optei por fazer Enfermagem mesmo.

UT: Categoria 02: A influência do irmão, em sua prática em Medicina, como decisiva na sua opção por Enfermagem.

SE: Meu irmão fazia Medicina na época e eu queria fazer Medicina... Mas aí(sic), quando ele começou o internato, eu vi que era uma coisa muito puxado(sic), pelo menos pra(sic) mulher, então eu optei por fazer Enfermagem mesmo.

UT: Categoria 01: Teve oportunidade de observar a prática da Medicina, através de seu irmão e resolveu optar pela Enfermagem.

SE: Meu irmão fazia Medicina na época e eu queria fazer Medicina... Eu vi que era uma coisa muito puxado(sic)... Então eu optei por fazer Enfermagem mesmo.

UT: Categoria 03: Ambas as opções pertencem à área da saúde.

SE: Sim. Eu vi que a minha Faculdade foi muito boa. Lógico que a prática a gente vai aos pouco adquirindo(sic).

UT: Categoria 05: O Curso de Graduação em Enfermagem correspondeu às suas expectativas.

SE: É. Tô(sic) aonde eu queria, como eu queria, consegui chegar onde eu queria(sic).

UT: Categoria 11: Expressa sentir-se bem, com autonomia profissional.

SE: Eu posso dizer que eu tenho realização profissional.

UT: Categoria 12: Refere realização profissional.

SE: Não ganho tanto porque aqui ser um hospital Escola, Universidade.

UT: Categoria 07: Acredita que, apesar de o retorno financeiro não ser o suficiente como gostaria, se conforma por considerar que seu local de trabalho é um hospital Escola.

SE: Queria fazer Medicina, mas aí eu pensei: é muito puxado, fui fazer Enfermagem.

UT: Categoria 04: Escolheu fazer Enfermagem em detrimento à Medicina por pensar que seria uma profissão mais tranqüila de se exercer.

Sujeito 29

SE: Eu sempre gostei dessa área de cuidado, de cuidar.

UT: Categoria 08: Sempre gostou do cuidar do outro.

SE: Eu achava que o que tinha a ver com o cuidado, dentro das profissões, era Enfermagem.

UT: Categoria 01: Pensando no cuidar do outro, buscou informações e optou pelo Curso de Enfermagem.

SE: Eu sempre gostei dessa área de cuidado, de cuidar.

UT: Categoria 03: Sempre gostou da área da saúde, do cuidar do outro.

SE: O Curso de Graduação não atendeu às expectativas porque tudo o que eu aprendi de controle de infecção hospitalar, foi na realidade, na prática.

UT: Categoria 05: Acredita que o Curso de Graduação não correspondeu às expectativas, pois considera que o mesmo não foi suficiente para a sua prática profissional.

SE: Eu acho que o enfermeiro tem que se manter atualizado, independente da área que ele trabalha.

UT: Categoria 11: Expressa a necessidade da busca pela autonomia profissional na Enfermagem.

SE: Eu gosto demais do que eu faço(sic).

UT: Categoria 12: Sente-se satisfeito e realizado profissionalmente.

SE: Eu encontrei uma área que realmente me realizei profissionalmente.

UT: Categoria 13: Expressa realização profissional.

SE: Algumas pessoas... Pode ser que na assistência direta ao paciente, se frustrem, por ver que a doença continua acontecendo, né?(sic)

UT: Categoria 09: Lembra a tristeza profissional da frustração de ver que alguns pacientes não alcançam a cura.

Sujeito 30

SE: Eu já pendia, eu já tinha intensão de fazer Enfermagem... Já conhecia a profissão...

UT: Categoria 01: Refere que já conhecia a profissão Enfermagem e, portanto, já tinha a intensão de cursá-la.

SE: Eu tenho uma história de enfermeiras na família... Minha avó... Minha tia...

UT: Categoria 02: História de enfermeiras na família influenciando em sua opção profissional.

SE: Eu tinha comigo o desejo de trabalhar na área da saúde.

UT: Categoria 03: Interesse pela área da saúde.

SE: Eu já conhecia o papel. Eu tinha um pouquinho de noção do que era cuidar.

UT: Categoria 08: Interesse e gosto pelo cuidar de pacientes.

SE: O Curso da UNICAMP em Enfermagem deu a oportunidade de conhecer outras coisas(sic).

UT: Categoria 06: Valoriza o status da Instituição UNICAMP.

SE: Eu participei da Comissão de Graduação, isso mesmo, da Comissão de Graduação do Departamento.

UT: Categoria 13: Demonstra autovalorização profissional.

SE: Eu acho que atendeu sim.

UT: Categoria 05: Acha que o Curso de Graduação em Enfermagem atendeu às suas expectativas.

SE: No dia-a-dia, uma tomada de decisão...

UT: Categoria 11: Demonstra autonomia em tomar decisões em sua rotina de trabalho.

SE: Eu me sinto uma profissional realizada.

UT: Categoria 12: Expressa sentir realização profissional.

SE: Eu me sinto uma profissional realizada.

UT: Categoria 13: Demonstra autovalorização profissional.

SE: Financeiramente existe uma questão complicada, mas eu percebo que não é só na Enfermagem.

UT: Categoria 07: Acha que o retorno financeiro é insuficiente, mas acredita que isso não acontece somente na sua profissão.

SE: Eu não tenho a pretensão de dar conta dos trinta e seis do mesmo jeito que eu dou conta de dezoito. Não dou conta.

UT: Categoria 10: Refere sobrecarga de trabalho e responsabilidades na sua rotina de Enfermagem.

SE: É opção minha ficar na assistência.

UT: Categoria 08: Prefere cuidar de pacientes a exercer outras funções pertinentes à Enfermagem.

SE: Essa busca constante pela autonomia...

UT: Categoria 11: Busca constante pela autonomia profissional.

SE: ... Gosto demais, muito.

UT: Categoria 12: Expressa sentir-se satisfeita e realizada profissionalmente.

Sujeito 31

SE: No Cursinho eles tinham aulas de Orientação Profissional. Eles davam palestras. Eu tinha feito o Curso de Técnico.

UT: Categoria 01: Recebeu Orientação Profissional e palestras informativas no Curso Pré-Vestibular e era Técnica de Enfermagem.

SE: O Curso... Atendeu sim. A Faculdade dá uma boa base... Quando você sai pro(sic) mercado de trabalho... Então isso deixa um pouco a desejar...

UT: Categoria 05: O Curso de Graduação atendeu às expectativas, mas refere ter tido pouca prática.

SE: O trabalho do enfermeiro consiste nisso, no gerenciamento do cuidado voltado ao paciente.

UT: Categoria 08: O cuidar do paciente como a base do trabalho em Enfermagem.

SE: Eu sempre fiz tudo o que eu quis dentro da Enfermagem.

UT: Categoria 11: Expressa autonomia profissional em sua rotina de trabalho.

SE: Eu sempre fiz tudo o que eu quis dentro da Enfermagem.

UT: Categoria 12: Demonstra realização profissional.

SE: Eu sempre fiz tudo o que eu quis dentro da Enfermagem.

UT: Categoria 13: Expressa autovalorização profissional.

SE: O que a gente tem vontade de fazer é sumir. O mundo tá(sic) violento enfim, de outras coisas.

UT: Categoria 10: Demonstra sentir-se sobrecarregada por um trabalho estressante.

SE: O que a gente tem vontade de fazer é sumir. O mundo tá(sic) violento enfim, de outras coisas(sic).

UT: Categoria 09: Demonstra tristeza e desilusão diante da violência do mundo e como isso se reflete em seus pacientes, na sua rotina de trabalho.

Sujeito 32

SE: Antes de fazer a Faculdade, fiz Técnico de Enfermagem no COTUCA.

UT: Categoria 06: Cita ter feito o Curso Técnico no COTUCA, chamando a atenção para o status que isso oferece, já que o mesmo pertence à UNICAMP.

SE: Antes de fazer a Faculdade, fiz Técnico de Enfermagem no COTUCA.

UT: Categoria 01: A Orientação Profissional inserida na própria formação de Técnico em Enfermagem.

SE: Acho que não totais.

UT: Categoria 05: O Curso de Graduação não correspondeu a todas as expectativas.

SE: Eu acho que a gente espera muito da Universidade, do Curso.

UT: Categoria 06: Demonstra frustração quanto à expectativa pelo Curso oferecido pela Instituição UNICAMP.

SE: Eu gosto muito do que eu faço.

UT: Categoria 12: Demonstra realização profissional

SE: A gente tem muitas tristezas. Às vezes você se depara com coisas que você se sente impotente frente à determinadas situações(sic).

UT: Categoria 09: Demonstra sentir tristeza em não conseguir resolver algumas situações da rotina de seu trabalho no atendimento aos pacientes.

SE: Mas eu espero retribuir aquilo que eles me dão.

UT: Categoria 08: Demonstra sentimento de gratidão quanto ao retorno dos pacientes com relação aos cuidados prestados durante a assistência.

SE: Mas eu espero retribuir aquilo que eles me dão.

UT: Categoria 13: Refere que os pacientes valorizam o seu trabalho.

SE: Eu fiquei triste, mas a gente vai, vai aprendendo(sic) com o tempo.

UT: Categoria 09: Refere tristeza a respeito de situações dolorosas vivenciadas em sua rotina de trabalho.

SE: A gente tem algumas decepções na área da saúde.

UT: Categoria 03: Expressa sentir frustração profissional devido à expectativa de se realizar na área profissional escolhida, ou seja, a área da saúde.

Sujeito 33

SE: Eu acho que é o cuidado. Acabei escolhendo a Enfermagem pelo cuidado.

UT: Categoria 08: Interesse em cursar Enfermagem pelo cuidado ao outro.

SE: Minha irmã fez Medicina, aí eu sabia que eu não queria Medicina.

UT: Categoria 04: Concluiu que não queria cursar Medicina observando sua irmã.

SE: Eu tinha certeza que era alguma coisa na área de biológicas.

UT: Categoria 03: Demonstra sempre ter tido interesse pela área da saúde.

SE: Eu acho que atendeu sim.

UT: Categoria 05: O Curso de Graduação atendeu às suas expectativas.

SE: É até mesmo um crime falá(sic) de uma baixa remuneração. Não é tão baixo assim na UNICAMP. Mas aí, o que acontece é que você tem que ter sempre mais de um emprego.

UT: Categoria 07: Demonstra sentir-se mal em falar sobre a insuficiência do retorno financeiro, mas considera que às vezes há necessidade de se buscar outro emprego para aumentar a renda desejada.

SE: Eu, junto com minha irmã, organizamos um outro trabalho.

UT: Categoria 11: Busca pela autonomia profissional.

SE: Eu, junto com minha irmã, organizamos um outro trabalho.

UT: Categoria 13: Expõe a busca pela valorização profissional no mercado de trabalho.

SE: Eu, junto com minha irmã, organizamos um outro trabalho.

UT: Categoria 12: Busca pela amplitude da realização profissional que a profissão de Enfermagem pode oferecer.

SE: Eu, junto com minha irmã, organizamos um outro trabalho.

UT: Categoria 07: Busca pelo aumento da renda em sua área de atuação.

SE: Eu, junto com minha irmã, organizamos um outro trabalho. É uma área mais diferente ainda.

UT: Categoria 03: Procura um outro trabalho, mas mantém a área escolhida para sua formação profissional, ou seja, a área da saúde.

SE: Eu faço o que eu gosto.

UT: Categoria 12: Expressa sentir-se realizada profissionalmente.

SE: Eu faço assistência. Eu gosto de assistência.

UT: Categoria 08: Gostar de cuidar de pacientes.

Sujeito 34

SE: A hora que eu vi, tava na lista dos aprovados(sic) e optei por fazer... Teve uma ajudinha da minha mãe(sic).

UT: Categoria 01: Resolveu fazer Enfermagem por incentivo materno.

SE: A hora que eu vi, tava na lista dos aprovados(sic) e optei por fazer... Teve uma ajudinha da minha mãe: “Faz, porque é uma profissão que vai te fazer crescer, vai te servir pra vida”(sic). E aí eu acabei fazendo.

UT: Categoria 02: A influência materna na decisão por fazer o Curso de Graduação em Enfermagem.

SE: Atendeu às expectativas e me fez ficar mesmo na profissão.

UT: Categoria 05: O Curso de Graduação atendeu às expectativas estimulando-o a continuar na profissão Enfermagem.

SE: Eu posso me considerar uma pessoa realizada.

UT: Categoria 12: Considera-se realizada profissionalmente.

SE: Faço o que eu gosto, do jeito que eu gosto, no horário que eu gosto.

UT: Categoria 11: Demonstra autonomia profissional em sua rotina de trabalho.

SE: Faço o que eu gosto, do jeito que eu gosto, no horário que eu gosto.

UT: Categoria 13: Expressa sentimento de autovalorização.

SE: Sou supervisora do serviço.

UT: Categoria 13: Expressa o desejo de ser valorizada e reconhecida profissionalmente.

Sujeito 35

SE: Foi um livro que eu li aos 12 anos. Um romance que tinha uma enfermeira. Achei aquilo a coisa mais linda do mundo(sic).

UT: Categoria 01: Optou fazer Enfermagem por influência da leitura de um romance no início de sua adolescência.

SE: Foi um livro que eu li aos 12 anos. Um romance que tinha uma enfermeira. Achei aquilo a coisa mais linda do mundo.

UT: Categoria 08: Achava linda a atuação da enfermeira em sua função básica que é o cuidar.

SE: Tudo o que eu achava que eu ia ver, eu vi.

UT: Categoria 05: Refere que o Curso de Graduação em Enfermagem atendeu às suas expectativas.

SE: Você sempre acha que você tá(sic) fazendo menos do que realmente gostaria de tá(sic) fazendo. Você não consegue às vezes, fazer tudo aquilo que você enxerga que deveria tá(sic) sendo feito.

UT: Categoria 10: Expõe o sentimento da sobrecarga e responsabilidades no trabalho, sobrepondo-se ao seu limite individual de trabalho.

SE: Profissionalmente eu sou realizada.

UT: Categoria 12: Demonstra ser realizada profissionalmente.

SE: Têm muitas áreas que eu me daria bem... Biologia...

UT: Categoria 03: Refere que se daria bem em outras áreas de atuação, como por exemplo, Biologia, ou seja, mantendo-se na área da saúde.

SE: A nossa população... Quando nada mais deu certo, fala: “Eu vou pra UNICAMP porque lá vai dar certo”.

UT: Categoria 06: Reforça a expectativa da população sobre o status da Instituição UNICAMP.

4.4. RESUMO DAS CATEGORIAS

Categoria 01 – A Orientação Profissional para a Escolha da Profissão Enfermagem.

Dos 26 sujeitos, identificados nessa Categoria, 10 receberam Orientação Profissional.

Essa Categoria apareceu nas unidades de discursos como tendo ocorrido a opção pela Enfermagem, em sua maioria, de maneira indireta, sem a Orientação Profissional propriamente dita, ou seja, através de busca pessoal, de informações a respeito da profissão Enfermagem, do conhecimento do trabalho de profissionais da área da saúde, além de experiências pessoais relacionadas a essa profissão, influências familiares e a história de cada um antes do Vestibular.

Alguns desses sujeitos tinham a formação em Técnico de Enfermagem antes do Vestibular, fato esse, que os familiarizaram com a profissão escolhida, ou seja, a opção pelo Curso de Graduação em Enfermagem.

Categoria 02 - A Influência Familiar na Escolha pela Graduação em Enfermagem.

Com relação à influência da família na opção pela Graduação em Enfermagem, 7 sujeitos estiveram expostos à influência familiar em suas decisões. Essa influência se deu através de exemplos profissionais e opiniões de familiares, tais como: pais, mães, irmãos, irmãs, tias, primos e avós.

Categoria 03 – O Interesse Profissional pela Área da Saúde.

No que diz respeito ao interesse pela área da saúde como decisivo na escolha da profissão, 29 dos 35 sujeitos entrevistados optaram pela Enfermagem por reconhecê-la como sendo pertencente à área na qual tinham interesse em trabalhar.

Categoria 04 – As Opções Profissionais: Enfermagem x Medicina.

Entre os 35 sujeitos, 13 se destacaram nessa Categoria referindo que, embora tendo pensado em Medicina, cursaram Enfermagem por considerar que a Medicina seria um caminho difícil e, na opção escolhida, poderiam encontrar também a realização profissional. Outros não fizeram Medicina por não passarem no Vestibular e, passando na Enfermagem, acabaram gostando do Curso e ali permaneceram até sua conclusão.

A opção pela Enfermagem também prevaleceu por ser considerada uma profissão que proporciona maior proximidade do paciente que a Medicina, e ainda, houve 1 sujeito que não cursou Medicina por não ter condições financeiras para manter-se na Faculdade particular onde passou no Exame do Vestibular.

Categoria 05 – A Correspondência do Curso de Enfermagem quanto às Expectativas Profissionais.

Nessa Categoria, foi verificado se o Curso de Graduação, oferecido pela Faculdade de

Enfermagem da UNICAMP, correspondeu às expectativas profissionais atuais. Dos 35 sujeitos entrevistados, 32 referiram que tiveram suas expectativas correspondidas, porém observando aspectos que, na opinião de alguns, poderiam ter sido mais bem trabalhados, ou seja: as práticas de assistência direta a pacientes graves, exploração de conteúdos sobre temas específicos atuais e maiores informações sobre procedimentos em saúde mental.

Dentro do universo total dos entrevistados, 2 sujeitos não tiveram suas expectativas sobre o Curso correspondidas e 1 sujeito considerou que o Curso de Graduação foi regular e insuficiente para sua prática profissional atual.

Categoria 06 – Status Oferecido pela Instituição UNICAMP.

Dos 35 entrevistados, 10 sujeitos referiram em seus discursos, a satisfação de terem feito o Curso de Graduação nessa Instituição, sendo que, 3 sujeitos, optaram por cursar Enfermagem ao passar no Vestibular da UNICAMP.

Entre esses 10 sujeitos, 4 citaram terem cursado o Técnico de Enfermagem no COTUCA, valorizando o status que isso significa, considerando que o mesmo pertence à UNICAMP.

Ainda, 1 entre os sujeitos identificados nessa Categoria, demonstrou frustração quanto à expectativa pelo Curso oferecido por essa Instituição.

Categoria 07 – O Retorno Financeiro.

Quanto ao retorno financeiro esperado pela profissão, dos 14 sujeitos identificados nessa Categoria, 6 sentem-se satisfeitos e consideraram que o mesmo está de acordo com o esperado.

Porém, 8 entre esses 14, não estão felizes com o retorno financeiro, que se apresenta aquém do esperado por seus trabalhos desenvolvidos no hospital.

Categoria 08 – A Busca pelo Cuidar do Outro.

O desejo e a satisfação pelo cuidar do outro, correspondeu aos discursos de 25 dos 35 sujeitos entrevistados. Todos expressaram o interesse, o desejo, a satisfação e o prazer de estarem próximos do paciente, cuidando-o, auxiliando-o, assistindo-o, profissionalmente e

proporcionando-lhe bem estar, seja na manutenção de rotinas de trabalho, seja em situações de emergências ou até em momentos da morte de seus assistidos.

Entre esses sujeitos, 1 demonstrou sentir gratidão por poder estar realizando a assistência e o cuidar dos outros com a Enfermagem.

Categoria 09 – A Tristeza e a Morte Presentes na Rotina Profissional.

Como fazendo parte da rotina do trabalho em Enfermagem, essa Categoria foi identificada em 11 dos 35 sujeitos entrevistados, expressada com sentimentos de tristeza, ansiedade e impotência profissional diante da morte e do sofrimento de seus pacientes, principalmente quando os mesmos são crianças.

Alguns sujeitos referiram sofrer tristezas também com as dificuldades no relacionamento com equipes de trabalho.

Categoria 10 – A Sobrecarga de Responsabilidades.

A sobrecarga de trabalho e responsabilidades exigidas pela profissão foi identificada nos discursos de 24 dos 35 sujeitos entrevistados. Tais sujeitos expressaram sentir o excesso de trabalho ininterrupto, sem pausas e, a responsabilidade técnica profissional, como fatores de estresse, causando desgaste físico e emocional.

Dentro desse universo de 24 sujeitos, 2 referiram que o peso da responsabilidade e o contínuo excesso de trabalho na prática da profissão poderiam ser mais bem considerados durante o Curso de Graduação.

Categoria 11 – A Autonomia Profissional.

Foram identificados 16 sujeitos dos 35 entrevistados, onde o assunto autonomia profissional apareceu de maneira diversificada, ou seja: 8 sujeitos referiram total autonomia em suas rotinas de trabalhos, 2, ao contrário, se sentem frustrados, sem poder de decisão quanto à condutas que envolvem seus pacientes, 4 sujeitos, sentindo a falta dessa em suas rotinas de trabalho, foram em busca da atualização profissional e qualificação acadêmica, na expectativa de

poderem reforçar essa liberdade de decisão sobre condutas e procedimentos na sua área de atuação.

Ainda dentro dessa Categoria, 2 sujeitos, com o desejo de se sentirem com autonomia profissional no que se refere ao cuidado e poder de decisão sobre seus pacientes, estudaram e trabalham em outras profissões, também da área da saúde.

Categoria 12 – A Realização Profissional.

Nessa Categoria foram identificados todos os 35 sujeitos entrevistados, sendo que 33 afirmaram sentirem-se realizados e satisfeitos profissionalmente. Dentro do universo dos 35 sujeitos, 2 não estão satisfeitos com a profissão e referiram estar estudando a possibilidade de abandoná-la.

Categoria 13 – A Valorização Profissional.

Quanto à valorização profissional, foram identificados 23 sujeitos dos 35 entrevistados sendo que, 10 sujeitos sentem-se autovalorizados e valorizados em seus trabalhos. Outros 9 sujeitos se sentem autovalorizados, embora não valorizados em seus ambientes de trabalho como gostariam. Foram 2 os sujeitos que expressaram somente sentir a valorização profissional por parte de seus pacientes e, ainda, 2 outros sujeitos referiram sentir total desvalorização profissional em seus ambientes de trabalho.

4. 4. 1. SÍNTESE GERAL DAS CATEGORIAS

A busca pelo cuidar de outro ser humano e o interesse em atuar na área da saúde, foram fatores significativos na escolha da profissão Enfermagem, superando questões como o retorno financeiro desejado, influência familiar ou social na opção pela Graduação, ou até, a referência sobre o status acadêmico e profissional que a Instituição UNICAMP pode significar.

O Curso de Graduação em Enfermagem correspondeu às expectativas da maioria dos 35 sujeitos entrevistados e os mesmos afirmaram sentirem-se satisfeitos e realizados profissionalmente.

Exercer a Enfermagem pode trazer alegria, prazer e satisfação profissional mesmo num trabalho, onde a relação direta com o paciente possa evidenciar aspectos estressantes e desgastantes, expondo desafios ao(à) profissional em suas rotinas de trabalhos. Sentimentos e emoções adversas são trabalhadas e superadas positivamente com a certeza da escolha profissional consciente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito antes de a Enfermagem ser uma Ciência, ela era uma Arte.
Seaman & Verhonick (1982, p.7), apud Almeida & Rocha (1986, p.29).

Durante essa pesquisa onde o objetivo principal foi o de identificar se houve ou não, Orientação Profissional para a escolha da profissão Enfermagem e qual a sua importância para que para que essa opção fosse consciente de suas responsabilidades pessoais e sociais, vários caminhos foram percorridos, inicialmente, conhecendo-se um pouco da história da saúde no mundo.

Foi observado que a preocupação com o processo do cuidar é tão antiga quanto a História da Humanidade. Ao longo das diferentes épocas, os seres humanos, utilizando-se de variados conhecimentos, resgatados muitas vezes, de seus ancestrais, sempre buscaram alternativas para aliviar os sofrimentos de seus povos, fossem os mesmos físicos, psíquicos e espirituais. Desde a história antiga, foram identificados serviços de Enfermagem traduzidos no cuidar, realizado por religiosos, curandeiros, sacerdotes, sacerdotisas, físicos, barbeiros-cirurgiões, pajés e outros.

Nesse processo histórico, Florence Nightingale (1820-1910), filha de família rica da sociedade inglesa, nascida a 12 de maio (atual dia Nacional do Enfermeiro), em Florença, Itália, com seu trabalho na Guerra da Criméia, onde foi considerada a Dama da Lâmpada, por passar horas seguidas nos cuidados aos soldados, inaugurava a Enfermagem como profissão organizada e sistematizada, criando em Londres, a primeira Escola de Enfermagem do ocidente. A Escola nightingaleana passa a ser o modelo para outras Escolas, conferindo à Enfermagem a condição de profissão oficialmente reconhecida.

E assim, em diferentes épocas da história, a Enfermagem, caracterizada como uma profissão unicamente assistencialista no sentido de assistir e cuidar de enfermos, a partir de Florence Nightingale, inicia-se o processo organizacional da profissão, disciplinando seu saber e sua prática, com metodologia elaborada após vivências e observações trazidas da Guerra da Criméia.

No Brasil, com a colonização, os jesuítas foram, gradativamente, tomando o lugar dos pajés e curandeiros locais, abrindo espaço para a inserção de Enfermarias com o objetivo de atenderem nesses locais, todas as pessoas doentes. Nesse contexto, o trabalho dos médicos, auxiliados por escravos e voluntários, foi se expandindo com as inaugurações das Santas Casas,

hospitais estruturados por religiosos, chegando-se na mão-de-obra especializada no cuidar: a Enfermagem.

Foi na cidade do Rio de Janeiro, na preocupação com a Saúde Pública, criada a primeira Escola de Enfermagem do Brasil, recebendo o nome da enfermeira brasileira voluntária de guerra, Ana Néri. Verifica-se, porém, que foi só a partir da II Guerra Mundial que a Enfermagem consolidou-se no Brasil, adquirindo características próprias de acordo com o sonho de Florence, de que essa profissão estivesse envolvida não só com o aspecto do cuidar de pessoas doentes, mas também, em Pesquisa e Projetos de Saúde Preventiva.

Esse passa a ser o marco do estabelecimento dessa profissão e, assim, Cursos foram sendo criados e administrados com a metodologia nightingaleana e, os estabelecimentos hospitalares, foram presenteados com equipes de enfermeiros e enfermeiras preparados profissionalmente para o cuidado dos pacientes.

Com a expansão das Escolas de Enfermagem no Brasil e no mundo, e, com seu crescente número de adeptos, foi se estruturando, com o aprimoramento técnico e intelectual, até chegar à atualidade, onde, cada vez mais, identifica-se como profissão autônoma da área da saúde, independente em seus procedimentos, e trabalhando com diferentes equipes profissionais.

Os(as) profissionais da Enfermagem estão presentes em diferentes segmentos da sociedade, não só em hospitais, como também, em Centros de Saúde, Projetos Comunitários, Escolas, Penitenciárias, Universidades e outros, o que demonstra a diversidade de suas atuações e sua crescente especialização técnica e científica, confirmando a preocupação dos enfermeiros e enfermeiras em firmarem-se como profissionais autônomos, competentes para o trabalho em equipe com objetivo comum, ou seja, a promoção da saúde do ser humano.

Ainda, como peça fundamental da equipe de saúde, que tem a responsabilidade de salvar vidas, gerenciar a assistência voltada ao paciente, cabe ao(a) profissional de Enfermagem, que, além dos conhecimentos técnicos, ultrapassar suas próprias dificuldades pessoais durante o desenvolvimento de suas funções no atendimento a outro ser humano necessitado de seus constantes e ininterruptos cuidados.

A diversidade de trabalhos rotineiros acarreta diferentes tipos de esforços físicos e psicoemocionais nos(as) profissionais, podendo os mesmos, sentirem-se sobrecarregados, necessitados de um contínuo reajustamento na busca de equilíbrio conforme as possibilidades e variáveis psico – sócio – emocionais e espirituais de cada um.

O enfermeiro e a enfermeira são, portanto, profissionais facilitadores de toda a rotina de trabalho na área da saúde, gerenciando o cuidado ao paciente e desdobrando-se em variadas atividades.

Com essa consideração, pode-se refletir sobre a importância da decisão consciente na opção pela Enfermagem, para que a atuação profissional junto ao ser humano, seja adequada e consciente de suas atribuições e responsabilidades.

Assim, a busca pela satisfação e realização profissional corresponde aos próprios interesses e vivências pessoais na vida de cada pessoa. Porém, embora a escolha profissional seja um ato solitário e individual, irá se refletir em sua qualidade de vida e conseqüentemente, no meio social no qual esse(a) profissional está inserido, seja o mesmo, pessoal, envolvendo sua história individual ou, profissional, no desenvolvimento dos serviços de Enfermagem.

No percurso dessa pesquisa, a Análise do Conteúdo, segundo a Professora da Escola Francesa, Laurence Bardin, e o apoio teórico da Ciência Antroposófica, revelaram que a interpretação e a análise dos discursos apontam somente o retrato do momento em que as entrevistas foram realizadas.

Isso porque, são diversos os fatores que levaram os sujeitos a responderem de determinada maneira a cada pergunta feita, por exemplo, responder às entrevistas em seus ambientes e horários de trabalho, pode resultar em respostas relevantes somente no momento da entrevista, além de poderem não ser tão espontâneas quanto o esperado.

Assim, todas as unidades de discurso identificadas, mostraram-se fartas de conteúdos possíveis de serem analisados. Conteúdos esses, identificados nessa pesquisa em 13 Categorias analisadas no contexto de cada sujeito entrevistado.

Porém, vale a pena ressaltar alguns pontos expoentes da análise do conteúdo, nas respostas dos sujeitos, como por exemplo, a questão da autonomia que se manifestou na maioria assinalada na Categoria sobre esse tema. Pode-se observar que vem sendo crescente o sentimento de autonomia profissional, talvez refletindo a formalização e certificação da Enfermagem como profissão independente.

A decisão por fazer o Curso de Graduação em Enfermagem na UNICAMP, pode ter surgido inicialmente, conforme alguns sujeitos, por ser uma Instituição conceituada academicamente e profissionalmente, mas, quase a totalidade dos sujeitos ficou satisfeita com o Curso e considerou que o mesmo contemplou e ainda contempla o fluir de situações da rotina do

trabalho que desenvolvem atualmente.

Foi grande o interesse pela maioria dos sujeitos em estar atuando na área da saúde, no cuidado a outro ser humano, o que sugere uma reflexão sobre a Orientação Profissional antes da escolha de uma profissão onde, a responsabilidade da assistência aos enfermos, exige atenção contínua, expondo situações pessoais do(a) profissional da Enfermagem em seus aspectos psíquicos, sociais, emocionais e espirituais, como por exemplo, as vivências e experiências com a morte de seus pacientes e as decorrentes situações de tristezas e frustrações profissionais.

A atenção sobre em que momento se pode começar o trabalho de Orientação Profissional foi considerado, por alguns sujeitos dessa pesquisa, ao afirmarem que na oportunidade da escolha da profissão, ainda se sentiam muito jovens para tamanha responsabilidade. Acreditam que talvez esse processo de Orientação possa iniciar-se em idades tenras, no início da escolaridade, ainda no Ensino Fundamental, com o envolvimento dos familiares, considerando suas culturas e conhecimentos próprios e, que esse processo e as profissões, fossem apresentadas, mostrando, além de seus papéis, as diversidades de funções possíveis como também, as dificuldades pertinentes às mesmas.

Acrescenta-se que embora alguns sujeitos tenham referido que o retorno financeiro e a valorização profissional não têm acontecido como o desejado, quase todos os sujeitos entrevistados, com exceção de dois, se manifestaram satisfeitos e realizados profissionalmente.

Pode-se concluir, portanto, que apesar de situações adversas ocorrentes no exercício diário da profissão Enfermagem, quase a totalidade dos sujeitos entrevistados nessa pesquisa, tiveram suas expectativas correspondidas no que se refere ao esperado e desejado antes do Vestibular, independente de alguns terem tido a oportunidade de receber Orientação Profissional.

Mesmo assim, não se tem a pretensão de se considerar a análise dessa pesquisa esgotada, pois cada pesquisador detém percepções, olhares e valores individuais, resultando em análises próprias, o que enriquece e legitima a pesquisa acadêmica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Cecília Puntel de; ROCHA, J. S. Y. **O Saber de Enfermagem e sua Dimensão Prática**. São Paulo: Cortez, 1986, 128p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Citação**: NBR – 10520/ago – 2002, Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

BAGNATO, Maria Helena Salgado; COCCO, Maria Inês Monteiro; DE SORDI, Mara Regina Lemes. - **Educação, Saúde e Trabalho**: Antigos Problemas, Novos Contextos, Outros Olhares. Campinas, SP: Editora Alínea, 1999, 132p.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luiz Antero Reto e Augusto Pinheiro, Lisboa: Edições 70 Ltda., Rio de Janeiro, 1977, 229p.

BERNARDES DE OLIVEIRA, A. **A Evolução da Medicina até o Início do Século XX**. São Paulo, SP: Pioneira, 1981.

BLANCO, Gerardo Antonorsi. **O Que é Ser Adulto?** Ensaio. A Metamorfose na Vida da Alma. Uma Contribuição da Antroposofia para o Melhor Aproveitamento das Potencialidades Humanas. Sociedade Brasileira de Médicos Antroposóficos, São Paulo: Antroposófica, Agosto, 1999, 80p.

BRASIL, Leis e Decretos – LDB 5692/71 e LDB 9394/96.

BÜHLER, Walther. **O Corpo como Instrumento da Alma**: na Saúde e na Doença. Quatro Conferências. Tradução Dra. Úrsula Szajewski / Revisão Heinz Wilda. 2ª Edição Reservada: Associação Beneficente Tobias, São Paulo, SP, 1982, 79p.

CAMPEDELLI, Maria Coeli (org.), BENKO, Maria Antorieta; CASTILHO, Valéria; CASTELLANOS, Brigitta E. P; GAIDZINSKI, Raquel Rapone; KIMURA, Miako. **Processo de Enfermagem na Prática**. São Paulo: Ed. Ática SP, 1989.

CARVALHO, Maria Margarida M. J. de. **Orientação Profissional em Grupo: Teoria e Técnica.** Campinas: Editorial Psy, 1995, 260p.

CONSELHO REGIONAL DE ENFERMAGEM DE SÃO PAULO. **Documentos Básicos de Enfermagem: Enfermeiros, Técnicos, Auxiliares.** São Paulo, COREN – SP, 1997, 196p.

CURA, M.L.A.D.; RODRIGUES, A.R.F. **Satisfação Profissional do Enfermeiro.** Ver. Latino-am. Enfermagem, Ribeirão Preto, v.7, n.4, p. 21-28, outubro, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: O dicionário da Língua Portuguesa.** Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Filologia, 3ª edição, Rio de Janeiro, RJ: Editora Nova Fronteira S.A., 1999.

FERRETTI, Celso João. **Opção: Trabalho: Trajetórias Ocupacionais de Trabalhadores das Classes Subalternas.** São Paulo: Cortez & Autores Associados, 1988, 199p.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura na Idade Clássica.** 3ª edição, São Paulo, SP: Editora Perspectiva S.A., 1993, 551p.

_____. **O Nascimento da Clínica.** Tradução de Roberto Machado, 5ª ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998, 241p.

GAUDERER, E. Christian. **Os Direitos do Paciente: Um Manual de Sobrevivência.** – 6ª. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1988, 223p.

GELAIN, Ivo. **Deontologia e Enfermagem.** São Paulo: EPU, 2ª Edição Revisada, 1987, 112p.

GEOVANINI Telma; MOREIRA; Almerinda; DORNELLE, Soraia; MACHADO, Willian. C. A. **História da Enfermagem** – Versões e Interpretações, Livraria e Editora Revinter Ltda, Rio de Janeiro, J, 1995, 205p.

GERMANO, Raimunda Medeiros. **Dossiê: Conhecimento e Educação em Saúde. Percurso Revisitado: O Ensino de Enfermagem no Brasil.** Revista Pró-Posições/ Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. – Campinas, SP, v. 14, n.1, (40), jan./abr. 2003, p. 13-28.

GIACAGLIA, Lia Renata Angelini; PENTEADO, Wilma Millan Alves. **Orientação Educacional na Prática: Princípios, Técnicas, Instrumentos.** 3ª. Ed., São Paulo: Pioneira, 1997, 157p. (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais – Educação).

INSTITUTO CHRISTOPHORUS. Poemas, Pensamentos – **Reflexões para o Nosso Tempo.** Tradução de Herwig Haetinger, Seleção: Grupo Christophorus, Produção: Impressões Gerais. Christophorus: Instituto de Desenvolvimento Humano e Organizacional S/C, São Paulo, SP, 1993.

JOHNSON, Maria Cristina Folmer. **Projeto Pessoal de Vida e Trabalho: A Orientação Profissional na Perspectiva de Orientadores e Orientandos,** 2000, 128p. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

KINPARA, Minoru Martins. **Motivação Humana: Motivos Envolvidos no Processo Educacional na UFAC,** 2000, 161p. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

KIRCHHOF, Ana Lúcia Cardoso. **As Forças da Paixão e da Razão como Mediadoras da Promoção de Enfermagem.** Texto e Contexto – Enfermagem / Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós Graduação em Enfermagem. V. 9, n. 3, Florianópolis: UFSC, ago./dez. 2000, p 175 – 192.

KLING, Paul. **Psicologia da Orientação Vocacional**. Tradução: Álvaro Cabral da Universidade de Exeter, Inglaterra: Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1977, 301p.

LIEVEGOED, Bernardus Cornelis Johannes. **Fases da Vida: Crises e Desenvolvimento da Individualidade**. Tradução de Jayme Kahan, São Paulo: Editora Antroposófica, 1984, 167p.

LIMA, Anne Mary. **Relato: Enfermagem sob a Visão dada pela Antroposofia**. Revista da Associação Brasileira de Medicina Antroposófica – Ampliação da Arte Médica, junho de 1992, Ano XII, n. 2 – Associação Brasileira de Medicina Antroposófica.

LIMA, J. F. de. **Ana Néri: Heroína da Caridade – Patrona das Enfermeiras**. São Paulo – SP: Nova Época Editorial Ltda, 1977, 214p.

LINHARES, Gilberto. - **O Ser Enfermagem**. 2003, 2 p., Disponível em <
http://intermega.com.br/enfermagemonline/artigos_enfermagem.htm, 19.05.2003>.

MELO, Cristina Maria Meira de. **Divisão Social do Trabalho em Enfermagem**. São Paulo: Cortez, 1986 (Série Saúde e Sociedade), 94p.

MEYER, Dagmar Estermann; WALDOW, Vera Regina; LOPES, Marta Júlia Marques. **Marcas da Diversidade: Saberes e Fazeres da Enfermagem Contemporânea**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998, 229p.

NAKAMAE, Djair Daniel. **Novos Caminhos da Enfermagem: Por Mudanças no Ensino e na Prática da Profissão**. São Paulo: Cortez, 1987, 120p.

NOZAWA, Márcia Regina. **Perfil Profissional, Discurso e Prática de Enfermeiras Graduas na UNICAMP**, 1997, 249p. Tese (Doutorado em Saúde Pública), Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

PINTO, Elizabeth F.; BLAICH, Michael; CRAEMER, Ute. **Medicina para Quem?** Um Exemplo de Atuação Médico-Social: Alternativa entre Massificação e Elitismo. 1ª. Ed., São Paulo, SP: Editora Antroposófica 1990, Distribuição Gratuita, 32p.

PIRES, Denise. **Hegemonia Médica na Saúde e a Enfermagem:** Brasil: 1500 a 1930. São Paulo, SP: Cortez Editora, Saúde e Sociedade – Volume 14, 1989, 159p.

RIBEIRO, Herval Pina. **O Hospital:** História e Crise. São Paulo, SP: Cortez, 1993, 135p.

ROSSI, Regiane Aparecida. **Vocação, tradição ou Profissão?** Um Estudo sobre a Escolha Profissional e a Evasão Escolar na Escola Preparatória de Cadetes do Exército, 2001, 193p. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2001.

SCLIAR, Moacyr. **A Paixão Transformada:** História da Medicina na Literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, 307p.

SANTOS, Theresa Beatriz Figueiredo. **Orientação Profissional:** Uma Experiência Consolidada num Contexto de Ensino, 1997, 188p. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

SILVA, Graciete Borges da. **A Enfermagem Profissional:** Análise Crítica. 2ª Ed. São Paulo – SP: Cortez, 1989, 143p.

SILVA, Laura Belluzzo de Campos. **A Escolha da Profissão:** Uma Abordagem Psicossocial. São Paulo, SP: Unimarco Editora, 1996 (Série Ciência em Devi), 221p.

STEINER, Rudolf. **A Filosofia da Liberdade:** Elementos de uma Cosmóvisão Moderna. Tradução: Alcides Grandisoli, 2ª. Ed., São Paulo, SP: Antroposófica, 1988, 151p.

SUPER, Donald Edwin; BOHN JUNIOR, Martin J. **Psicologia Ocupacional**. Tradução de Esdras do Nascimento e Jair Ferreira dos Santos, São Paulo: Atlas, 1975, 230p.

WALDOW, Vera Regina. **Cuidado Humano: O Resgate Necessário**. 3ª. Ed. – Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001, 202p.

WOLFF, Otto; HUSEMANN, Friedrich. **A Imagem do Homem Como Base da Arte Médica – Esboço de uma Medicina Orientada pela Ciência Espiritual. Patologia e Terapêutica – Volume II**. Co-edição de Associação Beneficente Tobias e Associação Brasileira de Medicina Antroposófica, São Paulo, SP, 1984, Reimpressão 1992, 686p.

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, José Leopoldo Ferreira. **Hospital: Instituição e História Social**. São Paulo: Letras & Letras, 1991, 168p.

_____. **Medicina, Leis e Moral: Pensamento Médico e Comportamento no Brasil (1870 – 1930)**, São Paulo, Fundação Editora da UNESP, 1999, - (Prismas) 304p.

ARANTES, Valério José **Psicodrama e Orientação Profissional**. 2002, 169p. Tese (Livre Docência em Psicologia Educacional), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

ASSIS, Machado de. **O Alienista**. 6^a edição, São Paulo, SP: Ática, 1978, 56p.

BANDEIRA, Manual. **Estrela da Vida Inteira**. 8^a. Ed., Volume 85, Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1980, 349p.

BENOLIEL, J. Q. **Advancing Nursing Science: Qualitative Approaches**. *Western Journal of Nursing Research*, 1984, 6, p 1-8.

BENTHEIM, Tineke van; BOS, Saskia; HOUSSAYE, Ermengarde de la; VISSER, Wil. **Caring for the Sick at Home**. , Edinburgh, United States: Anthroposophic Press, 1987, 159p.

BOTEGA, Neury J.; DALGALARRONDO, Paulo. **Saúde Mental no Hospital Geral: Espaço para o Psíquico**. São Paulo, SP: Hucitec, 1993, 116p.

BRANDÃO, Silvia Regina Rocha. **A Vocação Humana: Uma Abordagem Antropológica e Filosófica**. Faculdade de Artes Santa Marcelina, São Paulo, SP.

BRÊTAS, Ana Cristina Passarella. **As Enfermeiras, o Poder, a História:** Um Estudo Exploratório Sobre Mentalidades, 1994, 92p. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

BUENO, Flora Marta Giglio. **A Construção da Autonomia Profissional:** O Trabalho do Enfermeiro no Contexto Hospitalar, 2002, 265p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem), Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

CABRAL, Álvaro; NICK, Eva. **Dicionário Técnico de Psicologia.** 12^a. Ed., São Paulo: Editora Cultrix Ltda, 1997, 406p.

COCCO, Maria Inês M. **A Ideologia do Enfermeiro:** Prática Educativa em Saúde Coletiva, 1991, 160p. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.

COSTALLAT, Lilian Tereza Lavras. Organizadora **Livro de Memórias da FCM/Unicamp,** Campinas, SP, Faculdade de Ciências Médicas, UNICAMP, 2004, 203p.

CUZIN, Marinalva Imaculada. **Orientação Profissional e Psicodrama.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia), 2001, 53p. Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

DARY, John. **A Esperança Novamente Encontrada.** Revista da Associação Brasileira de Medicina Antroposófica – Ampliação da Arte Médica, dez 1992, ano XII, n. 4 – Verão 92 – 93. Tradução: John Dary, p 29 – 37.

DIAS, José Carlos. **Orientação Vocacional/Profissional:** Um Olhar no Passado, à Possibilidade no Futuro, 2005, 127p. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

ECO, Umberto. **Como se Faz uma Tese**. 16 edições, São Paulo, SP: Editora Perspectiva S. A., 2001, 174p.

FERREIRA-SANTOS, Célia Almeida. **A Enfermagem como Profissão**: Estudo num Hospital-Escola. São Paulo: Pioneira, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973, 192p. (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, Sociologia).

FERRETTI, Celso João. **Uma Nova Proposta de Orientação Profissional**. São Paulo: Cortez & Autores Associados, 1988, 109p.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998, 295p.

GERMANO, Raimunda Medeiros. **A Ética e o Ensino da Ética na Enfermagem do Brasil**. São Paulo: Cortez, 1993, 141p.

_____. **Educação e Ideologia da Enfermagem no Brasil**. São Paulo, SP: Cortez, 1984.

GIACAGLIA, Lia Renata Angelini. **Orientação Vocacional por Atividades**: Uma Nova Teoria e uma Nova Prática. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003, 283p.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. 4ª. Ed., Rio de Janeiro, RJ: Guanabara, 1988, 158p.

GORDON, Noah. **O Físico** – a Epopéia de um Médico Medieval. Tradução: Alayde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 16ª ed., 1988, 592p.

HIGIENE SOCIAL – Folheto de Medicina Preventiva para a Saúde Individual e Coletiva, n. 30. **Meu Trabalho e Eu**. Distribuição: Clínica Tobias. Responsável Dra. Gudrun Kroekel, São Paulo, sem data, 12p.

HUSEMANN, Armin J. **Eutanásia: Um Sintoma do Nosso Tempo.** Tradução de Heinz Wilda. São Paulo: Antroposófica, 2005, 63p.

IERVOLINO, A.S.; PELICIONI, M.C.F. **A Utilização do Grupo Focal Como Metodologia Qualitativa na Promoção da Saúde.** Ver. Esc. Enf. USP, v.35, n.2, p 115-21, jun., 2001.

LANZ, Rudolf. **Antroposofia, Ciência Espiritual Moderna: Rudolf Steiner e a Constituição da Sociedade Antroposófica Universal.** São Paulo: Antroposófica, 1989, 138p.

_____. **Noções Básicas de Antroposofia.** 2ª. Ed., São Paulo: Antroposófica, 1988, 77p.

LUSVARGHI, Maria Isabel Nogueira. **Orientação Educacional e Educação Transformada,** 1987, 85 p. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1987.

MELLO, Fernando Achilles F. **O Desafio da Escolha Profissional.** Campinas, SP: Papyrus, 2002, 240p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde.** 7ª ed. – São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2000, 269p.

MORAES, Reginaldo C. Corrêa. **Textos Didáticos: Atividades de Pesquisa e Produção de Texto.** IFCH/UNICAMP, Setor de Publicações, Campinas, 1998, 45p.

PAIXÃO, Waleska. **História da Enfermagem.** 5ª. ed. Rio de Janeiro: Julio C. Reis, 1979, 131p.

PELLETIER, Denis; NOISEUX, Gilles; BUJOLD, Charles. **Desenvolvimento Vocacional e Crescimento Pessoal: Enfoque Operatório.** Prefácio de Donald E. Super, tradução de Ephraim Ferreira Alves, Petrópolis: Vozes, 1977, 244p.

PIOVEZAN, Armando; TEMPORINI, Edméia Rita. **Pesquisa Exploratória: Procedimento Metodológico para o Estudo de Fatores Humanos no Campo da Saúde Pública.** Revista Saúde Pública, 29(4): 318-325, 1995.

POLIT, Denise F.; HUNGLER, Bernadette P. **Fundamentos de Pesquisa em Enfermagem.** Tradução: Regina Machado Garcez. – 3ª. Ed., Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1995, 391p.

PRÓ-POSIÇÕES / Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação – Campinas, SP, v.14, n.1 (40), jan./abr. 2003. **Revista Quadrimestral da Faculdade de Educação / UNICAMP.** ISSN: 00103-7307.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Saúde Mental no Brasil.** São Paulo: Arte & Ciência, 1999, 192p. (Coleção Universidade Aberta).

SALDANHA, Vera Peceguini. **Didática Transpessoal: Perspectivas Inovadoras para uma Educação Integral,** 2006, 283p. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2006.

SANTOS FILHO, Lycurgo. **História Geral da Medicina Brasileira.** São Paulo, SP: Hucitec, 1977, v. 1.

SANTOS, Oswaldo de Barros. **Psicologia Aplicada à Orientação e Seleção Profissional.** 4ª. Ed. revisada, São Paulo: Pioneira, 1974, 227p (Biblioteca Pioneira de Administração e Negócios).

SELG, Peter. **“Eu Sou a Favor de Progredir”:** Ita Wegman e a Sessão Médica. Tradução Bernardo Kaliks – São Paulo, SP: João de Barro Editora, 2005, 185p.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico: Diretrizes para o Trabalho Didático Científico na Universidade.** 6ª. Ed., São Paulo: Cortez Editora & Autores Associados, 1982, 195p.

SILVA, Maria de Lourdes Ramos. **Escolha Profissional**: Subsídios de Keirsey e Bates para Orientação Vocacional. São Paulo: EPU, 1992, 129p.

SOUZA, Paulo Natanael Pereira de; SILVA, Eurides Brito da - **Como Entender e Aplicar a Nova LDB**. São Paulo, SP, Editora Guazzelli, Capítulo 7, Da Educação Profissional, Texto da Lei n 9.394/96, 2000.

STEINER, Rudolf. **A Eterização do Sangue**: A Intervenção do Cristo Etérico na Evolução Terrestre. Tradução de Rudolf Lanz. São Paulo: Antroposófica, 1991, (Rudolf Steiner: textos Escolhidos), 33p.

UMA ESCOLHA MAIS CONSCIENTE NO VESTIBULAR, 1996, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Pró-Reitoria de Ensino de Graduação, Coordenadoria de Educação Básica, Coordenadoria de Apoio à Política de Ensino, Florianópolis, SC, 1996, p 20.

ANEXO 1

1º Sujeito

1. Qual a sua idade?

45 anos.

2. Quanto tempo você tem de profissão?

Vinte anos. Me formei na UNICAMP.

3. Você recebeu Orientação Profissional antes do Vestibular?

Eu não sei se eu posso considerar uma Orientação Profissional. Eu tinha um professor de Biologia que era médico, no Cursinho, e realmente ele fez apologia da profissão de enfermeira, né? Na época eu já tinha uma tendência de estar fazendo Enfermagem. Sempre quis fazer UNICAMP. Eu nunca me encantei por outra Faculdade, por outra Universidade e acabei tirando algumas dúvidas com ele e realmente me firmei na escolha, né? E nunca fiz Vestibular pra outra profissão. Fiz uma vez PUC, Fisioterapia. Mas pra ver como era o Vestibular da PUC. Depois resolvi fazer Enfermagem na UNICAMP e só prestei aqui.

4. O que mais influenciou para que você optasse pela Enfermagem?

Meu pai trabalhou na área de saúde durante trinta e cinco anos. Então acho que eu tinha uma queda, pela questão familiar, de estar dentro da área de saúde. A outra coisa é que eu não gosto da área de exatas. Então, entre humanas e biológicas, eu optei por biológicas. Depois eu terminei de fazer o Cursinho, prestei Vestibular, tive um pouco mais de contato com a Universidade e aí optei pela Enfermagem mesmo.

5. O Curso de Enfermagem atendeu às suas expectativas?

Então... Eu acho que é assim: quando a gente tá na Graduação, a gente não tem muita noção do que é a profissão de fato, né? Mas eu tive a feliz experiência de que assim que eu saí do Curso, me graduei, eu fui fazer um concurso. Eu tava com mais sete amigas e todo mundo passou no concurso, até porque a gente tava recém-formado, tava tudo na cabeça. Então você acaba colocando em prática tudo aquilo que você aprendeu, acabou de aprender na Faculdade. Agora, eu acho que a profissão oferece muito mais do que a expectativa que a gente tem quando se forma, do leque de opções dentro da própria Enfermagem e eu posso dizer que eu fiz um Curso muito bom, que me dá subsídios pra trabalhar até hoje, né? Eu posso dizer que atingiu as minhas expectativas e as minhas necessidades depois de formada. E o que eu tive de formação me ajudou muito, né?

6. Como é a vida profissional de um(a) enfermeiro(a)?

É uma pergunta difícil de responder né? Eu acho que se você se deter no seu horário de trabalho ela é muito simples, né? Que é a assistência direta e tudo aquilo que a gente aprende na Faculdade, você vai ter subsídios pra cuidar do paciente. Se você quiser fazer além do seu horário de trabalho, aí a profissão é árdua, né? Que você tem que provar que você tem capacidade, você sempre tem que se colocar, justificar o porquê você tá fazendo algumas coisas. Eu acho que fundamental na vida profissional do enfermeiro, é o conhecimento. Se ele não tiver conhecimento ele não consegue fazer uma carreira, né? Ele não consegue se firmar enquanto profissional. Não acho que seja uma coisa fácil. Não é. A vida profissional do enfermeiro não é uma coisa fácil, agora... Depende muito, do que você vai abraçar dentro da carreira do enfermeiro. Se você se deter à assistência... Agora se você entrar pela questão de cargos, gestão de pessoas, essa parte administrativa, se você optar mesmo por um cargo de supervisão, diretoria, aí, o caminho é árduo, né? Mas o que ainda existe é aquele estigma de que o enfermeiro atrapalha, que não tá ali pra te ajudar, enfim, pra te dizer coisas contra aquilo que você queria fazer. Muitas vezes se depara com um profissional médico que não entende a sua situação, né? Mas eu posso dizer que aqui no meu ambiente de trabalho eu acho que a gente tem bastante autonomia. Mas essa autonomia a gente consegue com conhecimento. Se você não tiver conhecimento... Se

qualificar... Se qualificar em Cursos... Você tem que se preparar para o mercado de trabalho, não dá pra você focar só naquilo que cê tá fazendo, né? Então acho que aí fica pobre a profissão. Se você for pensar numa coisa só, eu acho que a carreira de enfermeiro te dá um leque de opções. Você pode fazer um MBA que te acrescenta, você pode fazer uma Especialização, você pode fazer um Mestrado. Não dá prá você focar só na questão da assistência, trabalhar seis horas e é isso, né? Acho que tem que ser além disso. Você pode abrir um leque de opções. Mas o conhecimento é fundamental para você se firmar na carreira de. Sem conhecimento fica difícil.

7. A profissão Enfermagem é compatível com sua realização profissional?

Totalmente. Eu adoro aquilo que eu faço, eu não me vejo fazendo outra coisa, né? Eu me vejo fazendo outras coisas, usando o meu conhecimento da Enfermagem, é... Cursos, enfim, dar aula, tanto pro nível Médio, como no Curso Superior. Então, eu gosto muito do que eu faço pra mim... Não me vejo fazendo outra coisa. Trabalho oito horas, porque agora ocupo cargo de responsabilidade no serviço de Enfermagem, então eu trabalho oito horas, né? E ainda eu faço alguma coisa à noite, quando eu tenho a oportunidade, eu faço fora do horário do trabalho, final de semana. Dou aula à noite.

8. Você já pensou em mudar de profissão? Se já pensou, qual você faria?

Não, não pensei nunca em mudar de profissão, pensei em fazer mais alguma coisa. Como por exemplo, o Curso de Direito. Acho que o Curso de Direito agrega muita coisa à profissão de enfermeiro. Então eu tenho vontade de fazer... Muitas vezes você precisa de algumas coisas jurídicas, né? Então eu acho que pode agregar muito ao valor da profissão se você tiver alguma outra coisa mais abrangente. Acrescentar à minha própria profissão de enfermeira. Acho que dá uma visão um pouco maior.

9. Você gostaria de acrescentar alguma informação ou fazer alguma pergunta?

Não. Acho que tem que ver se tem alguma coisa dentro das perguntas que você me fez que eu não respondi ou se você gostaria de saber mais alguma coisa...Quando eu vim pra Universidade

eu trabalhei, como eu já te falei antes, eu passei num concurso, depois prestei um concurso aqui e vim prá cá. Assim, esse é um facilitador quando você faz carreira num lugar, né? Você acaba tendo um domínio maior do que acontece na área, que não é tudo. Um domínio técnico não é tudo. Por isso que eu te disse, a gente sempre tem que pensar em fazer alguma coisa fora. Se qualificar, fazer Cursos que te dêem uma visão mais ampliada do que é a profissão, né? Porque a Faculdade não te dá isso. Você tem a prática, mas você não tem a teoria e o mercado hoje tem muita opção, né? Então acho que nesse sentido é bastante gratificante, tendo tantos anos aqui e saber que eu consegui fazer uma carreira aqui dentro. Acho que o que de importante durante esses vinte anos, é isso.

2º Sujeito

1. Qual a sua idade?

24 anos.

2. Quanto tempo você tem de profissão?

Eu tenho... Eu trabalho desde dezembro de 2003, então faz um ano e dois meses... No máximo.

3. Você recebeu Orientação Profissional antes do Vestibular?

Eu recebi no, no Colégio, né? Eu fiz Colégio Preparatório. Então, assim, era normal com o Cursinho. Então assim, era o dia inteiro, então aí, eu recebi. Tinha consulta com psicólogo...

4. O que mais influenciou para que você optasse pela Enfermagem?

É que eu gosto muito de lidar com pessoas, de cuidar também, né?... E eu tinha interesse até pra, prá área médica, né? Fazer Medicina. Mas aí eu vi que a coisa não era tão fácil assim, né? Então eu procurei outras... Outras maneiras de tar trabalhando assim, na área de saúde, né? Pensei em Fisioterapia, pensei em várias profissões, mas aí eu gostei mais da Enfermagem.

5. O Curso de Enfermagem atendeu às suas expectativas?

Olha! Eu acho assim que, pelo menos aqui na UNICAMP, você tem mais teoria do que prática. A prática a gente vê muito, muito crua aqui dentro, né? E não só você nota isso, como quem trabalha com você... Bem mais experiente.

6. Como é a vida profissional de um(a) enfermeiro(a)?

Bom, a vida profissional... Ah... É bastante gratificante, todo dia, você sai assim... Você viu que fez um monte de coisas assim... Que foi importante na vida de alguém, já é bastante compensador, mas por um outro lado, a gente acaba ficando bastante triste também, de ver a realidade, assim... Bem diferente que a da sua vida, então a gente precisa... Ah, vamos dizer assim, acabar saindo daqui e esquecendo um pouco porque senão, você acaba levando sua vida profissional a atrapalhar a vida pessoal e tudo o mais, então tem que saber separar bem. Trabalho só... Seis horas por dia, acho que dá vinte horas... Não sei quanto dá... Sei que aqui é até bom porque são seis horas por dia, só que eu tenho dez a onze folgas por mês. Então, não é um trabalho assim, puxado. É puxado assim, no sentido de ter pacientes graves, mas não que seja um serviço que não ofereça folga prá você descansar.

7. A profissão Enfermagem é compatível com sua realização profissional?

É. É sim, eu acho que tem, tem a realização profissional assim, acho que mais do lado pessoal, né?... Que eu gosto, do que eu faço e acho que também até na parte financeira. Não que se ganhe muito, mas acho que... Em comparação com outras profissões, eu acho que a gente não ganha mal não.

8. Você já pensou em mudar de profissão? Se já pensou, qual você faria?

Mudar... Não. Eu sempre brinco, sabe. Ah... Na outra vez vou vender coisas... Vou fazer outra coisa... Não, mas é tudo na brincadeira... Assim: eu gostei muito, porque ao contrário do que

acontece com muitas pessoas que eu vejo, que entra na Enfermagem e vê que aquilo não era bem o que ela queria. Pra mim foi o contrário, eu entrei mesmo assim... Ah... vamos tentar, vamos ver o que que dá. E eu, assim, me apaixonei assim, gostei muito do que eu fiz...

9. Você gostaria de acrescentar alguma informação ou fazer alguma pergunta?

Eu acho que não... Só isso.

3º Sujeito

1. Qual a sua idade?

39 anos.

2. Quanto tempo você tem de Profissão?

Doze anos.

3. Você recebeu Orientação Profissional antes do Vestibular?

É eu fiz um teste Vocacional quando eu tava no Cursinho, mas... Deu na área de biológicas... Mas...

4. O que mais influenciou para que você optasse pela Enfermagem?

Na verdade foi, por incrível que pareça, foi uma reportagem sobre a UNICAMP, porque, no teste Vocacional deu a área de biológicas. Aí eu tinha feito inscrição pra Biologia e pra Enfermagem... Eu não sabia exatamente o que eu queria. Aí, uma semana antes de sair o resultado, apareceu uma reportagem sobre a UNICAMP, sobre o Campus, e tudo o mais, e eu fiquei encantada com a Faculdade, né? Aí, na hora de escolher entre Biologia e Enfermagem, eu escolhi UNICAMP. Foi isso.

5. O Curso de Enfermagem atendeu às suas expectativas?

Hum... Atendeu sim. Eu gostei bastante do Curso.

6. Como é a vida profissional de um(a) enfermeiro(a)?

A... Isso é o problema. Eu gosto bastante, só que é um pouco limitado, né? Em questão de... De... Decisões, no hospital... Você sempre tem que tá ligado a um hospital, ligado aos médicos, então, você restringe um pouco a... Não te dá tanta liberdade de ação, né? E quanto à própria parte profissional que tudo é muito assim... O hospital... Então... O hospital não pára fim de semana... Não pára feriado, Natal, Ano Novo, né? Então você tem uma vida meio que... Enquanto toda a tua família tá lá no Natal, você tem que trabalhar, então... Assim é um pouco complicado, né? É bem complicado, mas a parte com o paciente, é muito gostoso, muito gratificante... Têm os dois lados.

7. A profissão Enfermagem é compatível com sua realização profissional?

Então... É... Eu sentia muita falta dessa coisa de poder tomar minhas próprias decisões e tudo mais... Então eu achava que eu precisava de outra coisa, tanto é que eu fui fazer outra Faculdade... Então eu fiz Odonto, né? Então, na Odonto eu tô encontrando aquela liberdade que eu não encontro na Enfermagem.

8. Você já pensou em mudar de profissão? Se já pensou, qual você faria?

Cai na Odonto, então... Eu já fiz Odonto, e eu trabalho um pouco aqui e um pouco com Odonto, né? Então, assim... Acaba complementando aquela parte que me faltava... De tomar decisões... Ser responsável totalmente pelo paciente... Né? Eu me encontrei na Odonto nessa parte de liberdade. De retorno dos pacientes, já não, né? Você tem mais contato no hospital, assim... No consultório não tem a ligação tão forte entre você e o paciente no hospital, né?...

9. Você gostaria de acrescentar alguma informação ou fazer alguma pergunta?

Não... Acho que não.

4º Sujeito

1. Qual a sua idade?

38 anos.

2. Quanto tempo você tem de profissão?

Dez anos. Eu me formei aqui na UNICAMP e assim que eu me formei comecei a trabalhar aqui. Comecei a trabalhar sem ter diploma, porque a colação de grau foi depois da minha data de admissão aqui.

3. Você recebeu Orientação Profissional antes do Vestibular?

De modo geral não especificamente sobre Enfermagem. Fiz Curso Colegial, eu fiz Cursinho algum tempo... Eu recebi algumas orientações, mas não específicas pro Curso de Enfermagem.

4. O que mais influenciou para que você optasse pela Enfermagem?

A área da saúde. Eu sempre me percebi com afinidade pela área da saúde, tentei outros Cursos, comecei a fazer Biologia, que é da área da... Área de... Biológicas, né? Mas... Não tive uma afinidade muito grande com o Curso como um todo e aí, fui escolher melhor e fiquei dentro de alguns Cursos. Surgiu a idéia de Enfermagem, fui procurar já depois de fazendo outro Curso, procurar mais informações, e optei pela Enfermagem.

5. O Curso de Enfermagem atendeu às suas expectativas?

Em parte. Mais do que cinquenta por cento com certeza, mas sempre há problemas, embora a gente esteja numa Universidade de renome é... Sempre há alguns problemas, mas de modo geral, atendeu às expectativas, mas em alguns momentos, tiveram algumas situações que deixaram a desejar.

6. Como é a vida profissional de um(a) enfermeiro(a)?

É uma profissão, eu acho ainda muito estigmatizada, em relação à discriminação, quanto a profissionais, principalmente com enfermeiro homem, você pode perceber que você mesma... Sabe que no registro aqui, a maioria é tratada como enfermeira mulher, a... Eu acho também que tem uma confusão, uma coletividade em relação ao que a diferenciação das categorias dentro da área da Enfermagem, o enfermeiro, Técnico e Auxiliar, isso sem dizer até do Atendente, que é uma categoria já praticamente extinta na área da saúde... É uma profissão desgastante, mas ao mesmo tempo apaixonante. Eu, em algum momento, quando eu tava para optar pela decisão de fazer esse Curso, eu chequei a prestar o Vestibular pra Medicina, mas eu me considerava pouco preparado hoje avaliando, mas, cheguei a prestar e tendo trabalhado já por vários anos na área assistencial e na área da saúde coletiva, eu identifico que dentro de vários profissionais que atuam na área da saúde, o médico e o enfermeiro, eles trabalham muito próximos. Com certeza com outros profissionais também... Psicólogos, nutricionistas, fisioterapeutas, mas, a linha de frente mais cotidianamente, mais próximo ao paciente, é o médico e o enfermeiro. E o médico, ele cuida da doença e o enfermeiro, ele cuida do paciente, em relação à holística da vida do paciente, desde o médico... O enfermeiro, ele consegue identificar muito mais claramente quem é o paciente, por nome, pela doença, do estado emocional e o médico, muitas e muitas vezes, identifica o paciente pelo número do leito ou pela patologia. É... Pela carga horária que o enfermeiro exerce a... De acordo com as suas atividades, principalmente, na área hospitalar, que geralmente são trinta horas, dividido em um plantão de seis horas ou o noturno de doze horas, ele acaba absorvendo outros empregos, então... Pra complementação da remuneração, então eu também vejo isso como um fator de desgaste, pro enfermeiro, que lógico, que tá na sua decisão de profissão de ter mais de um vínculo empregatício, mas eu considero que... Resumindo como falei anteriormente, uma

profissão desgastante, mas ao mesmo tempo apaixonante, você poder levar além do cuidado técnico que você aprende na Faculdade e nos Cursos de reciclagem e atualização, você leva conforto, solidariedade ao próximo, além dessa parte assistencial técnica que os doentes precisam de modo geral.

7. A profissão Enfermagem é compatível com sua realização profissional?

Em parte também. Acho que um pouco disso tá respondido na questão anterior. Eu sou muito realizado por estar trabalhando na área da saúde. É... Não me vejo trabalhando em outra área, né? Eu acho que a Enfermagem, ela dá muitas possibilidades de atuação. Eu não tenho só esse vínculo empregatício... E no meu outro trabalho também avalio o serviço médico, o serviço de saúde mental, serviço de limpeza, é... Então e isso é uma coisa que me satisfaz muito. Não precisar necessariamente trabalhar só dentro da área da saúde como enfermeiro e sim atuar na frente da área da saúde, olhando o paciente como um todo. Não só o aspecto da Enfermagem. Isso me realiza bastante.

8. Você já pensou em mudar de profissão? Se já pensou, qual você faria?

Mudar totalmente, não. Eu já pensei em agregar outra profissão na minha vida. Mas também, falei anteriormente, não me vejo fazendo outra coisa, que não na área da saúde. Alguma outra atividade. Eu gosto muito da área de humanas também, na área do Direito. Eu acho que Direito, por exemplo, é um Curso que todo profissional deveria ter complementarmente à sua formação. Pra você conhecer seus direitos, as leis, é... Deveres de cidadão, e eu acho que o Curso de Direito te dá muito isso, pro ser humano como um todo. Então... É uma outra profissão que eu gostaria de exercer, por exemplo, mas como primeira opção, sempre a área da saúde, como enfermeiro.

9. Você gostaria de acrescentar alguma informação ou fazer alguma pergunta?

Não, só gostaria de deixar registrado que eu acho que a área da saúde, na área da saúde, o enfermeiro, ele tem uma... Um papel muito importante, trabalhando na equipe multiprofissional, mas ainda acho que é muito discriminado, eu acho que ainda é pouco valorizado. Eu acho que a

hegemonia médica é muito forte na área da saúde, onde a interação e o respeito à opinião do enfermeiro em algumas situações, não em modo geral, mas em algumas situações, ela é pouco valorizada, pouco reconhecida. Em algumas situações eu vejo isso com colegas que trabalham em instituições particulares. É como se a Enfermagem tivesse muito diretamente subordinada a outra categoria. O enfermeiro e a equipe de Enfermagem é a equipe de frente do hospital. Você consegue trabalhar com cinco enfermeiros e um médico, mas você não consegue trabalhar com cinco médicos e um enfermeiro, porque o trabalho não flui e o enfermeiro fica sobrecarregado. O enfermeiro é um facilitador de toda a rotina do trabalho. Mas mesmo assim, existe muita discriminação do enfermeiro no hospital e não só pela equipe médica e sim, principalmente, pela própria equipe de Enfermagem que não se coloca, que não ocupa o seu lugar no mundo.

5º Sujeito

1. Qual a sua idade?

38 anos.

2. Quanto tempo você tem de profissão?

Quinze anos e acho que dois meses aproximadamente. Me formei aqui mesmo na UNICAMP.

3. Você recebeu Orientação Profissional antes do Vestibular?

Não, não fiz nenhuma Orientação... Nem pela Escola, nem Cursinho, nem procura pessoal.

4. O que mais influenciou para que você optasse pela Enfermagem?

Na realidade, a Enfermagem ela não foi uma opção, ela aconteceu... Porque quando eu prestei Vestibular eu realmente não sabia o que eu queria, eu sabia o que eu não queria, né?...As profissões que eu não queria de jeito nenhum. Então assim, pensei em Psicologia, até hoje penso... Pensei em Odonto, pensei em Medicina, pensei em Enfermagem... Assim... Profissões

voltadas pra área da saúde, que era alguma coisa voltada à saúde, mas não... A Enfermagem... Ela aconteceu mesmo.

5. O Curso de Enfermagem atendeu às suas expectativas?

Olha... Hoje pensando, assim... Atendeu. Eu aprendi a gostar da Enfermagem, gosto do que eu faço, mas o Curso... Eu esperava mais por parte dos docentes. É... Você vem aqui pra UNICAMP achando que tem o do bom e do melhor na área de docência e... Não é bem assim, né?... No dia-a-dia você começa a ver que tem excelentes profissionais e profissionais que deixam muito a desejar. Então, quando você vai pro campo, é que você vê quantas falhas, né? Aconteceram ali na sua formação.

6. Como é a vida profissional de um(a) enfermeiro(a)?

Me pegou.....(risos). Olha! A vida profissional não é fácil não, né? O próprio ambiente é um ambiente muito estressante. Você tem que ter muito comprometimento, muita responsabilidade, e você vê que não é bem assim o mundo profissional... Não sei se em outras profissões, mas... Na Enfermagem eu sinto muito isso. Eu acho que... Acho não... Tenho certeza, de que com o passar dos anos, quando eu entrei, você tinha o profissional que fazia Enfermagem por amor, você via que o profissional gostava. Quem não gostava não ficava, com o passar dos anos, a Enfermagem... Porque tem muito campo de trabalho ainda, acredito que ainda tenha. As pessoas começaram a fazer Enfermagem, mas são profissionais diferentes da época que eu entrei aqui, há quinze anos atrás. Eu vejo isso e isso dói muito, né?... Ainda mais, numa instituição pública, né? Como é essa daqui. Você vê que esse profissional, ele acaba ficando, né?...O que não deveria acontecer. Então é um meio assim, muito estressante, é difícil, por trabalhar em pediatria, você sofre muito, não tem essa coisa de deixa aqui e vai pra casa, né?... Não tem. Acho que o inverso também acontece, então assim, a gente se estressa... Estressa muito. É muito cansativo, parece que a energia é sugada, né?... Então acho que tem que tá preocupado com a qualidade de vida da gente e a gente muitas vezes deixa... Então não é fácil ser enfermeira não, você tá, assim, muito vinculada à família e ao paciente, né?... Tá o tempo inteiro com ele e aqui que tem paciente que fica muito tempo e você cria muito vínculo, então, você sofre né? Foi assim, eu me formei,

trabalhei na UTI, mas não era a minha opção. Quando me chamaram aqui também, pediatria não era a minha opção. Quando eu entrei aqui me perguntaram se eu gostava de criança e eu né?... Recém-formada... Gosto! Então você vai pra pediatria do HC. Isso me assustou muito, porque nunca foi minha opção trabalhar com criança e nem no HC. Fiquei, gostei, gosto e hoje acho que não me adaptaria em outra área não. Trabalhar com adulto... Acho que não sei se daria certo.

7. A profissão Enfermagem é compatível com sua realização profissional?

Hoje eu me acho assim... Eu sou realizada sim. Gosto do que faço, não mudaria, o que eu sinto falta é de ampliar mesmo pra outros campos, que são coisas que eu gosto, não que não seja uma realização como profissional, não. Gosto do que faço, não me arrependo, mas sinto falta de fazer algo mais. Ou na profissão mesmo ou até em outra área. Mas sou realizada, é uma profissão boa, você tem tempo pra sua casa, tendo um emprego só, né? Pra sua casa, pro seus filhos, marido... Tô realizada sim. Gosto muito do que faço por isso que sofro.

8. Você já pensou em mudar de profissão? Se já pensou, qual você faria?

Mudar de profissão não. Assim: já pensei em fazer Psicologia, que é uma área que eu gosto desde a Faculdade que eu, assim, gosto muito de entender o ser humano, acho que seria muito importante pra lidar com a família, seria uma complementação, mas não mudança de profissão, não. Isso não. Isso nunca passou na minha cabeça não.

9. Você gostaria de acrescentar alguma informação ou fazer alguma pergunta?

Não... Acho que eu já falei bastante (risos)... A não ser que você queira perguntar mais alguma coisa...

6º Sujeito

1. Qual a sua idade?

Eu tenho 30 anos.

2. Quanto tempo você tem de profissão?

Oito anos e dois meses. Me formei aqui mesmo na UNICAMP.

3. Você recebeu Orientação Profissional antes do Vestibular?

Não. Nenhuma... Eu escolhi. Eu, eu acho assim... Que na época que a gente presta Vestibular, não sei se eu tô equivocada, eu acho que as pessoas de uma maneira geral, são imaturas, eu não sei se têm capacidade pra escolher, mas assim: eu sempre achei legal, eu achava bonito, eu não sei... E resolvi e não me arrependo.

4. O que mais influenciou para que você optasse pela Enfermagem?

Então... Eu não sei te explicar... Eu não sei, eu achava bonito... Aí depois hoje eu penso: eu... Acho que não saberia fazer outra coisa, mas não que tivesse alguém da minha família ou que eu tivesse sido influenciada por alguém, não. Eu resolvi porque eu achei que era isso que era a minha praia. Ah..., eu acho que a responsabilidade... E sabe, assim, o compromisso de cuidar, ver a evolução, porque por mais que você é leiga e não sabe o que quer, você sabe mais ou menos o que um enfermeiro faz, né? A gente com 17, 18 anos escolhendo uma profissão, a gente... Sabe... Acho que eu achava bonita a responsabilidade, o interesse. Acho que é nesse sentido que eu achava interessante. Eu fui com a cara e com a coragem. Meu pais me alertaram, eles falaram assim: “olha! Pensa bem...É uma profissão sacrificante, porque... De repente você vai cair aí pra trabalhar noturno”... E eu aí... Não sou ninguém à noite assim acordada, entendeu?...Então ela falou assim: “pensa bem, é isso que você quer?” Não mãe... Eu vou porque eu acho que é isso que eu... Eu acho que de repente é isso que eu gosto, eu vou. E fui. Eu tinha 17, 18 eu tava

prestando Vestibular. Eu era meninota, morava no interior, nunca tinha saído de casa, assim, vim morar aqui, vim sozinha, com a cara e a coragem e fui atrás e não me arrependo mesmo.

5. O Curso de Enfermagem atendeu às suas expectativas?

Assim: eu acho que sim, mas, suponhamos que hoje eu fosse dona de uma Escola de Enfermagem assim, e eu acho que eu mudaria algumas coisas porque acho que muita coisa a gente aprende na prática, mas coisas importantes... Mas têm coisas importantes que eu acho que a gente deveria sair da Faculdade sabendo. Assim porque, na Faculdade, pelo menos aqui, né? Eles visam muito é... Sistematização mesmo, e acho que algumas coisas, por exemplo, no meu Curso, essa parte de diálise, de hemodiálise, assim, a gente não tem, é jogado. E depois a gente nunca sabe onde vai cair pra trabalhar, então acho que isso aí deveria... Ou mesmo a parte de neuro. Eu, eu acho que é muito vago assim, e é só jogado... Entendeu?... Então eu acho que eu mudaria algumas coisas, com certeza.

6. Como é a vida profissional de um(a) enfermeiro(a)?

Eu acho que é muito estressante. O dia-a-dia da gente é estressante, a gente tem a responsabilidade. Então eu acho que é muito estressante e eu sinto falta às vezes assim, da gente não ter um acompanhamento psicológico, pra gente assim... Ter o momento da gente, da gente desabafar, e assim, quando tem uma parada... Paciente grave... Então eu acho assim, a gente chega numa parada, a gente sabe, é adrenalina... Já sabe as ordens, o que vai acontecer depois, a gente já sabe... Não que a gente é Deus e adivinha, mas a gente... Ah... Mas será que ele melhora?...Acho que... Né?... Então eu assim... É bastante estressante eu acho. É bastante estressante.

7. A profissão Enfermagem é compatível com sua realização profissional?

Sim, eu sou realizada naquilo que eu faço, vou até falar: eu não saberia fazer outra coisa. Se eu perdesse meu emprego eu não saberia fazer mais nada, eu acho que é disso que eu gosto, não me arrependo. Se eu tivesse 18 anos e tivesse que escolher de novo, eu escolheria Enfermagem de

novo. Assim, é lógico que eu faria algumas adaptações durante o Curso, assim, se eu pudesse... Mas, assim, faria de novo com certeza.

8. Você já pensou em mudar de profissão. Se já pensou, qual você faria?

Nunca pensei... Nunca, jamais passou pela minha cabeça.

9. Você gostaria de acrescentar alguma informação ou fazer alguma pergunta?

Não, acho que não... As pessoas têm a mania de dizer que fez Enfermagem porque não conseguiu entrar na Medicina, mas não é. Eu só acho que 17 ou 18 anos é muito imaturo para escolher uma profissão. Eu não condeno, não condeno mesmo quem começa uma Faculdade e um ano depois, desiste porque descobre que não era aquilo que queria fazer.

7º Sujeito

1. Qual a sua idade?

42 anos.

2. Quanto tempo você tem de profissão?

Ó... De profissão, eu tenho... Como enfermeira... Dez anos.

3. Você recebeu Orientação Profissional antes do Vestibular?

Eu fiz Cursinho, né?...Orientação Profissional... Não, não recebi não. Nenhuma. Nenhuma mesmo.

4. O que mais influenciou para que você optasse pela Enfermagem?

A... Eu sempre gostei assim... Eu tinha assim, duas... Dois lados, né?... Uma é que eu gostaria muito de fazer *ballet*. Como não consegui esse lado... E eu gostava também de ajudar... De auxiliar... Então eu me vi na profissão, tá?... Eu achei que eu me daria bem, que eu ia gostar... E acertei... (risos)... Gosto. Eu realmente gosto do que eu faço.

5. O Curso de Enfermagem atendeu às suas expectativas?

Em parte sim. Tá?...Mas... É... A teoria é muito diferente da prática, né? Principalmente assim, quando você lida assim, com a morte, com as ansiedades do paciente, isso, acho, ficou um pouco a desejar. Ficou a desejar sim.

6. Como é a vida profissional de um(a) enfermeiro(a)?

A vida de uma enfermeira é boa, é bem estressante. É bem estressante porque você tem que ter muito cuidado com tudo a teu redor... Aos seus companheiros de trabalho mesmo, né? E observando o que os pacientes... Observando o que que tá acontecendo, é... E as condutas a serem tomadas também, né? Então você tem que ter muito cuidado com tudo ao que for necessário.

7. A profissão Enfermagem é compatível com sua realização profissional?

Profissionalmente sim... É... Como profissão... Financeiramente acho que fica muito a desejar, mas, assim... É bem assim... É compatível sim.

8. Você já pensou em mudar de profissão? Se já pensou, qual você faria?

Não, não cheguei a pensar. É... Às vezes eu penso assim... Em dar aulas, mas faz parte mesmo da profissão, né?...Mas, nunca pensei assim, em abandonar essa profissão e fazer uma outra. Não.

9. Você gostaria de acrescentar alguma informação ou fazer alguma pergunta?

É... Eu gostaria de falar assim, que é... Realmente eu me sinto realizada nessa profissão e... Tem que gostar mesmo, tá? Se não gostar, você não consegue caminhar, você não vai adiante mesmo e é uma coisa que você se apega demais, né? Você tem que enfrentar várias situações. É, e depois que você sair daqui, você tem que chegar em casa e desligar completamente, porque se não, você... Você acaba *pirando*, né? Porque cada dia é um paciente, é um problema, você se apega a ele... Um dia ele tá bem... Outro dia tá ruim... Sabe... Ter habilidade com os pacientes, porque você acaba se... É... Perdendo né? Às vezes o paciente tá bem, às vezes ele falece... E, sabe... Às vezes fica uma sensação, assim... É... Você lutou, lutou, lutou e no fim você não conseguiu... Que é a vida, né? Você gostaria que ele saísse, fosse andando, caminhando, mas aí tem que ver que... É o fim da gente, né? Cada um tem seu dia, né? O dia D. Mas então, né? Independente da gente... A gente tem que fazer sempre o melhor... De repente ele sai, de repente não sai, mas tem que entender que é... É a vida da gente mesmo, né?...Um dia você tem que partir... Então tem que fazer com carinho e gostar mesmo, porque pelo contrário... Pode não dar certo (risos)... Só isso!...

8º Sujeito

1. Qual a sua idade?

45 anos.

2. Quanto tempo você tem de profissão?

Eu tenho vinte e três.

3. Você recebeu Orientação Profissional antes do Vestibular?

Não. Não tive nenhuma Orientação profissional.

4. O que mais influenciou para que você optasse pela Enfermagem?

É... Minha opção pela Enfermagem foi porque eu queria muito trabalhar na... Na área de saúde, tradicionalmente quem pensava em área de saúde, pensava em Medicina. Eu fiz um Curso Técnico de Enfermagem... Nesse Curso Técnico tive contato com muitos alunos de Medicina, com Residentes e eu vi que eu não... Que eu não... Sabia como era o trabalho do médico e que aquele trabalho que eles faziam não era o que eu pretendia fazer, então, eu fiquei... Na verdade, desorientada. Não tinha idéia pra que lado ir. Eu fiz Vestibular pra Medicina, fiz Vestibular pra Enfermagem... Entrei em Enfermagem e resolvi seguir o Curso e eu gostei muito dele. Então eu percebi que... Ali eu descobri que minha vocação era atuar com Ensino e que para atuar com Ensino eu poderia muito bem ser enfermeira... Isso contemplaria tudo o que eu queria. Foi por aí minha opção.

5. O Curso de Enfermagem atendeu às suas expectativas?

Não. Ele não atendeu. Eu achava que ele deveria trabalhar outros aspectos que não trabalhava e isso foi um dos aspectos que eu resolvi trabalhar com Ensino... Pra tentar suprir essas falhas. Pra tentar trabalhar sobre essas falhas. As falhas que identifiquei eram principalmente a falta de integração entre o Ciclo básico e o Profissionalizante. Bom... Esse também foi um dos motivos pra eu fazer Mestrado em área Básica e eu fiz... Aí, eu não acho que isso tenha feito de mim uma professora perfeita. Eu certamente cometo falhas em outros lados também, mas foi principalmente essa falha que eu identifiquei.

6. Como é a vida profissional de um(a) enfermeiro(a)?

Como é? Olha! Ela é bem desgastante. Eu trabalhei durante quatro anos em hospitais. Eu nunca fui enfermeira de trabalhar em Saúde Coletiva, Centro de Saúde... A tensão... É um componente que está sempre presente para quem trabalha em hospitais. A tensão e a responsabilidade. Existia na época, também, uma competição muito grande e meio que desleal e a gente não competia só com enfermeiros. A gente competia com Técnico e Auxiliar de Enfermagem. Hoje em dia é provável que isso continue acontecendo, né?... Apesar de eu não sofrer mais esse tipo e pressão.

Bom, aí eu fui trabalhar como professora. Como professora eu sentia... Assim... Um aumento muito grande da cobrança e da responsabilidade, porque eu passei a ser responsável, não pelos meus atos, mas, pelos meus e pelos demais... Sete, oito alunos... Aqueles alunos que estiverem comigo naquele momento. Então multiplicou muito minha responsabilidade. Mas é uma tarefa mais... Vamos dizer assim... Ela é um pouco mais fácil, porque ela não te afasta tanto da família, como me afastava quando eu tava no hospital... Tinha que trabalhar em finais de semana tinha que trabalhar à noite, e agora não... Eu tenho um pouquinho mais de tranqüilidade nesse lado da vida. Teve uma época que eu não podia programar nada, com exceção do serviço, porque o meu horário não dava, trabalhava de tarde, de noite, de manhã... Então eu não podia pensar em fazer um Curso de Inglês... Um Curso de Informática... Nada disso. Agora eu posso. Tenho condição de fazer isso. Mas eu acho que a responsabilidade mudou muito.

7. A profissão Enfermagem é compatível com sua realização profissional?

É. Ela é. Eu me sinto muito bem nela... Gosto muito do que eu faço, sempre gostei. Também apesar de todos os problemas que eu enfrentei em campo, eu nunca deixei de gostar do que eu fazia... E continuo gostando até hoje. Me dou bem com isso, recebo avaliações positivas do meu trabalho, então, eu.. .Eu me sinto muito feliz com o que eu faço.

8. Você já pensou em mudar de profissão? Se já pensou, qual você faria?

Sim. Eu já pensei em mudar de profissão, mas é durante aqueles rompantes em que você não está bem, sabe? Mas eu não penso em mudar de profissão. Gosto do que faço.

9. Você gostaria de acrescentar alguma informação ou fazer alguma pergunta?

Não.

9º Sujeito

1. Qual a sua idade?

30 anos.

2. Quanto tempo você tem de profissão?

Oito anos.

3. Você recebeu Orientação Profissional antes do Vestibular?

Não... Assim... Antes do Vestibular, não. Só amigos que comentaram que achavam legal, mas... Assim... Orientação profissional, não.

4. O que mais influenciou para que você optasse pela Enfermagem?

Olha! Eu sempre gostei. Eu sempre gostei de hospital na verdade. Sempre gostei do convívio no hospital... Às vezes... A minha mãe achava o máximo... Porque às vezes ela tinha que ser internada para fazer assim... Procedimentos... Às vezes ela tinha cólica renal... Então às vezes eu ia com ela. Eu adorava ficar no hospital. Ela falava: “eu não me conformo que você goste de ficar no hospital”. Mas eu gostava do cheiro do hospital... Sabe coisas assim? Aí eu gostava. Aí eu fiquei entre Medicina e Enfermagem. Só que aí eu acabei desistindo da Medicina mesmo. Nem prestei porque aí, amigos começaram a falar... A Medicina é uma profissão muito... Pra mulher principalmente, assim, muito desgastante... Pra família depois... Plantões... Aí decidi fazer Enfermagem, mas era uma coisa que pra mim, no início... Quando eu ia prestar... Quando eu estava prestes a prestar Vestibular... Pra mim qualquer coisa na área de saúde... Que não fosse Odonto... Que fosse ou Medicina ou Enfermagem, mas que eu... Nessa época eu nem pensava em Enfermagem na verdade. Queria alguma coisa, mas eu nem pensava em Enfermagem, mas me sugeriram e eu acabei prestando... Eu entrei meio que sem saber se eu ia gostar ou não, acabei adorando... E fiquei.

5. O Curso de Enfermagem atendeu às suas expectativas?

Sim... Atendeu. Gostei bastante do Curso. Claro que você sai crua, né? Ainda, assim... A parte prática e tudo mais... Mas eu gostei bastante do Curso.

6. Como é a vida profissional de um(a) enfermeiro(a)?

Olha... Eu sou sincera... Não vou dizer assim... Mas eu gosto muito. Claro que têm as suas fases... As suas fases tristes... E principalmente pediatria... Algumas pessoas chegam a me falar: “ah... Eu não suportaria porque eu adoro criança”... Mas eu também adoro criança, trabalho em pediatria desde que eu me formei. Que eu vim pra cá mesmo foi assim... Meu único emprego. Já vim pra cá... Me formei no final do ano... No começo do ano já comecei aqui. Só comecei na Enfermaria, agora tô aqui na UTI, mas... Eu adoro. Embora eu adore criança e tudo o mais, eu adoro trabalhar com as crianças também. Mesmo essas que... Ah... Mas eu gosto de trabalhar com criança saudável... Primeiro também... Claro que é melhor você ver criança saudável, mas eu adoro trabalhar com criança. Eu não... Não tenho afinidade pra trabalhar com adultos. Prefiro criança, adoro o meu trabalho e adoro UTI.

7. A profissão Enfermagem é compatível com sua realização profissional?

Sim... É... Eu gosto muito. Não saberia fazer outra coisa, assim... Não penso em outra coisa, *tipo*... Aí... Tô estressada... Vou largar, sabe?... Não consigo pensar em alguma outra coisa pra fazer... É a minha vida mesmo...

8. Você já pensou em mudar de profissão? Se já pensou, qual você faria?

Não... (risos)... Assim... Às vezes... É claro... Acho que toda profissão tem o seu momento de estresse... Tem a sua fase ruim... Não sei... O momento de vida talvez. Não é nem o momento da profissão, mas eu acho que é a fase da vida que têm horas que você tá super estressada, é... Claro que você nunca pode deixar... É... A sua vida pessoal interferir na vida profissional, só que tem

horas que sim... Começa a acontecer um turbilhão de coisas e sua cabeça vira... Então você acaba ficando estressada... Mas é claro que você não pode deixar isso interferir no seu trabalho... Mas... É... Você acaba ficando estressada e aí você estressa com tudo... Trabalha normalmente, mas a sua cabeça não tá boa muitas vezes, né?... Mas... É isso que eu gosto e não penso em trocar, não sei fazer outra coisa, não quero fazer outra coisa... (risos)

9. Você gostaria de acrescentar alguma informação ou fazer alguma pergunta?

Não... Acho que não...

10° Sujeito

1. Qual a sua idade?

40 anos.

2. Quanto tempo você tem de profissão?

Quinze anos.

3. Você recebeu Orientação Profissional antes do seu Vestibular?

Não, não recebi. Nenhum tipo. Assim... Orientação formal... O que a gente tinha... O que eu tinha, o que eu recebi, foram assim... Conversas... Eu conversei com colegas de Escola... De Cursinho... Com professores, mas, sobre a minha profissão... Nenhuma.

4. O que mais influenciou para que você optasse pela Enfermagem?

Eu sempre gostei de cuidar das pessoas. Sempre gostei. Acho que isso que me levou, né?... Que me conduziu à área. Eu sempre gostei de Ciências... Do corpo humano... E cuidar do outro. Então acho que isso que me conduziu pra área de saúde. Escolhi uma profissão na área de saúde.

5. O Curso de Enfermagem atendeu às suas expectativas?

Atendeu. Muito... Assim... Era... No início eu achava que não era aquilo que eu queria fazer né? Eu tinha pensado em fazer Medicina... Só que daí eu fui descobrindo que o que eu procurava pra mim não era a parte fisiológica, né?...Biomédica, do ser humano, né?... O que eu queria era cuidar do corpo do ser humano, cuidar mesmo. Executar cuidados no ser humano. Então era diferente, o que eu procurava mais o lado bio – psico - social do que aquela coisa imediatista... Que eu tenho essa visão da Medicina, né?... Que é uma coisa assim, muito biológica. É diferente. Eu não queria isso pra mim, mas eu só descobri a partir do segundo ano de Enfermagem.

6. Como é a vida profissional de um(a) enfermeiro(a)?

Um pergunta difícil... A vida profissional... Ela é... É que eu gosto muito do que eu faço, eu sou muito realizada, né?... A gente até costuma brincar: nossa, tanto tempo de formada, você não faria outra coisa? Mas eu sempre penso em profissão da área de saúde... Ah! Eu penso: primeiro Enfermagem. Ah... Você faria de novo?...Faria. Eu gosto muito do que eu faço e é compensador você ser enfermeira, do ponto de vista econômico... É uma profissão que compensa... Tem sempre acesso prá trabalhar... Locais prá trabalhar, é uma profissão que te abre um leque muito grande. Você não precisa ser só assistencial, embora eu goste muito da área assistencial, hoje eu tenho uma função administrativa. Então abre um leque muito grande pra você hoje, né? A profissão é uma profissão jovem, né? Ela não é uma profissão tão velha, né? Ela é mais velha que a Fisioterapia, que é outra profissão muito jovem, bem mais jovem, né? Mas mesmo assim, ela sendo jovem hoje você tem um... Várias opções na área de Enfermagem... Então, é uma profissão boa. Eu considero uma profissão muito boa.

7. A profissão Enfermagem é compatível com sua realização profissional?

É. Pra mim é. Muito.

8. Você já pensou em mudar de profissão? Se já pensou, qual você faria?

É... Sempre pensei assim... Não sabia que eu ia gostar tanto, né? Mas foi uma coisa que foi me conquistando, me cativando... É como eu já tinha comentado, né? Ah... Eu vou fazer Enfermagem... Ah... De novo?...É, de novo... Ah... E se você não fosse enfermeira, o que você faria? Fisioterapia. Então assim, eu não consigo pensar numa coisa... Ah! Consigo sim... Se eu não fizesse nenhuma dessas, provavelmente eu faria alguma coisa na área de educação... Pedagogia, né? Alguma coisa assim, mas sempre ligado... A uma coisa que fosse ligada em cuidar do outro, né? Que eu vejo educação assim: você estar cuidando do outro também.

9. Você gostaria de acrescentar alguma informação ou fazer alguma pergunta?

Não...

11° Sujeito

1. Qual a sua idade?

Quantos anos eu tenho? 43.

2. Quanto tempo você tem de profissão?

Tenho dezenove anos de profissão. Eu tive alguns meses de experiência fora, em São Paulo, né? Eu me formei e fui contratada de emergência prá trabalhar num hospital em São Paulo. Fui. Fiquei alguns meses, depois prestei concurso aqui e passei e resolvi ficar aqui, ao invés de ficar lá. Na verdade eu me formei e fiquei alguns meses só lá, né? Fiquei quatro meses lá. E depois eu já vim pra cá. Então eu já tô aqui há dezenove anos.

3. Você recebeu Orientação Profissional antes do Vestibular?

Muito pouca, na verdade. Eu tinha algumas afinidades... O primeiro Vestibular que eu prestei não

era pra Enfermagem, era pra área de exatas, né?... Eu não fui aprovada... Eu repensei algumas coisas e depois eu prestei Enfermagem. Mas não orientações específicas, muito pouco... Orientação Profissional específica pra escolher carreira, foi bem pouco... Recebi alguma... Porque fiz Cursinho... Tinha esse tipo de trabalho, mas... Foi... Pouco, na verdade.

4. O que mais influenciou para que você optasse pela Enfermagem?

Na verdade, como eu falei... Eu prestei um primeiro Vestibular pra área de exatas, não passei... Aí eu repensei e pensei que eu queria uma profissão onde eu pudesse ficar perto das pessoas, né?... Pensei numa profissão em que pudesse ajudar as pessoas, mas... Que eu tivesse um relacionamento direto com elas e... Eu escolhi a Enfermagem. Por isso... Porque eu pensei que isso iria me propiciar uma proximidade com as pessoas... Eu decidi mesmo pela proximidade das pessoas, não houve uma influência específica pela Enfermagem, né?... Mas eu achei que na Enfermagem eu poderia fazer isso. Podia me relacionar de perto com as pessoas

5. O Curso de Enfermagem atendeu às suas expectativas?

Atendeu. De uma maneira geral ele atendeu. A minha turma especificamente teve alguns problemas com relação a currículo, mas nós discutimos muito com relação a isso, né? Houve bastante atividade política nesse sentido. Satisfez totalmente.

6. Como é a vida profissional de um(a) enfermeiro(a)?

Eu acho que a vida profissional, no meu caso, eu vejo que a vida profissional da enfermeira é muito importante, né? Na questão do cuidado, porque a enfermeira... É a peça primordial nisso e a enfermeira traz consigo uma grande responsabilidade. Ela tem que zelar... É o cuidado por inteiro, não é? Ela não tá alí somente no cuidado físico. Então ela tá também cuidando do espírito, da alma... Do físico... E por isso eu acho que o enfermeiro é alguém especial... Com certeza... É uma vida até que eu acho que às vezes ela é um pouco pesada. Ela é um pouco carregada nesse sentido desse cuidado integral... Quando eu digo integral, eu tô querendo falar do ser por inteiro, como... Espírito... Né? Com a parte física. Por vezes a gente pode se envolver em

determinadas circunstâncias e... Tornando difícil separar e a gente se vê quase que na mesma situação do paciente. Então acho que por isso eu julgo que somos especiais de alguma forma. Pra poder trabalhar com essas questões, né?

7. A profissão Enfermagem é compatível com sua realização profissional?

Bastante. Eu... Quando eu comecei a trabalhar, eu já me sentia extremamente valorizada, né? Logo no início da minha carreira. Não sei se era porque eu tinha traçado um objetivo pra mim, de ser uma profissional, né?... De qualidade... Assim... Na minha cabeça era isso que trazia pra mim. Não me importava muitos cargos... Remunerações altíssimas porque eu já sabia que isso não acontecia, né?... Mas eu... Eu... Eu acho assim... Eu me realizei plenamente enquanto enfermeira... Na evolução da minha carreira... Tudo foi muito bem eu acho.

8. Você já pensou em mudar de profissão? Se já pensou, qual você faria?

Na verdade eu já pensei em mudar de profissão, sim. Alguns momentos a gente entra em crise, né?... Com muitas dificuldades que nós encontramos. Mas eu sempre achei que eu seria uma boa Psicóloga, né? Não sei se eu ainda algum dia vou ser uma Psicóloga, mas eu já pensei em mudar.

9. Você gostaria de acrescentar alguma informação ou fazer alguma pergunta?

Não. Prá mim tá tudo bem.

12º Sujeito

1. Qual a sua idade?

33 anos.

2. Quanto tempo você tem de profissão?

Dez anos. Me formei em dezembro e comecei a trabalhar em janeiro.

3. Você recebeu Orientação Profissional antes do Vestibular?

Não. Nenhuma.

4. O que mais influenciou para que você optasse pela Enfermagem?

Eu acho que a proximidade com o paciente. Meu pai ficou muito doente na minha infância, na minha adolescência. Minha avó também e eu fiquei muito próxima a eles e eu via que o enfermeiro ficava muito mais próximo do que o médico. Eu achava que ele ficava muito mais do que o médico que só ia uma vez por dia, prescrevia e ia embora, então... Pra mim, isso que me influenciou muito mais.

5. O Curso de Enfermagem atendeu às suas expectativas?

Sim, bastante.

6. Como é a vida profissional de um(a) enfermeiro(a)?

Bem turbulenta (risos). É bastante corrido porque existe uma cobrança muito grande enquanto profissional porque você tem que estar sempre se atualizando, as informações evoluem muito rápido, você tem que estar sempre lendo, estudando... Tem que fazer Especialização ou Mestrado... Além de estar atualizada em todas as áreas, não é só em cirurgias, só em humanização ou só em... Todas as áreas... Você tem que estar lendo pra ver o que tá acontecendo em todos os lugares que tem a ver com o seu trabalho... Além da vida pessoal, né?... Enfermeiro também tem a vida pessoal... Tem a família, tem muita coisa... Então é... Bem turbulenta...

7. A profissão Enfermagem é compatível com sua realização profissional?

Sim, bastante... Eu adoro o que eu faço.

8. Você já pensou em mudar de profissão? Se já pensou, qual você faria?

Nunca. Nunca pensei.

9. Você gostaria de acrescentar alguma informação ou fazer alguma pergunta?

Não... Eu acho que prá ser enfermeiro eu acho que você tem que gostar muito do que você faz... Que eu percebo que têm alguns profissionais que tão vindo pro mercado e que não tão fazendo Enfermagem porque gostam e sim por causa do mercado que tem bastante opção, né? E eu acho que a qualidade dos enfermeiros que tá vindo ainda deixa um pouco a desejar porque não tão fazendo aquilo de coração... Porque gostam mesmo. Acho que se fizessem de coração, porque gostam, acho que o serviço seria bem melhor... É... Porque tem muita Faculdade de Enfermagem no mercado, tem muito enfermeiro. Hoje em dia é comum as pessoas falarem: “já que você é Auxiliar, faz quatro anos de Faculdade e aí, você acaba virando enfermeiro”. Mas é diferente. As pessoas fazem a Faculdade hoje pra ter o diploma e não pra adquirir o conhecimento. O próprio enfermeiro que tá sendo formado hoje, ele não enxerga a diferença entre ele como enfermeiro e como ele era antes como Auxiliar. Ele continua com o mesmo comportamento do Auxiliar e Técnico de antigamente, entendeu? Ou seja, uma pessoa tecnicista: uma pessoa que vai lá pra executar com qualidade um procedimento técnico. E ser enfermeiro não é só isso, entendeu? Ser enfermeiro é você entender os problemas... Claro, saber anatomia, fisiologia, todo o básico, mas é você ter discernimento sobre prioridades, sobre é... É... A... Situação da mãe, da família, do doente... É muito maior que isso aí, entendeu? Uma visão muito mais ampla.

13º Sujeito

1. Qual a sua idade?

25 anos.

2. Quanto tempo você tem de profissão?

Um ano... Eu tenho um ano como enfermeira.

3. Você recebeu Orientação Profissional antes do Vestibular?

Não. Nenhuma. Mas eu já tinha feito Técnico de Enfermagem no COTUCA, então eu conhecia um pouco da profissão.

4. O que mais influenciou para que você optasse pela Enfermagem?

Eu sempre gostei da área hospitalar, de cuidar, gosto muito de criança... Daí entrei no Técnico, mas sem conhecimento da profissão, daí lá eu gostei, assim... De estar no hospital, de tar ajudando as pessoas... E aí eu decidi prestar Vestibular prá Enfermagem.

5. O Curso de Enfermagem atendeu às suas expectativas?

Sim. Quando eu entrei, assim, eu tinha uma idéia diferente do Curso... Não... Não achava que ia ser tão complexo, que eu aprenderia tanta coisa. Ah... Então... Assim... Eu gostei. Deu pra aprender bastante com o Curso.

6. Como é a vida profissional de um(a) enfermeiro(a)?

(risos) Ah, é um trabalho... Pelo menos assim, eu achei... Agora eu me identifico bastante, comecei direto numa UTI pediátrica. Então assim, o trabalho técnico, é difícil, é bem específico.

É uma área que não é tão abordada na Faculdade, e a parte emocional lá... UTI... Assim... Ela é bem pesada, então, assim... O início de profissão, assim... Foi bem difícil. Assim... Me desgastou bastante... Eu tô há dois meses aqui na UTI, há um mês na UTI, um mês na Enfermaria, então assim, tô ainda no período de adaptação, mas... Tenho pouco tempo pra falar, né?

7. A profissão de Enfermagem é compatível com sua realização profissional?

Sim, é. É compatível.

8. Você já pensou em mudar de profissão? Se já pensou qual você faria?

Como no ano passado eu tava fazendo Especialização em São Paulo e acordava cedo, eu falei: ai meu Deus, será que escolhi uma profissão certa? Mas assim, quando eu penso no que eu faria se não fosse Enfermagem, não chego a nenhuma conclusão. Eu gosto muito do que eu faço.

9. Você gostaria de acrescentar alguma informação ou fazer alguma pergunta?

Não, acredito que não, mas eu acredito que seria interessante dar essa Orientação Profissional antes da Faculdade, porque vejo que muita gente entra na Faculdade sem ter noção do que é ser enfermeiro e acaba levando o Curso... Hoje a gente vê que foi pra uma área que assim, não era bem aquilo que ele queria ou esperava.

14º Sujeito

1. Qual a sua idade?

44.

2. Quanto tempo você tem de profissão?

Dezoito anos.

3. Você recebeu Orientação Profissional antes do Vestibular?

Mais ou menos. Um dia na, na escola, onde eu fazia o Cursinho, foi uma orientadora lá e aplicou o teste em todos os alunos do Cursinho e aí, ela chamou aqueles que ela achava que não... Não... Enquanto faziam o teste, você colocava a sua preferência para prestar o Vestibular, e ela me chamou falando que eu não dava pra área de biológicas (risos), que eu seria mais pra área da humanas, né? Aí na verdade eu ia tentar Medicina, aí eu sofri um acidente de carro e eu conheci uma enfermeira. Eu gostei muito daquela enfermeira, muito. E... Eu não sei... Não sei por que cargas d'água, ela me chamou muito a atenção. Quando eu saí do hospital, eu procurei essa enfermeira, aí eu fui conversar com ela pra saber o que, que era Enfermagem, porque nem eu sabia o que era Enfermagem. Eu queria Medicina, mas eu conheci essa, essa enfermeira e a profissão que ela fez, eu gostei muito, aí, ainda deu tempo de eu me inscrever, prestar o Vestibular pra Enfermagem e passar. Até passei. Eu pensei que não fosse passar (risos), mas é que eu tava me preparando realmente pra Medicina.

4. O que mais influenciou para que você optasse pela Enfermagem?

Foi exatamente o que eu te falei. Eu conheci essa enfermeira. Essa enfermeira influenciou bastante.

5. O Curso de Enfermagem atendeu às suas expectativas?

Atendeu. É... Era exatamente aquilo... Que quando eu vi o que aquela enfermeira tava fazendo, era exatamente isso que eu queria, aí eu descobri... Que só falava que a gente faz Enfermagem porque se sente frustrada. Bom, aí, quando eu fui pra Enfermagem mesmo, fazer, eu fui porque eu queria. Era aquilo. Eu ia lidar com o paciente, eu ia conversar com o paciente, eu ia ajudar né? E também... Ia aprender... Então eu fui com essas expectativas. Enquanto que eu, eu via que quando eu tava internada, eu mal via o médico Uma vez de manhã e às vezes no final do dia, e a Enfermagem eu via sempre. Então eu... O que eu queria era tá do lado... E não passar. Essa foi exatamente a minha escolha: tava no caminho certo. O Curso atendeu às minhas expectativas.

6. Como é a vida profissional de um(a) enfermeiro(a)?

Bom, é... É saber que têm muitos momentos que a gente vai saber perder. E que muitos momentos vai saber ganhar. Então eu gosto muito do que eu faço, eu gosto muito de ser enfermeira. É... Exatamente, eu queria: lidar com o ser humano, saber lidar com ser humano. E hoje entendo um pouquinho daquela Orientação Vocacional que eu recebi antes... O lado humano, porque... Saber conversar, saber ouvir, também faz parte do enfermeiro. Então eu acredito que eu consegui conciliar tudo, essa profissão realmente me... É... Me completa, porque eu gosto e não penso em nenhuma outra coisa que não seja isso.

7. A profissão Enfermagem é compatível com sua realização profissional?

É, é compatível. E uma coisa que eu gosto, e acho que eu tô fazendo isso agora. Eu dou aula, né? E Ensino... Não é Faculdade, eu não tenho Mestrado. Eu gosto de ensinar, mas eu sempre gostei de ensinar, desde criança. Eu queria fazer Normal, eu queria dar aula. Eu achava que ia fazer Pedagogia, não sei por que em cima da hora eu mudei de idéia. O que eu queria era ensinar, então, hoje eu tô numa coisa que eu gosto, estou satisfeita, tô conseguindo lidar, mas por outro lado eu tô sentindo tudo, eu gosto de dar aula, e assim, até hoje, até mesmo com os alunos eu percebo assim que, é.... Eu tenho um bom retorno, eles têm me dado um bom retorno. Na assistência, eu tenho certeza, eu recebo a gratificação.

8. Você já pensou em mudar de profissão? E se já pensou, qual você faria?

É... Em 1990, 89, eu me decepcionei muito na Enfermagem. Na verdade, eu me decepcionei com as pessoas e como na época eu não sabia diferenciar pessoa da profissão, pensei em fazer Veterinária... Direito... Mas como a Enfermagem foi a minha escolha desde que conheci aquela enfermeira, decidi continuar na Enfermagem.

9. Você gostaria de acrescentar alguma informação ou fazer alguma pergunta?

Não. É... Eu acho assim: hoje, aquela Orientação Profissional que eu tive naquela época, ela disse muita coisa com relação à área de humanas. Eu acho que... Eu tô avaliando que a área de humanas... Se eu não tiver um pouco... Trabalhar um pouco mais com humanização dentro da Enfermagem... Eu não vou conseguir ser... Me tornar um bom profissional. Então, pra aquilo sim, eu acho que foi válido, né? Só que eu acho que vai muito do... Do gostar da pessoa, você tem que gostar. Então... Se a pessoa tem dúvida naquilo que queria fazer, é interessante fazer uma Orientação, ter uma Orientação, pra saber como se guiar, né?... Mas se ela tem, gosta de alguma coisa, porque não tentar... Aí, se chegar lá na frente ela perceber que não é aquilo, ela não vai... Não houve perda. Ela fez alguma coisa que acrescentou e ela, ela mesma chegou à conclusão: não, não vai ficar com aquela frustração... Aí... Eu não vou conseguir, eu não tentei, nem nada... Né? Só isso.

15º Sujeito

1. Qual a sua idade?

Tenho 24 anos.

2. Quanto tempo você tem de profissão?

Tenho um ano e dois meses de profissão, de UNICAMP. Eu me formei e prestei o concurso em dezembro. Quando eu tava me formando, e... Aí já passei no concurso, mas mesmo assim, até que chamassem o concurso eu fui trabalhar na minha cidade. Fui trabalhar lá, e aí junho já me chamaram, deixei tudo lá e vim embora pra cá (risos).

3. Você recebeu Orientação Profissional antes do Vestibular?

Não, não recebi... Na verdade eu que fui atrás de tá conhecendo um pouco mais da profissão. Não conhecia a Enfermagem a nível de Graduação mesmo, de Faculdade e aí eu fui atrás... Fui

procurar revista, li aquele Guia do Estudante, na minha escola tinha aquelas fitas de profissões e além de tudo eu tenho um primo que é médico e ele é casado com uma enfermeira. E até então eu tava interessada em Medicina e fui conversar com ele tudo e aí é que eu fiquei conhecendo a Enfermagem como Faculdade mesmo, a nível Superior e aí eu me apaixonei. (risos) Sou realizada hoje em dia.

4. O que mais influenciou para que você optasse pela Enfermagem?

Acho que esse contato direto com o paciente, você estar vinte e quatro horas realmente com o paciente, conhecê-lo e estar o tempo todo do seu plantão do lado dele. Além disso, eu gosto mesmo dessa área de gerenciamento também, e coisas que a Enfermagem permite bastante.

5. O Curso de Enfermagem atendeu às suas expectativas?

Atendeu. Atendeu minhas expectativas, porém assim... Em termo de prática acho que fica um pouco pendente... Eu sei que o tempo é curto... Quatro anos só, é pouquíssimo tempo pra atender teoria e prática, mas atendeu minhas expectativas sim.

6. Como é a vida profissional de um(a) enfermeiro(a)?

(risos) A responsabilidade é muito grande, muitíssimo grande mesmo, antes de entrar não imaginava que fosse tão grande a responsabilidade do enfermeiro. A gente é responsável pelo o que nós fazemos e pela equipe como um todo, né? Qualquer problema da equipe acaba caindo sobre nós. É uma vida bem corrida (risos). Normalmente os enfermeiros... São poucos os que ficam apenas num emprego, normalmente acabam tendo mais de um, né?... Enfim, foi o que eu escolhi e... É o que eu tô me sentindo realizada no momento.

7. A profissão Enfermagem é compatível com sua realização profissional?

Muito. Muito compatível sim (risos). Sou muito realizada profissionalmente, não posso me queixar disso, nem um pouco.

8. Você já pensou em mudar de profissão? Se já pensou, qual você faria?

Não. Mudar de profissão não. O que eu já pensei e tô pensando ainda, é em fazer uma outra Faculdade, ou de Administração ou de Direito pra justamente tá lidando com a área de gerência, supervisão. Mas mudar de profissão, não. Quero continuar dentro da Enfermagem mesmo, só quero uma outra Faculdade pra poder me dar um suporte maior nessa área.

9. Você gostaria de acrescentar alguma informação ou fazer alguma pergunta?

Não, acho que não... Acho que o que falta um pouco é assim, pra população tá conhecendo um pouco mais do trabalho da enfermeira, toda essa hierarquia que tem dentro da Enfermagem, porque são poucos os que conhecem, né? Eu acho que poderia tar sendo divulgado um pouco mais. Em termos de população mesmo. Os pacientes que estão lá no PS não sabem a quem se referir quando precisa tar fazendo alguma reclamação, coisa enfim, acho que eles poderiam, assim, ter um pouquinho mais de conhecimento, né?... É uma coisa complicada mesmo... Pra eles todo mundo é enfermeiro alí dentro e pronto, assim né?... Mas acho que... É isso.

16º Sujeito

1. Qual a sua idade?

33.

2. Quanto tempo você tem de profissão?

Tenho sete anos. Comecei no Pronto Socorro. Me formei na UNICAMP e só trabalhei aqui.

3. Você recebeu Orientação Profissional antes do Vestibular?

Não. Nenhuma. Foi escolha própria.

4. O que mais influenciou para que você optasse pela Enfermagem?

Eu sempre gostei da área de saúde. Quando eu fui fazer Cursinho eu não sabia exatamente qual seria a área que eu iria me envolver e aí eu prestei Vestibular pra Medicina e pra Enfermagem e eu passei na Medicina da PUC... Mas não tinha dinheiro (risos)... Então vim fazer Enfermagem aqui (risos).

5. O Curso de Enfermagem atendeu às suas expectativas?

Não todas. Porque desde o começo os professores já diziam pra gente, né? Que as coisas não eram só como a gente aprendia na Faculdade. Que na realidade as coisas eram diferentes. Mas dá uma boa base. Eu acho que nenhuma Faculdade dá ou atende todas as suas expectativas. Isso você vai aprendendo com o tempo, com a experiência.

6. Como é a vida profissional de um(a) enfermeiro(a)?

(risos). No profissional é complicado porque nós temos autonomia de certa parte, mas por outra parte não temos e eu sempre falo que a gente tá sempre na linha de batalha porque a gente tá, entre a equipe e a chefia, entre os médicos e entre os pacientes. Então a gente tá sempre ali na frente levando bomba de todos os lados. O que dá pra gente resolver, com certeza a gente fica, assim, bem gratificada, fica satisfeita. O que não dá, a gente tenta resolver de outras formas. Mas é assim: é gratificante, apesar de você não ter autonomia, de você saber que podia resolver outras coisas, de outras formas, mas vai além do que lhe permite... É uma profissão pra quem ama.

7. A profissão Enfermagem é compatível com sua realização profissional?

Na verdade até hoje eu não sei... (risos)... Acho que eu quero fazer outra Faculdade. Eu quero... Tô pensando em Nutrição. E aí seria só uma complementação. Aí eu posso abrir meu consultório... E assim, eu acabo lidando com coisas que eu gosto mais, né? Que é orientar, dar mais atenção pra pessoa... Se eu partir pra essa área... Não, não tá completo.

8. Você já pensou em mudar de profissão? Se já pensou, qual você faria?

Eu já pensei, mas eu não cheguei a nenhuma conclusão. Na verdade, essa idéia ocorre sempre que acontecem alguns problemas mais sérios, mais difíceis de serem resolvidos. Não é nem problema com o trabalho em si, né? É a parte de relacionamento, com chefia, isso acaba desgastando e você fica meio assim, né? Se eu quero continuar?... Às vezes você quer *chutar o balde* né? Mas o pé no chão não deixa (risos).

9. Você gostaria de acrescentar alguma informação ou fazer alguma pergunta?

Ah... Eu queria ter notícia do que vai dar essa pesquisa (risos)... Acho super interessante porque assim, até que agora, essa coisa de Orientação Profissional tá mais forte, tá direcionando mais as pessoas, mas é... Na minha época, por exemplo, a gente ia, fazia e desse o que desse. Tanto que tem tanta gente aí que na verdade tá formado em uma coisa, largou, partiu pra outra... Então eu acho muito interessante estar direcionando as pessoas... Ajudando... Dar uma base, né? Porque hoje eles saem muito cedo do Colégio pra prestar um Cursinho, uma Faculdade. Chega na Faculdade não era aquilo que ele queria, segundo, terceiro ano...é tempo de vida, é dinheiro...É desgaste pra ele, pra família, então acho que é muito legal...Só.

17º Sujeito

1. Qual a sua idade?

30.

2. Quanto tempo você tem de profissão?

Quatro anos. Me formei, fiz um ano de Especialização e aí prestei concurso no final da Especialização e já passei e já fui chamada no comecinho do ano seguinte, então, em nenhum momento eu fiquei desempregada, fui direto.

3. Você recebeu Orientação Profissional antes do Vestibular?

Não. Eu fiz Técnico de Enfermagem antes, então talvez a Orientação tenha sido prática, mas pela experiência de Técnico eu não queria fazer Enfermagem, não me era agradável, é... Acabei optando porque eu passei em Enfermagem. Não passei em Medicina que eu queria na época... Prestei Medicina durante dois anos e aí não consegui, aí eu passei aqui, entrei direto e aí eu achei que era a minha missão mesmo.

4. O que mais influenciou para que você optasse pela Enfermagem?

Acho que a parte prática positiva que eu tinha comentado antes, e talvez a possibilidade de mexer na parte negativa. Acho que eu teria mais condição de poder melhorar em tudo o que havia de errado... A falta de autonomia dos profissionais com quem eu viví, né? Quando era Técnica... Em outros hospitais onde o médico só que tomava a decisão... Hoje eu vejo que é muito diferente. Eu como enfermeira tenho muito mais autonomia do que essa enfermeira de referência ruim tinha. Então eu acho que eu tenho um campo muito mais vasto, realmente do que eu tinha, do que eu imaginava antes.

5. O Curso de Enfermagem atendeu às suas expectativas?

Sim, acho que até superou, assim, o da UNICAMP. O da UNICAMP ele é muito bom.

6. Como é a vida profissional de um(a) enfermeiro(a)?

Trabalho em torno de 10 a 11 horas por dia, tenho outro emprego, e tô fazendo Mestrado... Então assim; tô estressadíssima. Tô no pique maluco. Tem me ajudado a ter minha saúde debilitada. É... Eu acho que a gente trabalha muito, a gente tem assim, eu, eu me vejo financeiramente satisfeita, eu acho que eu ganho muito mais do que, do que eu pensasse em ganhar... Sei lá, não tinha muita noção. Até a formação eu não tinha dinheiro, então... Financeiramente foi recompensador. Tá, mas tem que trabalhar muito e não tem muita perspectiva de subir em termos de salário muito

mais. Aqui o limite vai de x à y, só. Então isso é um pouquinho limitante. Mas é gratificante em relação aos pacientes, é muito sofrido em relação aos relacionamentos, acho que é uma equipe muito, é... Como é que eu posso dizer... Turbulenta... Muitas mulheres e isso é muito negativo entre elas assim. Não são muito amigáveis entre elas. Então eu me relaciono muito melhor com os próprios médicos do que com elas, com a Enfermagem.

7. A profissão Enfermagem é compatível com sua realização profissional?

Ainda não. Do jeito como ela tá colocada não. Mas tô batalhando e sei que ela vai em breve me atender. Por isso que eu tô indo fazer Mestrado. Já faço Mestrado como aluna especial e tô pleiteando uma vaga de Supervisão. Se der certo, acho que é uma coisa que eu quero trabalhar que é liderança, que eu tenho jeito, mas, onde eu tô, eu não tenho jeito de trabalhar isso e tá muito difícil.

8. Você já pensou em mudar de profissão? Se já pensou, qual você faria?

Artes Plásticas e Educação Física. Assim, profissões mais cabeça, mais cabeça... *Light*, mais *cuca legal*, assim... E corpo legal... Eu gostaria de praticar muito mais esporte do que eu pratico. Acho que isso me faz muito bem e eu ainda assim, consigo praticar, apesar de tanto estresse... É isso que me sustenta, então é... Eu acho que seria maravilhoso poder fazer bastante isso, mais do que eu faço, mas eu acho que talvez eu não recebesse retorno financeiro como eu recebo hoje. Não faria hoje pela instabilidade, que eu sou muito *pé no chão*. Não... Não viveria hoje pegar o incerto e tar largando o certo, a menos que eu tivesse um outro... Uma outra fonte de renda. Alguém que me sustentasse... E tal, mas que também não é muito a minha natureza, sou muito independente pra... Pra ficar tranqüila em relação a isso... Hoje... Hoje eu não trocaria... Talvez daqui uns anos... Depois que eu tiver tirado todo o suco que eu sei que posso tirar, porque sei que até agora eu não tirei. Quero ir além primeiro.

9. Você gostaria de acrescentar alguma informação ou fazer alguma pergunta?

Não... Acho que não... Se alguém falasse pra você: você quer prestar um concurso... A gente tem

umas duas vagas de Medicina... Você largaria a Enfermagem pra ir buscar a Medicina? Acho que sim. Talvez fosse tarde, mas eu pensaria com carinho, sim. Talvez eu fizesse junto com um pouco que eu já tô fazendo... Né?... Eu manteria um trabalho... Não sei... Acho que sim... Talvez experimentasse...

18º Sujeito

1. Qual a sua idade?

41.

2. Quanto tempo você tem de profissão?

Quatorze anos.

3. Você recebeu Orientação Profissional antes do Vestibular?

Recebi. Fiz um teste Vocacional no Cursinho e no Colégio que eu estudei. E aí deu tudo o que eu quisesse... (risos) Como todo teste Vocacional... Deu as três áreas e que eu poderia escolher qualquer uma delas, que eu teria aptidão pras três... Eu... Questiono o teste, né?... Mas eu prestei Vestibular nas três áreas. Eu passei nas três áreas e eu resolvi fazer Enfermagem, porque era... Eu gostei da UNICAMP.

4. O que mais influenciou para que você optasse pela Enfermagem?

No começo foi a Faculdade, a Universidade, eu já tinha feito no Colégio, eles tinham um Curso básico de Patologia Clínica, então, eu já tinha uma noção da área de enfermeira, que eu adorei, mas pra optar mesmo pra esse Curso, foi a UNICAMP, foi a... O deslumbramento com a UNICAMP.

5. O Curso de Enfermagem atendeu às suas expectativas?

Todas. Eu tive muita sorte. Era o que eu tinha que fazer mesmo.

6. Como é a vida profissional de um(a) enfermeiro(a)?

A minha atividade aqui não é a atividade assistencial que a enfermeira faz, né?... Eu tenho uma atividade acadêmica. Então eu não faço mais assistência. Quando eu tava no Pronto Socorro, trabalhei na área de assistência no Pronto Socorro, eu acredito sim, que eu desempenhava minha atividade que se espera de uma enfermeira, que é coordenar uma equipe de Enfermagem e ter conhecimento suficiente pra atender emergência. Eu só conheço esses dois tipos de serviço que é onde eu trabalhei. Emergência e a atividade que eu faço, acadêmica, agora. Eu acho que a postura da enfermeira é que é muito importante. Ela tem que realmente estar dentro do grupo, com muito conhecimento na área que ela trabalha e... Se impor... Porque senão ela não tem espaço. E a única forma que você tem de conquistar um espaço profissional, é estudando.

7. A profissão Enfermagem é compatível com sua realização profissional?

Eu faço exatamente o que eu gostaria de fazer. Tudo o que uma enfermeira pode fazer, desde a assistência, apesar de eu não fazer, eu oriento, eu que treino, para que meus alunos façam assistência, até a parte administrativa. É exatamente o que eu gostaria de fazer. Não ganho o suficiente pra fazer isso, (risos) mas realização profissional eu tenho. Eu não me imagino trabalhando em outro lugar.

8. Você já pensou em mudar de profissão? Se já pensou, qual você faria?

Nunca. O que eu gostaria era de fazer Direito, mas pra acrescentar na minha profissão, a parte de legislação, de ética, mas isso nunca foi assim muito intenso não. Eu só achava que eu daria uma boa Advogada, uma enfermeira advogada, então, perfeito (risos). Mas não. Não é uma coisa muito importante. Mudar de profissão, nunca.

9. Você gostaria de acrescentar alguma informação ou fazer alguma pergunta?

Não...

19º Sujeito

1. Qual a sua idade?

36.

2. Quanto tempo você tem de Profissão?

De formada em Enfermagem, eu tenho quatro anos.

3. Você recebeu Orientação Profissional antes do Vestibular?

Não, não recebi, nenhuma. Eu fiz Enfermagem assim, porque eu queria alguma coisa na área de saúde.

4. O que mais influenciou para que você optasse pela Enfermagem?

É... Eu queria a área de biológicas e área de saúde, mas assim... Eu fui fazer Enfermagem, primeiro, porque era em Campinas, segundo porque era pública e assim, acabou coincidindo de ser uma profissão da área da Saúde. A minha outra opção era Fisioterapia que também, eu passei na pública, mas era longe, e eu já tinha, já tinha meu noivo, e eu não ia largar e ir pra lá, e eu acabei ficando por aqui mesmo e fiz Enfermagem.

5. Curso de Enfermagem atendeu às suas expectativas?

Atendeu... Eu acredito que nenhum Curso forma você pra estar saindo cem por cento. Quando você se forma, você sai deficiente em habilidades, por exemplo, principalmente quando você não

é da área de Enfermagem, mas assim, é... De forma geral, ele atendeu às minhas expectativas sim. Eu não esperava nenhuma coisa assim, mirabolante, assim, eu achei que era um... Uma profissão do mundo do trabalho mesmo, prática. Então atendeu sim.

6. Como é a vida profissional de um(a) enfermeiro(a)?

Eu tenho um trabalho só. Eu já tive dois trabalhos e acho que isso, isso complica muito a sua vida pessoal, né? Agora assim, a vida profissional, ela é... O cotidiano, ele é muito corrido, né? Muito carregado, então você tem assim, é... Eu acho que a gente fica muito num mata borrão, né? Você tem a equipe de Enfermagem, que é responsável diretamente pelos cuidados e aí você tem sempre um embate com a equipe médica, né? E isso, dependendo de como é que você se coloca, pode ir bem ou pode ir mal. Então acho que é, assim, ela é baseada, é... Nessa parte de assistência e gerenciamento e também na... Você tem uma ênfase também na parte de relacionamento interpessoal. Acho que eu respondi o que você perguntou?

7. A profissão Enfermagem é compatível com sua realização profissional?

No momento sim. Quando eu estresso, eu falo assim... Ah! Por que que eu não abri um quiosque lá em São Sebastião...Pra vender cerveja e tomar sol... Né?... Mas assim, isso é quando eu estresso... Raramente eu estresso, mas é compatível sim. Eu esperava isso... Assim, como eu disse anteriormente, eu não esperava fazer grandes descobertas, então, assim, é compatível e eu me sinto feliz hoje.

8. Você já pensou em mudar de profissão? Se você já pensou, qual você faria?

Não... Assim... Em alguns momentos, a gente fala assim, ah... Mas porque que eu vim fazer isso, mas assim, mais nos momentos que eu me estresso... Que eu falo, mas é... Eu também não montaria o quiosque na praia (risos)... É mais um desabafo, assim né?... É... Mas assim, eu não mudaria não. A Enfermagem, ela te dá muitos leques pra você trabalhar. Se você não gosta de hospital, é... Você pode trabalhar com Saúde Pública... Ou numa empresa, você pode até trabalhar no ramo comercial, essas empresas de equipamentos hospitalares, então assim... Acho

que na Enfermagem, você tem vários... Vários... Várias opções, então, assim, não penso não. Hoje eu acho que eu tenho um bom emprego. Não acho que tenho um emprego ruim não. Trabalho de manhã, são trinta horas, e acho que, comparando com o mercado de trabalho, não acho que a gente como profissional de nível superior, não acho que a gente tenha um salário baixo, então claro, a gente sempre gostaria de ganhar mais né? Mas não acho que é tão ruim, sabe. Eu venho de hospitais privados e a realidade é diferente.

9. Você gostaria de acrescentar alguma informação ou fazer alguma pergunta?

Acho que não... Assim, eu só gostaria de saber se eu respondi adequadamente suas perguntas, porque às vezes a gente meio que se perde. Olha! A gente não deve esquecer é do campo de trabalho dela e dos limites que são inerentes da profissão de Enfermagem. Por exemplo... Eu... Por mais que eu olhe lá e veja que o paciente precisa de tal medicamento, eu não posso prescrever porque isso é conduta médica. Então não adianta eu me estressar, ter um *chilique* no corredor porque isso não é da minha competência e é bom que não seja da minha competência, porque eu já tenho as coisas de minha competência que se eu não fizer, outro profissional não faz. O que eu vejo, assim... É que as pessoas se estressam... Estressam... Têm *pití* no meio do corredor... Eu não... Eu não falo... Eu vou embora às vezes chateada... Às vezes certas coisas eu vou embora chateada, mas, mas eu vou com a minha consciência tranqüila de que fiz o que tava ao meu alcance, sabe... E acho que a gente tem que trabalhar isso na cabeça da gente enquanto profissional, certo?

20° Sujeito

1. Qual a sua idade?

46 anos.

2. Quanto tempo você tem de profissão?

Dezoito anos.

3. Você recebeu Orientação Profissional antes do Vestibular?

Não... É... Eu fiz o Técnico de Enfermagem aí depois eu resolvi fazer Enfermagem porque eu já conhecia a profissão, né? E eu tinha vontade de continuar, na mesma profissão. Mas não recebi nenhuma Orientação Profissional, nada. Eu fui seguindo realmente assim, primeiro fiz o Técnico, gostei do que eu tava fazendo e queria aprender mais aí eu fui prestar o Vestibular pra fazer Faculdade de Enfermagem.

4. O que mais influenciou para que você optasse pela Enfermagem?

A partir do momento que eu fui conhecer a área hospitalar, que eu vi o que tava fazendo... Tudo, e então eu tive o interesse de estar continuando, pela experiência anterior, né?

5. O Curso de Enfermagem atendeu às suas expectativas?

Na época, não senti muito isso não, né?... Porque a gente tava iniciando o Curso de Enfermagem... Eu não lembro... Alguma coisa... A gente ainda não tinha as coisas da Enfermagem, voltado pra Enfermagem. Então... No Ciclo Básico, a gente fazia, no Ciclo Básico aqui, as matérias básicas junto com a Medicina e depois que a gente saía pras aulas de Fundamento e tudo... Tudo o que era direcionado para a Enfermagem. Não tinha... O local não era muito adequado, então a gente sentia muito falta disso, né?... Então tinha aula em todo o lugar, né? Que hoje não acontece. Assim... O currículo era perfeito, tinha todas as abordagens... E a gente sentiu super satisfeito... Só que a gente não tinha essa parte que é ter um prédio fixo... A parte física mesmo.

6. Como é a vida profissional de um(a) enfermeiro(a)?

(risos)... É complicado... Profissional... Assim, eu sinto a Enfermagem, a enfermeira, antes, quando eu me formei foi muito focado para a parte assistencial então eu saí totalmente assistencial, pouca coisa assim... Mesmo tendo a formação... É... Administrativa, o enfoque maior

era assistencial, então, era assim, a realização do dia-a-dia, do... Dar o cuidado, de... Ver no dia-a-dia o que você tinha feito e de sentir junto com o cliente, né? O seu trabalho, a diferença, o diferencial, que era o profissional, enfermeiro, trabalhando... É... Agora, eu vejo que o enfermeiro... Muito mais focado para o lado científico, do estudo, de continuar... De melhorar... De estar tentando... Mostrar a importância do enfermeiro, então agora, eu sinto essa parte assim que, poderia ser bem dividida, agora ela tá... Eu percebo que agora os enfermeiros, eles são assim formados... Mais assim... Continuar a estudar, fazer Especialização, porque hoje o enfermeiro tem que ser especialista mesmo, fazer Doutorado, fazer Mestrado, Pós-Doutorado, Pós-Graduação. Então agora eu percebo essa diferença no profissional enfermeiro, né? Eu vejo o enfermeiro agora assim: a gente enfrenta muitas, várias dificuldades, são várias coisas que a gente gostaria de estar fazendo, não consegue... Às vezes inicia, depois não consegue progredir, é... Eu acho que... Ainda tem uma desunião, entendeu? Então eu acho assim que a classe que a gente... A Enfermagem, a Enfermagem poderia ser mais unida, assim, em relação a... Tanto o estudo... Grupo de estudo e tudo o mais, né? Essas coisas, um passando a experiência pro outro e dando continuidade no trabalho, né? E aplicando isso... O meu dia-a-dia... Bom, assim, eu particularmente consigo conciliar bem a vida profissional com o restante. Então, da parte profissional, é... O meu dia-a-dia, eu tenho assim, têm as dificuldades, do dia-a-dia, mas a gente assim, vai com o tempo... Com o tempo, às vezes não tão imediatamente, mas a gente vai conseguindo sanar. É assim, eu me sinto profissionalmente... Eu me sinto satisfeita, né? Eu gosto do meu trabalho, gosto do que eu faço e... Tento fazer da melhor maneira possível, então assim, têm dificuldades, muitas, mas assim, a gente tenta melhorar de uma maneira ou de outra pra que a gente possa trabalhar bem.

7. A profissão Enfermagem é compatível com sua realização profissional?

Sim, sim. Já fiz várias vezes essa pergunta, em vários sentidos, né? Profissional e tudo o mais... Pessoalmente, tudo, mas... E assim, inclusive já tive vontade até de fazer, queria né?... Assim, além de Enfermagem, fazer outra Faculdade, mas sempre com a intenção de tar prestando sempre... Tudo o que eu fizer, tar prestando na área de Enfermagem. Então assim, não pra sair da Enfermagem, entendeu? Eu gosto do que eu faço mesmo.

8. Você já pensou em mudar de profissão? Se já pensou, qual você faria?

Foi o que eu disse anteriormente... Inclusive, há outra profissão que eu gostaria de fazer: é Psicologia. Justamente com essa intenção porque às vezes a gente não tem todos os parâmetros pra lidar com o indivíduo como um todo. Embora a gente trabalhe num local que tem uma equipe multidisciplinar e tudo mais, mas ainda faltam algumas coisas que você não tem... Um acesso assim, direto assim, viu? Então às vezes a gente sente um pouco perdida e sem norte em relação a isso... Faria isso pra poder melhorar e, por exemplo, se eu tenho um dado a respeito do paciente, eu saber como fazer com aquele dado, entendeu? De que forma eu posso ajudar a pessoa e tudo o mais em relação a essas outras coisas que às vezes a gente observa e não consegue interferir, `as vezes não consegue encaminhar, não consegue ajudar....

9. Você gostaria de acrescentar alguma informação ou fazer alguma pergunta?

Bom é... Pergunta, assim, eu não teria pergunta pra fazer, porque na verdade eu tô em busca de outras coisas, né?... Eu tô fazendo outras coisas, é... Porque a Enfermagem é... O que eu falei prá você, gosto muito do que faço, sinto satisfeita diariamente, mas não só isso basta prá gente né? Então eu... Tô fazendo... Voltei a fazer o Inglês... Tô fazendo algumas matérias de Pós-Graduação... Então, assim, a respeito da minha profissão, que eu tô agora ainda mesmo com dezoito anos de formada, eu busco. Ainda busco muita coisa. Eu quero aprender muita coisa. Têm muita coisa pra gente aprender, porque tudo tá se modificando, tudo tá diferente, então assim... Eu tenho vontade de ainda continuar porque é um universo enorme, né? Eu fui descobrir principalmente a hora que a gente sai de dentro do hospital, porque no hospital a gente trabalha muito, tem pouco tempo pra direcionar ou organizar alguma coisa que a gente quer. Quando você saí lá fora você vê todos os outros profissionais das outras áreas então aí que você começa a ver o quanto que a Enfermagem cresceu e quanto tem ainda pra fazer e pra melhorar... Então assim... Pergunta não. Eu tô em busca mesmo...

21º Sujeito

1. Qual a sua idade?

27.

2. Quanto tempo você tem de profissão?

Três anos.

3. Você recebeu Orientação Profissional antes do Vestibular?

Não recebi. Nenhuma.

4. O que mais influenciou para que você optasse pela Enfermagem?

(risos) Eu queria uma... Algo que fosse aqui... Que fosse na área de saúde e minha mãe é Auxiliar de Enfermagem... Eu gostava do trabalho dela, né?... E acho que foi mais ou menos por aí, uma área de biológicas.

5. O Curso de Enfermagem atendeu às suas expectativas?

Eu acho que o Curso aqui da UNICAMP é bem estruturado. Quando a gente sai pro mercado de trabalho, a gente percebe melhor, né? É... Mas eu acho que a quantidade de prática é ainda é muito pequena. Não sei se é possível aumentar, mas a gente sai com pouca vivência prática. Mas a fundamentação teórica é boa.

6. Como é a vida profissional de um(a) enfermeiro(a)?

...Bom, acho que é um dia-a-dia assim... Pelo menos aqui. É um dia-a-dia muito corrido, é... A gente tem uma série de... Lida com uma série de responsabilidades e muitas vezes, infelizmente,

a gente fica muito preso nas burocracias do dia-a-dia, né? É... Eu esperava que fosse um... Que a gente tivesse a chance de fazer mais assistência do que faz, é... Mas a nossa realidade aqui desse hospital, a gente acaba fazendo muita burocracia, faz assistência, né? Eles priorizam isso, mas a gente faz muita burocracia, com certeza.

7. A profissão Enfermagem é compatível com sua realização profissional?

Eu acho que no dia-a-dia, nas pequenas coisas, eu me realizo, mas... Eu acho que é uma profissão que... É... A gente tem muita dificuldade de se sentir valorizado, de ter reconhecimento do seu trabalho... Então isso é uma coisa que tem me incomodado, né? Eu acho que tem muita coisa que eu quero avançar e que eu não sei se vai ser a Enfermagem que vai me dar esse retorno profissional mesmo, né? Porque pra mim, o reconhecimento é... Profissional do meu trabalho, o que eu faço, é importante. E nem sempre a gente consegue.

8. Você já pensou em mudar de profissão? Se já pensou, qual você faria?

Já pensei em mudar de profissão, mas ainda tô super em dúvida do que fazer. Tenho vontade de fazer uma outra coisa sim, mas ainda não tenho certo ainda o quê. Não imagino porque às vezes eu penso em fazer é... Partir pra... Eu gosto de exatas, tenho certeza que farei alguma coisa nessa área... Ainda tô em dúvida.

9. Você gostaria de acrescentar alguma informação ou fazer alguma pergunta?

Não, nenhuma.

22º Sujeito

1. Qual a sua idade?

32.

2. Quanto tempo você tem de profissão?

Nove anos. Nove anos de formada.

3. Você recebeu Orientação Profissional antes do Vestibular?

Eu fiz um teste Vocacional no Terceiro Colegial, eu fiz um Colégio Técnico, aí eu fiz um conjugado com o Técnico de Enfermagem.

4. O que mais influenciou para que você optasse pela Enfermagem?

É que eu já tinha feito o Técnico de Enfermagem... Então eu acabei prestando o Vestibular foi por isso mesmo... Por ter feito o Técnico.

5. O Curso de Enfermagem atendeu às suas expectativas?

Atendeu... Eu até... Ficou acima das minhas expectativas. No Técnico eu tinha uma visão e quando eu fiz a Graduação em Enfermagem, eu comecei a ver as coisas de um outro jeito. Então, assim, atendeu sim.

6. Como é a vida profissional de um(a) enfermeiro(a)?

(risos) Agora assim... Depois de nove anos trabalhando, a gente acaba se acostumando, né? No começo é... É... Como eu era muito nova, minha idade... Comecei em Pronto Socorro... Então era inexperiente ainda... Direto no Pronto Socorro, com muita coisa assim, na verdade, acho que a maioria das coisas eu acabei aprendendo no Pronto Socorro, então pra mim foi... É... Não que eu me desgastei, mas eu... Foi bem puxado mesmo, bem puxado, mas... Eu procurei trabalhar em outros lugares, mas eu não me adaptei aí eu acabei voltando pro Pronto Socorro, que é assim... Minha casa assim... É onde eu me encontro, então, agora, me agrada. É bem puxado, é bem corrido, é estressante, mas assim, pra mim, o que eu quero é isso, trabalhar em Pronto Socorro, então eu, gosto do que eu faço.

7. A profissão Enfermagem é compatível com sua realização profissional?

É. Tem assim... Alguns dias eu... Eu... Eu fico assim, eu acho que eu fiz menos do que eu poderia não... Não porque não eu quis, mas porque eu não pude, pelo próprio andamento do serviço, a rotina do serviço. É muito paciente, paciente grave... É... Então... A gente tenta assim, fazer o máximo que pode e às vezes você faz e assim, achando ainda que não... Que fez pouco, mas eu adoro. Eu adoro o Pronto Socorro. Acho que é bem a minha cara e... Gosto muito do que eu faço.

8. Você já pensou em mudar de profissão? Se já pensou, qual você faria?

Não mudar de profissão, eu acho assim, se eu não tivesse feito Enfermagem, eu poderia ter feito outra coisa e a minha outra escolha seria Veterinária, mas não que eu deixaria a Enfermagem pra fazer Veterinária, entendeu? Então acho que assim, são... É bem claro pra mim. Eu sou enfermeira, eu gosto muito do que eu faço, eu não penso em mudar, às vezes eu tô cansada, física, emocionalmente, eu... Eu me canso do... Do serviço, mas eu não penso em abandonar não. De jeito nenhum. Eu tô feliz aqui.

9. Você gostaria de acrescentar alguma informação ou fazer alguma pergunta?

Não, eu só acho engraçado que enquanto eu estudava, eu achei que eu não fosse ficar muito tempo na Enfermagem, achei que eu fosse assim, né? Que fosse chegar uma época que eu fosse me cansar, que eu fosse inclusive querer parar ou mudar, né? Mas... Depois de nove anos eu até fico, eu fico surpresa comigo mesma de ver que ainda tem gás aí (risos)... Pra gastar no Pronto Socorro... Tô muito bem aqui. Já trabalhei em Saúde Pública, já trabalhei em *home care*, já trabalhei em instituição privada, já dei aula e... Mas eu acabo sempre... Acabei voltando para o Pronto Socorro. E eu costumo dizer que aqui, no Pronto Socorro você tem uma relação de amor e ódio, ou você ama de paixão ou odeia, entendeu? E eu... A minha... Minha opção é adorar. Eu adoro aqui, né? Onde eu me encontro.

23º Sujeito

1. Qual a sua idade?

Eu tenho 26 anos.

2. Quanto tempo você tem de profissão?

Eu tenho de formada já cinco anos.

3. Você recebeu Orientação Profissional antes do Vestibular?

Recebi... No meu Colégio, no Colegial eu recebi Orientação, mas era uma área completamente diferente. Era a área de... Me deram três opções e cada uma diferente da outra. Uma era Artes, a outra era a parte de biológicas e uma outra nada a ver, que eu não me lembro... Mas recebi sim. Não sei se ajudou de alguma forma, mas recebi.

4. O que mais influenciou para que você optasse pela Enfermagem?

Olha! Aqui na UNICAMP, eu prestei Vestibular, pra Medicina Veterinária na USP, na UNESP, e aqui na UNICAMP, como eu não tinha opção de Veterinária, eu ia prestar Engenharia Florestal, mas não eu queria Engenharia... Então, afinal, acabei na Enfermagem. Foi a única que eu passei e eu ia fazer mais por desengano de consciência, um dois, meses até iniciar o Cursinho, depois eu me apaixonei.

5. O Curso de Enfermagem atendeu às suas expectativas?

Sim... No decorrer do Curso eu me apaixonei pelo... Pela profissão, e eu não me imagino fazendo outra coisa. Eu gosto muito de poder tá... De alguma forma, fazendo diferença pra esse paciente, pra essa pessoa... Então... Agora eu não me vejo realmente fazendo uma outra atividade.

6. Como é a vida profissional de um(a) enfermeiro(a)?

(risos) Bom... Eu acho que tem uma parte difícil, de sacrifício mesmo, de vivenciar dor... A morte... Né? Mas por um outro lado, é muito gostoso porque nesse momento você pode fazer algo mais por essa pessoa, nem que seja trazer o conforto, pegar na mão... Tar do lado, né? E isso a profissão nos proporciona, né?... E também a alegria de ver o paciente bem... Curado... Indo pra casa... Né? Ou mesmo no momento do falecimento, reunir a família... É... De perdão... De... De... Estar dando o conforto pra esse paciente e isso é muito gratificante...

7. A profissão Enfermagem é compatível com sua realização profissional?

Sim. Eu tô bastante realizada... Mas assim, é... Essa rotina diária do plantão... Todos os dias... seis horas... É muito desgastante. Então... Não é uma coisa que eu quero pro resto da vida, por isso que eu to investindo na minha formação profissional... Terminei o Mestrado, agora, no final do ano passado, pretendo iniciar o Doutorado, seguir a área de docência... Até pra poder passar pros alunos todo o ideal de Enfermagem... Que eu recebi, né? Que me fez tornar apaixonada pela profissão.

8. Você já pensou em mudar de profissão? Se já pensou, qual você faria?

Eu já pensei várias vezes e agora que já estou estabilizada profissionalmente, de fazer uma Faculdade de Veterinária, mas... Eu acho que a Veterinária é mais um *hobby* mesmo, os animais são *hobby*, eu não conseguiria sacrificar um animal, por exemplo, né? É... E algumas coisas dentro da Veterinária que eu acho que não gostaria de fazer... Então eu acho que é mais *hobby* mesmo. Mas... Hoje em dia eu não penso em mudar não, eu complemento com o que eu gosto, mas... Mas a minha profissão mesmo, de boca cheia, sou enfermeira (risos).

9. Você gostaria de acrescentar alguma informação ou fazer alguma pergunta?

Não... Eu queria é que essa questão da paixão pela Enfermagem, porque realmente a Enfermagem fosse, fosse divulgada de uma forma maior, porque eu acho que muita gente não tem noção do

que é a Enfermagem, né? E até é muito engraçado, porque a época que eu passei no Vestibular pra Enfermagem, meu pai perguntou: “o que que uma enfermeira faz?” Na época eu me lembro claramente que eu falei assim: “ajuda o médico”... E não é isso, né? (risos)... E hoje vejo que eu falei a maior... O maior crime que eu falei... Né? Mas... Eu acho que poderia ser maior divulgado, né? Todo o campo de ação do enfermeiro... Que é bem interessante, tem um leque de atuação muito grande... Né? Eu gostaria de... De... Que aparecesse um pouco mais, né? Que fosse até um pouco mais valorizado o lado mais humano e mesmo o de atuação mesmo, de oportunidades... Têm muitos enfermeiros muito bem sucedidos, né? Que isso aparecesse de uma outra forma, melhor... Aparecesse mesmo. Só isso.

24° Sujeito

1. Qual a sua idade?

Tenho 31.

2. Quanto tempo você tem de profissão?

Sete anos. Formada aqui na UNICAMP e trabalhando aqui desde o começo.

3. Você recebeu Orientação Profissional antes do Vestibular?

Não, nenhuma.

4. O que mais influenciou para que você optasse pela Enfermagem?

Bom, quando eu escolhi, eu não... Não tinha muitas informações. Eu fui descobrir no decorrer do ano que eu fiz Cursinho. Depois que eu vim cursar mesmo a Faculdade. Durante o Cursinho eu ouvi um comentário que tava uma carreira que tava legal e que tinha muita área e eu fui pesquisar um pouquinho mais por conta. E... Parece que deu tudo certo, como se fosse isso mesmo que eu tinha que fazer né? Tudo caminhou bem depois disso.

5. O Curso de Enfermagem atendeu às suas expectativas?

Atendeu. Gostei muito do Curso daqui.

6. Como é a vida profissional de um(a) enfermeiro(a)?

(risos)... Resposta complicada... É... Eu acho assim, é... Primeiro a gente tem que gostar, porque é uma coisa que exige muito da gente, uma responsabilidade muito grande. Uma falta de horários fixos... Trabalhar de final de semana então você tem que ter uma dedicação também pra área. Mas também acho que a partir do tempo que você gosta e você se sente bem, isso passa a ser tudo secundário, né?

7. A profissão Enfermagem é compatível com sua realização profissional?

A profissão é. O que às vezes a gente encontra algumas barreiras, é que... Nem sempre todo mundo estimula a gente a continuar progredindo. Não... Mas isso, acho, que acontece em todas as áreas né? E aqui não é diferente não.

8. Você já pensou em mudar de profissão? Se já pensou, qual você faria?

(risos) Não, nunca pensei. Tanto que... Eu só estou tentando me qualificar mais né? Eu já fiz Especialização, eu acabei o meu Mestrado, inicio o Doutorado em... Em... Agora no próximo semestre então... Mas sempre dentro da Enfermagem.

9. Você gostaria de acrescentar alguma informação ou fazer alguma pergunta?

Não... Agora pelo menos... Sou bem objetiva (risos)... Sem enrolação.

25º Sujeito

1. Qual a sua idade?

27.

2. Quanto tempo você tem de profissão?

Eu tenho de formada, três anos, aqui mesmo na UNICAMP. Eu me formei... É... Fiz um ano de Especialização. Aí... Terminei e depois de dez meses, eu vim trabalhar aqui... Um ano e dez meses depois eu vim trabalhar aqui.

3. Você recebeu Orientação Profissional antes do Vestibular?

Não.

4. O que mais influenciou para que você optasse pela Enfermagem?

Eu era vizinha de uma enfermeira e eu gostava muito da área de saúde e era vizinha dessa enfermeira e quando eu tava prestando Vestibular, eu fiquei entre Fisioterapia e Enfermagem, porque antes de prestar Enfermagem, optar pela Enfermagem, eu fui alguns dias com ela trabalhar lá no serviço dela. Trabalha na quimioterapia do HC de São Paulo e ela desenvolve um trabalho muito bacana lá e eu fiquei muito apaixonada pelo que ela fazia e aí decidi é... Prestar Enfermagem também, junto com a Fisioterapia.

5. O Curso de Enfermagem atendeu às suas expectativas?

Não. Deixou muito a desejar... Em muitos aspectos. É... Eu acho que... Muitas... Ficou faltando muitas coisas de aula teórica mesmo do Curso... Principalmente da parte básica, da parte que é feito na Biologia, na parte de Bioquímica, na parte de... Bioquímica não, desculpa, na parte de Farmacologia, é... Ficou muito a desejar... Nessa parte... No princípio. E coisas que eu fui

sentindo necessidade depois, mais tarde. Na parte de... Na prática mesmo de Enfermagem, eu achei que tava *ok*, tal... Foi muito bom, mas a princípio... Eu fiquei muito decepcionada quando entrei na Faculdade.

6. Como é a vida profissional de um(a) enfermeiro(a)?

Olha! Eu acho que é... Que... Tem muita diferença... Apesar da minha pouca experiência em trabalhar como enfermeira num hospital público, trabalhar como enfermeira num hospital particular, tá? Eu tive três experiências, sendo que a primeira delas foi num hospital particular, onde eu era... Eu só era enfermeira porque era necessário ter uma enfermeira no plantão, mas eu era contada como uma Técnica de Enfermagem. Então eu não conseguia desenvolver o meu trabalho de enfermeira. Eu tinha que dar conta de medicação, de coisas mais básicas... Porque a gente tinha que dividir os pacientes porque eram muitos, e aí eu me decepcionei muito porque eu não conseguia desenvolver o meu trabalho de enfermeira, tá? No segundo serviço, era um serviço muito bom... É... Onde eu tinha o meu papel de enfermeira bem desenvolvido, mas... Era um serviço que cobrava muito da gente uma postura de chefe... Uma postura de... Mandar... Uma postura de... Não de trabalhar em equipe e tudo... Coisa que eu aprendi aqui na UNICAMP, tá? E a terceira parte, terceira fase que eu acho, é a... O hospital público. Onde você tem oportunidade de crescer é... Profissionalmente... É, estudando, tá? O hospital te dá essa oportunidade, onde você trabalha com a oportunidade de trabalhar em equipe, que pra mim é fundamental... Mas tem o lado ruim, que é a falta de material... Escassez de... De... Material mesmo. De instrumentos pra você trabalhar. Uma cama boa, um... Sei lá... Uma comida bacana... Uma luva, uma seringa, um final de semana onde você se mata de trabalhar, porque não tem escolta, não tem... É... Serviços de apoio, então assim, a Enfermagem em si, ela é muito boa... Pra mim. Eu gosto muito de ser enfermeira, de cuidar, de orientar, zelar pelo paciente. Mas eu acho que a estrutura do hospital público... Eu gosto muito, sempre quis trabalhar aqui, mas fica a desejar nesse sentido de material, de pessoal... De equipe de trabalho.

7. A profissão Enfermagem é compatível com sua realização profissional?

A profissão de Enfermagem é. Só gostaria que tivesse mais estrutura pra eu desenvolver o meu

trabalho. Me sinto frustrada porque é... Às vezes você não consegue desenvolver um trabalho bacana porque, sei lá... De repente você gostaria de fazer um curativo plástico... Um curativo de um cateter, porque você sabe que seria ótimo... Só que você não tem isso nem nunca vai ter, dentro... E então você fica fazendo um curativo normal mesmo, vendo infectar, e que é assim mesmo que vai ser, entendeu?

8. Você já pensou em mudar de profissão? Se já pensou, qual você faria?

Já (risos)... Várias vezes... Eu não sei. Acho que pela... A Enfermagem traz junto com ela um desgaste emocional grande, né?... É... Físico também. Não tanto pro enfermeiro, mas pro Técnico... Que é um trabalho mais... Mais junto ao paciente... Mais braçal né? Mas um desgaste mental muito grande, porque você lida com muita tristeza, né? Muita dor... Muita agonia... Então assim... Você trabalha junto com muita... Muita coisa ruim, né? O dia tá domingão... Solsão... E você entrar aqui e ver gente morrendo... Família chorando... Então assim, traz uma carga muito pesada, né? Que você tem que saber digerir bem pra você não levar com você. E aí eu fico pensando:... Ah... Eu queria fazer alguma coisa que eu... Vestisse uma roupa bonita... *Tipo*; publicidade propaganda... (risos), né? Um mundo assim, sabe? O pessoal senta numa mesa de vidro, sabe?... Com sol batendo na sala... (risos) todo mundo criando... Desenhando... Tal. Mas assim, já pensei em fazer isso, já pensei em... Direito, uma coisa que eu gostaria de fazer... Que eu acho uma profissão bacana, né? Mas também acho uma coisa complicada... É isso.

9. Você gostaria de acrescentar alguma informação ou fazer alguma pergunta?

Não, não... É... Então, você assim... É... É. A gente começa muito novinha... Acaba a Faculdade muito cedo... Se forma muito cedo e de repente já cai numa realidade de uma UTI... Que... Um serviço mais pesado... E tudo, né? E... O que eu sinto falta é... Então eu acho que devia existir dentro do Hospital, além de existir na Faculdade, é um... Um aporte ou suporte de... Psicológico... Não de teoria... De Psicologia... Porque isso a gente tem, teorias de doenças... De patologias, de tratamento, enfim... Mas de um apoio psicológico para o funcionário... Para o aluno, porque muitas vezes, o aluno vem pra cá, sei lá... Com 18 anos... 19 anos... Você já tá fazendo estágio... E você tá lidando com isso... Sem saber nem o que fazer, mas você já está inserido dentro do

serviço... Então acho que... Teria que ter junto com a Faculdade, um serviço de apoio psicológico, tanto pra Enfermagem, quanto pra Medicina... Porque os problemas são semelhantes, talvez... Mas é... O médico também tem muito... Chegam muito despreparados, muitos despreparados. E a gente também vai lidando com o dia-a-dia. Talvez aquela carga, como eu te falei... Que a gente tem que saber lidar e transformar aqui dentro da gente com a máquina da gente... É muito pessoal. A gente que trabalha isso consigo mesmo. Não tem um... Ah... Eu acho que aqui... Primeiro porque é um trabalho duro... É... De que lida com a morte... Muito exigente, muito difícil. Têm muita coisa que o trabalho em equipe exige... Muito... É um casamento, né? É... Então também, eu acho que deveria que ter um espaço para que os funcionários colocassem suas angustias, dentro do serviço... Coisa que não tem nem na Faculdade, nem aqui. Cada um resolve seus problemas, por si próprio. E eu acho que seria muito bom na Faculdade, até mesmo quem, durante a Faculdade tem dúvidas, não prosseguisse, porque eu acho que existe muita gente que se forma em Enfermagem, querendo ser médico, querendo ser Fisioterapeuta, querendo ser qualquer outra coisa e não... E não era aquilo que... Eu tenho uma colega que tá no terceiro ano de Faculdade, de Medicina. Eu tô com... Ela se formou um ano antes de mim, entendeu? E ela passou o Curso inteiro de Enfermagem se sentindo frustrada. Aí... Mas ela foi uma das poucas que perseguiu o sonho, né? Então tá com 27, 28 anos, no terceiro ano de Medicina... Coisa que não é fácil. Então acho que deveria ter uma Orientação... Lógico, né? É claro... A pessoa ter certeza do que quer, mas... Conseguir saber se, durante o Curso... Se é aquilo mesmo, porque... A qualidade do serviço é fica muito... Muito comprometida depois. A gente consegue ver se aquela pessoa queria mesmo ser enfermeiro... Se foi enfermeiro porque... Porque foi uma segunda opção, né? É... Principalmente os mais jovens... Os mais velhos, a gente já não consegue saber muito, mas os mais novos é... Muito difícil... Bem difícil...

26º Sujeito

1. Qual a sua idade?

29.

2. Quanto tempo você tem de profissão?

Tenho quatro, quatro anos, mas trabalhando, trabalhando, eu tenho três anos, porque no primeiro ano eu fiz um Curso de Especialização, na área de Enfermagem. Na verdade assim: a gente trabalhava nos estágios, né? Mas, como... O Curso de Especialização era integral, né? Não tinha como trabalhar em outro lugar.

3. Você recebeu Orientação Profissional antes do Vestibular?

Recebi... Assim, na verdade, eu não sei se foi bem Orientação Profissional, porque no Cursinho a gente fazia testes Vocacionais e não tinha... Assim, tinha... Eu acho que uma coisa muito básica assim, sobre Orientação quanto às profissões, mas eu fiz no Cursinho o teste Vocacional, muito cru assim... Sabe? A Orientação.

4. O que mais influenciou para que você optasse pela Enfermagem?

Bom... Eu, desde criança, assim... Eu sempre tive um *quesinho* pela área de biológicas, né? Sempre, sempre, sempre, então... Na verdade eu queria fazer Medicina e... Eu, desde... Eu não sei se eu me enganei ou não, mas interessante que a gente confunde muito, né?...Eu acho... Que as áreas... Porque quando eu fui fazer o Colegial, eu prestei... Eu fui fazer Enfermagem... Técnico de Enfermagem no COTUCA, que eram em período integral, mas aí eu acho que ficava meio confuso na minha cabeça, então eu falava assim: ah... Eu já vou fazer porque tá na área da saúde mesmo então... Mas pensando no Vestibular de Medicina e prestei Enfermagem... No Colegial, então, depois que passa tudo, você fica analisando e questionando, mas... Porque assim, são profissões diferentes, distintas, mas... Falei: ... “Ué... Mas será que realmente eu queria Medicina?” O que que eu queria na vida né? Fui e fiz Técnico de Enfermagem e assim, então a área das biológicas é uma área que me atrai muito, não só Enfermagem... Medicina, mas até outras... Mas dentro dessa área de biológicas. E eu acho que essa questão de cuidado... Eu não sei... Eu acho que a mulher tem muito isso já, né? Esse instinto de cuidar e... Eu pessoalmente, eu sempre achei muito legal, sabe? Essa questão do cuidar e principalmente dessa... Do assunto da área de biológicas... É o que me atrai desde sempre...

5. O Curso de Enfermagem atendeu às suas expectativas?

Em... Em alguns aspectos é... Sim. Atendeu em outros eu... Eu acho que é... Deixou a desejar, mas eu nem sei se... Por culpa do Curso, por culpa dos professores. Às vezes eu fico imaginando que quatro anos... Foi integral, né? O Curso é integral. Eu acho que quatro anos não consegue abordar, sabe... Tudo o que seria interessante... O que deveria... Então eu acho que o tempo... E era pesada a carga horária... A gente tinha... Não tinha muitos períodos livres, não tinha muito tempo à toa, mas eu acho que talvez... Parece que o Curso deveria ser um pouquinho mais longo... Não sei se vão me matar por causa disso (risos...), né? Mas já foi até questionado sobre isso, já foi até questionado sobre a carga horária... Então eu acho que... Sei lá. Às vezes você têm disciplinas, coisas muito interessantes... Você vê num... Rapidinho... Sabe... Eu acho que a carga horária é uma... Um ponto assim que deixa e... Acho que é só.

6. E como é a vida profissional de um(a) enfermeiro(a)?

Olha!... Você tem a satisfação de... Cuidar... Que... Sem exigir nada e ver que a pessoa tá... O paciente é indefeso... Depende de você... Até a gente que sabe... Que é da área... Que entende de algumas coisas... Quando você cai numa cama, numa maca... Você parece que emburrece, então você se sente super mal... Você fica indefeso mesmo. Então, eu acho que eu o fato de você tá podendo ajudar... Poder cuidar dessas pessoas... É uma satisfação, sabe, alguém ir embora com sorriso... É uma... É uma satisfação. O que é chato é que a vida... Assim... A minha chateação é que essa profissão ela é... Ela é... Muito, muito... Sei lá... Acho que até desvalorizada... Desrespeitada em alguns aspectos... Né?... As pessoas não sabem diferenciar as categorias dentro da Enfermagem... Desde o enfermeiro até o Auxiliar... E ainda hoje ainda existem alguns Atendentes de Enfermagem... Não menosprezando nenhuma das áreas, claro, mas... As pessoas não sabem diferenciar. E alguns fazem tão mal e aí... Acaba caindo todo mundo no mesmo saco e mesmo perante outros profissionais... Hoje essa área de multidisciplinaridade eu acho que tem sido muito legal em alguns... Em... A gente vê, acho que na área de Saúde Pública... Muito interessante essa multidisciplinaridade... O enfermeiro, ele tem um papel importante, se destaca legal... Mas têm alguns centros, em hospitais particulares é complicadíssima, a vida profissional

do enfermeiro, porque ele não é valorizado como enfermeiro, né? Essa questão do... Desse conflito, né? Médico, enfermeiro... Eu acho ainda bem complicado, porque... Aqui no hospital escola, não, né? É muito legal, né? Mas... Porque acho que as pessoas têm a cabeça um pouquinho mais aberta, mas... Assim... Principalmente hospitais pequenos, hospitais particulares... Eu acho que não é legal essa... Essa posição do enfermeiro... Ele é visto como mais um e às vezes, ele é tido na instituição só pra cumprir tabela quando a fiscalização e exigências do COREN. Infelizmente em alguns lugares é assim. Mas eu gosto, eu acho legal. Quando eu, quando eu me formei, assim... Foi tão gostoso falar nossa: sabe... Quando você fala: eu sou enfermeira... É tão legal assim... Nossa que legal sabe... Mas eu gosto. Eu tenho frustrações, claro, eu ainda tenho assim algumas frustrações, mas... Mas no geral, eu gosto. É legal.

7. A profissão Enfermagem é compatível com sua realização profissional?

Eu até tô... Tô... Eu não sei se eu posso... Você me fala isso depois... Mas eu vou responder a seis com a sete, né? Você tá me perguntando se eu já pensei em mudar de profissão... Qual profissão... Então... Essa... Algumas dessas coisas que eu te falei me decepcionam muito... Às vezes até colegas da área, você vê... Certos exemplos, de pessoas que estão aí na estrada faz tempo... Você fica meio chateado. Fala: “pô... É nessa categoria que eu tô incluída”,né?... Outro dia mesmo teve um escândalo, mais de um... Até dos nossos Conselhos... Federal e os Regionais de Enfermagem... Com roubo... Desvio de dinheiro sabe... De várias... Isso é só um exemplo, mas têm muita coisa e principalmente essa desvalorização... Esse, às vezes, até pouco caso mesmo... Me chateiam... Um pouco, então, eu... Ainda... Engraçado que ainda eu fico pensando, sabe... Eu não sei se é isso que me desanima, pra eu falar: eu... Eu estou realizada profissionalmente, mas eu não, não afirmo pra você que estou realizada ainda porque eu quero fazer muita coisa. Eu quero... talvez...Eu acho legal a carreira acadêmica, então preciso ter um *start* pra fazer um Mestrado...Ou sei lá...outra Especialização... Quero estudar mais... Eu quero me envolver mais, quero trabalhar mais, mais, pra poder conhecer mais coisas e pra falar: eu estou realizada. Eu acho que eu ainda comecei a minha caminhada, tô muito... Muito... Gosto do que eu faço, mas dizer: estou realizada, ainda não. E quanto à mudança de profissão, eu acho que às vezes a gente tem nossas crises assim... Sabe... Nosso... Tô e tô... Pra onde vou... (risos) eu acho que todo mundo já passou por isso... Eu já... Talvez por esses aborrecimentos, essas chateações, eu já... Já me questioneei.

Agora, se fosse pra mudar de profissão... Eu acho que eu ainda não sairia da área das biológicas. Eu... Sei lá. Eu adoro bicho... Talvez fazer Veterinária... Alguma coisa assim... É... Ou mesmo até Medicina... Eu penso... Mas é só... Isso daí é muito paulera... Não sei se é... É... Pra mim... Acho que é isso...

8. Você já pensou em mudar de profissão? Se já pensou, qual você faria?

Já respondi né?

9. Você gostaria de acrescentar alguma informação ou fazer alguma pergunta?

Não... É isso mesmo.

27º Sujeito

1. Qual a sua idade?

Tenho 40.

2. Quanto tempo você tem de profissão?

É... Eu me formei... E desde então, eu tô desenvolvendo atividade aqui dentro no HC, né? Já passei por áreas de abordagens diferentes. É... Foi uma época que a Santa Casa tava... A Escola tava se transferindo da Santa Casa pro Hospital. Então foi uma época de expansão de quadros, né? Até... Nessa ocasião não existia disponível no mercado de trabalho Auxiliares e Técnicos de Enfermagem, então o Hospital foi inchado de enfermeiros e isso depois acabou gerando uma, uma outra crise... De identidade mesmo, né? Na Enfermagem no Hospital por conta de tar inchado, ter necessidade de profissionais de nível Auxiliar e Técnico... Então... Houve algumas mudanças aqui dentro... Enxugamento de quadro, né?... Mas... Né?... Assim... Passei todas essas etapas por aqui, né?

3. Você recebeu Orientação Vocacional antes do Vestibular?

Não, nenhuma (risos).

4. O que mais influenciou para que você optasse pela Enfermagem?

Hum... Eu sabia que você ia perguntar(risos)... Já contei essa história outras vezes... É... Assim: eu estudava num Colégio, que ele tinha administração mista. Era um Colégio... É... De freiras, né?... Os professores, eles eram bancados pela Prefeitura, né? Então assim... Apesar ter uma Diretora, que também era da... Da prefeitura, a... As freiras... Elas... Tinham bastante interferência na nossa formação... Davam aula, né? E... Basicamente era aula de religião... As outras disciplinas eram professores mesmo, da rede municipal, mas assim... Tinha uma freira espanhola é... Ela era espanhola, mas ela passou assim... A fase de juventude dela na Argentina, ela era Técnica de Enfermagem e ela... Dava as aulas, né? Ela contava as histórias dos pacientes e... Assim... Isso foi no ginásio. E... O Colegial eu fiz em outra Escola Estadual, lá... Lá na mesma cidade, mas assim... Tinha um cunho de mulher maravilha, sabe?(risos)... Sabe... Aquela coisa heróica... Do paciente tar com hipoglicemia e... E ela achar o paciente com hipoglicemia e salvar... Assim... Tinha muito aquela coisa e as coisas... Que ela contava, como que ela fazia, e ficou... E foi o que motivou. Então assim, eu fui pro Colegial, falando. Eu falava... Nem sabia direito o que era, não conhecia direito a profissão, mas... Quer dizer, eu conhecia baseado nas histórias dela, mas assim, eu queria fazer Enfermagem, né? E... Teve uma época que até eu tive assim, um pouco assim de... É... Conflito mesmo pra escolha, isso foi no Ginásio também, que foi com Odonto, né? Né... Eu tinha contato com a Dentista... Que cuidava, né? Dos dentes. Meus... Meus irmãos... Eu levava os meus irmãos na Dentista, a secretaria saiu de férias, ela me chamou pra ajudar... Eu fui ajudar e... Mas... Daí... Tinha uma, assim, né? Passou a Odonto... Mas daí veio aquela coisa do Vestibular, da concorrência.... E na época a Enfermagem era bem menos concorrido que Odonto... E aí vem a questão financeira do Cursinho... Que seu pai só vai poder pagar um ano... E daí, acabei optando pela Enfermagem... Então, eu terminei o segundo colegial e fui fazer um terceirão, num Colégio privado, né?... E daí, no meio do semestre, eu já prestei pra Enfermagem... Nem... Nem passou na cabeça prestá Odonto, né?... Daí passei, mas eu não tinha terminado o Colegial, né?... Com o terceiro acoplado, você não pode fazer matrícula, né? Então...

Daí chegou no final do ano, eu tive que fazer... Prestar de novo... E daí eu prestei aqui e prestei em Maringá, mas Maringá era a primeira turma, então... Aquela coisa assim, do medo, da escola não tar bem estruturada e... Acabei vindo pra cá. E até assim, eu tenho uma tia, irmã da minha mãe, que é enfermeira. Na época a gente tinha muito pouco contato, mas assim... Ela não teve participação nenhuma e ela nem foi uma pessoa que me estimulou a fazer Enfermagem... Não estimulou nada. Eu fiquei mais com aquela coisa lá de trás... Lá da (risos)... Da mulher maravilha (risos)...

5. O Curso de Enfermagem atendeu às suas expectativas?

Sim... É... Eu acho que a gente escolhe profissão ainda... A gente é muito novo pra isso... Muito precoce... Imaturo, né?... Aquela coisa de não ter noção realmente do que quer, né? Então assim, eu acho que eu entrei num vácuo assim... Sabe, o primeiro ano é muito pesado, a carga teórica era muito grande, a gente não tinha contato com a realidade no hospital... Né? Aí... Quando, no segundo ano, você entra no Estágio, numa Enfermaria com paciente grave, sete horas da manhã, tem que cumprir horário, e assim... Unha cortada, cabelo cortado... Hoje as coisas já são bem diferentes, são mais soltas, mais relaxado... Tá mais elaborada essa adaptação pra estrada hospitalar no currículo, mas naquela época, assim, eu achava... Era... Eu achava agressivo, sabe?... Bem nightingale... Assim, é... Uma coisa que gerava medo... Sabe, então... É... Assim, e daí você vai andando, né? Os anos... Mas mesmo assim... Acho que... Me formei... Então eu tinha 21 anos, né?... A gente... Eu acho que eu era uma criança, tanto assim, eu me formei, eu tinha medo de paciente grave...

6. Como é a vida profissional de um(a) enfermeiro(a)?

Bom... Hoje ela tá muito diferente... Assim... Que... Foram várias etapas, né? É... Que é assim... Eu acho que foi legal... Aprendi muita coisa... É a gente... Assim, a equipe na, a gente, junto, é... Eu aprendi a perder medo do paciente grave, a equipe... Foi perdendo o medo de atender a urgência, com paciente grave, a parada cardíaca respiratória, paciente com aneurisma,... Então, quadros graves, né? Manejar com esses pacientes, então, assim, fui perdendo o medo, e a equipe foi se equilibrando... Tanto que nessa época que eu tava na mesma... Por questão salarial, eu

andei prestando alguns concursos aí em cidades que pagavam melhor, né?... Mas era uma época que tava tão gostoso trabalhar na equipe que acabei desistindo... Aí o tempo foi passando e daí você fica com vontade de procurar coisas novas.

7. A profissão Enfermagem é compatível com sua realização profissional?

Hoje eu acho que é. É... Eu acho que na época de Enfermagem, uma coisa que a gente lidava muito, era a coisa do poder médico, né? De prescrever e você cumpriu certo... É fazer, e até mesmo tinha uma coisa controladora em cima do residente novo... Que tava chegando, que não... Né? E ao mesmo o tempo é... Muitas vezes, a Enfermagem, acabava tapando alguns buracos, por exemplo, tinha problema com respirador... Então, a gente assumia muita coisa, sei que isso já deu discussão...

8. Você já pensou em mudar de profissão? Se já pensou, qual você faria?

Ah... Houve épocas que eu pensei... Que era até a Odonto. Por conta assim de alguma coisa que... Junta tudo, né?... A frustração com o trabalho, no local, no hospital, e por outro lado assim, algumas coisas que você tem dentro de você, que você gosta de fazer, né? Por exemplo, eu gosto muito de mexer com coisas pequenininhas, por exemplo, eu gostava de costurar... Gosto de costurar, mas não tenho tempo. Gosto de costurar, de fazer coisinhas pequenininhas, bem feitinhas... E a Odonto, ela transporta um pouco pra isso, porque você trabalha sozinha... Você mexe lá na cavidade do dente, caprichosa... Fazer um negócio bonitinho e terminar, né? Então teve uma época que eu pensei em fazer isso. Mas é... Foi a única profissão que eu... Um dia pensei em mudar, mas depois... Assim, na hora que você encontra o caminho, você repensa, né? De tentar procurar explorar coisa dentro da Enfermagem mesmo, fica pra lá, né? (risos).

9. Você gostaria de acrescentar alguma informação ou fazer alguma pergunta?

A... Eu acho que assim, é... Eu acho que Enfermagem, essa coisa da idade, pra você escolher profissão, eu acho que ela é... Ela pesa muito, acho que é uma profissão assim, que você tem que ter maturidade, saber realmente o que que você tá escolhendo, né? E a observação que vai aí, acho

que assim, uma coisa que vem de fora, né? As pessoas falam: ah... Enfermagem é lindo, cuidar do paciente é lindo... É romântico demais... É muito romântico (risos)... Não funciona na realidade, né? Pensa que vai se romântico, você *se ferra* e eu acho que no começo tinha esse romantismo e nossa... Então, você tem que *camelar* muito tem que ter muita diarreia, muita enxaqueca... (risos)... Pra poder descobrir que não é por aí, né? Tem que ser prático, né? Hoje assim, eu vejo a profissão Enfermagem, como uma coisa assim mais é... Como profissional né? A postura assim, até mesmo das meninas que tão se formando elas... Tá mudando um pouco assim, né? Acho que tem assim, né? Uma conotação... Não conheço a estrutura do currículo atual, mas uma conotação assim, de abordagem mais profissional, tirar tanto romantismo, cuidar de sempre olhar mais para o macro do gerenciamento, né? Da interface com as outras profissões, mas não uma coisa assim, de submissão, mas numa coisa de equilíbrio que... E na ocasião que eu me formei, ainda era... Acho muito desequilibrado... Acho que era isso...

28º Sujeito

1. Qual a sua idade?

32 anos.

2. Quanto tempo você tem de profissão?

Nove anos Me formei aqui mesmo na UNICAMP... Só trabalhei aqui.

3. Você recebeu Orientação Profissional antes do Vestibular?

Não lembro... Mas eu tenho impressão que não. Não recebi, nenhuma.

4. O que mais influenciou para que você optasse pela Enfermagem?

Acho que foi meu irmão. Meu irmão fazia Medicina na época e eu queria fazer Medicina, mas aí, quando ele tava no quarto ano, que começou o internato, eu vi que era uma coisa muita puxada...

Pelo menos pra mulher, então eu optei por fazer Enfermagem mesmo. Uma coisa mais tranqüila, uma profissão mais leve. Eu pensava isso na época (risos).

5. O Curso de Enfermagem atendeu suas expectativas?

Atendeu. Quando eu fiz o Curso, a gente não tem noção que ele atende as expectativas, mas quando a gente vem pro mercado de trabalho, eu vi que a minha Faculdade foi muito boa... Eu já trabalhei em Enfermaria Geral, e o que eu aprendi, lógico que a prática, a gente vai aos poucos adquirindo, mas o que aprendi na Faculdade... Foi muito básico.

6. Como é a vida profissional de um(a) enfermeiro(a)?

Enfermeiro, hoje em dia, acho que ele pode seguir várias profissões dentro da própria Enfermagem... Acho que é difícil a gente padronizar uma vida do enfermeiro. A minha vida profissional, ela é um pouco administrativa, eu não trabalho com assistência, eu trabalho muito pouco com assistência... Mas ela é embasada em cima de estudo, continuo estudando e a minha profissão se baseia nisso. Que eu trabalho, precisei continuar estudando e uma outra coisa que a minha profissão ela solicita, é um nível ético muito grande.

7. A profissão Enfermagem é compatível com sua realização profissional?

É. Eu tô aonde eu queria, como eu queria, consegui chegar onde eu queria... Pretendo muito mais do que isso, mas é compatível... É soma... Eu posso dizer que eu tenho realização profissional... Graças a Deus! Não ganho tanto, por aqui ser um hospital escola, Universidade, mas eu sou uma pessoa com uma realização profissional... Me sinto feliz. Uma das coisas que eu sou mais... Percebo que eu tô fazendo certo na minha vida, na minha profissão. Nunca penso assim, ai... Meu Deus... Por que que eu fiz Enfermagem, não... Eu agradeço por ter feito Enfermagem. Sou grata mesmo.

8. Você já pensou em mudar de profissão? Se já pensou, qual você faria?

Não. Quando eu era criança, queria fazer Veterinária (risos). Agora, depois de Enfermagem, se eu tivesse que fazer algum Curso... Talvez, Biologia... Talvez... Porque é uma parte que também me agrada... A parte de natureza, vida marinha... Ecossistema... A parte ecológica da Biologia. Mas... Não sei se eu mudaria de Curso... Não mudaria... Não mudaria. Faria sim, se um dia eu aposentar... Tiver que fazer... Um *hobby*, eu faria uma Biologia, mas agora não.

9. Você gostaria de acrescentar alguma informação ou fazer alguma pergunta?

Olha!... Eu acho que o que mais influencia, eu acho que a gente presta Vestibular muito cedo... Acho que todo mundo, com 17 anos, 18 anos... Não tem uma noção do que é uma profissão, que é uma vida profissional também, eu tenho umas amigas, que elas realmente se deram mal porque fizeram Faculdades que não têm perspectivas. Acho que hoje em dia a gente tem que pensar nisso. Qual a Faculdade que a gente vai poder ter uma perspectiva. Então a gente deixa pra depois, né? Que a gente tem *hobby* ou qualquer outra coisa assim do tipo, mas o Aconselhamento Profissional, eu acho que ele não tem que começar no Colegial, começar desde cedo pra criança já ir entendendo o que ela quer, qual a direção que ela deve seguir, e a família é importante. A família é o que mais direciona, além da escola, acho que a família, ela é... O principal modelo da criança é a família dela, né?... O adolescente ainda é uma criança, mas... Ou ele faz alguma coisa por rebeldia ou ele faz alguma coisa por... Porque os pais estão orientando... O pai é médico, a mãe é enfermeira, não sei... Fisioterapeuta... Ou realmente, alguns poucos, eles têm a noção do que eles querem. Eu dei sorte. Eu sinceramente, eu fui aquela que dei sorte. Queria Medicina, mas aí pensei:... Ah não... É muito puxado, fui fazer Enfermagem... Mas sinceramente eu não tinha muita certeza do que eu tava fazendo na época... E deu certo (risos)... Só isso.

29º Sujeito

1. Qual a sua idade?

44.

2. Quanto tempo você tem de profissão?

São dezenove anos de profissão. Antes de entrar na Enfermagem na UNICAMP, eu fiz dois anos de Biologia na PUC... Daí eu prestei Vestibular novamente e entrei na UNICAMP. E como profissional, só aqui.

3. Você recebeu Orientação Profissional antes do Vestibular?

Não, nenhuma.

4. O que mais influenciou para que você optasse pela Enfermagem?

E... Hoje, eu penso que foi pela questão de cuidado... Eu estou... Eu sempre gostei dessa área, dessa área de cuidado, de cuidar, então... Não, não teve Orientação Profissional, não. Foi mais por... Por gostar de cuidar. Eu achava que o que tinha a mais a ver com o cuidado, dentro das profissões, era Enfermagem.

5. O Curso de Enfermagem atendeu às suas expectativas?

Não. Não atendeu. Eu acho que o Curso de Enfermagem, na época em que eu... Em que eu fiz, ele... Ele, não... Não deu muito a idéia do que é realmente a profissão e... E eu percebo que nesses anos de formada, houve uma mudança radical na própria profissão. Anteriormente era uma profissão totalmente voltada à assistência. Hoje não. Hoje você já tem uma Enfermagem muito mais científica, né? Bem diferente do padrão que a gente se formou, então, eu me... Eu me formei... Durante a minha formação, foi pra uma visão assistencial. Hoje, a própria, a própria Universidade já mudou esse... Esse... Paradigma do enfermeiro exclusivamente assistencial, né? Hoje você vê o enfermeiro é... Professor, o enfermeiro cientista, o enfermeiro com um leque enorme de opções, né? Agora, quando eu tava na Graduação, realmente, era uma visão meramente assistencial. Então eu acho que... E... Não, não... Nós não tivemos mesmo essa... Não atendeu às expectativas porque, a minha expectativa... Hoje eu acompanho aqui o, a Escola de

Enfermagem e a visão é completamente diferente, né? O enfoque da Graduação é completamente diferente do que foi naquela época porque na realidade, o enfermeiro era voltado quase que exclusivamente pra assistência, né?

6. Como é a vida profissional de um(a) enfermeiro(a)?

A minha é muito boa (risos). Então assim, eu... Eu acho que o enfermeiro tem que se manter atualizado, independente da, da área que ele trabalha e pra mim é assim: eu gosto demais do que eu faço hoje, né? De trabalhar com prevenção, de trabalhar com educação. Então isso... Eu dou aula na Faculdade, mas não aqui na UNICAMP. Eu dou aula numa Faculdade particular é... No Curso de Pós-Graduação.

7. A profissão Enfermagem é compatível com sua realização profissional?

Sim. Eu encontrei uma área que realmente me realizei profissionalmente.

8. Você já pensou em mudar de profissão? Se já pensou, qual você faria?

Mudar, não, mas eu gostaria de acrescentar uma nova profissão ao meu currículo a hora que eu tiver chegando perto da aposentadoria. Eu gosto muito de Arquitetura. Meu *hobby* é... Assim, fazer como *hobby* mesmo... Eu acho que a questão da não... Da não existência na nossa época aí... Da Orientação Profissional antes do Vestibular, ela não... Hoje você tem Orientação Vocacional e o jovem sabe, através da Orientação Vocacional, mais ou menos as opções, né? A gente não. A gente não... Nem sabia muito do... Dos Cursos que existia, a não ser os clássicos, né? E na época em que eu fiz Vestibular, Arquitetura era um Curso que só tinha em Faculdade privada, né? Um meio elitizado, mas é uma coisa que eu acho fantástica, Arquitetura, então assim, se eu tiver possibilidades, de dentro de alguns anos, hora que o negócio acalmar né? A hora que tiver mais tranqüila a vida, os filhos mais velhos e tudo o mais... Provavelmente, tendo a oportunidade, eu faço Arquitetura, mas, assim, acrescentando mais um Curso, não deixar a minha profissão, pra fazer Arquitetura, não. Eu gostaria de me aposentar na área de Enfermagem, né? E assim, quando eu tiver perto da aposentadoria, fazer Arquitetura e depois exercer por *hobby*

mesmo (risos).

9. Você gostaria de acrescentar alguma informação ou fazer alguma pergunta?

Bom... é... Como informação, eu acho que pra essa... Pra esse material que você tem, acho que você tá pegando mesmo esse aspecto de realização profissional, né? Se realmente as pessoas são felizes naquilo que fazem, né? Então assim, eu acho que nessa linha, se o sonho é compatível ou não, acho que nessa linha da Enfermagem, é... Às vezes eu fico pensando que os enfermeiros de maneira geral, né? Quando a gente entra na Faculdade, a gente é jovem e você acha que você vai conseguir transformar o mundo, né? E acho que a Medicina também deve ser mais ou menos por aí. Você... Você vem com aquele sonho juvenil de que você tem capacidade de transformação das coisas, que você vai lutar contra as doenças, que você vai fazer... Então assim, uma visão heróica na realidade, né? E que é muito bonita, mas que eu acho que essa visão no passar dos anos, você vai... Você chega à conclusão, que você assim... Não consegue transformar, né? Eu acho que a transformação muitas vezes a gente não consegue, mas que eu vejo na Enfermagem que, com a dedicação, você não transforma, mas você muda o aspecto da doença, você consegue mudar o aspecto da doença, no sentido de tratar com dignidade o doente, né? Então eu acho que é... Algumas pessoas, pode ser que na assistência direta ao paciente, se frustram por ver que a doença continua acontecendo, né? E cada vez mais, cada vez com maior gravidade, em decorrência a uma série de coisas que a gente vive no mundo hoje, né? Mas... Eu continuo acreditando, apesar desses anos todos, que... Se você mantiver o cuidado, você consegue sim... Transformar o... Transformar a situação da doença, né? Não ser tão sofrível desse jeito. Não consegue sanar todos os problemas, mas você consegue fazer com que as pessoas consigam superar esses problemas com maior dignidade, então eu vejo que o enfermeiro tem esse papel, né? Cê não vai curar, necessariamente curar, mas você consegue sim, essa transformação na maneira de conduzir esse tratamento, até a cura ou não. Então eu... Eu acho que, que... Continuo investindo na Enfermagem... (risos) Só isso. Eu acredito que o enfermeiro que tá diretamente na assistência, ele tem... Assim... Um papel assim, fundamental, até... É... Muito mais difícil do que quem não está né? Por quê? Porque ele tem todo o... O envolvimento. Ele tem todo o envolvimento emocional, é... Tá em contato com familiares desses pacientes... De tar em contato direto com os pacientes, de ver a evolução que pode ser boa... Pode ser uma evolução pra cura ou pode ser uma evolução

pra morte, né? Ele tem que lidar com isso... Com essa... Esse conceito, essa realidade, não é nem o conceito, é a realidade da morte no seu dia-a-dia, né? Então eu acho que o enfermeiro que tá diretamente na assistência, acaba realmente é... Tendo, tendo um esforço emocional muito maior... E físico também, né? Porque a gente vê que a realidade, que na assistência, você tem plantões extremamente calmos, tranquilos, mas tem também... Têm plantões aonde você não consegue... É... Respirar, né? Muitas vezes, você não consegue sair pra tomar um... Uma água, né? De um plantão. Então eu acho que esse, esse... Ah... O enfermeiro assistencial, ele, ele realmente acaba dando muito mais de si, né? Do que o enfermeiro já de uma área mais... Administrativa, né? Que tem também suas preocupações e tudo o mais, mas é... Sai dessa nessa rotina... É outro tipo de estresse e não é esse do... Do envolvimento com o paciente.

30º Sujeito

1. Qual a sua idade?

27.

2. Quanto tempo você tem de profissão?

Quatro anos e pouquinho...

3. Você recebeu Orientação Profissional antes do Vestibular?

Eu fiz um teste Vocacional, quando eu tinha 14 anos... 13... 14 anos... Antes de sair da oitava série... Nessa época tinha pendido a questão da Saúde, tinha pendido a questão das Sociais... Ciências Sociais e Educação, tá? É... Nessa época eu tava prestando vestibulinho, não tinha condição de entrar no Colégio particular, mas eu fazia opção por entrar num Colégio que desse base pra Faculdade, então entrei no COTUCA. Técnico de Enfermagem. Eu já pendia, eu já tinha intenção de fazer Enfermagem, que era uma profissão que... Já conhecia a profissão... Minha avó. Eu tenho uma história de enfermeiras na família, minha tia é enfermeira. Então eu tinha um contato com a questão do papel da enfermeira. Papel da enfermeira em várias situações seja intra-

hospitalar, seja na questão educativa, hospitalar, então... Eu já conhecia a profissão, conhecia profissionais, conhecia profissionais ótimos, conhecia profissionais péssimos, mas... A possibilidade dos n papéis possíveis dentro da profissão, eu já tinha na minha mente. E eu tinha comigo o desejo por trabalhar na área da saúde, com a questão educativa... É... Eu tinha a questão da Orientação Educacional, então, familiar... A minha opção foi pela questão educativa. Por um cuidar, mas por um cuidar, assim, não só o cuidar o físico. Não só a questão do cuidado físico, na questão da técnica, não. Mas um cuidar, que ele abrange a questão educativa, a questão política, um pouquinho mais abrangente, né? Então acho que na questão vocacional, acho que é isso. Questão familiar, e propriamente do que eu tive no meu ginásio. No meu colégio eu já tinha isso mais estruturado. Então já tinha tomado a decisão até pela Enfermagem. Optei por levar o Curso porque o colégio era ótimo. Então optei por terminar o Curso.

4. O que mais influenciou para que você optasse pela Enfermagem?

Eu já conhecia o papel, eu tinha um pouquinho de uma noção até, do que era cuidar, já tinha lido muito. Não só da Enfermagem, mas de outras áreas... Da Sociologia, da Antropologia, a questão até da história da Enfermagem, do... Da questão positivista. E depois que o contexto mudou... Com os outros pensadores e... Eu acho que é uma... É uma época em que o cuidado, ele não é voltado pra técnica, então eu vejo o papel do enfermeiro como de uma abrangência um pouquinho diferente, mesmo sendo da saúde, área da saúde, área da ciência biológica, mas ela tem uma perna muito grande é... Na questão social e na questão educativa, seja como funcionário, seja como paciente.

5. O Curso de Enfermagem atendeu às suas expectativas?

Eu acho que depende do ponto de vista. Se a gente for pensar é... Da Graduação, eu acho que têm algumas coisas que são complicadas até pelo momento em que eu me formei. Teve um... uma mudança curricular na Enfermagem. Eu acho que existia, pra mim, uma questão... A questão do Ensino, o papel de cuidado, o papel do cuidador... Em determinadas situações. Por outro lado, o Curso da UNICAMP em Enfermagem, deu a oportunidade de conhecer outras coisas, por exemplo, eu participei da... E... Comissão de Graduação, isso mesmo, da Comissão de Graduação

do Departamento, que me deu a oportunidade de discutir algumas coisas... Algumas queixas dos alunos e minha... Especialmente em relação ao Curso de Enfermagem. Essa questão pedagógica, então acho que é um conhecimento outro. A Licenciatura em Enfermagem que eu fiz junto com Bacharelado, é... Atende muito a expectativa, pelo menos a minha atendeu muito porque era uma coisa de retomada de papel outro, né? Que não passa pelo Bacharelado é... Eu acho que o Curso, na época, contava com uma quantidade de docentes adequados, docentes... Eles tinham bastante conhecimento teórico em relação a isso... O que eu percebo... Percebia falta e hoje, trabalhando e continuo percebendo, é a coisa da integração assistencial docente. Então... Em alguns, em alguns pontos conseguiu atender as expectativas, outros não atendeu. De qualquer maneira, eu acho que a intenção de... De formar enfermeira generalista... Que consiga pensar... E daí em diante... A meu ver... A mim... Pensando em mim, não pensando na fala em nada disso, até porque eu não tenho como avaliar hoje, eu acho que atendeu sim.

6. Como é a vida profissional de um(a) enfermeiro(a)?

Eu acho que depende muito do local de trabalho, até das opções de vida que ela faz. É... Existem áreas, existem locais em que o papel é mais amplo, em que a autonomia é maior, em que a tomada de decisão é bem diferente. Existem locais que não. Existe toda uma diferença da vida profissional na assistência, na gerência, na questão educativa... Se é intra-hospitalar... Extra-hospitalar... Então é... É difícil avaliar isso de um enfermeiro... Posso falar de vivências minhas: É... Gerencial eu não tenho prática nenhuma, até por opção, eu acho que no momento, até pelo tempo que eu tenho de formada, acho que isso requer, acho que mais anos de prática... E de... Conhecimento sobre o manejo de relação... Assistencial. Assistencial intra-hospitalar, ela é médico centrada ainda, tá?... Então a... A autonomia e o papel passa por questões mais pontuais, de menos liberdade, mas eu vejo isso também, não como empecilho, ainda, mas como um norteador, que é pra você conseguir ocupar outros espaços, tá? Que eu percebo, aqui, falando dentro da realidade do HC. É possível contanto que, você tenha visão pra fazer isso, tá?... Então é possível. Em que medida isso é possível. É possível quando você consegue cobrar... É... Dentro de um conjunto de enfermeiros que fazem só supervisão, direção do hospital... A participação em alguns órgãos aqui dentro... A tomada de decisão de algumas coisas... Por exemplo, a questão do curativo, a questão dos grupos que hoje tão se formando. A retomada da sistematização da

assistência... Que, tanto integralmente dentro do nosso Conselho, mas... Traz muito a autonomia em relação ao diagnóstico que a gente faz... Ao cuidado que a gente presta... A prescrição... A implementação desse cuidado, que é uma coisa que a gente tá retomando agora... E... Que traz autonomia... Assim como, no dia-a-dia, uma tomada de decisão. O enfermeiro que tem competência pra fazer uma avaliação clínica de um paciente, mais apurada, mais apurada, provavelmente é um enfermeiro que, então, a equipe toda: fisioterapeuta, médico, nutricionista, tem uma escuta diferente, inclusive o Técnico, que então eu percebo que essa questão da autonomia passa até pela visão que você tem da profissão, tipo, e eu que tive, tenho ainda, uma vida profissional fora da assistência, na questão do ensino, então, a autonomia é outra, né? Você tem a chance de construir no seu cotidiano, conforme sua crença... Percebe? Então isso é muito legal. Eu acho que depende demais, até da abrangência, da maneira como a pessoa vê a questão do papel.

7. A profissão Enfermagem é compatível com sua realização profissional?

Eu acredito que sim. Pra mim é, eu me sinto muito uma profissional realizada. Financeiramente existe uma questão... É... Que é complicada, mas que eu percebo que não é na Enfermagem só, isso a gente tem que ser realista, existe um contexto político, um contexto econômico por detrás disso. Acho que existe um peso muito grande... O pessoal coloca um peso muito grande na questão econômica e... Ela é essencial em alguns momentos, talvez quando você precisa... Temporariamente... De comprar um carro, comprá... E... Uma casa, digo que é possível construir tendo essa profissão e depois disso, pensando... É... E outras facetas a questão da realização profissional, e eu acho totalmente possível.

8. Você já pensou em mudar de profissão? Se já pensou, qual você faria?

Não mudaria. Eu acho que existem outras profissões em que eu penso... Assim como eu pensei em fazer Licenciatura, não deixo de ser enfermeira por dá aula. Eu acho que é possível ser professora... Porque eu sou professora. No momento... No momento em que eu tô na sala de aula, eu sou professora, eu não sou enfermeira. Tem que ter didática, sim, eu tenho saber usar de uma maneira adequada os recursos áudio visual, de técnicas, tecnológicos, inclusive, porque são

ferramentas. Mas não deixo de ser enfermeira. Se eu não tiver conhecimento do que... Prático e teórico do que eu tô falando, não faz sentido. Eu acho que existem outras profissões que elas seriam suporte pra mim quanto enfermeira, mas eu não mudaria... De profissão, de maneira alguma.

9. Você gostaria de acrescentar alguma informação ou fazer alguma pergunta?

Eu acho que a frustração com a profissão acontece em todos os meios... Não só na Enfermagem, uma frustração que ela não passa por uma frustração de... Diária, assim. Momentaneamente existem frustrações... Existe o limite pessoal, que é: institucional, que é até do lugar onde você trabalha, que é pessoal, que é de equipamentos, existem outros profissionais pra lidar com a situação ou não, você tem material suficiente, não tem dinheiro suficiente, a política interessa? Política interessa? Ou não... Acho que a frustração diária, momentânea, ela acontece em todas as profissões. Eu não tenho a... A pretensão de achar que isso passa só pela Enfermagem. Lógico que passa pelo cotidiano meu. Quando eu vou assistir um... Numa escala normal minha, que trabalha dois enfermeiros e... Sei lá, seis, sete Técnicos pra cuidar dos trinta e seis pacientes. De repente eu me vejo numa ala porque minha outra colega enfermeira faltou, tá afastada. É lógico, que naquele dia, eu vou me frustrar, por quê? Eu não tenho a pretensão de dar conta dos trinta e seis do mesmo jeito que eu dou conta de dezoito. Não vou dá conta. Então naquele dia eu vou me frustrar, com certeza eu vou porque eu poderia ter feito melhor do que eu fiz, só que é momentâneo, é situacional, né? Naquela situação pontual, mas não passa pelo meu cotidiano, percebe? Eu não sou frustrada com a minha profissão por conta disso. Eu acho que a Orientação Profissional é pertinente sim, só que eu percebo, até por colegas minhas que desistiram da profissão no mesmo ano... Se formaram, começaram a trabalhar e eu sei já, que desistiram, que não passa só pela questão e... Propriamente dita, daqueles papéis, daqueles testes que se realizam. Eu acho que passa pela experiência de outras pessoas, até por colocar essas frustrações. Muitas vezes quando a pessoa vem apresentar pra você a profissão, apresenta só o papel... O que é bonito, o que é lindo, o que acontece... E não traz os problemas do cotidiano. Eu acho que a profissão, ela tem que vir de uma maneira segura, até deixar todas as profissões não ter problema, no sentido de... No cotidiano, quais são os problemas enfrentados... Quais são as dificuldades. Eu acho que... Essa Orientação Vocacional é mais segura, na medida em que as pessoas que expõem

as profissões expõem o papel, expõe o papel, expõe o objetivo, expõe a gama de funções possíveis, mas expõe também, as dificuldades que essa profissão tem, né? Isso eu acho que é uma coisa possível. No cotidiano, uma busca constante de autonomia, mas é tão engraçado porque essa busca constante de autonomia é que me traz pra assistência, eu gosto demais... Muito mesmo.

31º Sujeito

1. Qual a sua idade?

42.

2. Quanto tempo você tem de profissão?

Quinze anos.

3. Você recebeu Orientação Profissional antes do Vestibular?

Não... É... No Cursinho que eles tinham aulas de Orientação Vocacional, mas... Era assim, informar, falavam de todas as profissões... Não era nada direcionado pra cada aluno. Eles davam palestras. Só.

4. O que mais influenciou para que você optasse pela Enfermagem?

Eu já trabalhava na área... Eu tinha feito Curso de Técnico, né? E aí eu tava fazendo Cursinho e eu ia prestá uma Faculdade e aí eu prestei Enfermagem.

5. O Curso de Enfermagem atendeu às suas expectativas?

Sim e não, né? O Curso, em matéria de você estudá Enfermagem, atendeu sim. A gente tinha o currículo antigo, que nós... Tem o currículo novo, que era mais. Primeiro a fisiologia, depois o

doente, depois a parte cardíaca, né? E eu tava fazendo a profissão do currículo novo, aí... Então, nesse sentido sim. No sentido é... De quando você sai pro mercado de trabalho, para atuar nele, a gente... Principalmente quando eu fiz pra pediatria, a gente sentiu um pouco de dificuldade, de não saber realmente qual patologia que tinha... Como que a criança era, principalmente, por ser criança. As várias faixas etárias, né? O que que era uma taquipnéia, uma taquicardia pra uma criança pequenininha... O que era pra uma grande... Então, isso nós precisamos aprender mesmo é... Por conta da gente. A Faculdade dá uma base, então isso deixa um pouco a desejar.

6. Como é a vida profissional de um(a) enfermeiro(a)?

É... É assim: Como assistencial, lá no posto de trabalho, é a Enfermeira que, que gerencia que dever gerenciar. Esse cuidado de Enfermagem, né? Direcionando pro Técnico o que tem que fazê ou não. A gente que tem embasamento científico, pra tá dizendo, se um paciente vai virá de um lado, se não vai... Se vai colocá ele sentado, ou se não vai, né? Conforme a patologia, conforme o que ele tem, tá? O Técnico hoje sabe mais, né? Mas a gente já trabalhou com muitos atendentes, muitos Auxiliares que não tinham uma base disso daí. Então, o trabalho do enfermeiro consiste nisso, no gerenciamento do cuidado voltado ao paciente.

7. A profissão Enfermagem é compatível com sua realização profissional?

É... Eu sempre fiz tudo o que eu quis dentro da Enfermagem, né? Eu fiz Mestrado. Só fiz Mestrado até agora.

8. Você já pensou em mudar de profissão? Se já pensou, qual você faria?

Não. Nunca pensei. O que a gente tem vontade de fazer é... I embora mesmo, né? Sumi... Mas não é por causa da profissão em si. É... Por outras coisas, né? Por uma questão de violência... Que o mundo tá violento... Enfim, de outras coisas... De um tanto... Do que mesmo da profissão. É isso aí.

9. Você gostaria de acrescentar alguma informação ou fazer alguma pergunta?

Não, é isso (risos).

32º Sujeito

1. Qual a sua idade?

25 anos.

2. Quanto tempo você tem de profissão?

Que eu trabalho, faz nove meses. Aí eu fui fazer Especialização, fiz metade, e fui chamada no concurso aqui e aí vim pra cá...

3. Você recebeu Orientação Profissional antes do Vestibular?

Não.

4. O que mais influenciou para que você optasse pela Enfermagem?

Então, na verdade, antes de fazer a Faculdade, fiz o Técnico de Enfermagem, no COTUCA, então foi isso que influenciou, que me motivou a fazer Enfermagem.

5. O Curso de Enfermagem atendeu às suas expectativas?

Acho que não totais, né? Que eu acho que a gente espera muito da Universidade, do Curso e aí... Mas acho que assim. A gente tem algumas defasagens, mas acho que... Nada que me deixasse triste, ou desiludida... Em paz.

6. Como é a vida profissional de um(a) enfermeiro(a)?

Eu acho que... Pra sê enfermeira, você tem que gosta muito, né? Porque exige dedicação, esforço tem que estudar bastante, então assim, eu gosto muito do que eu faço, então... Mas assim, a gente tem muitas tristezas, né? Mas eu acho que assim, depende de onde você trabalha, às vezes você se depara com coisas que você se sente impotente, né? Frente a determinadas situações... Às vezes você pensa em trabalhar de um jeito, e o serviço... É... Não tem condições de te prover tudo o que você precisa... Mas eu gosto muito. Me sinto feliz. Têm algumas coisas na Enfermagem que ainda me decepcionam, mas eu espero retribuir aquilo que eles me dão.

7. A profissão Enfermagem é compatível com sua realização profissional?

Eu sou realizada, mas quando eu comecei a trabalhar, é... Você se decepciona um pouco, porque tudo... Nem tudo o que você vê na teoria, tem... Você consegue aplicar na prática, né? Então, eu fiquei triste, né... Mas, a gente vai, vai aprendendo... Com o tempo.

8. Você já pensou em mudar de profissão? Se já pensou, qual você faria?

A... Eu já pensei. Acho que quando a gente tem algumas decepções... Na área da saúde, como um todo... Já pensei... Mas eu não consigo me ver fazendo outra coisa (risos). Às vezes eu digo: ai... Eu não queria ser mais enfermeira, mas ao mesmo tempo, se você me perguntar, o que que você queria fazer, não sei. Acho que não... Não seria outra coisa que não fosse Enfermagem.

9. Você gostaria de acrescentar alguma informação, ou fazer alguma pergunta?

Não...

33° Sujeito

1. Qual a sua idade?

41.

2. Quanto tempo você tem de profissão?

Dezessete anos. Me formei, aí... Prestei concurso... Só que eu casei, engravidei... Aí não consegui emprego noutra lugar, aí me chamaram aqui. Aí eu já tava grávida de sete meses. Aí eu entrei aqui e fiquei aguardando.

3. Você recebeu Orientação Profissional antes do Vestibular?

Não, nenhuma. Inclusive assim, eu, na realidade, eu já era pra te formado há mais tempo, porque eu, quando eu prestei Vestibular a primeira vez, eu fiz pra Biologia, prestei ciências biológicas, passei, fiz três anos, só que no segundo ano eu já vi que não era aquilo, então prestei Vestibular pra Odonto, mas depois eu não tinha muita certeza, então não fiz... Aí, quando tava no segundo ano, eu prestei Enfermagem, aí parei o Curso de Biologia e passei pra Enfermagem.

4. O que mais influenciou para que você optasse pela Enfermagem?

Eu acho que é o cuidado. Na realidade, antes, eu não conhecia o que era a profissão do enfermeiro, né? Aí, depois, porque minha irmã fez Medicina, aí eu sabia que eu não queria Medicina e... Eu tinha certeza que era alguma coisa na área de... Biológicas, porque exatas e humanas... Eu não... Não é muito o meu campo. Então, aí, eu acabei escolhendo a Enfermagem pelo cuidado, mas assim, desde que eu entrei na Faculdade, eu tinha na minha cabeça que eu ia trabalhá em pediatria. Eu não queria trabalhá com adulto. Sempre trabalhei com pediatria.

5. O Curso de Enfermagem atendeu às suas expectativas?

Eu acho que sim. Assim... Aqui na época, o Curso era mais voltado, voltado pra assistência, eu tenho ouvido que hoje, ele tá mais voltado pra área de pesquisa, mas na época, enfatizava mais assistência, era um Curso que ainda tava começando, então tinha professores não muito capacitados na área de pesquisa, né? Não eram muito... Não tinha quase Mestre, nem... Doutor, então, era raro, né? É diferente de hoje que a maioria já tem que entrar como Doutor. Fora os enfermeiros que tão lá e aí não são. Mas eu acho que atendeu sim.

6. Como é a vida profissional de um(a) enfermeiro(a)?

(risos) Eu acho que é muito assim, pelo talvez, talvez pela faixa, apesar de tá... Tá... É até mesmo um crime, falá de uma baixa remuneração, mas falar do enfermeiro sim. Não é tão baixo assim aqui na UNICAMP, né? Mas aí, o que acontece é que você tem que ter sempre mais de um emprego, né? Mas sempre o meu segundo emprego foi na área de educação, dava aula no Curso de Auxiliar, Técnico, acompanhava Estágio. Então é uma coisa bem diferente... Você vê coisas diferentes. E... Eu, junto com minha irmã, organizamos um outro trabalho. Eu acho que o enfermeiro, ele tem muitos campos, né? De trabalho. Não é só o hospital, só assistência direta ali ao paciente. Então você pode vê muita coisa diferente, né? Acho que isso atende várias necessidades da própria pessoa, né?

7. A profissão Enfermagem é compatível com sua realização profissional?

Pra mim, sim. Porque eu faço o que eu gosto. Na área que eu tô, eu sou enfermeira assistencial, eu faço assistência, né? Eu punciono veia, eu dô banho, eu cuido realmente. Eu não fico ligada a papel, né? Existem outras áreas que o enfermeiro acaba tendendo mais pro lado do papel, mas têm enfermeiros que gostam disso, que não gostam da assistência, né? Eu gosto da assistência. Então o lugar que eu estou, pra mim... Eu me realizo. Eu venho contente trabalhá... Saio satisfeita.

8. Você já pensou em mudar de profissão? Se já pensou, qual você faria?

Nunca pensei (risos). Eu acho que agora já tô velha demais pra pensá (risos). Também, né? Muito tempo de profissão dá a sensação de que você não saberia fazê outra coisa, né? Já até pensei em... É... Assim, amplia a minha área, mas mudá de profissão, não.

9. Você gostaria de acrescentar alguma informação ou fazer alguma pergunta?

Acho que não (risos).

34° Sujeito

1. Qual a sua idade?

39.

2. Quanto tempo você tem de profissão?

Eu tenho... Dezoito anos... Aqui na UNICAMP

3. Você recebeu Orientação Profissional antes do Vestibular?

Não, nenhuma.

4. O que mais influenciou para que você optasse pela Enfermagem?

Então... Na verdade... Eu queria passar pra primeira fase da FUVEST, mas (risos)... Eu tinha 17 anos... Não tinha feito cursinho e eu... O meu objetivo era passar pra segunda fase. Aí... Na hora de optar, eu escolhi Enfermagem por ser uma profissão que eu achava que eu conseguiria passar pra segunda fase e eu passei na primeira e passei na segunda. Aí depois a hora que eu vi, já tava na lista dos aprovados, né?... Aí... Faço ou não faço... Aí eu optei por fazer e teve uma ajudinha

da minha mãe: "Faz, porque é uma profissão que vai te fazer crescer, vai te servir pra vida"... E aí eu acabei fazendo...

5. O Curso de Enfermagem atendeu às suas expectativas?

Atendeu. Atendeu as expectativas e me fez ficar mesmo na profissão, né? Eu achava assim: eu vou fazer e se não for o que eu quero, eu mudo, né? Mas atendeu.

6. Como é a vida profissional de um(a) enfermeiro(a)?

Ah... O que eu costumo falar é assim: nunca um dia é igual a outro, né? A gente tem várias atividades, que não cai numa rotina e aí é como eu falo: é a doce rotina, né? Têm algumas coisas que a gente aprende... Tá tudo escrito, protocolos, os processos, mas é muito variada as atividades. Acho que a gente tem um número de atividades... São atividades muito diversas dentro do mesmo local de trabalho, então nunca é maçante, a rotina não é a mesma coisa todo dia, então é... Acho que é o encanto da profissão, né? Atende tudo isso com base científica.

7. A profissão Enfermagem é compatível com sua realização profissional?

Sim, é. Eu... Hoje em dia eu acho que profissionalmente eu posso me considerar uma pessoa realizada. Faço o que eu gosto... Do jeito que eu gosto... No horário que eu gosto, então...

8. Você já pensou em mudar de profissão? Se já pensou, qual você faria?

Mudar de profissão não, (risos) mas eu acho que assim, várias vezes eu já pensei que eu teria outros perfis também, não é só ser enfermeira. É... Eu acho que se eu fizesse exatas eu gostaria, teria gostado também... Então teria algumas outras opções que assim eu acho que... Eu também me sairia bem. Eu não acho assim que... Nasci para Enfermagem... Só. Enfermagem. Eu acho que eu gosto do que eu faço, me esforço no que eu posso, mas assim não como seria a única coisa que eu pudesse fazer na minha vida, não. Acho que têm várias outras coisas que eu também gostaria. Não mudaria nesse momento... Não sei daqui um tempo. Até hoje não achei vantagem trocar não

(risos)...

9. Você gostaria de acrescentar alguma informação ou fazer alguma pergunta?

Não, não. Nada que me venha na cabeça no momento. Sou supervisora do serviço.

35º Sujeito

1. Qual a sua idade?

41.

2. Quanto tempo você tem de profissão?

São dezoito anos trabalhando aqui. Eu fiquei três meses entre... Entre formatura e começar a trabalhar, o tempo de concurso... Saiu o resultado, deu três meses. Aí eu já comecei aqui.

3. Você recebeu Orientação Profissional antes do Vestibular?

Não, nenhuma. Mas eu já cheguei muito decidida, eu não procurei Orientação. Eu já... Eu era resolvida...

4. O que mais influenciou para que você optasse pela Enfermagem?

Foi um livro que eu li aos 12 anos. É... Um livro chamado Hospital... Um romance, que tinha uma enfermeira... Que eu achei aquilo a coisa mais linda do mundo, mais maravilhosa, aí eu optei por fazê Enfermagem. Na época do Vestibular, eu não... Nem parei pra pensar se era isso mesmo que eu. Eu já tava decidida.

5. O Curso de Enfermagem atendeu às suas expectativas?

O Curso em si... Ele atende. Mas a gente sempre saí achando que foi pouco. E... Eu não sabia como era o Curso de Enfermagem pra poder falar: não atendeu ou deixou de atender. Tudo o que eu achava que ia ver, que eu queria tá vendo, eu vi. Mas no final, você fala: e agora? Isso é pouco pra eu caí na vida... No mercado de trabalho e a gente vai aprende muito mesmo, é depois que você começa a prática, depois que você assume, né?

6. Como é a vida profissional de um(a) enfermeiro(a)?

Bom... Aí vai dependê aonde a pessoa tá... Do que... Do que tá fazendo... Se ela tá realizada com o que faz... Ou não está. Aqui dentro, hoje, o que eu posso dizer: apesar de adorá o que eu faço, o meu trabalho, você sempre acha que você tá fazendo menos do que realmente gostaria de tá fazendo... E em grande parte nem é com o pessoal... É... Institucional mesmo, né? É... Difícil às vezes... Aqui, tem segunda-feira, por exemplo, que é o meu pior dia aqui, de plantão, passam cento e vinte pacientes pelo Ambulatório... Então você não consegue às vezes, fazer tudo aquilo que você enxerga que deveria tá sendo feito. Então, apesar de sê uma vida boa, eu acredito que seja uma vida boa, você sempre fala: puxa vida, faltô... Faltô fazer tal coisa além... Se eu tivesse alguma outra condição, fosse... Em termo de funcionária, até espaço físico, eu poderia tá fazendo mais melhor aquilo que eu faço aqui. Sou trinta horas.

7. A profissão Enfermagem é compatível com sua realização profissional?

Sou. Profissionalmente eu sô realizada. É o que eu queria te feito, fiz e... Eu queria trabalha aqui, trabalho aqui... E eu queria inclusive, trabalha nesse Ambulatório, que é onde eu consegui vir depois de algum anos, lógico, eu tive que ir pra Enfermaria como toda a recém-formada... Tal. Mas... É onde eu queria estar, aqui.

8. Você já pensou em mudar de profissão? Se já pensou, qual você faria?

Olha... Nunca pensei efetivamente em mudá. É uma... Um pensamento sério. Pará e falá: “não, eu

não agüento mais... Vou fazê outra Faculdade... Vou fazê outra coisa, vo muda”. Isso não. Mas... Eu paro às vezes pra pensa que se eu não tivesse feito a opção pela Enfermagem, têm muitas áreas que eu acho que eu me daria bem, também. Toda a parte relacionada à Informática, eu acho que eu ia... Ia me dá bem... Biologia... Nessa área... Engenharia de Alimentos... O que eu sei que eu não daria... Não... Não daria certo realizar, por exemplo, Direito, trabalhá em Recursos Humanos. Esse tipo de coisa não, mas eu nunca pensei em sara e fazer outra coisa, não. Vou fazer, começar tudo de novo, na Enfermagem mesmo... Que eu fiz.

9. Você gostaria de acrescentar alguma informação ou fazer alguma pergunta?

Não. Tá tudo bem... Tranquilo. Espero que melhore (risos), no geral, então assim, as condições, não só a minha, de trabalho, né? É... As condições de saúde... Tá atendendo aqui, a nossa população é carente... Porque praticamente, a última opção que... Assim, quando nada mais deu certo, fala: “Eu vou pra UNICAMP porque lá vai dá certo”... E nem sempre é isso que acontece. Porque ele vai depará com uma fila... Imensa... Ele não vai tê atenção... Muitas vezes que ele tá precisando... Ele vai voltá inúmeras vezes. Então. Então, isso eu gostaria de... Né? Uma melhora global, nesse sentido, mas que vai além até de HC, UNICAMP... É país, geral, então isso já é... É o país... Só...

ANEXO 2

Currículo do Curso de Graduação em Enfermagem⁴

1º Ano

1º Semestre

- Compreender o processo saúde doença na perspectiva coletiva;
- Identificar as condições de produção (cultural, social, econômica e política) do processo saúde-doença;
- Conhecer os métodos de apreensão do processo saúde-doença;
- Discutir noções introdutórias de investigação em saúde coletiva (composição e análise de perfil de morbi-mortalidade de diferentes bairros do município);
- Identificar aspectos fundamentais da dimensão biológica do ser humano.

Cód	Disciplina	Carga	Créditos
<u>BA133</u>	Anatomia Humana Básica II	90 horas	06 créditos
<u>BB123</u>	Bioquímica Básica I	90 horas	06 créditos
<u>BH123</u>	Citologia, Histologia, Embriologia	75 horas	05 créditos
<u>BP323</u>	Parasitologia Médica II	60 horas	04 créditos
<u>EN112</u>	Enfermagem em Saúde Coletiva I	75 horas	05 créditos
<u>MD222</u>	População e Saúde	45 horas	03 créditos
<u>MD232</u>	Elementos de Ciências Sociais Aplicados à Saúde	45 horas	03 créditos
<u>MD252</u>	Epidemiologia e Saneamento	45 horas	03 créditos
	Total	525 horas	35 créditos

2º Semestre

- Oferecer subsídios para aplicação dos fundamentos da estatística aplicada à saúde na pesquisa e na prática profissional;
- Subsidiar a intervenção do enfermeiro junto a sujeitos sadios na comunidade;
- Apreender o homem em sua dimensão biológica, psicológica, social e cultural;
- Epistemologia do conhecimento em Enfermagem;
- Identificar a Enfermagem como prática social, histórica e ética.

Cód	Disciplina	Carga	Créditos
<u>BF284</u>	Fisiologia e Biofísica Humana Básica	105 horas	07 créditos
<u>BM214</u>	Imunologia	45 horas	03 créditos
<u>BM215</u>	Microbiologia	45 horas	03 créditos
<u>EN212</u>	Enfermagem em Saúde Coletiva II	75 horas	05 créditos

⁴ Obtido junto ao Curso de Graduação em Enfermagem - UNICAMP

<u>EN230</u>	Enfermagem em Saúde Mental I	45 horas	03 créditos
<u>EN241</u>	Nutrição e Dietética no Ciclo Vital	30 horas	02 créditos
<u>EN280</u>	Exercício da Enfermagem I	30 horas	02 créditos
<u>EP433</u>	Antropologia Filosófica, Educação e Enfermagem	30 horas	02 créditos
<u>MD180</u>	Psicologia Geral	30 horas	02 créditos
<u>ME172</u>	Estatística Vital	45 horas	03 créditos
	Total	480 horas	32 créditos

2º Ano

3º Semestre

- Instrumentalizar o aluno para identificar certas alterações de dimensão biológica, psicológica e social e certos mecanismos de adaptação empregados pelos sujeitos e grupos sociais;
- Desenvolver ações de Enfermagem a clientes de serviços de saúde de nível básico compreendendo aspectos administrativos nesses locais;
- Realizar exame físico geral;
- Introduzir o aluno ao estudo da investigação científica.

Cód	Disciplina	Carga	Créditos
<u>EL202</u>	Estrutura e Funcionamento do Ensino	60 horas	04 créditos
<u>EN312</u>	Enfermagem na Org do Sistema de Saúde	90 horas	06 créditos
<u>EN320</u>	Aspectos Fundament. da Assist. de Enf. I	105 horas	07 créditos
<u>EN321</u>	Semiologia Aplicada à Enfermagem I	30 horas	02 créditos
<u>EN390</u>	Metodologia de Pesquisa I	30 horas	02 créditos
<u>MD362</u>	Farmacologia Básica	60 horas	04 créditos
<u>MD231</u>	Patologia Geral	45 horas	03 créditos
<u>MD311</u>	Genética para a Enfermagem I	30 horas	02 créditos
<u>MD580</u>	Psicologia do Desenvolvimento	30 horas	02 créditos
	Total	480 horas	32 créditos

4º Semestre

- Assistência de Enfermagem sistematizada na prevenção, manutenção e recuperação da saúde de sujeitos, usuários de serviços de saúde de rede básica e ambulatorios de referência, incluindo aqueles que se encontram em estados iniciais de instalação da doença/agravo ou em estados avançados, porém controlados;
- Elaboração e desenvolvimento de um projeto de pesquisa;
- Instrumentalizar o aluno para identificar certas alterações de dimensão biológica, psicológica e social e certos mecanismos de adaptação empregados pelos sujeitos e grupos sociais;
- Instrumentalizar o aluno para realizar o planejamento e implementação da assistência de Enfermagem.

Cód	Disciplina	Carga	Créditos
------------	-------------------	--------------	-----------------

<u>EL300</u>	Psicologia Educacional - Adolescência	60 horas	04 créditos
<u>EN412</u>	Enfermagem em Saúde Coletiva III	60 horas	04 créditos
<u>EN420</u>	Aspectos Fund. da Assist. de Enfermagem II	90 horas	06 créditos
<u>EN421</u>	Semiologia Aplicada à Enfermagem II	30 horas	02 créditos
<u>EN430</u>	Enfermagem em Saúde Mental II	60 horas	04 créditos
<u>EN441</u>	Nutrição e Dietética Aplic. ao Proc. de Cuid. Nutr. I	15 horas	01 créditos
<u>EN451</u>	Assist. de Enf. na Saúde da Criança e do Adolesc.	60 horas	04 créditos
<u>EN460</u>	Enfermagem na Saúde da Mulher I	75 horas	05 créditos
<u>EN490</u>	Metodologia de Pesquisa II	30 horas	02 créditos
<u>MD462</u>	Farmacologia Aplicada	30 horas	02 créditos
<u>MD430</u>	Psicologia Aplicada à Saúde	45 horas	03 créditos
	Total	555 horas	37 créditos

3º Ano

5º Semestre

- Planejar, desenvolver e avaliar ações inerentes à prática de Enfermagem para clientes (adultos e crianças) internados em unidades de clínica médica, cirúrgica, psiquiátrica e ginecológica;
- Assistência de Enfermagem à mulher no pré-natal;
- Planejamento, execução e avaliação de assistência de Enfermagem ao indivíduo no pré, trans e pós-operatório em cirurgias de pequeno porte e ambulatoriais (incluindo preparo para alta e assistência no domicílio). Conhecimento e prática relacionados ao processamento de materiais.
- Fornecer subsídios para a administração da assistência de Enfermagem.

Cód	Disciplina	Carga	Créditos
<u>EL406</u>	Psicol. Educ.: Aprend. Aplic. ao Ensino de Ciênc. Biol.	60 horas	04 créditos
<u>EL655</u>	Didática Aplicada ao Ensino de Enfermagem	60 horas	04 créditos
<u>EN502</u>	Enfermagem na Saúde do Adulto e Idoso I	120 horas	08 créditos
<u>EN503</u>	Enfermagem Perioperatória I	75 horas	05 créditos
<u>EN542</u>	Nutrição e Dietética Aplic. ao Proc. de Cuid. Nutr. II	15 horas	01 créditos
<u>EN552</u>	Enfermagem na Saúde da Criança e Adolescente I	105 horas	07 créditos
<u>EN560</u>	Enfermagem na Saúde da Mulher II	90 horas	06 créditos
<u>EN570</u>	Administração da Assistência de Enfermagem	30 horas	02 créditos
	Total	555 horas	37 créditos

6º Semestre

- assistência de Enfermagem sistematizada (planejamento, execução e avaliação) a clientes (adultos e crianças) em unidades de internação clínica e cirúrgica

- especializados, unidades de moléstias infecciosas; unidades de internação psiquiátrica;
- planejar, executar e avaliar a assistência de Enfermagem ao indivíduo no pré, trans e pós-operatório em cirurgias de médio e grande porte (incluindo orientações de alta e assistência domiciliar);
 - noções de organização e administração do C.C.,
 - planejar, desenvolver e avaliar assistência de Enfermagem ao binômio mãe-filho no pré-parto, parto e puerpério normais e no alojamento conjunto.

Cód	Disciplina	Carga	Créditos
<u>EL681</u>	Planejamento de Ensino em Enfermagem	30 horas	02 créditos
<u>EN602</u>	Enfermagem na Saúde do Adulto e Idoso II	165 horas	11 créditos
<u>EN603</u>	Enfermagem Perioperatória II	75 horas	05 créditos
<u>EN632</u>	Enfermagem Psiquiátrica	60 horas	04 créditos
<u>EN652</u>	Enfermagem na Saúde da Criança e Adolesc. II	90 horas	06 créditos
<u>EN664</u>	Enf. na Saúde da Mulher e do Recém-Nascido I	75 horas	05 créditos
<u>EN670</u>	Administração de Recursos Humanos de Enf.	30 horas	02 créditos
<u>MD636</u>	Genética para a Enfermagem II	30 horas	02 créditos
	Total	555 horas	37 créditos

4° Ano

7° Semestre

- Planejar, executar e avaliar a assistência Enfermagem sistematizada ao indivíduo internado devido a situações de risco: unidades de emergência clínica e cirurgia do trauma, UTI infantil e adulto;
- Assistência de Enfermagem ao cliente (criança e adulto) em situações de urgência e emergência em serviços de pronto atendimento;
- Elementos teóricos da Administração Aplicada à Enfermagem (processo de trabalho em saúde, planejamento em saúde, teorias de administração);
- Identificar a Enfermagem como prática social, histórica e ética;
- Planejar, executar e avaliar assistência de Enfermagem a mulher e ao recém-nascido em situações de risco;
- Fornecer subsídios para a administração de serviços de Enfermagem.

Cód	Disciplina	Carga	Créditos
<u>EL787</u>	Prática Ensino de Enf. - Estágio Superv. I	30 horas	02 créditos
<u>EN702</u>	Assist. de Enf. Alto Risco, Urgência e Emergência	210 horas	14 créditos
<u>EN764</u>	Enf. na Saúde da Mulher do Recém-Nascido II	90 horas	06 créditos
<u>EN770</u>	Org. e gerência de Unidades de Enfermagem	90 horas	06 créditos
<u>EN780</u>	Exercício da Enfermagem II	60 horas	04 créditos
	Total	510 horas	34 créditos

8° Semestre

- Realizar sob supervisão docente, as funções de enfermeira em unidades básicas de saúde e instituições hospitalares no que diz respeito ao planejamento, organização, execução e avaliação da assistência de Enfermagem.

Cód	Disciplina	Carga	Créditos
<u>EL887</u>	Prática Ensino de Enf. - Estágio Superv. II	195 horas	13 créditos
<u>EN812</u>	Estágio Superv. em Adm. de Enf. em Unid. de Saúde	150 horas	10 créditos
<u>EN870</u>	Gerenciamento Superv. de Unidades de Enf.	150 horas	10 créditos
	Total	495 horas	33 créditos

Total de carga horária do Currículo Pleno:

- Com Licenciatura = 4155 h
- Sem Licenciatura = 3630 h

ANEXO 3

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA de ENFERMAGEM - ABEn - NACIONAL⁵

Sociedade Civil sem fins lucrativos que congrega enfermeiros e Técnicos em Enfermagem, fundada em agosto de 1926, sob a denominação de "Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras". É uma entidade de direito privado, de caráter científico e assistencial regida pelas disposições do Estatuto, Regulamento Geral ou Regimento Especial em 1929, no Canadá, na Cidade de Montreal, a Associação Brasileira de Enfermagem, foi admitida no Conselho Internacional de Enfermeiras (I.C.N.). Por um espaço de tempo a Associação ficou inativa. Em 1944, um grupo de enfermeiras resolveu reerguê-la com o nome Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas. Seus estatutos foram aprovados em 18 de setembro de 1945. Foram criadas Seções Estaduais, Coordenadorias de Comissões. Ficou estabelecido que em qualquer Estado onde houvesse sete enfermeiras diplomadas, poderia ser formada uma Seção. Em 1955, esse número foi elevado a 10 (dez). Em 1952, a Associação foi considerada de Utilidade Pública pelo Decreto nº 31.416/52. Em 21 de agosto de 1964, foi mudada a denominação para Associação Brasileira de Enfermagem - ABEn, com sede em Brasília, funciona através de Seções formadas nos Estados, e no Distrito Federal, as quais, por sua vez, poderão subdividir-se em Distritos formados nos Municípios das Unidades Federativas da União.

Finalidades da ABEn

Congregar os enfermeiros e Técnicos em Enfermagem, incentivar o espírito de união e solidariedade entre as classes;

Promover o desenvolvimento técnico, científico e profissional dos integrantes de Enfermagem do País;

Promover integração às demais entidades representativas da Enfermagem, na defesa dos interesses da profissão.

⁵Extraído do site da Associação Brasileira de Enfermagem – ABEn Nacional: <http://www.abennacional.org.br/>

Estrutura

ABEn é constituída pelos seguintes órgãos, com Jurisdição Nacional:

Assembléia de Delegados;

Conselho Nacional da ABEn (CONABEn);

Diretoria Central;

Conselho Fiscal.

Realizações da ABEn

Congresso Brasileiro em Enfermagem:

Uma das formas eficazes que a ABEn utiliza para beneficiar a classe dos enfermeiros, reunindo enfermeiros de todo o país nos Congressos para fortalecer a união entre os profissionais, aprofundar a formação profissional e incentivar o espírito de colaboração e o intercâmbio de conhecimentos.

Revista Brasileira de Enfermagem:

A Revista Brasileira de Enfermagem é Órgão Oficial, publicado bimestralmente e constitui grande valor para a classe, pois trata de assuntos relacionados à saúde, profissão e desenvolvimento da ciência. A idéia da publicação da Revista surgiu em 1929, quando Edith Magalhães Franckel, Raquel Haddock Lobo e Zaira Cintra Vidal participaram do Congresso do I.C.N. em Montreal, Canadá. Numa das reuniões de redatoras da Revista, Miss Clayton considerou indispensável ao desenvolvimento profissional a publicação de um periódico da área. Em maio de 1932 foi publicado o 1º número com o nome de "Anais de Enfermagem", que permaneceu até 1954. No VII Congresso Brasileiro de Enfermagem foi sugerida e aceita a troca do nome para "REVISTA BRASILEIRA DE ENFERMAGEM"- ABEn (REBen). Diversas publicações estão sendo levadas a efeito: Manuais, Livros didáticos, Boletim Informativo, Resumo de Teses, Jornal de Enfermagem.

Histórico

Criação:

Em 12 de julho de 1973, através da Lei 5.905, foram criados os Conselhos Federal e Regionais de Enfermagem, constituindo em seu conjunto Autarquias Federais, vinculadas ao Ministério do Trabalho e Previdência Social. O Conselho Federal e os Conselhos Regionais são Órgãos disciplinadores do exercício da Profissão de Enfermeiros, Técnicos e Auxiliares de Enfermagem. Em cada Estado existe um Conselho Regional, os quais estão subordinados ao Conselho federal, que é sediado no Rio de Janeiro e com Escritório Federal em Brasília.

Direção:

Os Conselhos Regionais são dirigidos pelos próprios inscritos, que formam uma chapa e concorrem às eleições. O mandato dos membros do COFEN/CORENs é honorífico e tem duração de três anos, com direito apenas a uma reeleição. A formação do plenário do COFEN é composta pelos profissionais que são eleitos pelos Presidentes dos CORENs.

Sistema COFEN/CORENs:

Receita:

A manutenção do Sistema COFEN/CORENs é feita através da arrecadação de taxas por serviços prestados, anuidades, doações, legados e outros, dos profissionais inscritos nos CORENs.

Finalidade:

O objetivo primordial é zelar pela qualidade dos profissionais de Enfermagem e cumprimento da Lei do Exercício Profissional;

O Sistema COFEN/CORENs encontra-se representado em 27 Estados Brasileiros, sendo este filiado ao Conselho Internacional de Enfermeiros em Genebra - Suíça.

Competências

Conselho Federal de Enfermagem (COFEN):

Normatizar e expedir instruções, para uniformidade de procedimento e bom funcionamento dos Conselhos Regionais;

Esclarecer dúvidas apresentadas pelos CORENs;

Apreciar Decisões dos COREns;

Aprovar contas e propostas orçamentárias de Autarquia, remetendo-as aos Órgãos competentes;

Promover estudos e campanhas para aperfeiçoamento profissional;

Exercer as demais atribuições que lhe forem conferidas por lei.

Conselho Regional de Enfermagem (COREN):

Deliberar sobre inscrições no Conselho e seu cancelamento;

Disciplinar e fiscalizar o exercício profissional, observando as diretrizes gerais do COFEN;

Executar as instruções e resoluções do COFEN;

Expedir carteira e cédula de identidade profissional, indispensável ao exercício da profissão, a qual tem validade em todo o território nacional;

Fiscalizar e decidir os assuntos referentes à Ética Profissional impondo as penalidades cabíveis;

Elaborar a proposta orçamentária anual e o projeto de seu regimento interno, submetendo-os a aprovação do COFEN;

Zelar pelo conceito da profissão e dos que a exercem;

Propor ao COFEN medidas visando a melhoria do exercício profissional;

Eleger sua Diretoria e seus Delegados a nível central e regional;

Exercer as demais atribuições que lhe forem conferidas pela Lei 5.905/73 e pelo COFEN.

Sistema de Disciplina e Fiscalização

O Sistema de Disciplina e Fiscalização do Exercício Profissional da Enfermagem, instituído por Lei, desenvolve suas atividades segundo as normas baixadas por Resoluções do COFEN. O Sistema é constituído dos seguintes objetivos:

Área Disciplinar Normativa: Estabelecendo critérios de Orientação e Aconselhamento para o exercício da Enfermagem, baixando normas visando o exercício da profissão, bem como atividade na área de Enfermagem nas empresas, consultórios de Enfermagem, observando as peculiaridades atinentes à Classe e a conjuntura de saúde do país;

Área Disciplinar Corretiva: Instaurando processo em casos de infrações ao Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem, cometidas pelos profissionais inscritos e, no caso de empresa, processos administrativos, dando prosseguimento aos respectivos julgamentos e aplicações das penalidades cabíveis, encaminhando às repartições competentes os casos de alçada destas;

Área Fiscalizatória: Realizando atos e procedimentos para prevenir a ocorrência de Infrações à legislação que regulamenta o exercício da Enfermagem; inspecionando e examinando os locais públicos e privados, onde a Enfermagem é exercida, anotando as irregularidades e infrações verificadas, orientando para sua correção e colhendo dados para a instauração dos processos de competência do COREN e encaminhando às repartições competentes, representações.

ANEXO 4

Ofício da Comissão de Ética em Pesquisa

FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
✉ Caixa Postal 6111, 13083-970 Campinas, SP
☎ (0_19) 3788-8936
FAX (0_19) 3788-7187
🌐 www.fcm.unicamp.br/pesquisa/etica/index.html
✉ cep@fcm.unicamp.br

CEP, 03/08/05.
(Grupo III)

PARECER PROJETO: N° 173/2005
CAAE: 0017.0.146.000-05

I-IDENTIFICAÇÃO:

PROJETO: "A ESCOLHA PROFISSIONAL NA ÁREA DE SAÚDE: A OPÇÃO PELA ENFERMAGEM".

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Anita Zimmermann

INSTITUIÇÃO: Hospital de Clínicas - UNICAMP

APRESENTAÇÃO AO CEP: 27/04/2005

APRESENTAR RELATÓRIO EM: 28/06/06

II - OBJETIVOS

Através de uma pesquisa qualitativa, registrar e analisar informações sobre se houve orientação profissional/vocacional na escolha da profissão de Enfermagem. E, se a escolha é compatível com a realidade diária do trabalho que está sendo realizado.

III - SUMÁRIO

Trata-se de pesquisa qualitativa, com uma população de 30 sujeitos, enfermeiros (as), escolhidos de forma aleatória, que tenham cursado a Escola de Enfermagem da Universidade Estadual de Campinas, e que estejam trabalhando no Hospital de Clínicas - UNICAMP. Para tal estudo a metodologia a ser aplicada será a realização de entrevista aberta, feita no próprio local de trabalho de cada enfermeiro(a), tendo como previsão, a duração de dez minutos cada uma. As mesmas serão realizadas utilizando-se um mini-gravador e posteriormente serão transcritas para a possível análise dos dados obtidos. Para a investigação a metodologia a ser empregada é a análise de discurso segundo Bardin (1991) para o estudo das respostas orais dos sujeitos a uma entrevista com oito questões abertas, sobre possível orientação profissional/vocacional recebida antes do vestibular e a realização profissional na profissão escolhida, no caso, Enfermagem, sendo que as respostas serão organizadas para sua análise qualitativa.

IV - COMENTÁRIOS DOS RELATORES

O Projeto está bem elaborado e condizente com as normas do CEP e do CONEP. Apresenta Termo de Consentimento Livre e Esclarecido bem elucidativo. Não são identificados riscos possíveis quer à saúde física, mental ou moral dos sujeitos envolvidos. Quanto aos benefícios, os resultados deste estudo possibilitam conhecer alguns aspectos da relevância ou não da orientação profissional/vocacional antes da escolha pela profissão de enfermagem. A participação não implica indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa, uma vez que não envolve riscos físicos, morais, emocionais ou de qualquer outra ordem.

V - PARECER DO CEP

O Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, após acatar os pareceres dos membros-relatores previamente designados para o presente caso e atendendo todos os dispositivos das Resoluções 196/96 e complementares, bem como ter aprovado o Termo do Consentimento Livre e Esclarecido, assim como todos os anexos incluídos na Pesquisa, resolve aprovar sem restrições o Protocolo de Pesquisa supracitado.

O conteúdo e as conclusões aqui apresentados são de responsabilidade exclusiva do CEP/FCM/UNICAMP e não representam a opinião da Universidade Estadual de Campinas nem a comprometem.

VI - INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 196/96 – Item IV.1.f) e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (Item IV.2.d).

Pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS Item III.1.z), exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade do regime oferecido a um dos grupos de pesquisa (Item V.3.).

O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS Item V.4.). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.

Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projeto do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res. 251/97, Item III.2.e)

Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, de acordo com os prazos estabelecidos na Resolução CNS-MS 196/96.

VII - DATA DA REUNIÃO

Homologado na VII Reunião Ordinária do CEP/FCM, em 26 de julho de 2005.


Prof. Dra. Carmen Silvia Bertuzzo
PRESIDENTE DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
FCM / UNICAMP

ANEXO 5

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo lido o documento anexo e tendo sido esclarecido(a) sobre seu funcionamento, resultados esperados e possíveis conseqüências pessoais (nenhuma prejudicial), concordo que a entrevista por mim respondida seja utilizada na pesquisa intitulada, A Escolha Profissional na Área de Saúde: A opção pela Enfermagem, de autoria da pesquisadora Anita Zimmermann, inclusive em possível futura publicação.

Também estou devidamente informado(a) da inexistência de pagamentos, em qualquer moeda, pela minha participação nessa pesquisa, além do sigilo e preservação de minha privacidade, onde, os dados por mim fornecidos, serão tratados como confidenciais e não serei identificado(a), nem pelo nome, nem pela voz e nem pelo meu local de trabalho. Ainda, a minha participação não implica indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa, uma vez que não envolve riscos físicos, morais, emocionais ou qualquer outra ordem.

Campinas, , de setembro de 2005

Nome.....

Assinatura.....

Para eventuais esclarecimentos complementares, dirigir-se a:

Pesquisadora: Anita Zimmermann, Depto. de Oftalmo/Otorrino – FCM/UNICAMP, CP 6111, Campinas, SP, CEP 13083-970, fone (19) 3521 7936. Professor Orientador: Valério José Arantes, Faculdade de Educação/UNICAMP, fone (19) 3521 5572

Para eventuais denúncias, dirija-se ao:

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/FCM/UNICAMP, CP 6111, Campinas, SP, CEP 13083-970, fone (19) 3521 8936

Agradecemos sua colaboração.

Anita Zimmermann - RG. 08.409.851-x

ANEXO 6

ANTROPOSOFIA

Antroposofia – do grego *Anthropós*, homem e *Sophia*, sabedoria – ou seja, a “Sabedoria a respeito do Homem”, nasceu de um movimento teosófico organizado e fundado por Rudolf Steiner, em 1901, tendo por centro e ponto de apoio, o Homem, buscador de conhecimentos a respeito de si e de seu relacionamento com o Universo.

Steiner (1861 - 1925) era filósofo e pedagogo de origem Austríaca. Essa ciência espiritual filosófica desenvolvida tem como objetivo descrever uma imagem do Homem cósmico, dinâmico, em constante movimento evolutivo, encarnado na Terra, considerando-o integrado, espírito e matéria onde, a crença da evolução para a espiritualidade total faz parte do ciclo evolutivo do planeta.

Dentro do contexto histórico do planeta, a Antroposofia afirma a existência de um mundo espiritual, em cujo âmbito está incluído o Homem e, que estudar sua evolução, é considerá-lo acima de tudo como um ente espiritual.

Com suas teoria, Rudolf Steiner desenvolveu a Escola Superior Livre de Ciência Espiritual, contribuindo para as áreas de atuação nos campos das Artes, Organização Social, Pedagogia, Medicina, Farmacologia, Agricultura e outras práticas nas áreas da saúde, exatas e humanas.

No Brasil, a Antroposofia teve seu início em 1956, com a fundação da primeira escola Waldorf, atualmente Escola Rudolf Steiner de São Paulo. Em 1959, foi criada a Clínica Tobias, também em São Paulo.

A Medicina Antroposófica, desenvolvida no início do século XX na Europa, propõe o pensar filosófico em uma ampliação da arte médica, cuidando da cura, trabalhando a saúde e o desenvolvimento humano integral em seus aspectos físico, mental, emocional, social e espiritual.

Considera-se que o ser humano é holístico e que seu físico está ligado ao seu espiritual e assim sucessivamente, propondo uma imagem deste ser, completa e integrada, onde sua dimensão bio – psíquica – física – social – emocional e espiritual, são consideradas buscando a compreensão do ser humano global e dinâmico, valorizando o momento da vida dentro e fora dele, ou seja, a imagem do homem integral em toda a sua complexidades de sua vida no contexto

humanidade .

Essa filosofia concebe o ser humano possuidor de quatro corpos – a quadrimembração. Uma analogia referindo-se aos quatro elementos da natureza, como também aos quatro elementos alquímicos fundamentais, ou seja:

1. O Corpo Físico (terra): é a estrutura sólida, substancial, existentes em variadas formas em todos os reinos da natureza;

2. O Corpo Vital ou Etérico (água): É o fundamento da vida, das características do crescimento, regeneração e reprodução, presentes em todos os organismos vivos;

3. Corpo Anímico ou Astral (ar): É o fundamento da organização sensitiva do homem, reordena os processos biológicos, permitindo a aparição do sistema nervoso e da vida psíquica no mundo animal e no homem;

4. A Organização do Eu (fogo/calor): É a organização própria do homem, considerada como nossa entidade espiritual e responsável pela autoconsciência.

Assim, o homem nasce com um corpo físico, mantém-se vivo pelo corpo etérico e expressa seus sentimentos pelo corpo astral, organizando-se e centrando-se como ser consciente e integral.

Além dos quatro corpos ou elementos constitutivos, Rudolf Steiner, acrescenta a trimembração que envolve os Sistemas Neurosensorial, Rítmico e Metabólico Motor e, analisando as ações humanas, refere-se respectivamente a:

1. O Pensar, significando a história já construída de cada um, como somos hoje;

2. O Sentir, o que vivemos e sentimos hoje;

3. O Querer, ou seja, a vontade, que segundo Steiner, é o que nos movimenta para o futuro e para a ação.